

Jogo: mergulho no vulcão

ditado pelo espírito Claudinei

**Psicografado por
Eurípedes Kühl**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Jogo: mergulho no vulcão

(Romance mediúnico)

Psicografado por Eurípedes Kühl

Ditado pelo Espírito Claudinei

2016

Jogo: mergulho no vulcão

(Romance mediúnico)

Psicografado por Eurípedes KühI

Ditado pelo Espírito Claudinei

Data da publicação: 27 de maio de 2016

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Eunice de Oliveira Cazetta
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Claudinei (Espírito)
C553j	Jogo: mergulho no vulcão - obra mediúnica / ditada pelo Espírito Claudinei; psicografado por Eurípedes KühI; revisão: Eunice de Oliveira Cazetta, capa de Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2016. 220 p.
	1. Espiritismo. 2. Literatura espírita. 3. Obras psicografadas. 4. Psicografia. I. KühI, Eurípedes, 1934-II. Cazetta, Eunice de Oliveira. III. Barbeiro, Cláudia Rezende IV. Título.
	CDD 133.93 19.ed.

ÍNDICE

1. Mar, Sol... e vulcão, 5
2. — Sorte: não me deixes, 16
3. Ódio: mau conselheiro, 38
4. Sementeira de joio, 52
5. Primeiros socorros, 63
6. Não há bem que sempre dure, 76
7. Mergulhando, 85
8. Amor-ilusão, 93
9. Nadando na lava, 100
10. Socorro à vista, 118
11. A "Lei do Chefe", 126
12. Voluntário à escravidão, 151
13. Jogar: nunca mais!, 159
14. Encontros, desencontros, reencontros, 178
15. Sonho, apenas sonho, 194
16. Um sonho real, 212

DEDICATÓRIA

O autor espiritual e a Editora dedicam este livro a todos aqueles que exercem a fluidoterapia por amor, visando tão somente o bem do próximo, por amor, ofertando suas possibilidades mediúnicas de cura, até mesmo fora dos Centros Espíritas, a quantos os procurem, por vezes em horas do próprio descanso.

Com exceção das citações religiosas e das personalidades devidamente qualificadas, as demais personagens e instituições (públicas ou particulares) constantes desta obra são fictícias, não guardando identidade com eventuais homônimas, as quais, se existirem, caracterizam simples coincidência.

1. MAR, SOL... E VULCÃO

O Mar do Caribe é um dos mais belos espetáculos visuais do planeta Terra, pelas suas águas transparentes, inundadas de sol e pelas abundantes fauna e flora.

Ver o fundo do mar, de areia branca — muito branca —, a cerca de trinta metros da superfície, é algo deslumbrante.

De qualquer distância ou ângulo são impressionantes as paisagens formadas pelas águas do mar caribenho, pontilhadas de arquipélagos, proporcionando imagens inolvidáveis, do contraste entre a areia e os diversos tons marinhos.

Élcio por algumas vezes já mergulhara naquele paraíso, maravilhado pelos peixes de vários tamanhos e cores que não fugiam dos invasores, turistas, assim como ele. Só que agora voava a quase dez mil metros de altura, passageiro com destino a outro paraíso turístico: Las Vegas (cidade do Estado de Nevada, EUA), famosa pelos seus cassinos.

Fazia anos que vinha sonhando com o instante em que estaria sob as luzes feéricas dos grandes cassinos norte-americanos, frequentados por pessoas do mundo todo — muitas delas milionárias...

Se pudesse, naquele instante mesmo sairia da sua poltrona e invadiria a cabine do piloto, para obrigá-lo a acelerar. Embora o avião se deslocasse à considerável velocidade de quase novecentos quilômetros por hora, para ele isso era pouco.

Antegozando Las Vegas, já estava nela, sem jamais ter pisado o solo do grande país do norte.

Para ajudar o tempo passar, recordou sua vida: desde criança era jogador obsessivo; na escola, no horário do recreio, inventava dezenas de jogos, com cartões numerados, bolinhas de gude, palitos de fósforo, cascas de nozes, castanhas de jatobá etc. Até que aconteceu o dia mais feliz: ao completar onze anos, ganhou um baralho, com figuras de animais. Junto, vieram as instruções de vários jogos que poderiam ser feitos com as cartas, cinquenta e seis, como o baralho oficial. Com o baralho nas mãos, que tremiam, começou a brincar com amiguinhos, todos os dias. Depois de um

mês, as cartas estavam sujas e quase imprestáveis. Contudo, desenvolvera incrível habilidade no seu manuseio, além de apuradíssimo senso de observação e memorização.

Quando passava algum filme com histórias de jogos de azar e de jogadores, não os perdia. Se na televisão, gravava no videocassete e depois assistia-o muitas vezes; se no cinema, no mínimo via por três vezes.

Escondido dos pais, comprou um baralho “de verdade”, como pensava. A partir dessa aquisição, armou incontáveis estratégias para não deixar que seus familiares descobrissem que agora já possuía aquele que era o “objeto dos seus desejos”.

Alguns aposentados se reuniam perto de sua casa, todos os dias, antes do almoço, para jogar cartas. Sempre que podia, ficava por perto bisbilhotando, como “sapo”, na linguagem dos jogadores, e “sapo de fora”, por ser menor e não participar.

Quando os adultos terminavam a rodada e iam para suas casas, pedia um ou outro esclarecimento sobre o jogo, ao dono do bar. Não tardou e sabia jogar três tipos de jogos: pife-pafe, pôquer e caxeta.

De vez em quando alguns parentes vinham em visita à sua casa, geralmente nos fins de semana e nessas oportunidades jogavam “buraco”. Sem qualquer dificuldade, aprendeu mais esse jogo, do qual participava e sempre ganhava, pois, além de pequenos truques e falcaturas, ainda tinha uma sorte incrível. Todos achavam graça quando, raramente, era descoberto o “inteligente ladrãozinho”...

Durante o jogo fazia com a unha, previamente “afiada”, imperceptíveis marcas no canto esquerdo superior da parte de fora das cartas com naipe de ouro, de forma a só ele identificá-las. Tal marcação era feita após ver que os parceiros eram destros e que aquela área das cartas quase nunca era tocada por eles. “Genial”, pensava.

Fez a memória saltar alguns anos: aos dezesseis anos começou a trabalhar, tendo passado por várias empresas. Ainda menor, foi admitido numa empresa de porte médio, a “Som & Voz”, fabricante de componentes eletrônicos para computador. Ali, não perdia um minuto, na hora do almoço, convidando colegas para jogar.

Depois de algum tempo, só jogavam a dinheiro...

O dono da empresa fazia “olhos de mercador”, pois dentre os jogadores já havia até chefes de seção.

— “Se querem perder, ou ganhar dinheiro com jogo, o problema é deles”, resmungava.

Tão grande era sua compulsão para o jogo que muitas vezes não almoçava, ou então engolia a comida, para sobrar mais tempo. Nisso, era acompanhado por parceiros que assim como ele só pensavam em jogar. Ora uns ganhavam, ora perdiam, mas ele, disparado, era o que mais ganhos acumulava. Seus parceiros não se conformavam de perder para ele: jogavam afoitamente, certos da vitória, e cada vez mais perdiam. Aí, então, é que mais desejavam jogar... Sem demora, alguém teve a ideia de passarem a jogar depois do expediente. Ideia que, aliás, teve aprovação unânime. Um dos jogadores ofereceu sua casa como “ponto de reunião” do grupo. Nesse tempo já desenvolvera extrema habilidade, até parecendo que suas mãos eram ímãs e as cartas desejadas eram metálicas, atraídas na hora certa.

Os estudos vinham sendo prejudicados, pois mais faltava do que comparecia à escola. Por várias vezes fora reprovado.

Como o avião “não chegava”, continuou rememorando sua vida, já adulto: com vinte e dois anos, empregado ainda na “Som & Voz”, a empresa teve problemas financeiros, tornando-se inadimplente em poucos meses. Trabalhando no escritório, conhecia na intimidade a origem desses problemas: recessão no mercado, impostos elevados, queda de vendas. Sabia quais eram os compromissos a serem honrados, junto a fornecedores, bem como o montante do passivo. Testemunhou o patrão telefonar incontáveis vezes ao Banco, suplicando apoio financeiro, sempre negado, por falta de aval, assim como a tantas outras pequenas e médias empresas.

Dessa forma, em meses, diante da madresta conjuntura econômica, não havia alternativa: concordata, falência ou venda da empresa. O proprietário optou pela terceira hipótese.

Eventuais e poucos interessados na compra do acervo da massa quase falida da empresa vinham, discutiam e se retiravam. Vários já tinham vindo, tendo alguns feito propostas absolutamente fora da realidade. Passado um mês, as dívidas aumentando e nenhum outro interessado aparecendo, o proprietário, atormentado e à beira de colapso na saúde, desabafou:

— Até de graça eu entrego tudo isso, para me ver livre de tantos problemas.

Ante o desespero do patrão, ele viu, naquele exato momento, que ali estava, com certeza, uma chance para ganho extra: decidiu uma grande jogada, a maior de toda a sua vida. Pediu demissão num dia e no seguinte selecionou três daqueles que, de alguma forma, haviam se interessado na aquisição da empresa. Contatou-os:

— Como ex-funcionário e conhecedor da situação interna da empresa, proponho um alto negócio: que o senhor compre a “Som & Voz”, por 50% da sua proposta inicial.

Sim, sabia os valores que haviam sido ofertados — todos baixíssimos —, e, de forma ousada, espetacular mesmo, fez essa (não autorizada) proposta.

Dois prováveis compradores sequer deram resposta, mas um terceiro, dono da “ELETRONICAL”, se interessou e, após ouvir detalhes de como estava a “Som & Voz”, comprometeu-se a comprá-la.

Com a maior tranquilidade foi até o ex-patrão e, sem que sua demissão nem ao menos estivesse ainda homologada, apresentou-se como porta-voz de “um cliente”. Fez oferta de 40% do preço que o interessado, de início, há um mês propusera. Se a proposta fosse aceita, lucraria 10%.

O negócio foi fechado!

Caminho para o sucesso: isso foi o que vislumbrou, ao embolsar a comissão.

A importância ganha, relativamente pequena, em comparação com o valor real da empresa que foi vendida, representava contudo três anos de ordenado.

Nesse ponto das lembranças, tendo há pouco passado pelo espaço aéreo do Caribe e vendo o deslumbrante espetáculo que a natureza ali oferta, sentiu o coração bater forte. Vieram-lhe à memória os fatos que o “destino”¹ reservou-lhe, para colocar Sofia no seu caminho.

¹ “Destino”: forma poética pela qual a humanidade refere-se às situações individuais ou agrupadas, gerando atos e fatos envolvendo seres humanos. Sabemos, os espíritas, que o acaso não existe, e sim, planejamentos reencarnatórios, a cargo de Espíritos Siderais. Nota do Médium.

Com o dinheiro ganho na intermediação da venda da Som & Voz, não pensou duas vezes: assim que pôde, tomou o primeiro avião para o Caribe. Seu destino: Cartagena, ponto central do Caribe colombiano, onde coisas boas e ruins tinham acontecido.

As boas:

Não foi mais que uma ou duas vezes naquelas deslumbrantes paisagens marítimas, onde as areias davam a impressão de que eram diariamente lavadas por mãos de anjos, tamanha sua alvura.

A agradável tepidez das águas do mar caribenho, espelhando o verde das matas fronteiriças com as praias, não foi atração suficiente para afastá-lo dos cassinos, onde outro verde o fascinava: o forro das bancas e mesas. Sua predileção era pelos dados.

As ruins:

Naquela época, desconhecia que os encarregados do cassino, às voltas com milhares de pessoas que o frequentavam, eram adestrados na definição de quais "clientes" eram simples turistas e quais eram profissionais.

Antes de ser contratado, cada candidato à vaga de chefe de banca passava por um entrevistador:

— Há quanto tempo você trabalha em cassinos?

— Nunca trabalhei... mas aprendo rápido.

Era dispensado.

— Há uns oito anos...

Era dispensado.

- Há mais de quinze anos...

Era selecionado. Para esse, prosseguiam perguntas:

— Qual a sua especialidade?

— Qualquer banca...

Era dispensado.

— Não tenho preferência. Vou para onde me mandarem.

Era dispensado.

— Conheço todas. Mas domino inteiramente nos dados.

Era contratado!

E assim, nas outras modalidades de jogo: só tinham chance de serem empregados aqueles "especialistas" em determinado tipo de jogo, e com quinze anos no mínimo de prática.

Por isso é que ele passou a ser notado em duas bancas: pôquer e dados. Na primeira, chegava a enervar os demais jogadores, pois ficava bastante tempo com as cartas na mão, como que aquecendo-as. Ganhava de seis a oito rodadas, em cada dez. Quando perdia duas vezes seguidas, parava. Esse era um “sinal” vindo não sabia de onde, para não prosseguir jogando. Dali, ia para os dados.

Já na banca de dados seu comportamento era diferente: se no pôquer podia blefar ou mudar várias vezes os valores das apostas, ali a aposta era fixa, pré-determinada ao lançamento dos “quadrados mágicos” — os dados.

— Façam suas apostas!

O tom do encarregado era enérgico, imperativo, mas o olhar, esse era convidativo, penetrante, envolvente...

Aproximou-se.

Quando seus olhares se cruzaram, ambos captaram algo diferente no ar...

Imediatamente, o funcionário “entrou em guarda”. A longa prática assim recomendava.

— Qual o limite?

Sua pergunta deixara à mostra que não era um simples turista, deslumbrado com o ambiente acolhedor daquele cassino, como, de resto, quase todos os cassinos.

— Quanto queira, senhor.

Apanhou os dois dados. Aqueceu-os na mão. Ficou assim, como que sopesando-os. Depois deixou as faces do 5 e do 6 voltados para a palma da mão direita.

Aguardava “o sinal”. Que veio! Como sempre, um ligeiro tremor dos dados, qual suave vibração de baixíssima voltagem, deu-lhe certeza de que poderia arriscar.

Arriscou alto: na quadrícula 11. Ganhou!

Sabendo-se potencialmente “em estado de graça” para jogar e ganhar, teve a esperteza de perder algumas vezes, de propósito, mesmo sabendo a quadrícula que seria a vencedora.

— Parabéns, senhor...

— Obrigado. Parece que estou com sorte.

— Oh! claro! Continue sua aposta.

— Quem sabe o que nos reserva o destino?

— É... Quem sabe?

Ganhava uma aposta alta. Perdia três, baixas.

— O senhor está mesmo com sorte: só perde quando aposta pouco...

O tom era malicioso, irônico, desconfiado. Na verdade, o funcionário já estava preocupado. Raríssimas vezes tinha se defrontado com tal tipo de jogador.

— “Quando alguém ganhar mais do que perde, olhe bem nos olhos dele” — recomendava todos os dias o gerente do cassino aos encarregados de cada banca, aduzindo:

— “O olhar diz tudo: existem pessoas, poucas, que em determinados dias só ganham. Essas tais podem quebrar a banca e se não forem interrompidas, quebram até o cassino... Aí, vocês perdem o emprego e nunca mais trabalharão em qualquer cassino do planeta...”. Arrematava:

— “O olhar: se o olhar estiver vidrado, não há perigo. O problema é se o olhar denotar calma, frieza...”.

A ameaça era ostensiva, claríssima.

O encarregado dos dados lembrou-se disso tudo e fixou a atenção no olhar de Élcio.

Estava calmo, frio...

A banca estava lotada, pois ele, de alguma forma, atraía a atenção pela sequência de apostas lucrativas.

Mesmo assim o encarregado fez a chamada “parada técnica”. “Parada técnica” era um eufemismo confessando, de forma silenciosa, que a direção da casa já ultrapassara, no setor, a fronteira entre os ganhos e perdas. Como em todos os antros de jogo, o lucro tem que ser majoritário e a perda, situada numa faixa assimilável. No caso, ele tinha provocado perigosa inversão dessas contas.

A madrugada ia ao meio.

— Lamento, senhores: vamos interromper por trinta minutos nossas atividades e retornaremos com mais sorte, para todos. Continuem conosco, há outros prazeres à sua disposição...

A última frase era dúbia: quais seriam esses “outros prazeres”? Mal acabara de pensar nisso e a resposta veio até ele: belíssima mulher, cabelos cor de bronze, olhos da cor do céu sem nuvens...

— Oi.

— Oi.

— Sofia. E você?

— Élcio.

— Brasileiro! Somos patrícios.

— Você é funcionária aqui?

— Não... não... apenas a passeio, olhando o movimento. Empolga-me ver as pessoas jogarem. Vi você com os dados. Espetacular!

— Obrigado. É sorte.

— Mas também muita competência. Parabéns.

— Aceita uma bebida?

— Bem geladinha... Estou quente...

Assim dizendo, encostou-se e roçou-se em seu braço, fazendo invadir nele irresistível tentação. Aliás, o perfume dela era embriagador, fascinante. “Quem resistiria?”, justificou-se.

Continuou recordando aquele maravilhoso primeiro encontro: tomaram as bebidas e foram para um motel, a um quarteirão dali.

De manhã, quando se despediram, Élcio não tinha disposição para jogar e foi para seu hotel, onde dormiu até o anoitecer.

À noite, retornou ao cassino.

Procurou-a com o olhar, dentre tantas pessoas: viu-a, deslumbrante, mas acompanhada.

“Sorte no amor, azar no jogo. O melhor é o contrário”, pensou, autoconsolando-se.

— Façam seu jogo, senhores!

Era o mesmo funcionário da véspera. Mas os dados eram diferentes... Segurou-os, aqueceu-os, mas o sinal não veio. Sabia que perderia, se jogasse. Como qualquer outro jogador comum, só ganharia num lance de muita sorte. E isso não era jogar para ele.

— Onde estão os dados de ontem?

— Perdão: não entendi...

— Aqueles dados com os quais joguei ontem e ganhei. Eram menores que estes.

— Ah! Lembro-me do senhor. Trocamos sempre de dados, para ajudar os jogadores, pois quase todos gostam de dados novos. Os velhos, às vezes, dão azar...

Contrariado, não jogou dados. Foi para o pôquer. Mas lá, também, não lhe veio a “inspiração”.

Jogou pouco, perdeu todas, logo parou. Não era seu dia, ou melhor, sua noite.

Saiu do cassino, andou a esmo, sob esplendorosa noite estrelada. Sentiu saudades do Brasil, da sua casa, dos seus pais. Entrou num bar, onde eram exibidas obscenidades “ao vivo”, ali tomando duas doses de bebida e retirou-se, enfasiado. Voltou para o hotel e foi dormir.

Estava ao café matinal quando ela chegou. Aliás, o perfume chegou primeiro. Identificá-lo-ia, dentre milhares.

— Oi, Élcio.

— Sofia!

— Posso? — assentou-se bem juntinho dele.

— Por favor: acompanhe-me no café.

— Precisamos conversar. Por que você foi embora ontem, sem se despedir e jogando tão pouco?

— Então você me viu? Vi-a acompanhada e fiquei sem inspiração — justificou, galante e mentiroso.

— Que lindo, seu ciumezinho. Bobinho: era meu sócio.

— Sócio?

— Sim: estamos pensando em ampliar nossas atividades, talvez lá no Brasil...

— No Brasil? Que negócios?

— Abrir um cassino...

— Mas lá o jogo é proibido!

— Por isso mesmo. Sendo proibido, poderemos ganhar muito mais. É só falar com as pessoas certas, tanto para dar cobertura, quanto para atrair fregueses...

— Onde e quando pretendem fazer isso?

— Depende... de você.

— De mim?!

— É. Vou confessar-lhe uma coisa e se você não quiser, não precisa me perdoar. Levanto-me, vou embora e nunca mais você me verá.

— Confessar o quê?

— Sou paga pela direção do cassino para afastar os jogadores que estão na “noite de sorte”. Meu sócio faz o mesmo, se a pessoa com sorte for mulher.

— Essa eu não acredito.

— Pois devia. Quando alguém ameaça quebrar a banca, o cassino dá um jeito de parar o jogo e é aí que eu entro, com outra jogada... aquela que nos aproximou...

— Então é isso! Cretinos, bandidos! Vão me pagar!

— Claro! Hoje você volta lá e vai para o carteado, onde o dinheiro que circula é dos apostadores. Nos dados não há chance. Se deixar para ganhar aos poucos, eles param e não deixam você prosseguir, de um jeito ou de outro.

— De um jeito ou de outro?!

— Sim: é muito perigoso ganhar sem parar. Por isso, tome cuidado. Se você hoje arriscar já no início, isso é totalmente imprevisível por eles, já que a prática mostra que todos os bons jogadores só arriscam pesado muito depois de estarem na mesma banca.

— Como você sabe de tudo isso?

— A direção do cassino me contratou para tirar da cena esses ganhadores que dão prejuízos à “casa” e ainda afastam outros apostadores ricos.

— Por que você está me contando tudo isso e quantos você... “tirou de lá”?

— Pouquíssimos. Para mim você é especial.

— Como especial?

— Não sei. Só sei que é especial. Tanto que acabo de entregar minha vida na sua mão, pois se souberem que contei tudo isso...

Assim que anoiteceu foi para o cassino.

Não jogou logo. Ficou “sapeando” entre as diversas bancas, mesas, roletas. Jogou no caça-níqueis por quase uma hora e perdeu todas. Tinha a mente fixa no golpe que daria, qual certo bote de uma serpente sobre a presa.

Como quem não quer nada, aproximou-se de um funcionário e, passando uma nota de alto valor para ele, perguntou:

— Gostaria de um poquerzinho mais pesado...

Nem precisou dizer mais nada. O funcionário apresentou-o a um homem, designando-o de encarregado geral, que por sua vez, ao ouvir a pretensão de Élcio, conduziu-o a um andar acima, onde uma porta tipo corta-fogo, mas travada, só se abriu mediante algumas pancadas, em código.

Prosseguiu rememorando tudo o que então aconteceu:

Seu deslumbramento: mesas e mesas de carteado, ocupadas por dezenas de jogadores. Foi conduzido a um grupo que tomava um

“drink” junto ao bar e ali mesmo formou-se um quarteto para rodadas de pôquer.

Jogou poucas partidas, empatando lucro e perda.

Foi até o caixa e comprou altíssima quantidade de fichas, que valiam para todos os jogos do cassino. Ao invés de retornar ao pôquer, deixou o ambiente e circulou pelo amplo salão, olhando as bancas de dados. Numa delas, percebeu que os dados eram pequenos. Aproximou-se, o mais discretamente possível. Começou arriscando pouco, “sentindo” os dados, se davam algum sinal... No mesmo instante que viu o encarregado geral aproximar-se dele, nitidamente contrariado com sua presença naquela banca, o sinal despontou no tato com os dados: era jogar e ganhar. Antes que a banca fechasse, na tal “parada técnica”, colocou o monte de fichas no dez, vermelho. Aqueceu os dados na palma da mão, fechando-a algumas vezes, fazendo o cinco dos dois dados ficar para cima. Arremessou aqueles pequeninos cubos e logo uma boa soma de dinheiro foi transferida da tesouraria do cassino para suas mãos.

Encerrou o jogo imediatamente e retirou-se.

Nem sequer quis ver Sofia. Retornou ao Brasil.

2. — SORTE: NÃO ME DEIXES...

Mais à frente das lembranças, viu-se intermediando compra e venda de empresas em dificuldades, sempre a “preços de banana”, reservando-se comissão.

Antes, arquitetou um plano e decidiu arriscar, colocando anúncio no jornal, como interessado em adquirir empresa de componentes eletrônicos.

Arguto, deduziu que se alguém se apresentasse é porque estaria em dificuldades financeiras, tal e qual a “Som & Voz”. E nesse caso, não haveria problema em calcular o valor a ser negociado, eis que tinha suficientes conhecimentos dessa atividade industrial.

Em duas semanas o anúncio não surtiu efeito.

Pensando dia e noite em concretizar novo negócio lucrativo, teve uma ideia: entrou em contato com duas empresas congêneres, situadas em outras cidades. Conhecia os donos dessas empresas, pois eventualmente a “Som & Voz” realizava negócios com eles. Apresentou-se nelas. Na primeira não obteve sucesso, mas na segunda... Falou com o senhor Jerônimo, que conhecia, embora não tivesse tido maior contato com ele:

— Represento um grupo financeiro que está se expandindo no ramo de componentes eletrônicos, e que pensa adquirir empresas que estejam em dificuldades, face à atual conjuntura de mercado. Não posso, de momento, declinar o nome desse grupo, o que farei se houver interesse da sua empresa.

Acertou “na mosca”: a “TELE-RADAR LTDA.” vivenciava situação difícil, bem mais grave do que à da então “SOM & VOZ”.

— Quanto o senhor quer pela “TELE-RADAR”?

— Quatrocentos mil reais.

Ouvindo o preço, ajuizou, na hora, que a empresa valia no mínimo o dobro. O dono devia estar desesperado.

Despediu-se e voltou à sua cidade. Foi ao novo dono da “SOM & VOZ”, cuja razão social fora mantida:

— Sr. José, “temos” um excelente negócio em vista: comprar a “TELE-RADAR”, por quinhentos e cinquenta mil reais.

— “Temos”?! E sua comissão?

- Já está incluída.
- De quanto?
- Isso é segredo e segredo é a alma do negócio.
- E se eu dispensar sua intermediação? Conheço bem a “TELE-RADAR” e algum tempo atrás pensei em comprá-la...
- O que é isso? Não seja ingrato...

Displícitamente, mostrou um contrato, registrado em Cartório, no qual a “TELE-RADAR”, nos próximos seis meses, só poderia ser vendida por seu intermédio, ou se pagasse multa de cento e cinquenta mil reais. Naquele lance, emergia o instinto do jogador, mais que isso, do caçador, que enfrenta uma fera até o último segundo, para certificar-se de que não errará o tiro.

— Então —, perguntou: “vamos” ter a “SOM & VOZ” número dois? Não se esqueça de que com essa aquisição “passaremos” a ter todo o mercado comprador regional.

A perspectiva era por demais atraente.

— Por enquanto “não vamos” ter a “SOM & VOZ” número dois. A “ELETRONICAL” está contente com o que já tem.

Longe de desanimar, insistiu:

— Nas crises é que a criatividade surge como principal elemento de sucesso. “Ousadia, ousadia” — completou.

— Com o dinheiro dos outros?

— Não. Também estou investindo alto nisso. Aliás, já investi: paguei por essa informação e não foi assim fácil convencer o pessoal da “TELE-RADAR” a vendê-la para nós.

— Quem tomaria conta dela, lá na outra cidade?

— Isso não é problema. Também já tenho solução para isso, pois sondei o pessoal que trabalha lá e sei com quem “poderemos” contar, principalmente na gerência — mentiu descaradamente.

Outro “tiro na mosca”. José, interessado no negócio, justamente, pensava em quem seria o gerente da distante filial, no caso da ELETRONICAL comprá-la.

— Tudo bem: quatrocentos mil reais.

— Quatrocentos e cinquenta mil!

— Quatrocentos e vinte e cinco mil. E fim...

— Em quarenta e oito horas “decidiremos”.

Retornou à “TELE-RADAR” e fez a oferta:

— Trezentos e setenta e cinco mil reais. “E fim”, repetiu, como José.

Jerônimo coçou a cabeça. Quis falar alguma coisa, mas o olhar gélido de Élcio desencorajou-o.

— Preciso pensar... tenho um sócio...

— E ele também concorda em vender esta empresa?

— Sim! Sim!

— Então os senhores têm quarenta e oito horas.

Agindo com extrema segurança e sangue-frio, declarou que ficaria hospedado naquela cidade, aguardando. "Tenho outras empresas à venda para visitar", mentiu.

De caso pensado, pediu para visitar as dependências da "TELE-RADAR", no que foi atendido. Assim, percorrendo por várias horas a empresa, conversou com empregados e chefes de seção. Convidado para almoçar, no refeitório da própria empresa, aceitou. Terminado o almoço, passeou descuidado pela empresa, como mero observador. O coração bateu forte quando viu um grupo de empregados jogando...

Aproximou-se:

— Oi, gente boa: será que posso...?

— Claro, claro — responderam dois empregados.

Maneioso, conquistou a simpatia do grupo, perdendo, de propósito. Conversando, conversando, entre uma partida e outra, disse que ficaria aquela noite na cidade, perguntando se haveria alguma opção noturna para um "estrangeiro" — ele.

— Mulher ou outra coisa?

— Sou noivo e fiel, mentiu, já que nem namorada tinha.

— Gostaria de um carteadado mais "pesado"?

— É isso mesmo, confirmou.

— Então vá a esse endereço, depois das vinte e uma horas — disse-lhe um dos jogadores, entregando-lhe um cartão de visitas. Diga que foi o Santos que o enviou.

Élcio pegou o cartão e viu: JORGE SANTOS - Gerente.

— É você? O gerente daqui?

— Gerente financeiro, seu criado, para atendê-lo.

A sorte estava do seu lado, pensou.

À noite foi ao endereço, uma casa familiar, em cujos fundos havia uma edícula, onde duas das três mesas estavam ocupadas por jogadores de cartas. Santos chegou logo após. Quase não o conheceu: vinha bem-vestido, barbeado, com excelente aparência,

bem diferente de quando o vira na firma. Foi festivamente saudado por todos. Quem não o conhecesse, diria que era um ricoço.

Começaram a jogar pôquer, apenas os dois.

Cautelosos, o cacife inicial era baixo.

Mas foi aumentando...

Perda e vitória alternavam-se.

Perto da meia-noite, Santos parou uma rodada, antes do resultado, olhando fixo para ele. Treinado para esconder emoções, quase se traiu, pois intuiu que o clímax se aproximava... Com sua experiência em jogos, sabia, com certeza, que decorridas as "apalpadelas iniciais", o jogo — qualquer jogo — mostra sua face real, isto é, desmascara-se.

Não durou mais que dez segundos o intrigante olhar de Santos. Olhar que ele tinha sustentado!

— Gostaria de aumentar? — tateou Santos, cauteloso.

Élcio fez o que mais sabia fazer: dissimular.

Remexeu-se na cadeira, passou a mão na cabeça, segurou a ponta de uma orelha, olhou para o teto. Demonstrou claramente que estava receoso. Essa, sua técnica infalível: aparentar inferioridade, demonstrar receio e dúvida, induzindo com isso o parceiro "ao ataque". Que veio:

— Então? Está com receio ou não tem condições de bancar mais alto?

Santos, igualmente, era jogador. Sabia que, com tais palavras, diretas, mexia no brio do parceiro e que, se ele não tivesse condições, desistiria.

Instalara-se ali a competição mais árdua e mais rotineira do ser humano: a mentira entre mentes bem treinadas. Quase se poderia dizer que, em situações tais, o vencedor não seria necessariamente o que tivesse melhores cartas, mas, sim, aquele que mais domínio aparentasse.

Foi ali que Élcio percebeu estar diante de alguém ladino, como ele próprio... Refletindo rápido e equacionando os pensamentos, uma vez mais o cérebro apontou o rumo a seguir: ousar! A estratégia que mentalizou era a de se mostrar indeciso, fazendo o parceiro avançar... avançar... até o ponto em que se tornaria vulnerável.

Essa a mais terrível carta do jogo de pôquer: o blefe. Santos caiu na armadilha, antes mesmo do jogo.

— Se não quiser, não precisa continuar, apenas... — cutucou —, não imaginei que você...

Não concluiu a frase. Se concluísse, certamente diria algo parecido com: "... fosse tão covarde".

Entre jogadores, ser considerado covarde não é ser tido à conta mesmo de covarde, mas, sim, um alguém sem dinheiro. Alguém que, nessas condições, não deveria ter começado um jogo, sem asas financeiras para voos mais altos.

Élcio confirmou que estava perante alguém tão sabido quanto ele. A diferença, fundamental, a seu favor, era que Santos "abriria o jogo", enquanto ele estava simulando incapacidades.

O máximo daquele disfarce foi Élcio tremer as cartas na mão, por fração de segundos.

Santos tinha já atirado o anzol, com a isca e com toda a linha possível. Aguardava, qual pescador, consciente que entre ele e o peixe, a lagoa, rio ou mar nada representam em grandeza. A pesca, como o jogo, é uma questão formada por duas metades: uma, a fome do peixe e a outra a "sorte-paciência" do pescador.

Élcio, imaginando-se hipotético peixe com apetitosa isca à sua frente — lucro no mar da pobreza —, tocou na isca, sem mordê-la:

— Quanto?...

A pergunta encerrava todo um universo de possibilidades e consequências. Mas, tanto quanto ele, Santos era jogador hábil:

— Quanto você quer?

A aguilhada no ego-jogador foi novamente usada.

A pergunta não foi: Quanto você pode e, sim, quanto você quer. Essa, a diferença entre o jogo e todas as demais ações da vida: no jogo, não se leva em conta o quanto se pode e sim o quanto se quer, isto é, o quanto se cobiça.

Infelicidades — milhares de infelicidades —, particulares e coletivas, pessoais e familiares, tiveram origem nesse ponto: fuga da razão do jogador, num segundo, quando sua mente "fotografa" vitória e com isso arrisca até o que não tem. Nesses instantes, para ele, o lance não é risco, é certeza. Quando perde — e quase sempre é isso que acontece —, o impacto mental desestrutura a delicada engrenagem que une o Espírito ao perispírito, via cérebro. A frustração, nesse caso, promove mais estrago que um tiro recebido à queima-roupa. Aí, poucos, pouquíssimos, conseguem administrar a crise que irrompe avassaladora na paz, crise essa que não raro é

solucionada, equivocadamente, com o crime ou o suicídio. Isso porque, intentando uma solução, quem assim age, além de perdedor e irresponsável, passa para criminoso.

Élcio sugeriu uma quantia regular. Santos não conseguiu esconder a frustração, pois imaginava que o novo parceiro fosse propor, no mínimo, dez vezes mais. Por isso, não respondeu. Aliás, era também um estrategista, sabendo que por vezes, como ali, o silêncio faz um verdadeiro discurso. Ambos não mais jogavam uma partida de pôquer, mas, sim, duelavam ferozmente, equipados com uma das mais terríveis armas de quantas existem na humanidade: cada um, a cobiça do outro. Paradoxalmente.

Nenhum jogador, em tempo algum, de todo jogo que já foi jogado, jogou para perder. Além do contrário, ainda há, muitas vezes, um outro objetivo oculto nos jogos: humilhar o vencido. Nos segundos que antecedem uma jogada, espelha-se toda uma vida, com utilização das aquisições mentais, intelectuais e habilidades até então acumuladas pelo jogador.

A sensação de expectativa para o lance definitivo, com o qual se saberá se perdeu ou ganhou, assemelha-se ao instante em que o candidato abre as provas e conhece quais as questões do vestibular, certificando-se das suas chances. O desgaste é sempre grande, para uns e outros: os vestibulandos aprovados em Medicina, por exemplo, anos mais tarde, terão sempre segurança e certeza na ação da incisão do bisturi no primeiro milímetro do corpo de um paciente, eis que os cirurgiões, para decidi-lo, trazem consigo uma bagagem de multiplicados anos de estudo e outros tantos de prática; já os jogadores nunca têm certeza dos resultados. Isso, repetindo-se bastante, leva-os a um estresse comprometedor (como todos os tipos de estresses, aliás).

Jogaram e Élcio perdeu.

O cacife foi mantido em mais três rodadas... que Élcio perdeu. Já beirando duas horas da madrugada, sentiu aquela estranha sensação, tal como nas últimas vezes que jogava: enquanto não a sentia, não ganhava. Era uma espécie de eletricidade que, de forma inexplicável, acendia-lhe uma tela dentro da cabeça, na qual eram projetadas as cartas do parceiro.

Como perdedor até aquele instante, caberia a ele decidir pelo fim ou prosseguimento do jogo. Decidiu prosseguir. Sabia, de antemão, que não mais perderia, pois a tela acesa em sua mente

contava-lhe o precioso segredo: quais eram as cartas do parceiro. Continuaram jogando.

Às 4h30, Élcio já havia recuperado todas as perdas, com ganho dobrado. Santos começou a suar abundantemente. Élcio fez outra arriscada jogada, esta mental, fora das cartas: imaginou que Santos não poderia pagar o quanto havia perdido. E, nesses casos, é muito comum que o perdedor se afunde mais nas perdas, na ânsia descontrolada de saldar a dívida, ganhar e humilhar o adversário.

Nesse ponto do jogo, já não há mais parceiro e, sim, adversário — cruel, quase sempre. Por isso, nessas horas, não raro o perdedor, com a mente alvoroçada, não mais tem clareza de raciocínio, nem perspicácia. Daí à tragédia, é um passo.

— Se o senhor quiser — Élcio jogou uma “boia” —, podemos continuar amanhã.

— Mas...

— Sei, sei: não se preocupe. Depois acertamos.

Já sem defesas pelo montante das perdas, Santos aceitou a prorrogação, proposta em boa hora. Sugeriu:

— Só mais uma rodada. Dez por cento da dívida, ok?

— OK.

Jogaram. Élcio permitiu-se perder. Santos quis prosseguir, animado com essa vitória, mas Élcio foi irredutível:

— Amanhã, isto é, logo daqui a pouco, teremos um dia cheio. E à noite, continuaremos.

— Então você ficará aqui mais um dia?

— Claro... claro...

Logo no início da jornada, Santos e Élcio estavam na empresa. Os semblantes não demonstravam que a noite tinha-lhes sido indormida. Mas, na cabeça de Élcio, uma ideia estranha, terrível, foi chegando bem devagar, num crescendo... crescendo... Se Santos era o gerente financeiro, se era jogador inveterado como deixara perceber e se a firma estava em dificuldades financeiras...

Os donos, Jerônimo e Júnior, o outro sócio, chegaram quase uma hora após o início dos trabalhos.

Élcio solicitou uma reunião com eles e, como quem não quer nada, perguntou de chofre:

— Doutor Júnior, pretendo ficar mais um dia e só amanhã retornarei à minha cidade. Gostaria, confidencialmente, que o senhor

realizasse uma miniauditoria financeira, para que “tivéssemos” certeza junto ao meu cliente...

Usava um prudente plural nos verbos...

— O que é isso? — retrucou Jerônimo, ofendido. Miniauditoria, para quê? Por acaso você desconfia de alguém, de um de nós, talvez?

— Longe, muito longe disso. “Estamos” falando de negócios e não de suspeitas. Inclusive, nem quero estar presente, nem quero saber das suas contas. Tudo o que peço é que a TELE-RADAR declare que seu balanço foi atualizado e as contas conferidas, até hoje. Só isso.

Do plural para o singular, nova jogada, demonstrando que a solicitação era puramente contábil, sem suspeitas.

Mas as suspeitas, agora, explodiram no cérebro de Élcio, sem ele saber quem havia atirado a “granada”. De repente, invadiram-lhe lembranças de tantos e tantos jogadores que antes da ruína total, de uma forma ou de outra, tinham desfalcado as empresas em que trabalhavam.

“Maus pensamentos”, “interferências negativas”, “encosto”, “coisa ruim” — tais são as denominações vulgares para influências de Espíritos infelizes, agindo em processos obsessivos sobre encarnados invigilantes.

Isso acontecia com Élcio...

— Ah! ainda bem... vamos fazer isso.

Antes que chegasse a hora do almoço Élcio levou um grande susto ao ver Jerônimo chegar da rua, afobadíssimo. Passou por ele, sem dizer nada, olhou-o profundamente, embora por alguns segundos. Élcio foi tomar um cafezinho na sala da diretoria, cuja entrada livre tinha sido granjeada, mas dessa vez encontrou a porta fechada.

— Estão em reunião extraordinária — esclareceu a recepcionista-telefonista.

— O que houve?

— Não sei... estão nervosos...

Dentro da sala, Jerônimo estava em misterioso silêncio, semblante preocupado, lívido. Disse a Junior:

— Não sei como aquele rapaz, o Élcio, soube ou desconfiou de algo. O fato é que tem razão: há um grave problema nas nossas contas...

—?!

— Ainda não tenho certeza, mas aparentemente estamos sendo vítimas de um desfalque...

— Desfalque? Quem? Quanto?!

— Pois é. O Banco está fazendo um levantamento mais detalhado e talvez ainda hoje conheceremos toda a verdade. Vários créditos, oriundos de pagamentos de clientes, estão contabilizados no "livro caixa", mas os respectivos depósitos não foram feitos.

— Vamos chamar o Jordão. Como nosso contador ele terá que esclarecer o que está acontecendo...

— Escute o resto: os créditos que existem, suficientes apenas para os cheques da TELE-RADAR não ficarem sem fundos, foram cobertos apenas nas datas do vencimento e, assim mesmo, com cheques com data de vencimento futuro, até de sessenta dias.

— Então fomos roubados...

A seguir, os sócios fizeram cinco telefonemas para clientes, solicitando detalhes de pagamentos.

Como os dois sócios nada ventilassem, tendo se retirado, Élcio procurou informar-se com a telefonista, que esclareceu que eles haviam dito apenas que estariam no Banco. Como demorassem, Élcio julgou prudente também retirar-se, indo para o hotel, onde aguardaria os acontecimentos, isto é, decisão sobre a venda da TELE-RADAR.

Já era quase noite quando o telefone tocou:

— Élcio? Aqui é Jerônimo. Faça o favor de vir até aqui.

— Agora?

— Agora.

Quando chegou, Jerônimo foi direto:

— Infelizmente, comprovamos um desfalque. O nosso gerente financeiro, o Santos, com o contador, o Jordão, confessaram o furto: cerca de vinte e cinco mil reais. Estamos resolvendo como proceder. Ainda não chamamos a Polícia, pois o Santos ofereceu a casa dele, como pagamento.

— Espero que os senhores resolvam logo isso, e discretamente, pois se isso transpirar, o negócio ficará abalado e o meu cliente terá que ser informado...

Precisamente ali, Élcio começava a jogar novamente. Arriscou inquietar Jerônimo e Junior, para verificar o interesse real de ambos na venda.

Junior foi pego de surpresa e mordeu a isca:

— Pelo amor de Deus, o negócio está de pé. Vamos acertar tudo, logo. Só pedimos sua discricção...

Sabor de mel visitou o íntimo de Élcio, que disse:

— Contem comigo, Junior e Jerônimo, e mais que isso: contem com meu silêncio.

O tratamento agora era informal.

— Certo, certo. Você não se arrependerá...

Despediram-se, como se fossem íntimos de longa data.

Élcio pediu à secretária o endereço de Santos e foi de táxi até lá. Deu um número errado para o motorista mas, quando passou em frente à casa que queria ver, fez ligeira avaliação do imóvel. Dali, foi à casa-cassino. Santos estava lá. Ousado, Élcio fez outra jogada: não jogar. Convidou Santos para saírem, pois precisava conversar a sós com ele.

— De que se trata? E o nosso jogo? Não se esqueça de que, como perdedor, eu é que decido quando parar...

— Sim, Santos, não esquecerei. Mas há algo grave acontecendo lá na firma e preciso do seu conselho.

— Grave? Santos inquietou-se. No mesmo instante relacionou a atitude de Élcio à sua tragédia: tinham sido descobertos seus desfalques na TELE-RADAR.

Já na rua, andando lado a lado, com calma estudada, Élcio perguntou à queima-roupa:

— Você está sabendo do problema do dinheiro?

— Problema... Qual problema?

— Ainda não sei. A diretoria parece que descobriu um desvio financeiro e está investigando. Pediram-me sigilo absoluto, mas como você é o gerente financeiro...

Nesse ponto, sem delongas, Élcio fez aquilo que, em jogo, se chama a "cartada final":

— Parece que vão chamar a Polícia, pois já sabem quem furtou. Como o ladrão fez uma contraproposta de indenizar o desfalque, deram-lhe três dias de prazo. O que eu não sei é se anulo a proposta de compra do meu cliente e se volto.

— Anular a compra? A TELE-RADAR está à venda?

— Sim, e eu sou responsável, só que se o negócio não se realizar os sócios vão abrir um processo penal contra as duas pessoas que realizaram o desfalque.

Com estudada crueldade, complementou:

— Vão ser presos...

Num gesto incontido, nascido do mais profundo arrependimento, Santos agarrou os braços de Élcio e, trêmulo, confessou:

— Fui eu que dei o desfalque... O Jordão, dono da casa em que jogamos, é o contador e ele é que me facilitou desviar os créditos para minha conta...

— Oh! Santos, o que você está me dizendo? — surpreendeu-se Élcio, fingidamente.

— Sim. Sou o ladrão! Tenho pensado até em me matar...

Naquele momento, Élcio poderia realmente desfazer o negócio, retornar à sua cidade e esquecer tudo aquilo.

Poderia, também, pacificar aquele caldeirão fervente em que se transformara a TELE-RADAR, apenas com uma palavra aos donos, em favor de Santos.

Como poderia, ainda, maldosamente, jogar com os fatos e sair lucrando mais dinheiro.

Eram opções que se lhe apresentavam, verdadeiro grande teste de conduta moral que por tantas e tantas vezes se repete, ao dia, em várias partes do mundo.

Houvesse estatísticas e restaria comprovado que, na maioria dos casos, a terceira opção é a mais escolhida: lucrar, mesmo que à custa de lágrimas. Infelizmente.

— O que você está me dizendo, Santos? — espantou-se falsamente Élcio. Você? Não acredito!

— Acho que estava louco quando peguei dinheiro da firma... mas, sabe como é, cada vez fui pegando mais... e mais...

Já prevendo a resposta, mas por cautela e astúcia, Élcio, com eufemismo (o de chamar de "vales" aos desfalques), consolidou a já consolidada suspeita:

— Onde está o dinheiro... quero dizer... os "vales" que você fez?

— Onde?! Ora, no jogo, lá. Dizendo isso, Santos apontou para a casa-cassino, de Jordão.

Nesse exato momento outro raio de cobiça coriscou o céu mental de Élcio, cujo firmamento psíquico estava povoado de nuvens negras, isto é, de cobiça:

— Para quem você perdeu?

Santos foi pego de surpresa, pois a pergunta era extremamente invasora da sua intimidade, da sua vida, da sua triste história de jogador fracassado. Mas raciocinou rápido: “para que esconder a verdade? que importa ele saber?”. Respondeu:

— A maior parte do dinheiro que “peguei emprestado” perdi-o justamente para o Jordão.

— Então vamos fazer o seguinte: convidá-lo para uma rodada de pôquer e talvez você se recupere...

— Mas... não tenho cacife para bancar...

Outra vez Élcio fingiu, ao perguntar, pois já sabia a resposta:

— Você não tem algum bem para dar em garantia? Carro? Casa? Terreno?

— Só tenho minha casa...

— Bem... você é quem sabe...

Outra vez o instinto jogador na alma humana era desafiado.

Santos cedeu:

— Tudo bem: minha casa entra como garantia!

Retornaram à casa-cassino.

Jordão esperava-os, sem ocultar a apreensão que o dominava. Élcio olhou para Santos, induzindo-o a fazer a proposta, que foi feita, sem rodeios:

— Jordão, é o seguinte: o senhor Élcio já sabe dos depósitos-fantasmas que você fez no livro caixa da firma, para cobrir meus “vales”. Fizeram uma sindicância hoje, não sei o motivo, talvez porque querem vendê-la e descobriram a falta do dinheiro... deram-me três dias para repor tudo e só me resta vender minha casa, pois não tenho outros bens.

— É... o que se pode fazer, não é mesmo? — comentou Jordão, como se nada tivesse a ver com aquilo tudo.

Élcio, de forma estudada, beliscou-lhe a vaidade, ao tempo que o intimidou:

— Pela sua competência, a firma confia nos seus serviços contábeis; certamente, o senhor manteve a diretoria informada dos “empréstimos compulsórios” feitos pelo Santos, pois não?

Tiro certo: Jordão, de repente, deu-se conta que estava complicado, pois facilmente seria apurada sua conivência com o colega. Pior ainda: o dinheiro desviado da firma pouco tempo ficava com Santos, logo transferindo-se para seu bolso, após pequena visita à mesa de jogo, ali mesmo em sua casa... A cada retirada perdida

por Santos, renovava-a com outra maior. E como tudo era perdido no jogo, sendo ele, Jordão, o maior beneficiário dentre eventuais outros jogadores, não lhe era possível deixar de “abonar” tais retiradas. Tal procedimento era um crime. De Santos e dele...

Como que lendo tais pensamentos Élcio propôs:

— Tenho uma ideia: como o Santos “quer” vender a casa dele, que tal nós fazermos algumas partidas, dando-lhe chance de se recuperar?

Jordão olhou para Santos, inquirindo-o pelo olhar: “você vai mesmo vender sua casa?”. Também com o olhar, Santos respondeu: “Vou!”.

— Nada tenho contra — suspirou Jordão.

Foram para a mesa de jogo.

Élcio pediu, ou melhor, exigiu:

— Vamos nos garantir: cada um deixa um cheque...

Os dois parceiros aceitaram.

Quando Santos preencheu seu cheque, Élcio advertiu:

— Como você não tem fundos, é preciso que o Jordão avalize seu cheque...

Instalou-se grande mal-estar.

A desconfiança não era só desconfiança: era a dura realidade. Santos não tinha mesmo quaisquer reservas. Jordão, por sua vez, viu-se encrocado: como abonar cheque de Santos, que tanto já devia? Se Santos perdesse, o que era provável, por ser perdedor nato, quem estaria perdendo seria ele... Por outro lado, não prestar tal apoio, deixaria à mostra o que sentia, isto é, que Santos não era confiável. E não era mesmo. Todos ali sabiam-no, inclusive o próprio Santos. Embora não fosse enxadrista, se poderia dizer que, sem estarem jogando, Élcio dera um “xeque-mate” duplo, o que não existe no xadrez, pois só dois “reis” competem e, assim, se um ganha, só outro perde.

Santos captou o impasse. Oprimido por tantas desconstruídas emoções e trazendo a alma incendiada por pensamentos controversos, explodiu em ódio, ameaçador:

— Olha aqui, Jordão: tudo que peguei na firma foi com seu aval e quase tudo perdi, para você; se não quiser garantir meu cheque, vou agora mesmo à Polícia e conto tudo... tudo! Já que estou perdido mesmo, não vou ficar sozinho na cadeia...

O clima estava no limite, entre o fim da paz e a explosão da guerra, aliás já declarada e cujo desfecho também já era conhecido: duas vítimas, Santos e Jordão.

Élcio usou os sentimentos dos dois como cartas no decisivo lance daquele jogo que engendrara.

— Tenho uma solução...

Olharam-no, sequiosos, aflitos. Não era bom brigarem entre si, pois ambos saíam perdendo. Sabiam-no perfeitamente.

— Compro sua casa...

Santos, como que se estivesse numa câmara de gás, sentiu ar fresco invadir seus pulmões. Jordão, por sua vez, imaginou-se naufrago chegando a terra firme. A adrenalina estabilizou seu curso nos dois, pois o pesadelo que vivenciavam deu-lhes a sensação do acordar.

— Quanto você quer por sua casa?

— Ela vale uns cinquenta mil reais...

— Não é isso que perguntei. Quero saber por quanto você a vende.

— Mais ou menos por isso...

Élcio balançou a cabeça várias vezes, devagar, denotando tristeza:

— Quanto o montante dos seus "empréstimos"?

— Vinte e cinco mil reais...

— Coincidência: só posso dar vinte e cinco mil reais por sua casa.

— O quê? Só vinte e cinco? Ela vale o dobro!

— Eu sei... eu sei... só tenho vinte e cinco. Esquece... Pensei em comprá-la, para você pagar suas dívidas e dar-me argumentos para impedir os donos da TELE-RADAR a não processá-lo criminalmente.

A solução do impasse voltava às mãos de Santos.

— Quarenta mil?

— Sinto muito.

— Trinta e cinco?

— É pena...

— Último preço: trinta mil?

— Vinte e cinco mil. E fim.

— Fechado!

Élcio deu-se conta de como a expressão “e fim” funcionava... O alívio das tensões visitou o ambiente. Contudo, tinha outro lance engatilhado:

— Só posso efetuar a compra se antes a casa for passada em meu nome.

— Escritura a estas horas? — perguntou irônico, Jordão.

— Sim: você faz uma declaração de compra e venda e duas testemunhas assinam: você e outra pessoa de sua confiança. Amanhã cedo vamos ao Cartório de Registro de Imóveis e oficializamos a venda.

Para Santos não restou escape. Assinou a declaração que Jordão em poucos momentos aprontou, passando recibo dos vinte e cinco mil reais, “recebidos em espécie”.

Élcio deu-lhe dois cheques seus, um de dez mil reais e outro de quinze mil. Quando Santos pegou os cheques, sua alegria cessou bruscamente: os cheques estavam cruzados e eram nominais à TELE-RADAR.

— O que é isso?!

— O que combinamos. Amanhã você paga sua dívida na firma, com estes dois cheques e agora, como você já não tem mais dívidas, o Jordão pode lhe abrir crédito...

— Mas...

— Você é quem sabe: se não quiser, desfazemos agora mesmo o negócio.

Santos engoliu em seco. A tentação do jogo suplantou todo cuidado, toda cautela, trazendo à tona a intensa, permanente e invencível cobiça de todo jogador: ganhar e ganhar muito...

Jordão avalizou o cheque de dez mil reais de Santos.

— Vamos jogar!

Élcio sabia que ganharia. Não tinha sido assim sempre? Pois aquela indefinida sensação que o fazia adivinhar o jogo do adversário já estava presente, percorrendo-lhe os músculos do braço direito. Jogaram até o dia amanhecer. Élcio, com habilidade muito superior aos dois parceiros, “auxiliado” por forças estranhas, conduziu o jogo em equilíbrio de ganho e perda por algumas horas.

Aproximava-se a hora de parar.

Na média, estavam como começaram, em ganhos e perdas. Élcio aguardava o desfecho. Sabia que viria. E veio: Santos propôs apostar dez mil reais.

Jogaram e Élcio ganhou.

Nova rodada, sem Jordão, mesmo valor, mesmo ganhador: Élcio embolsou o segundo cheque de Santos. Este, pensando nos dois cheques de Élcio que estavam em seu bolso, não resistiu e propôs manter o cacife:

— Tenho munição boa — esclareceu, colocando o cheque de dez mil reais sobre a mesa e pavoneando: “com a TELE-RADAR eu me entendo”.

Feito o jogo, perdeu. Jordão havia “passado”...

Novo jogo, agora com o segundo cheque de Élcio, o de quinze mil reais.

Jordão sentiu a “temperatura” esquentar e prudentemente ficou de fora.

Dadas as cartas, em instantes Élcio recuperou o segundo cheque. Pegou os dois cheques que ele próprio assinara e rasgou-os.

No desespero, Santos perguntou-exigiu:

— Vamos para a “saideira”?!

— Topo — respondeu de bate-pronto Jordão.

A hora era do “tudo ou nada”. Os três intuíram-no. De per si, cada um imaginava que iria ganhar, pois a mente passara horas fabricando tais “formas-pensamento”² que, àquela altura, já haviam adquirido vida autônoma.

Élcio anuiu, com um gesto de cabeça.

Na verdade, para ele o jogo começava agora...

Combinaram o valor: quinze mil reais, cada. Na cabeça de Santos, havia a “certeza” de que ganharia e numa segunda rodada, que exigiria, ganharia novamente e assim reaveria sua casa. Quanto a Jordão, nem outro era o pensamento: cristalizara-o na vitória: sendo que, de Santos, ficaria sem receber, na base do “fiado”, mas daquele novo parceiro, o Élcio, o dinheiro “era bom”...

Foram dadas as cartas.

² Formas-pensamento: projeções mentais que, formuladas e energizadas pelo Espírito emissor (encarnado ou desencarnado), criam vida aparente, podendo ser vistas por médiuns aptos a isso, geralmente clarividentes. Duram o tempo de fixação mental do agente criador. (Vide “Mecanismos da Mediunidade”, do Espírito André Luiz, psicografia de F. C. Xavier, Ed. FEB.) A Psiquiatria também trata desse tema, denominando-o obsessão, num enfoque diferente do Espiritismo, em que obsessão é a influência maléfica causada por um Espírito sobre outro, ou, raramente, pelo próprio paciente. Nota do Médiun.

Assim, na hora de “comprar as cartas”, Élcio percebeu que os parceiros tinham cartas de “ouro”, as quais, pela disposição em suas mãos, não eram sequenciais. Ele próprio tinha dois pares.

Os três pediram duas cartas.

Élcio formou uma quadra (quatro cartas da mesma figura, cada uma de um naipe). Jogo fortíssimo!

Olhou para Jordão e nada captou. Sinal que não tinha jogo bom...

Olhou para Santos: derramava euforia... “viu” que ele tinha duas cartas de “ouro”. Logo, dificilmente teria um “four”, como ele; no máximo, dois pares. Ou... um par e uma trinca, jogo esse que seria vitorioso sobre seu “four”. Fixou a atenção num ponto distante, como que tendo um ligeiro êxtase e voltou a “ver”: dois pares. A estranha sensação que não o abandonara, aliada anônima de repetidas vitórias, induziu-o a “pagar para ver”.

Santos expôs dois pares!

Élcio simulou desânimo. Lentamente, colocou as cartas na mesa, viradas para baixo, em fila.

Santos não se conteve: num inusitado gesto, que apenas a vitória poderia justificar, desvirou, ele, as cartas de Élcio. A primeira carta, “boba”; mas, as demais... um portentoso “four”! Olhando-as, sentiu que o chão se transformara súbito numa cratera, de um vulcão prestes à erupção e que ele estava em queda livre, rumo àquelas fumegantes profundezas... Perdera. Tudo!

Os três homens olhavam para o centro da mesa, magnetizados pelas cartas, ali representando transferência de dinheiro, de dois para um.

No jogo, não há como separar ganho de perda: se alguém ganha, alguém perde. Sempre!

Desconhecem os jogadores, todos, que muito mais que valores materiais, no jogo — todos, também —, transferem vibrações mentais, via de regra, negativas. Por isso, não há notícia de um jogador sempre feliz, pois o acúmulo de vitórias atrai necessariamente acúmulo de frustrações, eis que ninguém gosta de perder. E nesse caso, os perdedores, no inconsciente, elegem o ganhador como depositário fiel de seus desenganos, endereçando-lhe revolta e, não raro, ódio.

Nenhuma palavra. Dos três. Élcio e Jordão sabiam que eram as únicas testemunhas da derrocada de Santos. Ambos já haviam

presenciado situações semelhantes. Nove, entre dez perdedores falidos, empenham até o que não têm, através de promessas que jamais cumprirão, para poderem continuar jogando; nesse caso, se conseguem o crédito que não poderão ressarcir, e perdem ainda, um, dois e até mais entre dez perdedores suicidam-se.

— Santos seria mais um nessa lista infeliz?

Jordão tomou a iniciativa e interrompeu a tensão:

— Vamos tomar um café reforçado, pois estamos precisando...

Élcio não se mexia: nesses instantes, sabia que qualquer palavra, qualquer gesto, um simples olhar podem ser mal interpretados, e geralmente o são, dando início a violências. Sabia que os perdedores, não só de jogo, mas de quase todas as outras competições, procuram desesperadamente uma desculpa para o fracasso e qualquer detalhe, por parte do vencedor, é verdadeira espoleta que detona tal reação. Que se traduz, quase sempre, em agressão física, de resultados graves.

Pois mesmo com essa imobilidade, Élcio foi agredido por Santos:

— Então, vai ficar aí parado como um poste?

Élcio engoliu o desaforo, consciente de que Santos não mantinha controle sobre as emoções. Pegou as cartas e os cheques. Surpreendeu os parceiros:

— Nós três podemos ganhar...

Ao invés de guardar os dois cheques de quinze mil reais ficou com eles na mão, balançando-os à frente de Santos e Jordão. Seu gesto era de extrema argúcia: causar um efeito hipnótico nos parceiros. Nem foram precisos muitos segundos e logo Jordão e Santos pareciam dois zumbis olhando os cheques.

Para certificar-se de que os dois haviam se submetido à hipnose, alongou os movimentos e verificou, vencedor, que eles acompanhavam os cheques com o olhar fixo, ora para a esquerda, ora para a direita, para baixo, para cima, ou num ponto imóvel.

Nem pestanejou ao completar a frase:

—... com a venda da TELE-RADAR.

Um relâmpago visitou as trevas na alma de Santos.

Jordão, da mesma forma, com menor intensidade, captou que havia possibilidade de lucro no ar:

— Como assim? — inquiriu Santos, aflito.

— É simples: vamos nos reunir com a diretoria e abrir o jogo sobre os desfalques.

— Você está louco? Vão me mandar para a cadeia.

— É sim — anuiu Jordão, completando: o Junior é fogo, não perdoa. Vai chamar o Delegado e em meia hora seremos “hóspedes” da prisão.

— Nada disso, nada de cadeia, meus amigos. Tenho um plano e, se vocês toparem, sairemos ganhando, os três.

Emudeceram Santos e Jordão.

— Vamos nos reunir com a diretoria — explicou Élcio — e faremos uma triangulação financeira: confirmo meu silêncio quanto aos “vales” de Santos, cuja casa será passada para a TELE-RADAR, para quitar seus “empréstimos”; eu só aceitarei prosseguir na venda da empresa se a casa, na mesma hora, for transferida da firma para mim, pelo mesmo valor dos citados “vales”, isso para pagar minha comissão sobre a venda.

— Desse jeito, continuo perdendo a casa...

— Não, você não está perdendo a casa: você estará se livrando de ser preso e sua família ser humilhada — apelou Élcio, com energia, acrescentando, ríspido: ainda não terminei de expor meu plano...

— Perdão — balbuciou Santos —, agora submetido.

— Quando eu vender a TELE-RADAR vou precisar de um gerente financeiro da minha confiança...

Santos teve a sensação que derramaram um balde de mel em sua cabeça.

— Você, pois, ficará no mesmo cargo e na mesma casa, que eu lhe revenderei, para ser paga em prestações descontadas do seu salário...

— E eu? — perguntou Jordão, cobiçoso.

— Você — Élcio jogou pesado —, continua com seu escritório de contabilidade e com seus clientes, sem ser divulgado o que aconteceu na TELE-RADAR, que aliás, deixarei continuar também sob seus cuidados contábeis...

Jordão engoliu a decisão de Élcio, exposta com dureza. Santos não se conteve: num gesto nascido do inconsciente, levantou-se, abraçou Élcio pelas costas, beijando-lhe primeiro a testa e, a seguir, a mão... que ainda estava com os cheques.

Élcio foi incisivo:

— Vocês serão chamados a confirmar meus termos e será bom que, além disso, façam alguma referência sobre algum “probleminha” da TELE-RADAR, que só vocês saibam... do tipo sonegação, horas-extras a pagar, sugeriu.

Mais diabólico, impossível.

Sem dar chances a quaisquer outras providências por parte dos donos da TELE-RADAR, logo cedinho tiveram que aceitar o “convite” de Élcio, para resolverem de imediato a venda, pois se a notícia dos desfalques circulasse o negócio se tornaria irrealizável.

Élcio expôs a questão com absoluta precisão de valores e de maneira sagaz enunciou as possíveis vertentes negativas de um escândalo, com prejuízos inevitáveis para a já combalida TELE-RADAR.

Com muita segurança fez a proposta de compra, incluindo a transação com a casa de Santos, com o que liquidava o caso dos desfalques. Responderam os sócios:

— Precisamos de tempo para pensar.

— Pois não — concordou Élcio, desfechando o golpe mortal: “antes de vocês decidirem, precisamos agora mesmo de ouvir Santos e Jordão, para que eles aceitem “nossos termos”. “Do contrário”, ameaçou, “creio que não terei mais nada a fazer nesta cidade, só me restando voltar, sem fazer o negócio...”.

Santos e Jordão foram buscados de imediato.

Junior expôs-lhes a proposta de Élcio e, ao término, falou com soberba:

— Se vocês não concordarem, o Delegado será imediatamente chamado para nos assessorar nesses “probleminhas”...

Jordão, irritado com a ameaça, devolveu com calma:

— Concordo, da minha parte. Porém, se o negócio não se realizar, seria bom os senhores chamarem também alguém da Receita Federal, para uma “inspeçãozinha” no recolhimento dos impostos...

— Chamem também o pessoal da Delegacia Regional do Trabalho — aduziu Santos, justificando: “parece que os operários têm umas “coisinhas” para contar...”

Todos gentis. Todos usando o diminutivo...

Jerônimo avançou para Santos e desferiu-lhe um soco, que felizmente não acertou, pois a cólera tirou o equilíbrio do agressor que, ao cair, agarrou-se a Junior, caindo ambos, numa ridícula cena.

— Nada de agressões — comandou Élcio, ajudando os sócios a se erguerem, usando de firmeza e incrível senso de aproveitamento do momento psicológico para determinar: Vamos fechar o negócio agora, sem perder um minuto mais; esquecerei tudo que acabo de ouvir e tudo que sei, desde que vocês me deem, como comissão, a casa de Santos.

— Isso é uma loucura! — exclamou Junior.

— Não, não é: isso é uma pá de cal nesse tortuoso caso. O Santos fica quitado de seus desfalques, mantém o emprego com o novo dono da firma, conforme indiquei, e permanece morando na mesma casa; o Jordão livra-se de ser conivente-avalista e mantém seu escritório funcionando nesta cidade, sem abalar sua reputação; quanto à TELE-RADAR, não dá queixa, é vendida, salda seus débitos e você e Jerônimo ainda ficam com algum dinheiro.

— E você... — começou a ironizar Junior.

— Quanto a mim, creio que mereço gratidão, pois estou resolvendo problemas de vocês quatro.

Outro "xeque-mate", esse quádruplo, inexistente no xadrez, ainda do mesmo não enxadrista.

Os proprietários sentiram, num segundo, que tudo aquilo era verdadeiro: a TELE-RADAR, depois daqueles problemas e daquele dia, jamais seria a mesma. Aliás, haviam conversado com as esposas, em reunião na noite anterior, contando a proposta de Élcio e as falcatruas de Santos e Jordão. Delas, ouviram que se livrassem "daquele abacaxi", isto é, da empresa, quanto mais rápido possível, melhor...

— Fechado! — disse Jerônimo, abatido.

— Fechado! — homologou Junior.

Élcio comunicou-se com José, dono da ELETRONICAL e da SOM & VOZ, informando que o negócio estava fechado, solicitando que viesse formalizá-lo.

Uma semana após, quando a venda foi concretizada, Élcio tinha ganho da ELETRONICAL cinquenta mil reais em dinheiro, de comissão, e ainda ficara com a casa de Santos. Este continuaria no mesmo cargo e morando na mesma casa, tranquilizando-se em parte. O mesmo com Jordão, que vira seu nome, profissão e reputação serem salvos.

— Fechado! — exclamou Jerônimo, quase às lágrimas, quando a venda se formalizou.

Perdia um sonho, sacrificava um ideal, ficava sem a empresa que um dia, partindo de baixo, alcançara invejável posição mercadológica. Crise financeira não prevista afetara as vendas, tirando o fôlego da TELE-RADAR para saldar os investimentos e os compromissos rotineiros. Era pungente.

Junior, mesmo sendo sócio minoritário, também estava deprimido, vendo esboroarem-se seus planos futuros, de vir a tornar-se independente e grande industrial...

3. ÓDIO: MAU CONSELHEIRO...

No decorrer das providências da venda da TELE-RADAR para a ELETRONICAL, José fez várias visitas àquela que seria a filial nº 2, sendo a SOM & VOZ a nº 1. O preço pago foi altamente compensador para os planos de expansão que tinha em mente.

José, nos contatos com Jerônimo e Junior, captou que a transação fora pontuada por alguns problemas e sem dificuldade apurou o que tinha ocorrido.

Prosseguiu e concluiu a negociação, vantajosa para ele, contudo, assim que tomou posse definitiva, determinou três medidas imprevistas: despediu Santos, por ser inconfiável, dispensou os serviços contábeis de Jordão e pressionou Élcio a entregar para a ELETRONICAL a casa que era de Santos, isso para indenizar os desfalques.

Seu argumento, robusto, era o testemunho dos ex-donos da TELE-RADAR de que a casa fora dada por Santos para cobrir o que havia surrupiado.

De justiça, pois, que pertencesse o imóvel a ele, ou melhor, à ELETRONICAL.

Élcio, cada vez mais seguro de si, simplesmente ameaçou denunciar às autoridades locais os problemas fiscais da TELE-RADAR, que conhecia. Dessa forma, usou as dificuldades principalmente de Santos e Jordão, além das de Jerônimo e Junior, para garantir seu negócio. Além do mais, se a Polícia interviesse, além da Receita Federal e mais a Delegacia Regional do Trabalho, a TELE-RADAR perderia seu conceito junto aos clientes, despencando as já pequenas vendas, além do descrédito junto aos Bancos. Seus produtos, nesse contexto, dificilmente teriam compradores. Ruína, certamente. Falência à vista...

Jogando com todos esses fatores, mais uma vez Élcio ganhou a cartada, pois José, refletindo sobre a perda do bom negócio, acomodou-se como estava, desistindo da casa.

Em breve, todos ficaram mais ou menos quietos.

Todos, menos Santos, que além de perder a casa e dinheiro que não tinha como pagar, perdeu também o emprego. Sabia que

naquela cidade, na qual “todos sabiam da vida de todos”, jamais conseguiria levantar seu moral, ninguém o empregaria e até mesmo a sociedade local, discriminatória por excelência, o rejeitaria. Aliás, já começara a ser repellido: nem bem o negócio da venda da TELE-RADAR tinha sido consumado e o clube no qual era sócio “convidou-o” a comparecer na sede social, para “tratar de assuntos do seu interesse”:

— A diretoria — informou-lhe o atendente — sugere que o senhor peça demissão.

Na hora, Santos identificou a origem do “convite”: Junior era diretor social do clube...

Mas não ficou só nisso: o Banco no qual era correntista, sendo até então muito bem tratado, convocou-o:

— O gerente pediu-me para informá-lo de que sua conta corrente “talvez” tenha que ser encerrada.

O gerente nem sequer o atendeu, incumbindo um auxiliar para transmitir-lhe esse recado, “com a maior gentileza possível”.

— Com a venda da TELE-RADAR — informou o bancário, justificando —, o Banco tomou conhecimento de que o senhor foi dispensado das funções de Gerente Financeiro e que sua casa foi “cedida” para pagar seus empréstimos junto aos ex-patrões.

A maneira como o auxiliar houvera pronunciado a palavra “empréstimos” denunciava que o Banco sabia dos desfalques.

É: naquela cidade tudo transpirava, mesmo.

— Seu cartão de crédito especial — aduziu o bancário — “foi cancelado e o débito na sua conta corrente terá que ser saldado logo, para não ser encerrada, com comunicação ao Banco Central”.

Teve mais: ao solicitar um talão de cheques, foi-lhe negado.

Em casa, junto à família, não foram menores os problemas de Santos, incapaz de justificar à esposa o injustificável: perda do emprego e da casa. Quando Vilma, sua mulher, ouviu a terrível confissão, teve um acesso de raiva.

— Vou agora mesmo à TELE-RADAR — disse gritando e gesticulando descontroladamente —, para “pôr as coisas em pratos limpos”; passarei antes na Polícia, para fazer denúncia dessa maldade com meu marido e meus filhos.

Santos não teve escape: contou tudo.

Vilma, sem acreditar no que ouvia, passou da exasperação à apatia total. Ficou olhando para as mãos, ora para a palma, ora para o dorso...

Santos, naqueles instantes, os piores da sua vida, pensou várias vezes em suicidar-se.

Por poucos segundos não realizou tal intento: Vilma, em evidente choque, começou a tremer, a apresentar convulsões e caiu bruscamente; não fosse a agilidade de Santos teria batido a cabeça no chão.

O pior ainda estava para chegar: no dia seguinte, logo cedo, a campainha tocou e, quando Santos atendeu, o homem identificou-se:

— Bom dia!

Empalideceu, pois o conhecia: era o corretor de imóveis, dono da melhor imobiliária da cidade.

— O que o senhor deseja?

— Gostaríamos de dar uma olhadinha na casa, para ver como está... O novo proprietário nos contratou para vendê-la.

Esforçou-se para não agredir e expulsar o corretor. Não era possível! Como aquele tal de Élcio pudera fazer isso? Como pusera a casa à venda sem ao menos dizer-lhe uma palavra...

Sem conseguir raciocinar direito, teve uma única reação:

— Esta casa é minha e não está à venda. Faça o favor de retirar-se.

— Se eu fosse você não faria isso. Estamos com a escritura de posse do imóvel e sua objeção poderá sair-lhe caro. Se entrarmos na Justiça, você perderá, não só a causa, como ainda terá que pagar todas as custas... Além disso, poderemos também requerer indenização por perdas, pois agora já temos um cliente interessado nesta casa e, se demorar, talvez o percamos. Depois, não sabemos se encontraremos outro comprador.

Vilma, que havia se aproximado, ouviu a explanação do corretor. Não conseguiu impedir o pranto descontrolado. O corretor contornou o impasse:

— Voltaremos mais tarde. Bom dia.

Santos saiu logo após, dirigindo o carro como um louco, indo até a cidade onde morava Élcio. Sua mente não conseguia ordenar os pensamentos. Só sabia que era indispensável estar frente a frente com o homem que, afinal, o arruinara. Urgente, eliminá-lo.

Chegando ao destino, foi até a SOM & VOZ, não passando sequer da portaria, pois, ao se identificar, a recepcionista recebeu ordens taxativas de não dar-lhe quaisquer informações.

— Deixe-me falar com o dono, por favor...

— Sinto muito: está em reunião.

Santos ficou na recepção quase duas horas. Só então deu-se conta de que ali era indesejável — “persona non grata” —, como se recordou de haver lido, sobre alguém, recusado por outra pessoa...

Saiu e dirigiu-se a um bar, onde bebeu bastante.

Mas tamanho era seu ódio que nem a bebida conseguiu atenuá-lo: precisava urgente ver Élcio e se possível esmagá-lo... Nem sequer raciocinava que de nada isso adiantaria, pois os danosos fatos que o alcançaram tinham sido provocados por ele mesmo.

Invisíveis a encarnados, uma verdadeira chusma de Espíritos infelizes assessoravam-no: incutiam-lhe escabrosos pensamentos de vingança, desenhando hipnoticamente paisagens sombrias na sua tela mental.

Saiu do bar e, já meio embriagado, retornou à SOM & VOZ. Portando-se agora de modo agressivo, a Polícia foi chamada e aos trancos conduziu-o para a Delegacia. Sem condições de ser qualificado, pela embriaguez, foi jogado numa cela, para refazer-se. Acabou vencido pelo álcool e dormiu até à noite. Quando acordou, sem saber onde estava, tendo por companhia homens mal-encarados, teve o desprazer de ser informado:

— Oi, gracinha: só amanhã vossa senhoria poderá ser “atendido” pelo doutor Delegado.

— Onde ele está? Quero falar com ele, agora.

— Ah, é? Ele está quase sempre ausente, fazendo uma diligência. Eu não posso atendê-lo, doçura?

Apavorado, percebeu que os “colegas” olhavam-no de forma diferente... Retraiu-se e refugiou-se num canto da cela. Seis ou sete detentos foram se aproximando... se aproximando... Santos sabia o que o esperava.

Num lance que lhe salvou a integridade, enfiou a mão no bolso e tirou cinco notas de cem reais, parte da indenização recebida quando da sua demissão da TELE-RADAR.

Entre presos, geralmente, dinheiro é solução para muitos problemas. Para ele foi, isto é, ali não foi diferente, pois quando as

notas mudaram de dono, foi até festejado. Salvava-se da ignomínia. Por precaução, porém, não dormiu um único minuto mais.

Até conseguiu narrar parte da sua desdita.

— Não é assim que se age, seu bobo — aconselhou um dos detentos, completando: “fique do lado de fora da firma e quando alguém sair, que você perceber que é pobre, ofereça uma grana para ele dar a dica de onde mora o fulano que você quer ver”.

Após ser qualificado e por nada constar contra ele, Santos foi dispensado, não sem antes receber um sermão, passado pelo Delegado.

Seguiu o conselho do detento. Conseguiu o endereço de Élcio e, quando lá chegou, seu coração pulsava forte, pura adrenalina, querendo “quase sair do peito”.

É muito mau conselheiro o ódio.

— Mas quem é agredido e não revida? As palavras de Jesus, quanto à oferta da outra face ao agressor³ talvez só tenham sido ouvidas, nesses dois mil anos, por três pessoas. Cinco, no máximo...

— O senhor Élcio viajou — informou o zelador do prédio, sem erguer o olhar.

— Para onde?

— Não sei. Não me contou e eu não perguntei...

Quase ia descarregando sua fúria naquele mal-educado quando se lembrou do “bom conselho” do colega de cela, há poucas horas. Pegou uma nota de dez reais e colocou-a na frente do zelador. Nada disse. Nem precisava.

— Foi para uma viagem de turismo, fora do Brasil.

— Para onde?

Santos pegou outra nota de dez. Mas não soltou-a. Quando o zelador foi pegá-la de sua mão, retraiu-se.

— Ele é jogador — surgiu nova informação — só sei que foi jogar noutros cassinos do Caribe, onde corre grana alta... Ouvei ele falar isso no telefone, com alguém.

A nota mudou de endereço.

Santos, frustrado, voltou para sua cidade.

Quando chegou encontrou Vilma aflitíssima:

— Santos, o que você fez? Estão todos procurando-o e ninguém sabia onde você estava...

³ Mateus, 5: 39. Nota do Médium.

— Fui ver aquele traidor...

— E daí? Para quê? Por acaso não foi você que errou, e muitas vezes?

— Não o encontrei. Viajou para fora do país. Quem me procurou? O que queriam?

— O Banco mandou um emissário aqui, várias vezes, ontem. Fui lá falar com o gerente e ele me apresentou três cheques assinados por você, sem fundos...

— De quanto?

— Dois de dez mil reais e um de quinze mil...

— Miserável! Ele apresentou os cheques! Tenho mesmo que matá-lo!

Por duas semanas procurou emprego. Todas as tentativas fracassaram. Não tardou a perceber que naquela cidade nenhuma porta profissional se abriria para ele. O desfalque que dera havia transpirado, embora oficiosamente, e por isso nem conseguia ser recebido. Definitivamente: ali não havia mais lugar para ele.

Procurou Jordão, pois no mundo inteiro era a única pessoa que poderia ajudá-lo. Pensava: Afinal de contas, não foi o Jordão que ficou com todo o dinheiro que "peguei emprestado" na TELE-RADAR? Não foi ele que ajustou a contabilidade para que cada vez mais os "empréstimos" não aparecessem? Claro, claríssimo: ele tem obrigação de me socorrer.

Com tais pensamentos, que traduziam certeza de ser atendido, foi logo se expressando, quando Jordão o atendeu:

— Estou na pior: perdi o emprego, perdi a casa, minha conta no Banco foi encerrada, minha mulher não quer me perdoar, ameaça me deixar, e isso não é tudo...

Jordão ouvia-o, aborrecido. Prosseguiu:

— O pior, mais grave, é que aquele cretino do Élcio, ainda por cima, apresentou meus cheques...

Vendo a imobilidade do ex-parceiro de tantas jornadas, ou melhor, de tantas noitadas na jogatina, Santos concluiu:

— Temos que resolver isso...

— Temos?! — inquiriu Jordão, com desconforto.

— Claro, temos: você é testemunha que aqueles cheques eram de mentirinha.

— Mentirinha? Mentirinha? Que é isso, meu amigo? Quem é que faz cheques naqueles valores, só de "mentirinha"? Fique

sabendo que meus cheques também foram apresentados e descontados. Aliás, perdi por sua causa... E o Banco está me perturbando por eu ter sido seu avalista.

— Mas, Jordão, você viu: naquele jogo dei os cheques por sugestão dele, para tentar ganhar e efetuar o pagamento dos... “vales”. Estou pensando em me vingar e dar uma lição naquele bandido. Você tem que me ajudar. Você viu como ele é traidor.

— Não vi nenhuma traição. O que vi foi você extrapolar, perder como um gambá cego e ainda por cima querer perder mais. Se o Élcio não parasse, você ia precisar de todo o dinheiro do Banco para pagar suas dívidas.

— Mas eu poderia também ganhar...

— Você? Você só perde, meu amigo — desabafou Jordão, não mais conseguindo frear o desprezo que Santos lhe despertava. Acrescentou: “tem gente que nasce para ganhar e tem gente que nasce para perder. Você é desse último time”.

— Se você pensa assim, por que jogou tanto tempo comigo?

— Porque você não se dá conta do quanto é ridículo. Qualquer principiante joga melhor que você.

— Então... se você sabia disso o tempo todo, só fez me roubar...

— Eu, roubar? Você está me chamando de ladrão? Não sabia que quem ganha no jogo é ladrão. Acho bom se mandar, cair fora, sumir da minha frente.

As tensões agora beiravam ao insuportável.

Santos sentia-se encurralado, sem saída possível.

Tudo lhe era adverso. Perdendo o pouco de controle que conseguira manter até aquele momento, voou, literalmente, sobre Jordão. Sendo fortes, ambos, engalfinharam-se, agredindo-se quais cães danados, aos palavrões.

Familiares de Jordão acorreram, espantados pela balbúrdia e logo se puseram também a gritar. Vizinhos vieram ver o que era aquela gritaria. A custo os contendores foram separados. Estavam feridos e com sangue escorrendo pelo nariz e boca. Santos quebrou três dedos da mão direita. Jordão perdeu dois dentes. Quando a Polícia chegou, chamada não se sabe por quem, foi lavrado o Boletim de Ocorrência e conduzidos os dois brigões ao Pronto-Socorro. Após serem medicados, foram liberados, pois nenhum dos dois quis apresentar queixa.

Santos, com dores terríveis no corpo todo, mas principalmente na mão, chegou à sua casa em tempo de ver a “velha Kombi” do sogro partir, levando a mulher, os dois filhos e alguns pertences.

Deixavam a casa antes do despejo.

Perdera o último e mais sagrado bem: a família!

Definitivamente, não havia ninguém no mundo que pudesse socorrê-lo. Estava só. Só!

Entrou no primeiro bar e embriagou-se, tornando-se inconveniente. Como não parava de repetir sua triste sina, o dono do bar levou-o para fora, aos trancos, expulsando-o. Na calçada mesmo, dormiu pesado, por horas, sob efeito da bebida.

Foi acordado por Jarbas, ex-colega seu na TELE-RADAR, que voltava para casa, após um serviço noturno que executara na agora “ELETRONICAL - 3”, ex-TELE-RADAR:

— Senhor Santos, o que é isso? Acorda, senhor.

Santos ergueu-se cambaleante, ajudado por ele.

— O que o senhor está sentindo?

Logo percebeu: Santos estava bêbado.

— Vou levá-lo para sua casa...

— Eu... não tenho mais casa, nem mulher, nem filhos, nem emprego, nem amigos, nem cheques, nem nada...

— Deus é Pai, senhor Santos, e não abandona nenhum dos Seus filhos...

— Não me fale de Deus. Se eu era filho d’Ele, agora estou órfão.

— Não fale assim. Vamos até minha casa, tomar um banho e um café.

E, assim, Santos encontrou um ombro amigo. Hospedado provisoriamente por Jarbas, que morava numa casa pequena, foi alojado num quartinho dos fundos.

Nos dias seguintes, Jarbas teve ocasião de conversar amigavelmente com Santos, tentando desanuviar-lhe a mente dos pensamentos infelizes que seu semblante e suas palavras deixavam entrever.

Jarbas era espírita, médium esclarecedor⁴, intuitivo e sensível, muito estudioso do Espiritismo, frequentando assiduamente um Centro Espírita perto de sua casa.

⁴ Médium esclarecedor: aquele que oferta orientação evangélica a encarnados, que buscam nos Centros Espíritas alívio às suas aflições. Tais médiuns também

— É, Jarbas, se com saúde não consegui emprego, imagine agora, com a mão engessada.

— Não desanime senhor Santos. Logo o senhor vai ficar bom e as coisas vão melhorar.

— Perdi até a coragem de tentar sair dessa... A esperança morreu, para que continuar vivendo? Sou ninguém, sou nada, não existo...

Com efeito, embora socorrido bondosamente por Jarbas, Santos deixara que o ódio, por tudo e por quase todos, corroesse seu interior. Odiava Élcio, mais que tudo, em particular. Só esse sentimento o mantinha vivo.

— Nada disso, senhor Santos: no curso de cada existência, das inúmeras que todos os seres temos, sempre se nos deparam momentos intercalados, ora de problemas, ora de calma relativa. A própria Ciência hoje já comprovou que o homem tem uma alma e que ela é que decide todas as ações da vida, sendo o organismo apenas o executor dos atos físicos.

— Não acredito nessas coisas...

— O fato do senhor não acreditar não as elimina. Aliás, é fato comprovado que a mente é, talvez, a mais poderosa ferramenta da alma, agindo sem cessar. Da ação mental nascem os pensamentos e deles, todo um complexo e imperscrutável processo de atividade glandular, na produção ininterrupta de hormônios. Esses hormônios irão visitar e se alojar em células de órgãos específicos, daí resultando saúde ou doença, paz ou aflição, amor ou ódio, alegrias ou tristezas. Sabem os psiquiatras que o equilíbrio existencial, traduzindo-se por alegria de viver, é resultante da produção hormonal de cada indivíduo, gerada a partir de sentimentos elevados, indutores de saúde.

— Então, quer dizer que quem sente raiva fica doente?

participam de reuniões mediúnicas, nas quais visitantes (Espíritos desencarnados) expõem suas dificuldades e eventuais sofrimentos, recebendo apoio moral e esclarecimentos doutrinários, sempre baseados nos ensinamentos de Jesus e na Justiça Divina. Como se vê, são agentes da Caridade do Pai e agem fraternalmente inspirados por amigos da Vida Maior, proporcionando elucidações evangélicas a sofredores encarnados/d desencarnados. Nota do Médiun.

— Tão certo como dois e dois são quatro. Esse mecanismo mental pensamento-hormônios-ação física é visto com muita naturalidade pelo Espiritismo. Aliás... o que o senhor me diz da sua mão quebrada? Será que estava rezando quando se machucou?

O argumento era irrespondível.

— Vou ficar doente ainda por muito tempo...

Jarbas, na tentativa de ajudar o ex-gerente, prosseguiu:

— Em Espiritismo não se diz que o homem tem uma alma; diz-se que ele é uma alma. Sobre isso, diz mais a Doutrina dos Espíritos: quando o Espírito está "vestido" da roupa carnal — o corpo físico —, é uma alma, encarnada, pois; quando sem a roupagem física, desvestida pelo natural fenômeno da morte, é um Espírito, donde podemos deduzir que o Espírito é imortal!

Santos, infelizmente, desacreditava no que ouvia.

Jarbas procurou ainda continuar esclarecendo-o, buscando libertá-lo dos sentimentos negativos que nutria:

— Alma ou Espírito são estados-condições de uma mesma individualidade. Mudam, apenas, os planos de vivência — ora no material, ora no espiritual. Se no primeiro somos quase seis bilhões de almas, no espiritual mais ainda. Através de informações do Plano Maior⁵ podemos conjecturar que a proporção é na ordem de cinco ou seis Espíritos (os desencarnados) para cada alma (os encarnados). Apenas essa ideia já nos induz a agradecer a Deus a bênção da vida na jornada terrena, muitas vezes verdadeiro filtro depurador de nossas mazelas, que nós mesmos plantamos em vidas passadas e aos poucos vamos colhendo-as, até o resgate total dessas faltas.

— Sabe, Jarbas, você tem sido bom para mim, mas, no meu caso, não creio que a vida hoje seja uma bênção...

— Raciocine comigo, dentro dos postulados espíritas: os planos material e espiritual são a moradia dos vivos e dos "mortos" e esses dois planos interpenetram-se, daí resultando infundáveis

⁵ Em "Roteiro", o Espírito Emmanuel, pela psicografia de F. C. Xavier, Cap. 9, Ed. 1952, FEB, RJ/RJ, informou: "*A Terra é uma universidade sublime... mais de vinte bilhões de almas conscientes, desencarnadas, sem nos reportarmos aos bilhões de inteligências sub-humanas que são aproveitadas nos múltiplos serviços do progresso planetário, cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas da evolução*". Em 1952, a população mundial era de aproximadamente 2,5 bilhões de habitantes e em 1997, 5,7 bilhões. A proporção conjecturada no texto contempla a média aritmética dos dados até a 1ª edição deste livro (1998). Nota do Médium.

simbioses, uniões e separações, maravilhas e escândalos, bênçãos e injúrias.

— Você acha que tem “gente do outro mundo” no meu pedaço?!

— Certamente que sim, mas não apenas com o senhor. Todos temos invisíveis companhias que sintonizam com nossos pensamentos, sejam bons ou maus. A sábia lei da sintonia, perfeita e inexorável, faz com que as criaturas se aproximem segundo suas tendências. Por exemplo: se jogam dois grandes times de futebol, as respectivas torcidas formarão dois blocos, unidos, corporativamente fortes, mas contrários entre si. Em tudo na vida, a escolha é nossa. Por isso que temos amigos e inimigos. Deus é o Criador de tudo e de todos os seres vivos, aos quais proporciona meios absolutamente iguais de progredir, já que evoluir é uma constante para todos, por ser Lei Divina.

— Mas como progredir se em nosso caminho atravessam bandidos?

Santos referia-se a Élcio.

— O homem, na caminhada evolutiva, tem por escola-moradia o planeta Terra, vivendo em família, sob quatro paredes e nela frequentando vários cursos, com vários colegas de classe; também é inquilino temporário em vários endereços, nos quais tem vários vizinhos; e ainda, trabalha em vários empregos, na companhia de outros trabalhadores. Pois bem: em todas essas atividades, que geralmente fazem com que uns fiquem redobradas horas perto de outros, não há o acaso. Espíritos Siderais planejam tais estágios, colocando lado a lado criaturas desajustadas, para que com a convivência aparem as arestas e acumulados desajustamentos.

— Quem nos prejudica foi colocado ao nosso lado de propósito, por esse povo que você chama de “Espíritos Siderais”? — admirou-se Santos, só pensando em Élcio.

— As pessoas que nos prejudicam não foram colocadas ao nosso lado com essa finalidade. Estão, sim, reaproximadas de nós, para que ambos exercitemos o perdão, se ofendidos, e a reparação, se os ofensores.

— Como saber quem é quem?

— De um modo geral, não é difícil: aquele que nos cobra, terá sido provável vítima nossa, numa vida anterior; assim, aquele que é cobrado, é mesmo o devedor.

— Mas isso é muito vago, pois esse mundo está cheio de bandidos.

Sempre pensando em Élcio...

O que o senhor chama de bandido é alguém que o destino aproxima de alguém, para se harmonizarem, pois se o perdão se fizer presente, a união desses tais trará muitas felicidades para eles.

— Mas por que não lembramos quando esses desajustes aconteceram, para melhor identificar o culpado e o inocente?

— Até nisso vemos a Sabedoria de Deus em nos proporcionar o esquecimento do passado, pois se inimigos de outras vidas retornassem com lembrança plena dos acontecimentos, não haveria a menor chance de reconciliação. Considere você que muitas mães embalam, com profundo desvelo e amor, filhos que irão crescer e conviver entre si, num ambiente propício à paz, que talvez em outras vidas não vivenciaram. Isso sem esquecer que quando um casal se une, vindo a constituir família, certamente estará, de início, reconstruindo união anterior.

— Mas até quando isso vai acontecer?

— Os reagrupamentos para pacificação recíproca estarão acontecendo no mundo, através das reencarnações sucessivas, até que os homens aprendam a se amar, excluindo do passado todos os prejuízos que uns tenham causado a outros. O pêndulo que nos faz nascer-morrer-renascer proporciona-nos várias rematrículas na escola da Vida, quando há repetência; “passando de ano” nesses cursos existenciais, nós, os alunos, ainda aqui permaneceremos, porém em estágios curriculares mais adiantados, isto é, com menores sofrimentos e com mais condição de ajudar os que estão na retaguarda do nosso aprendizado.

— Tudo isso é muito bonito, mas o que mais se vê são bandidos na nossa frente.

— Peço licença, senhor Santos, para uma observação, sem entrar na intimidade da sua alma, mas olhando para seu exterior: sinto que o senhor está com a ideia fixa em alguém, julgando-o seu inimigo. Não me diga o que aconteceu, mas, qualquer que seja o problema, é prudente não esquecer que quando alguém formula um pensamento e o mantém ativo na tela mental, suas vibrações logo atrairão outro alguém, com o mesmo pensamento. Essas duas fontes emissoras podem estar, entre si, a quilômetros de distância, e até

jamais virem a se conhecer. E mais: um pode ser encarnado e o outro desencarnado...

— Então um pensamento fixo meu, por exemplo, poderá me trazer aliados?

— Isso mesmo. Só que, se o pensamento é bom, sempre será feliz essa união mental; porém, se há desarmonia na intenção, se há ódio, ciúme, cobiça, maldade ou outro componente infeliz, esse acoplamento gerará infelicidades.

— Começo a entender como aquele bandido me prejudicou: estava ajudado por “coisa ruim do outro mundo”... Diga-me, Jarbas, como é que eu me defendo disso?

— O Espiritismo é pródigo em aconselhar a prece e a autorreforma, através do domínio das más tendências, expulsando de nossa alma todo sentimento negativo, principalmente da vingança... Dedicando-se ao Bem, nossas mazelas serão superadas e não somaremos novas dívidas ao nosso passivo, pelo contrário, resgataremos. Do contrário, estamos plantando dores... que no futuro teremos que colher.

Sob a benéfica influência de Jarbas, Santos continuou procurando emprego. Passou novas humilhações. Sabia que não poderia continuar na casa do amigo, “mas, para onde ir?”, pensava agonizado. O dinheiro, pouco, estava acabando. Ocorreu-lhe uma única saída: jogo!

Foi até um barzinho perto da ex-TELE-RADAR e esperou a hora da saída e, quando alguns ex-colegas o viram, deram desculpas e não ficaram no bar. Foi tão ostensiva a reação dos fregueses que o dono do bar, com rudeza, disse ao solitário freguês:

— Senhor Santos, me desculpe a franqueza, mas o senhor não deve mais voltar aqui...

— Por quê?

— Porque sua presença espantou bons fregueses.

— E eu? Não sou bom freguês?

— Foi. Desculpe-me outra vez, mas o pessoal andou falando umas coisas do senhor, nada boas...

Santos entendeu. Não adiantava insistir. Pagou sua pequena despesa e retirou-se. Sentindo-se envergonhado de retornar à casa de Jarbas, andou a esmo na noite fria. Perto da meia-noite, sem ter para onde ir, veio-lhe à mente o ambiente “acolhedor” da casa-

cassino de Jordão, onde tantas e tantas noitadas passara, fazendo aquilo que mais o emocionava: jogar.

Num irrefreável impulso dirigiu-se para lá.

Sem agasalho, com fome e sentindo dores no corpo todo, tocou a campainha. Jordão atendeu-o:

— Não acredito! O que você quer aqui?

— Deixe-me entrar e ficar um pouquinho aí dentro.

— Você perdeu a vergonha? Quer uma lição?

O tom agressivo do ex-parceiro significava que ali não seria admitido nunca mais. E que alguma coisa, ruim, indefinida, pairava no ar.

— Jordão — implorou Santos, o desespero crescendo —, não tenho onde dormir, por caridade, deixe-me ficar uns tempos aqui, tomando conta de tudo, mesmo sem ganhar nada...

— Você acha que eu sou bobo? Quem entrega a chave do galinheiro para a raposa?

Mão quebrada, corpo doendo, um frio danado e fome: nada disso impediu abrupta reação. Santos novamente atirou-se sobre Jordão, aos socos. Mesmo estando preparado, Jordão caiu. Quando Santos, também no chão, tentou esganar o adversário, deu um grito, pois o gesso se deslocou e a dor foi insuportável. Ergueu-se segurando a mão, aos gritos de dor. Machucara-se sozinho. Porém, ainda no chão, Jordão sacou do revólver que trazia oculto e que tanta "autoridade" lhe dava. Atirou três vezes. Acertou o primeiro e errou os outros dois tiros. Santos rodopiou e foi isso que livrou-o de ser atingido mais de uma vez. Ante a dor brutal que sentia na mão, acrescida da dor causada pelo tiro que o atingiu, caiu desacordado.

Duas pessoas que estavam ali jogando e que tinham vindo ver a confusão retiraram-se às pressas, sem acudi-lo e sem se despedir, temendo complicações com a Polícia.

Jordão chegou junto a Santos, caído de bruços e com o pé virou-o.

"Está morto, matei-o", pensou.

Começou a tremer. Sentiu ânsia de vômito.

4. SEMENTEIRA DE JOIO

A uns três mil quilômetros de Santos e Jordão, o cassino era uma festa só: luzes, roletas, dados, cartas, caça-níqueis eletrônicos. No preciso instante em que Santos foi atingido no abdômen pelo tiro, Élcio estava numa roleta, aguardando uma alta jogada: tudo o que tinha. Esperava “aquela sensação” que sempre o visitava, antes das jogadas que ganhava.

Retornara outras vezes ao Caribe, sempre reencontrando Sofia, no mesmo “emprego”. Do investimento que ela e o “sócio” pretendiam fazer no Brasil, nenhuma palavra. Não tocava no assunto, prudente.

Num reencontro, indo esperá-lo no aeroporto, Sofia contou:

— Os crupiês e alguns seguranças foram mudados lá no cassino onde trabalho. Agora poderemos ficar ricos. Hoje você deve jogar na roleta, para não despertar suspeitas. Alguém poderá se lembrar do que você fez na banca dos dados.

Élcio não gostou do “poderemos”. Contudo, à noite foi para o cassino, onde Sofia já estava. Fingiu que não a conhecia, conforme haviam combinado. Indo daqui para ali, fazendo pequenas jogadas, logo interessou-se pela roleta. A atração era irresistível, pela possibilidade de altas apostas.

“— A Sofia não sabe”, imaginava, “mas se ganho sempre nas cartas e nos dados, tudo indica que também ganharei aqui, quando o “sinal” chegar; é só esperar”.

Mal sabia que, assim agindo, como aliás vinha fazendo há muito tempo, mais e mais endividava-se com invisíveis assessores...

Com considerável quantia de fichas na mão, esperava um sinalzinho, por pequeno que fosse, vindo da “sua sorte”, conforme imaginava. Estava empolgado com tanto luxo, tantas pessoas jogando, tanto dinheiro rolando. E aquela bolinha de marfim saltitando, matreira, entre os trinta e seis números da roleta, do 1 ao 36, pulando nas divisões, pretas e vermelhas, vermelhas e pretas: simplesmente irresistível! A indução ao jogo era invencível. Nos números, na cor, ou nos números e cor, simultâneos. Chegou a pensar: “até o ar aqui dentro parece que tem gosto de jogo”.

Os minutos passavam e nada: "O sinal... cadê o sinal para eu jogar e ganhar?", pensava e aguardava, aflito, já quase não se contendo, diante da compulsão que o ambiente provocava.

Realmente, sentiu algo estranho: um arrepio, uma espécie de repuxo no estômago. Não era a sensação costumeira, mas tão empolgado estava ante a imensa quantia que pretendia ganhar que interpretou como sinal de "ir em frente". Diferente, mas sempre um sinal: teve uma pequena cólica intestinal, leve, mas imperiosa: precisou ir depressa ao banheiro. Quando voltou, raciocinou: "foi o sinal, só pode ter sido..."

Colocou grande aposta no tabuleiro, tudo no onze, vermelho.

Perdeu.

É rotina do jogo na roleta o apostador insistir num número e cor. Com Élcio foi diferente: foi para os dados e insistiu até não ter mais cacife. Nem onde buscá-lo. Procurou Sofia, mas não a viu. "Certamente está distraído algum feliz jogador, como fez comigo" — imaginou. Desarvorado, só restou-lhe ir para o hotel.

Saiu do cassino e caminhou até a praia, onde palmeiras mais pareciam sentinelas mudas que filtravam a claridade lunar, desenhando arabescos nas areias.

Sentou-se próximo às espumas e assim ficou algum tempo, ouvindo as ondas que incansavelmente vinham dar-lhe o "boa-noite". Tão perturbado se achava, contudo, que sequer agradeceu a Deus a bênção da energia sublime do mar que o reconfortou. Nem de leve passou por sua mente que aquele ar tinha gosto de "vida", bem diferente do ar do cassino, que tinha gosto de jogo...

Reperguntou-se: "por que não segui a inspiração? mas, parece que recebi o sinal; nunca mais arriscarei quando o sinal for para ir correndo ao banheiro"...

— Oi.

Levou um susto: "Não era possível: Sofia, aqui? Como encontrou-me? E quem é esse homem com ela?".

Ela própria respondeu as perguntas que Élcio formulou mentalmente:

— Que bom que você veio aqui. Há tempos meu sócio quer conhecê-lo.

— *Buenas noches, señor. Joachin. Usted?* (Boas noites, senhor. Joachin. Você?).

O homem aparentava quarenta anos.

— Élcio. Prazer.

— Representamos um grupo forte que administra cassinos e queríamos tratar de negócios com o senhor e esse lugar é bem adequado, pois ninguém nos ouve.

Será?...⁶

O homem, que a princípio julgara estrangeiro, agora se expressara muito bem, em Português, sem sotaque. Élcio entrou em defensiva:

— Nada tenho a tratar com vocês. Aliás, Sofia, seguindo seu conselho, acabei de perder bastante.

— Oh! querido! não foi culpa minha.

— De quem então?

— Da sorte, meu bem, da sorte. Você pode não acreditar, mas quando alguém é ganhador nato no jogo, como você, lá no cassino só recebe dados enfeitiçados...

— O quê? Isso é uma piada?

— Não zombe das tramas da sorte!

— Mas não estou zombando! Isso de dados enfeitiçados é uma pilhéria, aliás, de mau gosto.

— Ah, é? Por que você não ganhou, então?

— Como diz você mesma, por falta de sorte...

— Não, meu amor, não foi por falta de sorte. Vou explicar o porquê das suas perdas: os cassinos daqui e de algumas partes do mundo "sabem" quando alguém pode quebrá-los. Em todos eles há um limite para os ganhos. Chegado a esse limite, interrompem o jogo, por bem ou por mal, como aliás lhe expliquei.

— É. As tais "paradas técnicas".

— Isso mesmo. Sempre se dá um jeito. Por bem: existem pessoas com poderes ocultos que enfeitiçam dados, sob encomenda do cassino. Ganham bem para fazer isso. O feitiço nesses dados é para quebrar algum encantamento da sorte... Se isso não funcionar, o equipamento "quebra", ou o crupiê "sente-se mal" e precisa ser

⁶ A pergunta, do autor espiritual, remete-nos à questão nº 459 de "O Livro dos Espíritos", na qual os Espíritos que arrimaram Allan Kardec na Codificação do Espiritismo foram enfáticos em declarar que "Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos muito mais do que imaginamos". Acrescentaram: "*Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem*". Nota do Médium.

medicado, conforme diagnostica um médico “providencialmente passando por ali”...

Abaixando a voz, como se testemunhas os observassem, complementou: “Por mal: entram em ação operações combinadas, isto é, “alguém” provoca uma briga por perto e o jogador-ganhador é envolvido, seja fisicamente, porque “sem querer” os briguentos vão para cima dele, ou policialmente, pois logo surge um policial e o declara testemunha. Nessa hora, o jogador faz de tudo para “ser dispensado”. E consegue... desde que não volte mais ali. Compreendeu, meu bem?”.

Aquele “meu bem” não soava como “bem”, mas, sim, como “meu bobão”.

Élcio estava atônito com o que acabara de ouvir.

Duas outras informações o atordoaram ainda mais:

— Quando falham essas providências, ou se por algum motivo elas não puderem ser postas em prática, aí a derradeira opção sou eu.

Essa a primeira informação...

— Você?!

— Nós, aliás. Eu com homens e o Joachin com mulheres.

— Mas comigo não houve brigas por perto...

— Sim, mas houve a “parada técnica”, lembra-se? Recebi ordens de envolvê-lo, mas depois do nosso encontro gostei de você. E não me refiro ao que aconteceu no nosso encontro no motel, mas sim algo mais forte. Desde que o conheci sinto uma compulsão, como se alguém ficasse o tempo todo me mandando sair desse país e retornar ao Brasil, para trabalhar lá. Como só entendo de cassinos, convidei o Joachin para sermos sócios.

— Mas é ilegal, já disse.

— Ora, para isso daremos um jeito, só precisamos de alguém, desconhecido das autoridades, para administrar nossa representação no Brasil. Pensamos em você.

— Obrigado, pela confiança.

Élcio começou a interessar-se...

— Há uma coisa: você terá que bancar todas as despesas, jamais se dirigir à sede, aqui no Caribe. E o mais importante: depositar o “lucro” em 24 horas.

— E o que ganho eu?

— Dez por cento!

— Só uma curiosidade: por que nunca o vi, lá no outro cassino?

— Sou o gerente. Clientes lindas e ricas, ou que dão prejuízo, atendo-as no meu escritório, com entrada permitida a poucos.

Essa a segunda...

Entendeu, num relance, que tinha agido infantilmente, tendo sido manobrado por Sofia e Joachin e que, a despeito de sua tremenda sorte, perdera muito dinheiro para eles.

Era irrecorrível: teria que se vingar! Declarou:

— Aceito!

Não tivesse a passagem aérea de volta, teria ficado em apuros. No dia seguinte, retornou.

Assim que pôde foi até a cidade onde a casa que fora de Santos, agora sua, estava à venda, para ver se já tinha sido comprada por alguém, e, nesse caso, receber o dinheiro. Era premente conseguir capital, para voltar a jogar.

— Temos alguns pretendentes — informou-o o corretor, acrescentando: “tivemos um probleminha, quando a venda estava quase consolidada”...

— Que tipo de problema?

— O ex-dono, o Santos, não tirou alguns móveis e pertences de lá e a Justiça não autorizou que nós o fizéssemos. O Santos está hospitalizado, pois levou um tiro do contador Jordão e está entre a vida e a morte. O Jordão está na cadeia, pois foi preso em flagrante, com a arma ainda na mão.

Élcio sentiu mal-estar.

De alguma forma era participante daquela tragédia. Decidiu ser o mais cauteloso possível, para não se encrascar. Embora a venda da TELE-RADAR tivesse sido feita dentro da lei, era provável que viessem à tona todos os acontecimentos que culminaram na briga entre o ex-gerente financeiro e o contador. Isso acontecendo, sempre sobriariam desprazeres para ele...

O melhor era afastar-se daquela cidade.

Reuniu algumas economias e decidiu ir para Las Vegas, passar apenas o fim de semana.

Fim das lembranças: agora estava ali, a bordo daquele “vagaroso” avião.

Um impulso muito forte o atraía para os Estados Unidos, onde, segundo imaginava, não havia aquelas baboseiras de dados enfeitados... com um povo tão culto, de “primeiro mundo”...

Enquanto o avião seguia a rota, todas aquelas lembranças haviam sido repassadas em sua mente.

Como se tivesse o passado ali ao seu lado, sentindo necessidade de exorcizá-lo, expulsou-o da sua companhia:

— *Chega de lembranças. A hora é de agir!*

Adormeceu e sonhou com as folclóricas figuras dos baralhos e com os naipes, no sonho transformados em pessoas. Todas o bajulavam.

Só acordou quando chegou ao destino. Mesmo sem conhecer ninguém naquela cidade não se perturbou e logo elegeu o cassino onde esperava que sua sorte estava de plantão. Era muito forte em seu cérebro a imagem de muito dinheiro. Em devaneios, até pensava que a sorte era um personagem que conversava com ele.

“Eu e a sorte somos amigos: só preciso entender direitinho seus recados”, pensava, lembrando-se do quanto perdera. “Aquele sirigaita e aquele falso gringo: eles me pagam, não perdem por esperar. Me vingarei! ”.

Agora já olhava com outros olhos para as pessoas: sem dificuldade, logo identificou as “armas secretas”, disfarçadas em funcionários e beldades.

Seguiu um conselho de Sofia: se recebesse o “sinal” da “sua sorte”, jogaria logo uma bolada. Do contrário, não perderia tempo, com apostas miúdas.

Nem bem pensou nisso e de forma inconfundível “sua sorte” mandou-lhe um telegrama, em forma de uma leve corrente elétrica que percorreu-lhe o braço direito, formigando mais na palma da mão.

Foi até uma banca de dados e em menos de uma hora já estava com considerável quantia.

Poderia ter arriscado mais, porém, lembrando-se das informações recebidas dos futuros “sócios”, interrompeu o jogo. Mas não interrompeu a noitada de jogatina. Foi ainda em outros dois cassinos e assim, quando já eram nove horas da manhã seguinte, estava de posse de uma pequena fortuna, soma do que ganhara nos três.

Retornou ao Brasil e só por telefone mantinha contato com a imobiliária, para saber se a casa já tinha sido vendida.

Sempre imaginando altos ganhos, resolveu investir na sua “competência” — a sorte no jogo. Assim, planejou meticulosamente como colocar em ação a proposta de Sofia e Joachin, para lucrar ali mesmo em sua cidade, sem ter que ir para o exterior.

Eis a solução que lhe aflorou à mente: instalaria uma casa de turismo, com um sócio, de forma a despistar eventuais suspeitas policiais. Tendo um sócio que cuidasse dos negócios, poderia viajar quando quisesse. Era perfeito o álibi para ir aos cassinos do Caribe, de Miami, ou Las Vegas: como dono de agência de turismo, acompanhando excursões.

Pensou bastante e optou pelo sócio: Jordão!

Sim. Não era o ex-contador da TELE-RADAR um homem esperto, jogador, com posses, que na venda daquela empresa tinha se ligado a ele por poderosos fios, principalmente pelo problema com Santos? Claro! Era a pessoa ideal!

Mesmo ainda na prisão, Élcio conseguiu entrevistá-lo e expor em detalhes o plano, pelo qual representariam Joachin e Sofia. Jordão nem pensou duas vezes: aceitou, no ato. Inclusive, indicou-lhe uma agência de turismo, numa outra cidade próxima àquela. Era contador daquela agência, sabendo-a com alguma dificuldade financeira. De posse dessa inconfidência, Élcio procurou Jonas, o proprietário, e sem dificuldade negociou a compra, a preço vil.

Mais uma infeliz promissória moral assinada por ele, diante do futuro...

— Senhor Élcio... — era o carteiro.

— Sou eu.

— Tenho uma encomenda para o senhor, vinda dos Estados Unidos da América.

Mesmo antes de abrir o pacote sabia quem o remetera. Abrindo-o, confirmou: era dela! Também e aliás, o perfume era inconfundível, inesquecível! Leu:

"Meu bem: saudades mil. Estaremos no batizado. Depois, J e eu aguardaremos seus parentes para passar alguns dias em nossa casinha, lá na praia. Beijos. S e J".

S (Sofia) e J (Joachin) enviaram a carta dos Estados Unidos, sob pseudônimos, ocultando suas identidades. A remessa, vinda de Miami, despistava o endereço no Caribe, que era o destino

combinado para recepção dos “parentes” (turistas) que Élcio encaminhasse. A “casinha na praia” era o cassino, no Caribe.

Na verdade, um código primário.

Simple, direto e eficiente.

Sofia e Joachin cumpriram a promessa: vieram ao “batizado”, isto é, à inauguração da nova direção da agência de turismo. Presentes no coquetel muitas pessoas da imprensa, muitos políticos, além de algumas autoridades.

Sofia estava deslumbrante: seu corpo escultural estava dentro de um vestido verde, de seda, que generosamente destacava sua silhueta. Os homens não resistiam a tanta sensualidade. Endereçados a ela, sem qualquer pudor, olhares cobiçosos se multiplicavam.

Ela sabia disso. Tinha consciência de sua beleza.

Num inevitável impulso, próprio das almas femininas vaidosas, resolveu divertir-se à custa de Élcio:

— Oi, amor, estava com saudades... muitas saudades. E você, não sentiu minha falta?

— Não imagina quanto.

— Nem me procurou mais...

Aquilo era uma escaldante promessa.

— Não me judie. Estou louco para este coquetel terminar e podermos estar a sós...

Sofia beijou-o levemente, na boca.

Para os assistentes, e quase todos os homens, e mulheres, que olhavam para ela, aquela foi uma demonstração de que ambos eram par. Com isso, o desencorajamento envolveu eventuais candidatos masculinos a manter um caso com aquela mulher, cujo corpo despertava-lhes promessa de deliciosos pecados...

Nesse ponto, Sofia deu início ao jogo da sedução: flertou com um, conversou com outro, aceitou um “drink” de mais outro... De vez em quando, de maneira “acidental”, fazia com que seu corpo se encostasse com quem conversava, incendiando ideias e desejos.

Élcio não tardou a perceber.

— O que você está fazendo? — inquiriu-a, com sentimento de proprietário.

— Eu, amor? Nada. Só estou me divertindo...

— Mas... Não fica bem para mim que você flerte com outros.

— Eu? Flertar? Ora, amor, o que é isso? Ciúmes?

— Absolutamente. Não estou gostando.

— Mas, amor, você nem é meu *doninho*...

Agarrou-a pelo braço, com brutalidade, e arrastou-a para um canto, ameaçando-a:

— Não admito que me faça de bobo!

— Mas como poderia fazê-lo, se você não é meu marido, noivo, nem namorado?

— Você não vê que estou louco por você? Vamos agora mesmo para outro lugar, para ficarmos só nós dois...

— Até posso ir, mas só depois que a festinha acabar. Se nós sairmos agora, o Joachin me mata...

— O que ele é seu?

— Oh! não, ciúmes outra vez...

— O que ele é seu?!

— Nada. Só gerente.

Quando o último convidado se retirou, Joachin, a sós com Élcio e Sofia, perguntou:

— Então, quantos fregueses você cadastrou?

— Praticamente todos...

— Ótimo. Voltaremos para o Caribe amanhã e vamos esperar as visitas desses "afilhados".

— Joachin, o Élcio me convidou para conhecer os pais dele. Você pode ir, pois chegarei mais tarde no hotel.

Élcio exultou com a mentira de Sofia: colocara em suas mãos um presente ardentemente desejado: ela mesma! No dia seguinte, julgou ter encontrado "a mulher da sua vida", lembrando-se dos momentos vividos nas últimas abrasadas horas. A partir dali, nele nunca mais haveria espaço para outra paixão. Era o que imaginava...

Conforme o planejado, a agência de turismo progrediu. Os clientes eram maneiramente convidados a visitar o "Mina D'Oro", cassino gerenciado por Joachin, que os recebia fidalgamente.

O esquema funcionou sem problemas: à medida que os primeiros "parentes" foram visitar a "casinha na praia", Élcio começou a receber comissões. Além das comissões chegavam sempre perfumadas cartas de S e J, informando sobre o consumo dos parentes, para que Élcio contabilizasse os ganhos.

Em todas as cartas havia uma ordem expressa: queimá-las após a leitura! "Servirão de incenso", arrematava a ordem.

Élcio, nem de leve, pensou em obedecer. Guardava cuidadosamente tais cartas. "Um dia poderão ser úteis".

Mais ou menos três meses após encaminhar “parentes” para o Caribe, recebeu ordem de organizar uma festinha no Brasil. Por essa época, uma insuportável enxaqueca irrompera nele. Todos os exames médicos demonstravam saúde normal. Mas a cabeça doía-lhe cada vez mais.

Julgou enlouquecer com a crise que não cedia.

Não reunindo a mínima condição para administrar a festinha, que seria a primeira, recebeu uma carta de S:

“Meu bem: um milhão de beijos.

Estaremos no aniversário.

J manda um recado: se o seu tio não melhorou da dor de cabeça, diga para incensar a casa, o que já deveria ter feito desde a primeira carta... Carinhos. S”.

Élcio não tinha tio! Logo captou: ele era o “tio”.

“Mas como Sofia e Joachin sabiam que ele estava com enxaqueca?”. Teve medo de algo sobrenatural. Muito medo.

Decidiu internar-se num hospital, pois a cabeça parecia que ia explodir, de tanta dor. Antes, pegou todas as cartas vindas de S e J, que guardava com o maior cuidado, esperando usá-las no momento próprio da vingança que pretendia contra eles. Foi até um terreno baldio para queimá-las. Ali, pensando em Sofia e Joachin, foi invadido por um inexplicável pavor: aquelas cartas eram suas inimigas, pois só de manuseá-las era assaltado por grande mal-estar, com náuseas e tontura. E enxaqueca...

Lembrando-se dos “dados enfeitiçados”, segundo informação de Sofia, imaginou que também aquelas cartas estavam imantadas do mal.

O pavor aumentou quando imaginou ter visto um feiticeiro passando veneno nas cartas. Fechou os olhos e continuou vendo o “tal feiticeiro”...

Tremendo ante o incrível fenômeno, não sabia como explicar o que acontecia. Pensava: “como é que posso ver com outros olhos dentro da minha cabeça?”.

Aí, recordou-se da recomendação: “incensar sua casa, com as cartas...”. Retornou ao escritório e colocou as cartas numa lata e queimou-as. Recendeu em todo o prédio o aroma do incenso, desprendido do perfume que as cartas ainda guardavam.

“Como sabiam que titio estava com dor de cabeça? — escreveu a “S” e “J”, perguntando.

“É porque ele estava sendo desobediente”, recebeu em lacônica resposta, esta sem qualquer assinatura.
O medo aumentou.

5. PRIMEIROS SOCORROS

Atônito e cada vez mais amedrontado, pois intuía que estava mesmo sob olhos invisíveis, ligados a magia, que só poderiam ser do mal, resolveu consultar alguém que pudesse livrá-lo daquilo.

Procurou Luiz, um vendedor de livros que sempre visitava sua agência de turismo, já aposentado, mas trabalhando nesse emprego para reforçar o minguado salário previdenciário. Luiz sempre lhe ofertava pequenas mensagens espíritas. Nunca as lera.

— Será que o senhor pode me explicar umas coisas estranhas que estão acontecendo comigo?

— Se estiver ao meu alcance, meu filho, terei o maior prazer.

Nesse momento, o Espírito Jules, protetor de Élcio, aproximou-se, passando a intuir Luiz.

— O senhor acredita em Espíritos? — inquiriu Élcio.

— Claro que acredito. Aqui mesmo, no mínimo, estão dois...

— Credo! Onde? Onde? Livrai-me Deus do demônio.

Ficando branco como neve, sem ar e apavorado, sentiu ligeira tontura.

— Meu filho, meu filho: os dois somos eu e você!

— Não é possível, não entendo! Imaginei que o senhor estava vendo duas almas do outro mundo.

— Claro que estou vendo duas almas, vivendo, no momento, neste mundo.

— Oh! senhor Luiz, o senhor me assustou...

— Mas também estão aqui dois Espíritos.

—?!

— Ainda nós dois: somos Espíritos, logo, do outro mundo, só que no momento vivendo neste.

— Pare de me assustar. Estou falando sério...

— Ué, eu também. Mas o que é que você queria saber?

— Não sei explicar, mas será que existem forças ocultas que alguém consegue passar de si para objetos?

— É possível sim, meu filho. Já vi coisas de arrepiar, desse tipo.

— Quem fazia essas coisas?

— Um homem, meu conhecido, quando eu ainda era jovem. Ele tinha poderes incríveis. As pessoas levavam algum objeto para ele descobrir segredos sobre os donos. Geralmente, eram moças que queriam saber coisas sobre seus namorados.

— Onde ele está agora? Posso falar com ele?

— Morreu. Quando começou a ficar famoso, passou a ser chamado de “mágico” e a cobrar pelas consultas. Isso foi a perdição dele, coitado. Ganhou rios de dinheiro, em pouco tempo. Comprou uma casa luxuosa, tinha três carros, muitos empregados e se vestia com as roupas mais caras. Muito ruim para ele...

— E isso é que o senhor chama de “ruim para ele”?!

— E quanto! Arrumou amantes, a esposa o abandonou, levando os filhos com ela. Numa noite, quando ele estava dando uma luxuosa festa, um dos convidados matou-o. A Polícia investigou o crime e todo mundo ficou sabendo que o mágico enganara a noiva do criminoso, para tomá-la dele e fazê-la sua amante.

— Enganou, como?

— Disse para a noiva que ele não a amava e apenas tinha interesse na herança dela, filha única.

— Mas o que ele fazia com os objetos? Magia?

— Hoje sei, pelos estudos doutrinários espíritas, que ele era um médium que se poderá dizer de “efeitos físicos”, tendo uma rara mediunidade: psicometria.

— Médium de efeitos físicos? E o que é isso de *psicometrilha*?

— Não é *psicometrilha*, é psicometria. Ocorre quando um médium toma um objeto na mão e com alguma concentração consegue ver fatos ligados às pessoas que foram ou são donas desse objeto. Por exemplo: a coroa de um rei ou de uma rainha, nas mãos de um médium psicômetra, ou psicometrista, mostra para ele os grandes momentos vividos por eles, felizes ou infelizes.

— Mas como isso é possível?

— Não são conhecidos completamente os fundamentos da psicometria, mas o que se sabe é que uma pessoa, ao emitir um pensamento várias vezes, cria aquilo que pode ser denominado por “forma-pensamento”. Quanto mais a pessoa repetir o pensamento, mais duração, mais “vida” terá a “forma-pensamento”. O médium psicômetra é aquele que tem a faculdade de ver essas “formas-pensamento”.

— Mas então, essa coroa fica com vida?

— Não com vida, mas imantada desse magnetismo. E se alguém sintonizar na mesma faixa vibratória dessa imantação, aí sim, a coroa praticamente terá vida. Pode ocorrer, nesse caso, da pessoa querer usá-la e cada vez que fizer isso, ter uma tremenda dor de cabeça. Ou, em outro caso, sempre que pegar a coroa, logo se sentir mal, ou, ainda, em mais uma hipótese, acontecer-lhe coisas desagradáveis. Esse é o mecanismo para objetos em geral, nos quais alguém tenha exercido ação mental contínua, seja para o bem ou para o mal. Em caso extremamente raro, há notícia no Espiritismo de médium que pegando uma pedra teria conseguido retroagir a visão espiritual no tempo e ver quando ela se formou, estimando-se em milhões de anos a idade desse pedaço de mineral!

Élcio deduziu que sua dor de cabeça era proveniente das cartas de S e J, que deveriam estar com poderes malignos, já que só após queimá-las se livrara da enxaqueca.

Vendo-o refletir, Luiz perguntou:

— Você nunca ouviu falar em aparições, fantasmas?

— Já... Todo mundo já ouviu falar dessas coisas.

— Pois é: nem sempre são Espíritos; podem ser “formas-pensamento”, isto é, projeções de alguém que está com a mente fixada nessas pessoas, que podem ser encarnadas ou desencarnadas.

— Então, todo fantasma é forma-pensamento? Como saber quando é um ou outro?

— Formas-pensamento são fixas, não se movem nem se comunicam com aqueles que as veem. Já os Espíritos, que muitos chamam de fantasmas, esses sim, têm vida própria, conversam e andam.

Assustado, Élcio ficou em silêncio, meditando. Não assimilara completamente as explicações, mas o suficiente para certificar-se que forças invisíveis agem sobre os homens.

— O que o levou a perguntar-me essas coisas, meu filho?

— Tenho receio de ser chamado de maluco...

— Não tenha. Sou espírita e sei muito bem que há até mais vida e “mais gente” no plano espiritual do que aqui, no plano terreno.

— O senhor acredita mesmo nisso?

— Não só acredito, como tenho provas.

— Quais provas?

— Você mesmo é uma delas. Algo o preocupa e está ligado ao mundo dos Espíritos.

— Virgem Santa! “Seu” Luiz, vira essa boca para lá... Sabe, “seu Luiz”, o senhor acha que alguém pode dar vida a um objeto, para que esse objeto passe a obedecê-lo?

— Não sei se entendi bem...

— Um jogador pode fazer dados lhe obedecerem?

— Pode, pode. Só que isso, além de ser raríssimo, é fundamentalmente perigoso. Só Espíritos desencarnados e atrasados, com interesses rasteiros, participam desse tipo de fenômeno, atendendo a pedidos.

— Pedidos?!

— Sim, pedidos, evocação, trato, ou qualquer outro nome que se dê para quando alguém faz um contrato com outrem. No caso, é um encarnado desejando imantar um objeto e depois tirar proveito disso. Mentaliza isso e Espíritos infelizes quase sempre o atendem, associando energias dessa própria pessoa às deles. Só que, depois... exigem pagamento, tornando-se companhia fixa daquele que pediu e foi servido.

— O senhor está brincando? Como um morto pode exigir alguma coisa de um vivo?

— Quem disse que o morto não vive?

—?!

— O Espírito é imortal, meu filho. Após perder o corpo físico, a alma segue vivendo, com mais realidade até, só que situada na dimensão astral, isto é, no plano espiritual, mais adequado à continuidade da sua evolução, ao seu aprendizado. Mas tem uma coisa: no plano terrestre vemos pessoas divididas em classes sociais, de acordo com suas posses materiais ou se detentoras de poder; no plano espiritual a coisa muda totalmente de figura, pois os Espíritos só conseguem permanecer na faixa vibratória consentânea com seus interesses e ideais. Vou dar um exemplo: quando um alcoólatra desencarna, o Espírito continua sentindo necessidade do álcool. Como lá não tem bebida alcoólica... e o vício não o abandonou, pois é tendência fortemente arraigada, procurará satisfazer tal necessidade; aí, por sintonia fluídica, sentirá forte atração por alcoólatras encarnados, seja em bares ou até mesmo na residência deles.

— Desculpe, “seu” Luiz, mas é difícil acreditar...

— Com ou sem o seu crédito continuarão existindo tais ocorrências, que se processam de acordo com a lei de atração.

— Mas, “seu” Luiz, uma alma não pode beber!

— Quem disse? O que há, meu filho, é que o homem só acredita no que os olhos veem.

— Claro, claro! O que pode haver, além daquilo que os olhos não veem?

— Vou exemplificar: quando você vê um fio elétrico nunca sabe se por ele está passando a eletricidade, mas se na ponta há uma lâmpada acesa aí você sabe que sim; ou, mesmo de olhos fechados, se você sente um aroma, um perfume ou um cheirinho gostoso de algum alimento, identifica o que é; indo mais além: há casos extraordinários de telepatia, em que duas pessoas, distantes entre si, chegam a manter precário diálogo... Assim, diga-me se não existem fatos e coisas reais, mas invisíveis, neste mundo mesmo?

— É...

— No caso da bebida alcoólica, o encarnado, ao beber, libera de seu organismo uma espécie de “vapor etílico”, invisível, mas energizado pelo álcool; esse hálito energético, saturado de vibrações próprias do vício, é avidamente sorvido pela “alma do outro mundo”, como diz você, que com isso se satisfaz.

— Mas, como é que uma alma, ou um Espírito, pode sorver alguma coisa?

— Sabe, meu filho, tudo é tão simples, mas as pessoas fazem tanto mistério... Cada um de nós é um Espírito, essência de Deus, imortal e individual, tal como uma chama diáfana, sem forma conhecida. Trazemos latentes, desde nossa criação, todas as potencialidades para o exercício do Bem, na prática das virtudes, sendo a principal o amor ao próximo. Pois bem. Esse Espírito, para evoluir, necessita de multiplicadas experiências, de inúmeras lições, para prosseguir um aprendizado que vai para o infinito. Inicia essa rota evolutiva talvez lá pelos minerais, a seguir nos vegetais, depois adentra no reino animal, sendo, após, promovido à humanidade, de onde irá para a angelitude. Naturalmente, isso demanda milhares de milênios e todas as lições são proporcionadas em várias escolas, isto é, em vários mundos do universo, cada um adequado à nossa escolaridade espiritual.

Luiz respirou fundo, como que dando um tempo para que Élcio assimilasse suas palavras. Logo, prosseguiu:

— Para poder se manifestar, o Espírito reveste-se de um outro elemento, matriz da forma humana, denominado perispírito. O perispírito é formado por uma quantidade de fluidos astrais retirados do mundo no qual o Espírito irá viver⁷. Assim, o Espírito, quando encarnado, possui o perispírito e o organismo físico.

— Mas não são o pai e a mãe que fornecem o corpo ao filho, quando há a fecundação?

— Fornecem, de início, uma célula cada um, que se unem, formando o zigoto, ou ovo fecundado. A multiplicação celular daí em diante obedece à Engenharia da Vida, criação sublime de Deus. E esse processo é o mesmo nos animais e nos homens!

Após outra pausa, Luiz explicou:

— Voltando ao perispírito: assim como o corpo físico se mantém vivo pela ingestão de ar, água e alimentos, o perispírito igualmente se mantém vivo pela absorção de energias cósmicas, etéreas, invisíveis. Tem em sua estrutura, que é ainda material, mas tão sutil que é invisível para nós, centros vitais, também chamados centros de força, que são aberturas por onde adentram aquelas energias. Tudo da mesma forma como o corpo tem a boca e o aparelho digestivo. A diferença é que a cada existência terrena o Espírito utiliza um corpo físico, durante muitas delas com o mesmo perispírito, que é quase imortal, servindo de matriz para os vários outros corpos físicos, das diferentes e sucessivas reencarnações. O perispírito, assim, na verdade só perde sua atividade quando o Espírito é transferido para outros mundos, seja por mérito (mundos mais felizes), ou para resgates em mundos mais atrasados do que este nosso. Nesses dois últimos casos, o Espírito apropriará matéria cósmica da psicofera do respectivo mundo.

— Como o senhor sabe tudo isso?!

— Ora, ora, pelos livros espíritas, por estudos em grupo, pelas reuniões mediúnicas que frequento. O Espiritismo é um vasto campo de aprendizado, desde que se queira estudar.

— Sempre intrigou-me uma tragédia, que por duas vezes aconteceu na minha família: antes de eu nascer, minha mãe teve dois filhos que nasceram mortos. Isso pode ser considerado Bondade Divina?

⁷ O perispírito é formado e alimentado pelo fluido universal, ou cósmico ("Obras Póstumas", Allan Kardec, Cap. "Manifestações dos Espíritos", § 1º, nº 9). Nota do Médiun.

Luiz enlaçou-o, paternal. Consolou-o:

— De uma forma simplista, para assunto de tão larga abrangência, é preciso meditar, em primeiro lugar, que Deus é Pai de Justiça e Bondade. Se algum dos Seus filhos apresenta um problema, tal como esse que você se referiu, é porque em algum ponto da sua trajetória evolutiva, terá se afastado das Leis Divinas. Exemplificando: quando uma mulher pratica um aborto criminoso, afasta-se da Lei Divina da Vida e passa a ser-lhe devedor. Cedo ou tarde terá que resgatar esse débito. Através das vidas sucessivas, pela Lei da Reencarnação, tempo virá em que estará suficientemente pronta para essa dolorosa quitação. Será um natimorto, mas apenas episodicamente, pois no decurso do tempo, voltará a reencarnar e viver várias jornadas terrenas.

— Mas... E o irmão e principalmente os pais do natimorto, que sofrem tanto...

— Talvez possamos conjecturar que são exatamente os mesmos cúmplices ou partícipes daquela devedora, de outras vidas, que a induziram ou auxiliaram ao grave desrespeito a Deus. Sofrem agora, as mesmas angústias que provocaram, seja naquele que ia nascer, seja em seus pais, daquela ou de outras vidas.

— Pais de outras vidas?!

— Como não? Nascemos e renascemos inúmeras vezes. Nem sempre nas mesmas famílias. Assim, é natural que no longo roteiro de reencarnações, tenhamos vários pais, vários irmãos, vários parentes. Deus nos dá, quando encarnados, a bênção do esquecimento do passado, para podermos progredir sempre, geralmente junto àqueles que nos foram amigos... Ou, na maioria dos casos, inimigos...

— Sobre os dados...

— Ah! sim: se um jogador possui uma faculdade especial de transferir fluidos específicos para a densidade material dos dados, atirando-os e pensando num número, é muito provável que com eventual toque das mãos, mas sempre pela força do pensamento, os dados o obedeçam. Não obedecerão todas as vezes, mas o suficiente para demonstrar essa incrível e ainda não explicada capacidade. A Ciência ocupou-se desse fenômeno, hoje catalogado pela Parapsicologia, como *psicocinesia* (faculdade paranormal de exercer uma ação direta do pensamento sobre a matéria, ou, em outras palavras: ação da mente sobre objetos físicos). O que dificulta aos

cientistas o pleno entendimento dessa faculdade é que, nela, a causa é posterior ao efeito, isto é, o efeito desejado nasce primeiro, indo depois transformar-se na causa que o motivou.

— *Efeito* precedendo à *causa*? Como assim?!

— Tentarei simplificar: quando alguém (que tem a faculdade psicocinética) pensa firmemente nos dados arremessados, por ele ou por outra pessoa, e fixa o pensamento em determinados números, interfere nos movimentos, até então aleatórios desses dados. Quando os dados se imobilizam, lá estão os números desejados! Incontáveis experiências parapsicológicas feitas em laboratórios comprovaram tais fatos. Assim, o *efeito* (interferência psicocinética nos dados, cujo movimento o agente não pode precisar nem acompanhar), precedeu à *causa* (aqui, o objetivo buscado, isto é, os números nos quais pensou). Em última análise: a pessoa pensa nos números, mas, sem controle, tal pensamento influencia nos movimentos dos dados. A margem de acerto, nas provas laboratoriais, oscilou de sete a oito, em cada dez experiências.

— Outra pergunta, também complicada: como é que um jogador, de pôquer por exemplo, consegue saber as cartas dos parceiros no meio do jogo?

— Na Parapsicologia tal é atribuído a uma “percepção extrassensorial” (PES) de pessoas que registram estímulos externos, sem o uso dos sentidos.

Respirando fundo, Luiz aduziu:

— Com muita naturalidade, o Espiritismo há mais de cento e trinta anos enquadra o primeiro fenômeno como ação direta do médium sobre a matéria; quanto ao segundo, registra-o como desdobramento. Essa incrível possibilidade parece demonstrar que tal médium, na verdade, nessas ocasiões, está agindo pelo perispírito, que de alguma forma se projeta extracorpo físico, ficando assim em condições de “ver” as cartas dos parceiros.

— Desculpe-me, “seu Luiz”, mas só mais uma perguntinha: e no caso da roleta, há explicação para que alguém consiga mandar a bolinha parar onde ele quer?

— Puxa vida, Elcio: até parece que você resolveu me sabatinar sobre jogo. Não obstante eu não ser jogador, isso que você está falando, do ponto de vista científico, ainda pela Parapsicologia, é denominado *telecinesia*, isto é, movimentação de objetos produzida sem contato físico, só pela força do pensamento.

— O senhor me fez um grande favor, explicando-me essas coisas. Agora — mentiu —, entendo muitos fatos que “ouvia falar”.

— Devo acrescentar apenas que o Espiritismo enquadra esses e outros fatos tidos à conta de sobrenaturais como sendo produto de leis ainda desconhecidas pelos homens. Engloba-os, modo geral, na fenomenologia mediúnica de efeitos físicos. Já a Parapsicologia, com muita prudência e humildade, não radicaliza opiniões, apenas mantém-se numa imparcial postura, aguardando melhores evidências para explicar em termos científicos os transcendentais fenômenos psíquicos sobre a Terra.

Élcio saiu daquele insólito encontro com certezas e dúvidas. Uma coisa era certa: com ou sem auxílio invisível iria tentar imantar dados e cartas de baralho, para verificar se realmente os poderes eram seus ou de Espíritos. No terreno das dúvidas, muitas: Há Espíritos? Há vida após a morte? Como obter respostas, provas, melhor dizendo?

Sentou-se calmamente com dois dados, um em cada mão.

Fechou os olhos, pensou no número quatro no dado que estava na mão esquerda e no número cinco no da direita. Apertou por um minuto os dados, juntou-os na mão direita e arremessou-os. Nove!

Repetiu a experiência dez vezes. Acertou seis!

Agitadíssimo, abriu um baralho novo e embaralhou as cartas. Pegou um nove de ouro e apertou-o com o polegar e indicador, por mais ou menos dez segundos. Embaralhou novamente as cartas, com o nove de ouro junto. De olhos fechados foi pegando uma a uma. Num determinado ponto pegou-a! Tinha certeza, sem ver, que era “nove de ouro”.

Era!

Voltou a embaralhar as cartas e a seguir colocou o baralho com as figuras para baixo. De olhos fechados, escolheu cinco e separou-as, sempre com as figuras voltadas para baixo. Concentrou-se, procurando “vê-las”. Viu-as! Repetiu várias vezes a experiência. Em média, a cada dez tentativas de adivinhação, acertava entre sete ou oito vezes!

Coincidência: definitivamente afastada!

Sempre que possível, “dava um pulinho” até as terras caribenhas, para encontrar-se com Sofia. Foi numa dessas viagens-relâmpago que a decepção implodiu sua vida: ao chegar, de

surpresa, viu Sofia deixando o “Mina D’Oro” agarrada a Joachin. Por pouco investia sobre eles.

“Como tenho sido ingênuo”, refletiu, “ela nunca me amou, sempre foi dele... São traidores”.

Antes de entrar no cassino ofertou generosa quantia ao recepcionista, inquirindo-o:

— Diga-me, Juanito: Sofia sai todas as noites?

— *Señor, perdón, no o comprendo...* (Senhor, perdão, não o compreendo...)

— Com fregueses...

— Si, si.

— E com Joachin?

Só com nova gorjeta veio a resposta, em bom português:

— Não diga que contei, se não, nem sei o que me acontecerá: são amantes, há longo tempo.

Élcio nem entrou. Redobrou as gorjetas e exigiu segredo de sua visita. Procurou outro cassino onde pouco ficou, retornando ao Brasil no dia seguinte.

Continuou com as atividades turísticas, mas no íntimo tinha vontade de largar daquilo. Rondava-o uma espécie de pressentimento, de que alguma coisa não estava indo bem... O medo era-lhe companhia assídua.

Afastou o pressentimento e prosseguiu.

Não deixou Sofia e Joachin perceberem que conhecia a verdade sobre a união dos dois.

Não tardou e foi procurado por um representante de outro proprietário de vários cassinos na “Grande-Terre”, uma das duas ilhas francesas que formam o Guadalupe, nas Pequenas Antilhas, no mar do Caribe. Dele recebeu fabulosa proposta para encaminhar os turistas para “Grande-Terre”. Na hora, aceitou: começou a sugerir o Guadalupe, departamento francês de ultramar, para os clientes de sua agência de turismo.

— E a Sofia? — perguntavam despudoradamente alguns.

— Aquele avião já perdeu a garantia — respondia cínico, acrescentando: “temos aeronaves bem melhores no novo destino”.

Foi ele próprio conhecer “Grande-Terre”.

Mal acabara de chegar e encontrou Juanito.

— Olá, senhor Élcio.

— Juanito, aqui?! E...

— Joachin e Sofia? Estão bem. Gostou do meu desempenho em seu favor?

—?!

— Então não sabe? Fui eu que o indiquei. Contei que o senhor estava meio desgostoso com o “Mina D’Oro” e que certamente não recusaria a se transferir para aqui.

— Você?! Quem o autorizou a falar em meu nome?

— Ora, ora, ninguém. Só que já sou crescidinho e percebi sua decepção com dona Sofia. Quando dei a dica para o pessoal daqui, não tive a menor dificuldade em convencê-los a investir no senhor... e em mim...

— Começo a entender. Qual sua pretensão?

— A mesma função, com salário dobrado. O senhor não acha que mereço?

Custou a crer: até um simples porteiro o manuseava.

— Claro: ei-la!

Élcio deu um murro no rosto de Juanito.

Várias pessoas intervieram.

Juanito, mesmo com a boca sangrando muito, conseguiu dar uma canivetada em Élcio, que num gesto instintivo protegeu-se com o braço, onde recebeu profundo corte.

Dois seguranças, surgidos de repente, dominaram os dois, conduzindo-os ao pronto-socorro, pois perdiam muito sangue. Interrogado pela autoridade de plantão, Élcio declarou ter se ferido com uma garrafa de vinho. Quanto a Juanito, inventou outra mentira. Nenhum deu queixa do outro, evitando envolverem-se com a Polícia.

Esperando melhorar do ferimento, Élcio aproveitou para conhecer o maravilhoso cenário da Ilha. Admirou o contraste da moderna urbanização à beira-mar, com fabulosos hotéis, cassinos e clubes náuticos, e o interior, entrecortado de paisagens intocadas. Viu, no interior, o encanto maior: o choque entre o azul do céu e o verde de mangueiras e frutas-pães, estas, as majestosas árvores de grande porte, cujos frutos, de aroma característico, podem ser consumidos crus ou assados.

Combinou com o dono dos cassinos que o esquema seria aquele que já utilizava.

Quando retornou ao Brasil, trazia a alma vazia, por decepções, e a mente repleta de ideias vingativas.

Queria vingar-se quase que de todo mundo.

O ódio toldava-lhe a razão e não conseguia pensar em outra coisa que não fosse vingança.

Depois de ter encaminhado vários grupos de clientes para “Grande-Terre”, logo percebeu que os que gostavam de jogar queriam novos ares, novos ambientes, novos cassinos. Não tendo ainda ligações com outros roteiros, no exterior, Élcio começou a perder clientes.

Assim, como sempre assessorado por invisíveis sócios, “plugados” como ele em ações rasteiras, desde que tal lhes proporcionasse qualquer tipo de lucro, logo achou a solução: não encaminhar seus clientes para o Caribe, tão distante... Realizaria a festa ali mesmo, naquela cidade.

Alugou uma residência de luxo e em datas desencontradas passou a bancar o jogo, ele próprio.

Joachin visitou-o para apurar a causa da deserção.

— Entre nós está tudo acabado — disse-lhe Élcio, à queimadura, mentindo. — tome cuidado para não vir muitas vezes por aqui, pois tenho um amigo junto às autoridades que me informou que seu nome está na mira delas.

Ao pessoal do Caribe francês sequer deu satisfação, abandonando-o de vez.

Cinco meses se passaram e o cassino clandestino de Élcio prosperava cada vez mais. Até que, de surpresa, várias equipes policiais de repressão ao jogo deram uma batida e prenderam em flagrante todos os que ali estavam, Élcio inclusive, como o responsável.

Todo o material de jogatina foi apreendido.

Na cela, com criminosos revoltados pelas más condições carcerárias, Élcio sofreu todo tipo de humilhação por ser o “preso-recruta”. Só não foi brutalizado porque seu dinheiro comprou proteção, por parte do chefe da cela.

Quando foi libertado, permanecendo *sub judice*, seu ódio aumentara, pois foi informado por um carcereiro que foram dois estrangeiros que o denunciaram: Joachin e Juanito. “Então aquele traidor do Juanito uniu-se ao outro traidor... Tenho que me vingar deles!”.

Nessa postura mental Élcio foi presa fácil das entidades desencarnadas que vinham acompanhando-o, há tempos, passando

a ser utilizado por elas como ferramenta utilíssima, nos seus sinistros planos.

6. NÃO HÁ BEM QUE SEMPRE DURE

Ligando-se ao turismo e nele transitando, nos sempre agradáveis envolvimentos das pessoas que viajam por lazer, realizando sonhos, Élcio passou a viver num mundo que poderia ser de felicidade. De forma direta, essa era mais uma oportunidade que a eternamente generosa Vida lhe concedia, para nela construir, reconstruir, ressarcir, saldar e lucrar — tudo isso, nos e pelos caminhos do Bem. Que esse é o sublime objetivo de viver. Para todos!

Infelizmente, sua propensão irresistível ao jogo cegava-o, invertendo paisagens, subvertendo valores existenciais, convertendo bênçãos em problemas.

Passou a conhecer pessoas com recursos.

Maneioso, nas entrevistas sempre conseguia captar os clientes que gostavam de jogar. Conduzindo a conversa para essa área, percebeu que no íntimo, muitos seres humanos têm sonhos de prosperidade rápida, a qual, excluído o crime, só o jogo pode ofertar.

Outra “descoberta”: quanto mais tem, mais o ser humano cobiça.

Tempos após foi procurado por um Oficial de Justiça, com uma intimação para comparecer à Delegacia de Polícia da cidade onde Santos morava, para prestar declarações no inquérito policial que apurava a tentativa de assassinato dele.

Quando apresentou-se na portaria da Delegacia, atendendo à intimação, foi convidado a aguardar, pois o Delegado ainda não concluíra a audiência com outra testemunha daquele mesmo caso.

“Quem será a outra testemunha?”, pensou Élcio.

Sentou-se num banco rústico, de madeira, ao lado de uma jovem.

Nem bem sentou sentiu uma estranha sensação, agradável e contínua, como se ondas vibratórias massageassem levemente seu peito.

Um calor súbito, gostoso, invadiu-lhe todo o corpo.

Nunca sentira aquilo. “O que seria”?

Passou o olhar em todo aquele ambiente policial, sempre desconfortável, pela própria natureza dos fatos conflitantes que para ali conduzem os personagens neles envolvidos. Procurou algo para ler e se distrair, mas nada havia. Então aconteceu: ao circunvagando o olhar, deu em cheio com dois clarões acesos fitando-o intensamente. A jovem ao seu lado, precisamente ela, dona dos olhos iluminados, só agora percebia, e percebeu-o instantaneamente, era muito, muito bonita.

E olhava fixo para ele...

Quase parou de respirar.

"O que significava aquele olhar?"

Antes de imaginar qualquer resposta, a moça desviou aquele — no sentido figurado — verdadeiro "feixe de raios laser"⁸ que até então vinha mantendo dirigido para ele, só que, no caso, a intensa luz não era da cor do rubi, mas da esmeralda: sim, eram verdes os olhos que de forma paradoxal e hiperbolicamente ainda "quase o cegavam"...

Não conseguia sair do verdadeiro transe hipnótico que o atingira...

Julgou a figura física da jovem como sendo a mais bonita que até então vira em sua vida. Mas o que mais o fascinou foi a sensualidade dela, que extravasava por todos os poros. Deveria ter, no máximo, vinte anos, ajuizou.

"Seria solteira, noiva, casada? Meu Deus: seria vítima, testemunha, cúmplice ou criminosa, para estar ali?"

Sob o encantamento que o envolvera, não sabia o que fazer. Mas precisava fazer algo. Tão bonita! Tinha que ser sua... Nem que precisasse ir ao fim do mundo.

A jovem, ela também, vivenciava instantes mágicos: viera até ali para fazer companhia à sua mãe, e desde que chegara estava distraída. Mas, quando aquele jovem chegou, sentiu que alguma coisa impressionante acontecia com ela. O coração, sem motivo aparente, começou a bater forte, acelerando cada vez mais.

⁸ Raio laser = amplificação da luz por emissão estimulada de radiação visível, monocromática e coerente. O primeiro raio laser, o sólido, usava rubi e emitia luz vermelha. O laser (aparelho que opera o fenômeno) configura emissões de alta frequência e grande potência, atingindo grandes distâncias, sem dispersão. Nota do Médium.

“O que está acontecendo comigo?”, pensou. “Nunca senti essa sensação, esse calor e ao mesmo esse frio, percorrendo minhas veias... E, como justificar esse impulso de me aproximar desse rapaz?”.

Não conseguiu tirar o olhar dele.

Voltou a se perguntar: “Mas, como? Nem sei quem é ele, se solteiro, noivo, casado ou viúvo. Viúvo, acho que não, pois é muito novo para isso...”.

Dando-se conta de que o encarava havia mais tempo do que seria normal, desviou o olhar. Recriminou-se: “Santo Deus, o que ele vai pensar de mim, olhando tanto tempo para ele? Talvez imagine que sou dessas mulheres... Preciso de ar. Preciso sair de perto dele”.

Com efeito, levantou-se e foi até o pátio interno, onde um pequeno canteiro dava notícias de que, em algum tempo, ali houvera plantas e talvez flores.

Quando Élcio ia segui-la, buscando uma aproximação, a porta do Delegado abriu-se, e por ela saiu uma senhora que se aproximou da jovem e disse-lhe:

— Vamos embora, minha filha.

A moça acarinhou a mãe e saíram, juntas. Ao passar por Élcio deixou nele a sensação de ter recebido uma chuva quente. A simples aproximação da jovem fez despertar nele intenso ardor sensual, seguido de desejo sexual, quase irreprimível.

— Senhor Élcio Mantovani!

Era sua vez de prestar depoimento. Adentrou o gabinete, onde foi recepcionado com extrema impessoalidade, pois a autoridade policial sequer piscou, encarando-o fixo e não respondendo seu cumprimento.

Após ser qualificado pelo Escrivão, o Delegado inquiriu-o:

— Qual seu relacionamento com o ex-gerente financeiro da firma que se chamava TELE-RADAR?

Um raio não teria causado maior susto: “Santos! Aquela jovem com a mãe... Esposa e filha dele!”

— Há tempos — raciocinou rápido, mentindo — vinha fazendo sucessivos empréstimos para ele, pois me dizia que um dos seus filhos tinha problemas graves de saúde...

Sem querer, acertou: Santos tinha mesmo um filho, menor, que sempre estava doente.

— Desde quando o conhece? — atalhou ríspido o Delegado.

— Há muito tempo...

— Quanto tempo, precisamente?

— Desde quando trabalhei numa firma, a SOM & VOZ, da minha cidade, pois o Santos, antes de trabalhar para a TELE-RADAR, tinha ido procurar emprego lá e fui eu que o entrevistei. Não conseguiu o emprego, mas ficamos conhecidos.

Nova mentira, coerente, contudo.

— Hum... Quanto emprestou para ele?

— No total, sessenta mil reais.

Grande argúcia, citar o valor dos cheques ganhos no jogo mais o valor da casa...

— E como é que a casa dele lhe pertence?

— Oh! Então é isso! Eu fui o intermediário da compra e venda da TELE-RADAR e nessa ocasião fiquei sabendo que o Santos devia à firma uns "vales", tendo ofertado sua casa para pagá-los...

Era verdade. Sabendo-se com "excelente jogo", pois percebeu que o Delegado tateava, prosseguiu, qual jogador habilidoso que sempre fora:

—... como a TELE-RADAR aceitou a casa como pagamento das dívidas dele, que eram altas, eu por minha vez comprei a mesma casa daquela firma, como parte da minha comissão...

Rigorosamente oficial, mas não rigorosamente moral.

— Conhece o senhor Jordão?

— Jordão de quê? — outra jogada, de despiste.

— Jordão F. Matos, contador da TELE-RADAR.

— Oh!, sim. Atualmente somos sócios: temos uma agência de turismo. Fiquei conhecendo-o quando tratava da venda da TELE-RADAR. Aliás, numa noite o Santos convidou-me para tomarmos uma cervejinha num lugar agradável e levou-me justamente na casa do Jordão...

— E o que foi que aconteceu ali?

— Parece que... Não sei se devo falar...

Jogando sempre, agora com o que mais sabia fazer: o blefe, induzindo o parceiro a avançar na jogada...

— Diga a verdade. Será melhor para o senhor...

— Penso que os dois brigaram por causa de jogo, pois quando fomos lá fizemos uns joguinhos.

Meia verdade, meia mentira, pois.

— Quero saber o que aconteceu — insistiu o Delegado, impaciente.

— Convidaram-me para uma partidinha de pôquer e o perdedor pagaria as cervejas...

— Só cervejas?

Havia ironia no Delegado... Mudou a pergunta:

— Até que horas ficou lá?

— Logo fui embora, pois perdi duas ou três vezes e precisava dormir cedo, para na manhã seguinte fechar a venda da TELE-RADAR. Eles ficaram lá. No dia seguinte, Santos implorou-me para emprestar-lhe dinheiro, confessando-me que tirara dinheiro da firma para o filho doente. Mesmo devendo-me trinta e cinco mil reais, nos três cheques, dei-lhe mais vinte e cinco mil reais e pedi uma escritura provisória da casa, como garantia. Não tenho certeza, mas penso que esse dinheiro foi perdido em jogo, talvez em outro lugar, pois o Santos me pareceu ser jogador profissional. Hoje imagino que perdi esse dinheiro. Comprei a casa da TELE-RADAR, para ajudar o Santos, pois, na verdade, a casa já era minha.

Mostrou a escritura para o Delegado, aquela que tinha sido passada na noite do jogo, na casa de Jordão.

Outra verdade parcial. Logo, com pedaço de mentira.

— Interessante: o senhor está *sub judice* por causa de jogo também...

— Fui ingênuo: alguns fregueses pediram-me que organizasse uma festinha para comemorar o retorno de uma excursão e fui injustamente arrolado como responsável por jogatinas.

— Hum... “na compra da casa”, com que cheque o senhor deu os vinte e cinco mil reais ao senhor Santos?

— Nenhum: dei em dinheiro...

— O senhor costuma andar com tanto dinheiro assim?

— Fui à minha cidade e busquei, pois aquele preço pela casa era muito bom. Sempre guardo dinheiro em casa.

O Delegado não acreditou em quase nada, mas não conseguiu fazer Élcio contradizer-se, por isso dispensou-o:

— Pode se retirar. E obrigado.

— Doutor, uma pergunta, se o senhor me permitir... Aquela senhora que estava aqui com a filha... Era a esposa do senhor Santos?

— Sim. Há meses, entrou na Justiça com uma ação contra a TELE-RADAR para reaver a casa e ainda por cima o advogado que ela contratou requereu uma enorme indenização trabalhista por danos e perdas, físicos e morais, alegando que seu cliente foi despedido sem justa causa. Esses dois processos estão se arrastando na Justiça.

— Mas... Foi despedido porque fez desfalques, que foram pagos com a casa...

— Mas a esposa dele relacionou vários nomes de ex-colegas que juntamente com o marido têm muitas queixas para apresentar na Delegacia Regional do Trabalho.

— Bem, disso não sei nada...

— Por isso nada lhe perguntei.

— Só mais uma coisa, por favor: quando meu sócio — o homem que atirou no senhor Santos — será julgado?

— Não posso adiantar. Está preso, mas vou ter que soltá-lo. Duas testemunhas declararam, hoje de manhã, que ele atirou em legítima defesa, pois Santos foi lá tarde da noite para agredi-lo. Parece mesmo que eram jogadores como o senhor disse. Não conseguimos provar que jogavam na casa do seu sócio. Santos alega que Jordão tinha que devolver-lhe dinheiro. Brigaram porque o contador foi avalista dos desfalques na firma, feitos pelo gerente, que procurou-o naquela noite para exigir devolução de parte desse desfalque, perdido em jogo, para o próprio avalista, segundo alega.

Saindo da defensiva, Élcio ousou:

— E por que fui arrolado como testemunha?

— Porque seu nome foi citado por todos: pela TELE-RADAR, pelo senhor Jordão, pelo senhor Santos e até pela esposa dele, que acabou de sair daqui.

— Pela esposa?!

— Ela declarou que o marido contou-lhe que perdeu trinta e cinco mil reais em jogo, com o senhor.

— É... — suspirou Élcio — é isso que dá a gente ser bom... Ainda acabo virando o bandido dessa história, embora só tenha pensado em ajudar a família...

O Delegado não disfarçou um olhar irônico. O depoimento de Élcio era robusto, mas a intuição policial, fruto de longa experiência, dizia à autoridade que a testemunha tinha muito mais a ver com tudo aquilo.

Quando Élcio deixou a Delegacia teve um susto: lá estava ela! Quase não acreditou. Intuiu, instantaneamente, que ela esperava por ele! Glória! Agradável sensação visitou seu íntimo.

— Senhor Élcio: chamo-me Débora, sou filha do Santos, preciso falar com o senhor.

— Muito prazer. Não me chame de senhor.

— Meu pai... Está muito mal. Talvez só... você consiga resolver a terrível situação em que estamos, mamãe, meu irmão de oito anos e eu.

— Terrível situação?

— Terrível: depois que papai perdeu o emprego, perdemos a casa, o Banco encerrou a conta dele e ainda ameaça protestar os cheques... Mamãe o abandonou e levou a mim e meu irmão para a casa de nossos avós.

— E o que você espera que eu faça?

— Tanto a nossa casa como esses cheques estão com o senhor... E foram perdidos em jogo...

— Foi isso que sua mãe declarou ao Delegado?

— Penso que sim. Meu pai fez essa queixa, há meses, quando foi ouvido no inquérito instaurado para apurar a primeira agressão feita pelo senhor Jordão.

— Ah! então é isso! Os cheques que recebi correspondem ao dinheiro que venho emprestando para ele, há tempos, para as despesas com a doença do seu irmão. Quanto a jogo, só joguei com ele o valor de duas ou três cervejinhas. Quem pegou dinheiro dele foi o Jordão, com quem seu pai jogava sempre. Para pagar ao Jordão seu pai fez grandes dívidas na firma em que trabalhava e para não ser preso deu a casa em pagamento. A empresa ofereceu-me a casa e eu comprei.

— Não acredito que papai fizesse uma coisa dessas... Ele não é ladrão!

— Isso é verdade: ladrão ele não é. Apenas um jogador inveterado, que perdeu muito dinheiro e que por isso também perdeu a cabeça...

— Senhor Élcio: retire do Banco os cheques do papai, dando um prazo para ele pagá-lo...

— Não me chame de senhor.

— Está bem: Élcio! Pelo amor de Deus, retire os cheques do Banco.

Testemunhas invisíveis, até então no aguardo de uma chance para agirem, valeram-se da abertura. Eram Espíritos infelizes, inimigos de Santos, julgando que tinha chegado a hora da grande vingança (ele, no hospital, com complicações pós-cirúrgicas; a esposa e filhos, desamparados; se a filha “se perdesse”, o quadro se completaria).

Intoxicaram Élcio, os maus Espíritos.

Insuflando-lhe pensamentos de sexo.

Dois deles concentraram fluidos sensuais sobre o centro de força genésico⁹, localizado entre a base da coluna cervical e o períneo. Mentalizaram cenas de sexo desvairado entre ele, Élcio, e a jovem ao seu lado.

O efeito foi devastador: Élcio superexcitou-se.

Controlando-se para não investir sobre Débora, ali mesmo na rua, propôs, direto:

— Podemos resolver isso logo. Depende de você...

A insinuação pegou a jovem desprevenida. Em seu cérebro, incontáveis conseqüências surgiram e desapareceram, em segundos. O que aquele homem propunha era a compra da sua honra, ao preço do reajuste familiar. “Valeria a pena sacrificar seu moral, seus ideais de mulher, sua crença no sexo responsável, tudo pela tranquilidade da família?”, refletiu.

Indecisa, não respondeu. Apenas baixou o olhar.

As companhias espirituais de Élcio, em perfeita sintonia com ele, insuflaram na mente de Débora os mesmos quadros de sexo desequilibrado.

Élcio, transbordando erotismo, pegou nas mãos de Débora, transferindo-lhe intensa carga magnética negativa.

As entidades do plano invisível redobram as induções à luxúria, nos dois jovens.

Abalada ante a infelicidade dos pais e do irmão, Débora não impediu, no consciente, o triste conúbio com os vingadores do pai. Não respondeu nem sim, nem não:

— Vamos conversar logo mais à noite...

— Por que não, agora mesmo?

⁹ Centros de força (sete, os principais): localizados no perispírito, intimamente conjugados com as ramificações dos plexos orgânicos. Vibram em sintonia com a mente e tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia no centro de força, com idêntico reflexo no corpo físico. Nota do Médiun.

- E os cheques?
- Pego no Banco.
- Tudo bem. À noite, encontre-me ali na praça.

Élcio foi ao Banco e retirou os cheques, que escondeu no seu carro, em pontos diferentes. Pretendia usá-los não para um encontro com Débora, mas para vários. A seguir, visitou Jordão, há pouco posto em liberdade e combinou com ele:

— Você volta amanhã à Delegacia e diz que há tempos sabia que o Santos pedia dinheiro emprestado para mim, alegando que eram para remédios do filho; quando eu parei de emprestar, por já ser grande a quantia, em torno de trinta e cinco mil reais, ele ficou desesperado, motivo esse que o levou a avalizar as retiradas, por piedade, mesmo sabendo que eram indevidas... Testemunhe que, há pouco, emprestei ao Santos mais vinte e cinco mil reais, em dinheiro, tendo por garantia a casa dele, que afinal, foi dada à TELE-RADAR para pagar os "vales".

— OK. Combinado. Em contrapartida, você também depõe que presenciou Santos me ameaçar de morte, quando eu declarei que iria informar à TELE-RADAR os "empréstimos" que ele fez.

O testemunho dos dois seria fatal para Santos, livrando-os de quaisquer embaraços.

Exultante com seu arranjo, Élcio "sofreu" angustiosos momentos, até o anoitecer, vivenciando por antecipação a noitada de prazer que o aguardava, com Débora.

7. MERGULHANDO

Débora estava lá, como combinaram.

Vendo-a, porte nobre e beleza helênica, Élcio julgou que tinha o mundo a seus pés, levando sobrecarga de adrenalina no sangue, injetada ante o que considerou uma "visão do paraíso", no qual ele era o rei.

Mal sabia que, como todo "rei" desses equivocados *paraísos*, toda uma corte o assessorava: eram os vingadores espirituais, muito mais excitados do que ele próprio.

Sem dizer palavra, Débora entrou no carro e não esboçou qualquer reação quando foi acariciada sensualmente, antes mesmo do carro se movimentar. Élcio tinha pesquisado e escolhido um distante motel...

A jovem sabia o que estava por vir, mas sentia-se hipnotizada, sem vontade de resistir, também com estranhos sentimentos visitando sua alma, em franco duelo com as sensações que seu corpo jovem adivinhava para breve.

Olhando para fora, enquanto o carro se deslocava, a jovem enganou a si mesma: "O que estou fazendo é por uma causa nobre: salvar minha família".

• • •

Quando alguém se julgar vítima de desígnios insondáveis, sentindo na alma que o céu está mais escuro, a noite mais trevosa e grandes tempestades ofertam à atmosfera psíquica nuvens mais carregadas de infelicidade, só há uma solução: a prece dirigida ao Amor de Deus.

Reflete-se o Amor do Pai pela presença na Terra do Evangelho de Jesus, com o inolvidável convite do Mestre chamando a si os aflitos, prometendo-lhes alívio.

Deus designou Jesus para nos governar. O Cristo, fazendo isso com permanente amor, coordena incontáveis Benfeitores que já andam na luz, para velar por todos os seres vivos. Principalmente em

meio ao escuro da maior crise, do maior problema, do mais infeliz minuto.

Nas noites de tempestade, a alvorada do dia seguinte traz o Sol, a brilhar. Nos problemas humanos, a solução não espera pelo amanhecer do dia, ou o prolongamento da hora: a prece traz, no ato, a luz celestial que ilumina o Espírito sofredor.

• • •

Débora, olhando para a paisagem de poucas casas, no trajeto com destino ao afastado motel, teve sua atenção atraída para uma desgastada placa, mas ainda legível: “Centro Espírita Sagrada Família”.

Pensou em Jesus!

Sentiu, por estranha simbiose que anulou o tempo, a angústia dos Pais de Jesus, sabendo-O condenado ao martírio infame.

Começou a orar o “Pai Nosso”, mentalmente.

Ao terminar a prece experimentou calma absoluta. Teve convicção de que não era aquela a maneira correta de resolver o problema de sua família. Não duvidou na fé emergente. Pensou, com firmeza: “Jesus está no leme!”.

Essa frase sempre a impressionara, desde que a ouvira nas aulas de evangelização infantil, no Centro Espírita que frequentara e que há tantos anos abandonara...

Decidiu desistir daquela irresponsável aventura, mas admitiu: “Embora seja penoso confessar para mim mesma, desejo esse homem como mulher e me iludo imaginando salvar meu pai, minha mãe e meu irmão”.

Definiu, claramente, que era mais por desejo e menos por virtude que concordara.

Sob enlace de invisíveis forças, dispensadas pelo Plano Maior, em seu socorro, sentiu-se como que presa na ponta de um cabo de aço que um gigantesco guindaste alçava do chão, levando-a para bem alto...

Foi invadida por invencível adormecimento.

Ante o torpor, irresistível, seu corpo pendeu para o lado de Élcio. Os Espíritos obsessores que estavam junto dela, sob ação da benéfica energia fluídica que a envolveu, foram catapultados para

longe, o mesmo acontecendo com os que, em estranha união, vinham acoplados a Élcio.

Ao ser subitamente desenfreado dos assessores que o assediavam, acrescido do corpo de Débora que tombou sobre ele, Élcio perdeu a direção, por um segundo. Mas o suficiente para o veículo se desgovernar e capotar, espetacularmente.

Antes dos corpos de ambos serem ejetados do carro, o corpo de Élcio recebeu o impacto de várias pancadas, porém amortecendo o choque em Débora.

Centésimos de segundo antes de perder a direção, Élcio se assustara com uma estranha visão: como que saindo do interior do veículo, do lado de Débora, três homens ultrapassaram o para-brisa, sem quebrá-lo, equilibraram-se tropegamente sobre o capô do motor e depois foram arremessados com violência para a lateral do caminho; antes de se passar um segundo da fantástica visão, viu outros dois homens saírem do seu lado e terem igual destino dos outros: queda espetacular, à margem da estrada.

Quando o carro capotou, pelo enorme susto que levou, antes de levar a primeira pancada na cabeça, Élcio se perguntou: "Como é que esses homens estavam de carona aqui e eu não os tinha visto? Como saíram sem quebrar o vidro? E por que Débora desmaiou?"

Desmaiou ele também.

— Vamos aproveitar... vamos aproveitar...

— Isso mesmo, antes que ele fuja para dentro...

— Tomem cuidado: por enquanto não cheguem perto deles, não estão vendo os "seguranças do Cordeiro"?

Élcio acordou a tempo de ouvir essas frases.

"A quem será que estão se referindo?", pensou. Ao ver os "caronas", xingou-os:

— Miseráveis: vocês fizeram o carro capotar. Vou matá-los.

Foi o suficiente para impedir abençoado socorro que se aproximava.

— Ih! olha o "cassineiro": acordou e está nos ameaçando, o idiota.

— Prendam-no.

Três vigorosos homens saltaram sobre ele e não houve como escapar.

— Tomem cuidado com a corda!

— É sim: dá choque.

Sem entender absolutamente nada do que se passava, Élcio, ainda tonto, só conseguiu perguntar:

— Quem são vocês? O que querem de mim?

— Cala a boca! Se falar outra vez, apanha.

— Mas, o que querem de mim?

O murro que recebeu nas costas foi resposta suficiente para entender que estava entre pessoas cruéis, das quais era prisioneiro.

Mesmo caído, um dos malvados deu-lhe um chute no estômago. Mas ao invés de atingi-lo, ele é que se magoou.

— Ai, ai, ai... a corda está ligada... ai, ai... esqueci... droga!

— Eu avisei, seu tolo!

— Esqueci, Nabuco. Sempre esqueço dessa maldita corda de fogo.

Cada vez Élcio entendia menos.

Aí, a surpresa maior, diante do que viu, que quase o levou à loucura: seu corpo, distante mais ou menos uns dez metros, todo ensanguentado, jazia ao lado do veículo. O carro que ele tanto "amava" estava pegando fogo...

— Como posso ser dois? Como é que me vejo caído ali, sangrando e estou aqui, sendo agredido por vocês?

A resposta foi uma gargalhada geral daqueles homens, que agora identificava, eram os mesmos que tinham viajado, invisíveis, de carona no seu carro...

De repente, teve uma lembrança: Débora! "Onde estará? Será que está no carro?". Gritou, desesperado: Oh! não! Não!

Tentou libertar-se do jugo dos malfeitores, mas nem conseguiu mexer-se. Gritou mais ainda: "Débora! Onde você está? Débora!".

Irrompeu em doloridíssimo pranto.

Um homem agarrou-o fortemente pelos pés e outro pelos braços, tentando arrastá-lo para longe dali.

— Soltem-me! Soltem-me! Polícia! Socorro...

Novos socos fizeram-no perceber que não seria socorrido e que coisas piores por certo o aguardavam.

— Cuidado com a corda! Não se encostem nela!

Quem dava as ordens era aquele jovem que um auxiliar chamara de Nabuco. Não mais de vinte anos. E era o chefe! Quando Élcio fitou-o, teve a impressão de que dos olhos dele desprendiam-se fagulhas, que vinham em sua direção, atingindo-o nos olhos.

Gritou de dor. Os olhos estavam queimando...

“Socorro, socorro”, ecoaram suas palavras, no vazio.

Mal podendo abrir os olhos e sendo levado dali, entreviu Débora. O coração aliviou a angústia que o judiava mais que os opressores.

“Graças a Deus ela está viva!”.

Quando disse isso os homens soltaram-no, como se tivessem levado um choque do seu corpo. Embora o soltassem, ficaram rodeando-o, à espreita, como se a qualquer momento fossem dar um bote sobre ele. Ouviram todos:

— Parece que ela não apresenta ferimentos graves.

— É. Está apenas desmaiada. Vamos buscar a maca.

Eram dois enfermeiros que a socorriam e que logo se dirigiram à ambulância estacionada ali perto, com a luz vermelha sobre o teto ligada e girando... girando...

Nova e maior surpresa: outros dois enfermeiros, estes iluminados por dentro, ampararam Débora e com cuidado auxiliaram-na a aproximar-se dela mesma! Os dois primeiros enfermeiros não percebiam a presença desses outros dois colegas, como se fossem invisíveis, embora brilhando de luz... Os enfermeiros “brilhantes” incentivaram-na:

— Confie em Jesus, minha irmã!

— Pense no Amor do Pai!

— Sim — respondeu Débora, timidamente — Deus é Pai!

Estava justamente pensando na Sagrada Família...

Ante o espanto de Élcio e de seus perseguidores, Débora aproximou-se com alguma dificuldade da sua duplicata, que jazia estendida no asfalto.

A Débora que andava (na verdade o seu perispírito, momentaneamente separado do desfalecido corpo), olhou em redor e viu Élcio.

Os dois olharam-se com intensa ternura, com indescritível felicidade envolvendo seus corações.

Nesse olhar, também de fração de segundo, exprimiram ambos todo um vasto universo de reflexões:

— Élcio, Élcio, não queria que entre nós as coisas fossem assim.

— Eu sei, Débora... eu sei.

— Então, por que você age assim?

- Nem eu sei bem, vejo que estava muito errado.
- O que sente por mim? Só desejo?
- Oh! Débora! É desejo, sim, é paixão, é um fogo que me consome... Mas o coração grita alto, neste instante, que é muito mais: amor!
- Pela Sagrada Família, Élcio, nunca vou esquecer-lo.
- Agora diga-me você: o que sente por mim, ou melhor, o que sentiu quando me viu?
- Foi... amor! Muito amor!
- Débora, Débora, vou amar você para a eternidade!
- Eu também... eu também. Amo-o, para sempre!

Quando os enfermeiros iluminados conduziram-na para o "interior" do corpo, ele entendeu o que queriam dizer seus algozes, quando mencionavam "a corda": de Débora, em pé, saía um facho de luz, levemente prateado, que se ligava ao corpo dela, caído; esse facho de luz era redondo como uma corda, cintilante de cores, não muito intensas. À medida que se aproximava do corpo no chão, esse cordão ia se encolhendo, como se fosse de borracha que estava esticado, unindo as "duas Déboras".

Élcio pôde perceber que o cordão, ao aproximar-se do corpo desfalecido, nele penetrava, subdividindo-se em milhares de fios, cada qual parecendo que entrava por todos os poros¹⁰.

Dois Mensageiros Espirituais socorristas ajudavam o perispírito de Débora a justapor-se com exatidão no corpo físico.

Em pouco, *as duas Déboras* agora eram uma só...

Após a interligação se completar, os dois enfermeiros chegaram com a maca. Nisso, os "iluminados" afastaram-se, orando um "Pai Nosso".

Após colocarem a moça na maca, conduziram-na à ambulância e logo retornaram:

— Vamos pegar o rapaz...

¹⁰ Trata-se do cordão fluídico-magnético, que liga o perispírito ao corpo físico, comunicando-lhe vida. Na morte natural, os incontáveis fios que o constituem são gradativamente desatados por Espíritos especialistas, caridosos. É por esse elo que durante o sono o Espírito, parcialmente liberto, conquanto envolvido pelo perispírito, tem condições de afastar-se do corpo físico e, segundo o objeto do seu interesse, ir a grandes ou pequenas distâncias, em locais terrestres ou mesmo visitar o Plano Espiritual. (Vide "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec, Cap. VII, nº 118.) Nota do Médiun.

O rapaz era ele!

— Cuidado! Está com muitas fraturas! Será que ainda está vivo?

Élcio quis gritar: “Fraturas? Mas como é que não sinto nada? Sim, estou vivo! Socorro!”

Logo que pensou isso passou a sentir, sim, as fraturas. Dor, muita dor.

Os enfermeiros estavam colocando talas sob seu corpo, aquele estirado no chão e cada gesto deles repercutia nele, de pé, distante vários metros...

Sentiu algo repuxar na barriga, como se estivesse sob o efeito de um aspirador, direcionado ao umbigo. Eram os salteadores tentando arrebentar aquela “corda” que também unia os “dois” Élcios.

Outra vez, a “corda”...

Entendeu: também dele, lá no chão, tal como de Débora, incontáveis fios, bem mais escuros do que os de Débora, saíam de várias partes do corpo, principalmente da região do umbigo, aquela que sentia ser repuxada. Essa estranha “corda” tinha fios que saíam-lhe do peito, da garganta e da testa, formando um feixe e vindo... até ele, ligando-se também nas mesmas partes.

“Até parece — pensou, aflito — que virei chiclete e que alguém me pisou, pois de todas as partes do meu corpo estão saindo esses fios meio gosmentos...”

A explosão foi formidável!

Seu carro simplesmente deixou de existir!

O clarão quase o cegou, a ele que já trazia os olhos com tanta dor.

O deslocamento de ar arremessou-os, a ele e seus verdugos, a grande distância. Ao cair, longe, sem se machucar, entendeu, por completo, que a “corda” tão estranha, era uma espécie de tubo elástico, que o ligava ao corpo no chão. Viu, também, que seu corpo, no chão, não se movera e que a corda se esticara, mantendo-o unido a ele mesmo. Lembrou-se dos três cheques de Santos: queimaram! Blasfemou e proferiu repetidos palavrões.

Pensou enlouquecer quando viu seu corpo ser posto na ambulância, o veículo zarpar... e ele ficar.

A “tal corda” se esticou, esticou, esticou... e não se arrebentou. A partir de um certo ponto, quando deixou de ver a

ambulância, também não viu mais a corda, sentindo-se, porém, preso ao corpo que era levado.

— Maldição: a corda não se arreventou — esbravejou um dos homens ruins, em verdade, Espíritos infelizes, maus.

Élcio não teve forças para reagir quando foi brutalmente levado por eles.

— “Para onde?”.

Sem entender o que se passava, começou a perder a noção de tudo, com os pensamentos em descontrole.

— Para onde me levam? — conseguiu gritar.

— Para o inferno — responderam em coro seus verdugos, gargalhando.

8. AMOR-ILUSÃO

Débora, no instante do acidente, teve um ato mental reflexivo de sua formação moral: intimamente exclamou: "Jesus!".

Esse pensamento-relâmpago, aliás muito mais rápido do que o próprio raio, mostrou-se no entretanto o suficiente para proporcionar-lhe auxílio mais rápido ainda: foi atendida por dois Socorristas Espirituais, que ajudaram seu perispírito a manter-se ligeiramente afastado do corpo físico, por instantes. Durante esse providencial distanciamento, que funcionou qual anestesia, impedindo dores atrozes pelos ferimentos causados, Débora pôde manter diálogo com Élcio, também em perispírito.

Logo reconduzida ao corpo físico, pela chegada dos enfermeiros terrenos, não registrava no consciente o que se passara naqueles momentos extracorpóreos. Estava certa de que tinha sido protegida por Deus. Quanto a Élcio, seu juízo era que "não era tão ruim assim como de início supusera...".

Ainda imobilizada e sem poder falar, conquanto já tendo recuperado a consciência, viu a ambulância de "resgate" chegar e dois bombeiros comentarem:

- Parece que morreram...
- Vamos com cuidado... com muito cuidado...
- A moça está em choque, com fortes batimentos cardíacos.
- O rapaz... não sei não... o pulso está "invisível", mas o coração, embora quase parando, bate ainda.
- Graças a Deus!
- É mesmo: graças a Deus!

Ao ser retirada das ferragens retorcidas, onde pequenas chamas começaram a irromper, Débora sentiu dor no pé, que sangrava muito. Depois, ainda na maca, viu Élcio ser também retirado daquele monte de ferros retorcidos, desacordado... ou morto. A seguir, a explosão. Desmaiou, tamanho o susto pelo formidável barulho e pelo deslocamento de ar que a alcançaram, a ponto de derrubar os enfermeiros, que preparavam a maca para Élcio.

• • •

- Louvado seja Deus, que te salvou!
- Mãe... Onde estou?
- Débora, minha filha, estás no hospital... Não te lembras...?
- Lembro sim, mãe: e ele... o Élcio?
- Ouvi o médico que te atendeu conversar com outro e dizer que ele está em coma, havendo poucas esperanças de salvá-lo.
- Quando... Quanto tempo faz que estou aqui?
- Desde ontem...
- Engraçado, mãe: só senti dor quando os bombeiros me tiraram do carro.
- Foi Deus que te protegeu, pois "só" quebraste o pé. A cirurgia colocou os ossos quebrados no lugar.
- Mãe, fale-me dele...
- Dele, quem?
- Do Élcio.
- Não gostamos dele, nem eu nem teu pai. Ele roubou no jogo, roubou nossa casa, fez teu pai perder o emprego e agora... Quase te matou.
- Qual a chance dele viver?
- Pequena. Ainda bem, pois do contrário vamos fazer de tudo para por ele na cadeia e obrigá-lo a devolver o que nos roubou.
- A senhora sabe o que eu fazia no carro com ele?
- Por Deus, não! Imagino que deve ter te engabelado, oferecido carona, qualquer coisa assim...
- Nada disso: ele me convidou para irmos a um motel...
- Minha Nossa Senhora! E aceitaste?
- No começo pensei em recusar, mas depois...
- Crápula! Ia te perder!
- Não, também. Propôs devolver-me os cheques do papai, a troco de...
- A troco de quê?!
- Alguns momentos junto comigo...
- Não acredito que tenhas aceitado. Não posso acreditar! Depois de tudo que passamos nesta vida e depois de tantos conselhos...
- Preciso dizer a verdade para a senhora: meu coração se enche de uma doce e quente alegria quando penso nele. Da hora

que o vi senti uma coisa muito forte dentro do peito, como se uma força irresistível me jogasse nos braços dele. Quando aceitei o convite para irmos ao motel, sabia bem o que fazia. Sei que não é como a senhora e papai pensam, mas eu queria mesmo aquilo...

— Nem morta! Nunca mais deves chegar perto dessa criatura do mal! Prefiro morrer a ver esse dia!

A entrada do médico interrompeu providencialmente a tensão entre ambas. Dirigiu-se carinhoso a Débora:

— Então, essa mocinha linda, tão dorminhoca, acordou? Meu nome é Ribeiro, arrumei seu pezinho de cinderela.

— Oh! Dr. Ribeiro, Deus lhe pague! — disse Vilma.

— Isso é bom, pois o patrão e o Governo...

Riram os três.

— Doutor... Como ele está?

—?!

— O moço que estava comigo no carro...

— Foi conduzido inicialmente para aqui, mas a gravidade dos ferimentos obrigou-nos a transferi-lo para outro hospital, já que neste não temos tomografia computadorizada, indicada para o caso. Fizemos isso quando verificamos que a pancada na cabeça era responsável por grave concussão.

— Ele... Vai se salvar?

— Deus pode salvá-lo. Quanto à Medicina, temos que aguardar mais exames e as reações dele. Nesse momento ele está sendo submetido a uma Junta Médica de dois neurologistas, um ortopedista e um anestesista. O doutor Dantas, neurologista-chefe é meu amigo e ficou de informar-me sobre o estado do paciente.

Justo nesse momento o telefone celular de Ribeiro deu alarme. Atendeu. Era o doutor Dantas que passou-lhe informação sobre Élcio. Ribeiro agradeceu:

— Tudo bem, Dantas. Deus abençoe o rapaz e dirija suas mãos. Não sei se poderei ir. De qualquer forma, grato pelo convite.

Desligando, com ar extremamente preocupado, informou:

— A Junta decidiu operá-lo. Meu amigo conduzirá a cirurgia, assessorado por dois assistentes, além de um cardiologista e o anestesista. Convidou-me a presenciar a operação e, se possível, até participar dela.

Incoercível pranto explodiu no peito de Débora.

Vilma e Ribeiro acercaram-se dela e consolaram-na.

— Meu pé... — disfarçou, usando a eterna competência feminina da dissimulação, quando as coisas do coração vêm à tona —, meu pé está doendo...

Vilma, também em lágrimas, acalmou-se em parte. Captou, no ato, que não era o pé que doía na filha, podendo até ser um pouquinho. O que doía era o coração.

— Filha, ele não merece tuas lágrimas...

— O pé? — brincou Ribeiro, perspicaz e intuitivo.

— Não, o Élcio — balbuciou Débora.

— Parece que precisamos aqui de um cardiologista, pois estou diagnosticando o coraçãozinho da nossa cinderela, mais ferido que o pezinho.

Vendo nova torrente de lágrimas na paciente, Ribeiro aproximou-se um pouco mais de Débora, transmitindo-lhe, num meigo olhar, bom ânimo e confiança no futuro.

A jovem, ferida, angustiada, pensando “que seu infeliz amor — Élcio — estava à morte”, não compreendeu como que teve a impressão que foguetes silenciosos, mas irradiantes, de repente encheram todo o quarto de luzes que acendiam e apagavam num frenesi de cores brilhantes. Pareceu-lhe até que passarinhos tinham entrado no ambiente e trinavam alegres, gorjeando um doce canto.

“Sonho? Imaginação? Ou realidade?”.

Jamais poderia defini-lo. Débora só sabia que tudo aquilo tinha acontecido, em menos de um segundo.

Ribeiro, jovem e delicado, em seu alvo traje profissional, barba muito bem aparada, cabelos negros, sobrancelhas que pareciam moldura superior das estrelas negras e brilhantes que eram seus olhos, também deve ter sentido algo. Como que atingido por leve torpor, colocou a destra sobre a fronte de Débora e não disse uma única palavra. Nem precisava.

Quanto tempo decorreu? Um segundo, um minuto, mais?

Nenhum dos três poderia precisá-lo, pois Vilma também sentiu-se envolvida. “Estranho, mas promissor momento” gritou seu coração de mãe à alma feminina, plena de intuição... Feliz pelo que acabara de presenciar.

Não conseguiu disfarçar: olhou as mãos de Ribeiro e com indescritível alegria viu ali os anulares... sem aliança!

Algo perturbado, Ribeiro sentiu um irresistível impulso: aceitar o convite de seu amigo, Dantas, indo acompanhar a cirurgia no rapaz

que agitava o coração de sua paciente. Atribulado, em autopatrolhamento, perguntava-se: “como é que só agora vi o quanto ela é linda? Será que ama o tal de Élcio? Tenho o direito de roubá-la dele? Estou agindo bem em ir presenciar a cirurgia? No íntimo, quero mesmo ajudar? E que ele sobreviva?...”.

Élcio, politraumatizado, estava imobilizado por correias à mesa cirúrgica, em decúbito dorsal. Em volta do pescoço, grossa correia de couro, forrada de borracha. Nos instantes que antecederam a cirurgia, Ribeiro aproximou-se de Dantas e pronunciou palavras aureoladas de sublime sinceridade:

— Deus o ajude a salvá-lo.

Essas eram palavras do médico responsável, do homem de caráter, do bom cristão.

— Deus nos ajude — retrucou Dantas, justificando: não abro mão de sua cooperação.

Cinco horas depois foi concluída a delicadíssima intervenção, tendo sido retirados fragmentos de ossos cranianos da meninge dura-máter (a mais externa e mais resistente das camadas que envolvem o cérebro). De menor gravidade, foi reduzida fratura no braço direito. Anteriores à cirurgia, alguns cortes pelo corpo já tinham sido costurados e pequenas hemorragias estancadas.

Élcio estava agora com “um mundo de pontos”.

Ainda em coma...

— Viu como foi bom você estar aqui?

— É, Dantas. Deus sabe o que faz e só Ele poderá explicar a razão pela qual aceitei seu convite.

— Ribeiro, somos amigos há muito tempo. Acho que existe alguma coisa nesse caso que mexeu com você. Não conte, se não quiser. Mas saiba que se eu puder fazer algo, farei com o maior prazer.

— Você acertou! Existe algo sim! Qualquer hora dessas conversaremos, OK?

Iam se despedindo quando Dantas teve um estalo:

— E a moça que estava com ele, como está?

— Bem. É a criatura mais linda que já vi.

— Ih!, já vi tudo: acertou o coração do doutor...

— Não sei... Se estava junto com nosso paciente, deve estar envolvida com ele. Quando se refere a ele, precisa ver como chora.

— Outro triângulo que a Senhora Vida desenha...

— O quê?!

— Nada, nada.

Dantas, com efeito, definira com incalculável exatidão, segundo postulados da imaterial geometria sentimental, o tríplice envolvimento.

Élcio, de início, intentando prazer e luxúria, enredara Débora nesse seu equivocado propósito.

Débora, pensando na família, acabou por sucumbir ao arrastamento de uma inexplicável paixão por Élcio.

Ribeiro, ao cuidar de Débora, transitou por seu mundo íntimo, sendo pego num inesperado turbilhão de doces sensações, cujo epicentro era o coração da bela paciente.

E mais:

Élcio, submetido à melindrosa cirurgia, tivera em Ribeiro considerável ajuda e chance de salvar-se. Não fora a intervenção pessoal de Ribeiro, apelando para sua amizade com Dantas, chefe da neurologia, e dificilmente Élcio conseguiria vaga no hospital. E sua salvação, isto é, ganhar a sobrevivência, talvez representasse para Ribeiro perda de esperanças junto a Débora.

Débora, cujo coração se inflamara por Élcio, estava agora com forte descompasso pelo jovem e belo doutor.

Ribeiro, cumprindo com exatidão seu dever, não forçava uma única claridade no porvir, junto a Débora. Intuíra ausência da esperança de um dia vivenciar com Débora, em plenitude, as nuances de carinho e paz, daquele absolutamente inesperado amor que o assaltara.

Nublado horizonte aquele, em que fios do “destino” haviam tecido a rede que os capturava, num lance, aos três.

Mais um complicador naquela trama: na verdade, ainda, nenhum dos três tinha certeza do que se passava nos corações, no seu e no dos outros. Élcio, em coma, era o que, no momento, mais distante estava daquele intricado laço, embora dele cativo.

Débora, cinco dias após o acidente, teve alta.

O doutor Ribeiro, sempre que possível, esteve junto dela. Entre ambos, qual poderosa barreira, a figura de Élcio... ainda em coma. O fato de Élcio não ter consciência, induzia Ribeiro a um procedimento ético que o impedia de dar vazão aos sentimentos que o atraíam para a jovem.

Por sua vez, Débora, autovitimando-se, vislumbrava Élcio desmaiado e, por isso, considerava que esquecê-lo seria imperdoável covardia e suprema traição.

O impasse estava criado. Doloroso impasse.

A Vida, contudo, na pujança divina que a criou, indene às ilusões de almas inflamadas pela paixão ou aos ideais de corações invigilantes, seguiu seu curso, para adequar os fatos daquele cenário triangular — Élcio-Débora-Ribeiro.

9. NADANDO NA LAVA

Aquela corda... "O que seria exatamente?", esse foi o primeiro pensamento de Élcio ao despertar. Fracamente iluminada, algo sólida, contudo sentia-a elástica.

O bando chefiado por Nabuco estava em confabulações com outros Espíritos, igualmente de má aparência, referindo-se a ele. Após alguns instantes, ouviu, aterrado:

— Royal, eis aqui o sujeito. Nós estamos devolvendo-o inteirinho. No momento ele não nos serve para nada, pois a "gatinha" está sob proteção da patrulha da luz. Tentamos de tudo para ele "aprontar" com ela, mas dessa vez não foi possível. Contudo, já estamos satisfeitos em parte, pois o pai dela, que queríamos bombardear, está na pior.

— Está certo. Foi bacana vocês nos mostrarem onde estava esse boboca que descobriram e oferecer os serviços dele para nós. Cumpriram sua parte no trato, isto é, emprestando-o por uns tempos para nós. "Sem lucrarmos nada" fizemos ele ganhar as rodadas com o pai da gatinha e nos dados, e depois perder na roleta, para ir se encontrar com ela e sobrar algum para vocês.

— Não tem importância que não conseguimos nada com a moça, pois ela apelou e o acidente impediu nosso lucro de prazer... por enquanto. O pai já está justificado.

— Da nossa parte, que gostamos de jogo, lucraremos a partir de agora, pois ele nos pertence, isso até quando aguentar, mesmo que a corda não se arrebente. Estamos quites. Quando precisarem desse bobão, é só avisar e emprestaremos de novo.

Élcio era o objeto desse grosseiro palavreado. Embora o que falassem era um tanto quanto confuso, compreendeu que aqueles dois bandos espirituais tinham participado dos últimos acontecimentos de sua vida.

Primeiro, pelo que ouvira, o bando de Royal havia "descoberto" suas potencialidades nos jogos e negociado seu empréstimo com o bando de Nabuco.

Isso porque Nabuco era inimigo de Santos.

Aliás, para favorecer a quadrilha de Nabuco, na vingança que desejavam, Royal e seus auxiliares tinham participado de suas jogadas com o pai de Débora e nos cassinos. Usando-o, arrasaram Santos.

Nabuco e os companheiros, para prejudicar mais ainda Santos, tinham-no induzido a aproveitar-se de Débora.

Agora pretendiam usá-lo, como escravo certamente, até ele e a corda aguentarem... O que será essa corda?

Era espantoso!

Incrível, mesmo.

Se não tivesse ouvido, jamais acreditaria que tais assessorias existissem. Mas bem ali à sua frente, numa dimensão que nunca suspeitara, a vida era talvez mais pujante até, conquanto atribulada, do que no reino dos vivos.

Royal veio até ele. Era o Espírito que chefiava a outra quadrilha. Agarrou-o pelo colarinho:

— Então, grande campeão, vamos voltar a jogar uns dadinhos, ou você quer ir tentar a roleta?

— Quem é você?

— Engraçadinho! Não se lembra mesmo?

— Por Deus! Não me lembro!

O jovem estalou os dedos e logo um capanga, brutamontes, surgiu na porta. Informou-ordenou:

— Ele está desrespeitando as regras...

Nem precisou dizer mais nada. O homem aproximou-se de Élcio e, apertando-lhe o queixo com força descomunal, decretou:

— Nunca mais fale essa palavra por aqui?

— Que palavra? — balbuciou Élcio, com os maxilares quase se partindo ante a brutal pressão.

— Você sabe... Você sabe...

Élcio pensou rápido: "Deus".

— Deus?

O safanão na barriga fê-lo estatelar-se de encontro à parede, passando a sentir dores no corpo todo.

— Olhe aqui, seu espertinho: cada vez que você desobedecer, nós vamos dar um carinho na sua barriga...

—?!

— Pois é: a corda não se rompeu e nós vamos usar você do mesmo jeito. Será até mais fácil fazê-lo obedecer. Se a turma do

Nabuco não conseguiu nada de você, conosco tenho certeza que teremos muitos lucros.

— Corda?

— É. O que segura você vivo é essa corda. Para os bobocas do hospital, você está em coma.

— Em coma?

— Já falamos demais. Vamos jogar!

Jogar era o que mais Élcio gostava de fazer. De alguma forma, sentiu alívio: “é melhor não falar nada, por agora. Com o tempo descobrirei esses mistérios”.

— Onde estão os dados? — arriscou.

— Palhaço, no único lugar em que sempre estiveram, lá na casa de jogo “número cinco”.

Teve sensação de pavor. Casa de jogo nº 5 era outro luxuoso cassino, no Caribe, onde o jogo de dados era o preferido. Ali se reuniam os melhores jogadores de dados do mundo, “dadistas”, como eram chamados. Élcio respeitara o lugar e se admirara da técnica exibida por aqueles profissionais. À época, lembrou-se, ganhou muito dinheiro numa noite e sobrepujou aqueles campeões, até invencíveis. Chegou a um ponto que as vitórias puseram em risco sua vida, pois foi “casualmente” convidado a nunca mais voltar por ali, já que dera prejuízo à banca, o que o motivara a ir a Las Vegas.

Recordou-se como ganhara: cada vez que sentia aquela estranha eletricidade percorrer a mão direita, pegava os dados, aquecia-os na mão fechada e depois era só atirar, tendo antes mentalizado um número, sobre o qual depositava grande quantidade de fichas de alto valor.

Nem conseguia despistar, tanto que ganhava...

Troca de dados, inúmeras, não impediram que ganhasse, muito mais do que perdia: quando não sentia aquela sensação, arriscava pouco. Era infalível: nesse caso, perdia. Do contrário, ganhava. Por isso tinha escolhido Las Vegas para suas aventuras no jogo, pois naquela cidade não havia esse patrulhamento e esse risco de vida...

Mas, em Las Vegas, algumas vezes não se deu muito bem, tendo que retornar rápido ao Brasil, para levantar mais capital. Chegou ao ponto de só lhe restar vender a casa de Santos, que ganhara como comissão da TELE-RADAR.

— Vamos indo, já se falou demais por aqui — ordenou o chefe. E completou: “o colar”!

— Agora mesmo, chefe.

Um das criaturas, sem o menor respeito, com inaudita brutalidade achegou-se a Élcio e dominando-o colocou-lhe uma estranha tira no pescoço.

— Não... não... tirem isso do meu pescoço, cheira mal e está me sufocando...

— Mas você fica tão bonitinho com o colar...

— Tirem isso de mim!

Aflito, em pensamento rogava a Deus: “o que está me acontecendo? Por favor, meu Deus: ajude-me! Imploro-lhe!”.

Um estranho zumbido cortou o ar, como se um relâmpago viesse lá das alturas diretamente sobre o grupo. Uma luz forte estacionou no local daquela sinistra região.

— Oh! não! Os homens do canhão... Fujam!

Élcio não entendeu o que se passava. Os obsessores largaram-no e saíram correndo, em desesperada fuga. Alguém tocou-lhe o ombro, com suavidade:

— Louvado seja Deus! Esteja em paz, meu irmão.

— Quem são vocês?

— Somos seus irmãos, atendendo ao seu pedido de socorro.

— Pedido de socorro? A prece?

— Sim. Ao pronunciar o nome de Deus, com fé e sinceridade, você pediu socorro ao Pai. Que nunca deixa de atender, segundo afirmou o Mestre Jesus, quando mencionou que o Bom Pastor deixa todo o rebanho em segurança e vai salvar a ovelha desgarrada¹¹. Lembra-se dessa passagem evangélica?

Suas lembranças eram fragmentadas, quanto a assuntos religiosos. Mas dessa parábola cristã lembrava-se, e bem, pois desde criança ela o impressionara bastante.

Após essa ligeira identificação, o socorrista cuja silhueta deixava escapar permanentes centelhas de luz, massageou a cabeça de Élcio, onde havia recebido forte pancada, no acidente com o carro.

— Pensemos na Bondade Divina! — convidou.

¹¹ Mateus, 18:12,13 - Nota do Médiun.

Élcio teve uma visão que durou uma fração de segundo: viu-se ainda criança, aluno da evangelização infantil do Centro Espírita que seus pais frequentavam. Perdeu os sentidos.

Quando recobrou a consciência viu-se numa cama simples, em ambiente agradável, muito aseado, com bastante claridade, proporcionada pelo sol.

“Quem seriam aqueles homens que o socorreram? Por que foram chamados de ‘homens do canhão’? Onde estava agora? Onde estava todo mundo?”. Olhou em volta e viu mesmo um canhão, só que transparente como o cristal e todo iluminado.

— Graças a Deus você melhorou.

Era o socorrista que o massageara, entrando.

Assustado, Élcio começou a tremer de pavor.

— Não se agite meu irmão, estamos aqui para ajudá-lo. Você está sendo pressionado por aqueles infelizes irmãos por causa do seu pensamento fixo em jogo.

Jogo! Essa a palavra que mais agitava a mente de Élcio.

Impensadamente, “começou a jogar” com o bondoso Mensageiro espiritual:

— Quem são vocês, na verdade?

— Já respondemos a essa pergunta: somos socorristas, humildes servidores do Cristo.

— E aquele canhão?! Também é do Cristo?

— É nossa defesa contra eventuais ataques de surpresa, pois nos locais aonde vamos em tarefa de auxílio, nem sempre somos recebidos em paz. Você, por exemplo, foi resgatado de uma triste região, onde a bênção do Sol não comparece, pois águas paradas formaram ali um pântano, cercado de vegetação de triste aspecto. Espíritos muito infelizes só conseguem acampar naquelas bandas, pois seu padrão vibratório é consentâneo com aquele ambiente.

— Então vocês são guerreiros?

— Necessariamente, não. Não participamos de combates como as guerras do mundo. Procuramos, na medida das nossas poucas forças, defender os necessitados que nos pedem socorro, com merecimento dessa ajuda.

— O canhão... mata?

— De forma alguma. Apenas deixa inconscientes os agressores. Quando usamos o canhão, e isso fazemos em último caso, socorremos também a eles, desde que aceitem.

— Não entendo: atiram neles e depois socorrem?

— Isso mesmo: o canhão emite ondas de altíssima vibração, acima da possibilidade de percepção espiritual, mudando por alguns instantes, de forma expressiva, o equilíbrio vibratório do ambiente ou mesmo de um determinado sítio. Com isso, quem não esteja sintonizado na Justiça e no Amor de Deus não tem condições de reagir, ficando ainda impossibilitado de prosseguir em eventual ação maldosa que esteja praticando. Isso, por si só, desestrutura o metabolismo mental negativo, advindo momentânea perda de consciência desses tais.

— E depois?

— Como dissemos, socorremos a todos, agressores e agredidos.

— O que vocês chamam de socorro?

— Temos delegação de nossos superiores para ofertar-lhes estadia de refazimento num pronto-socorro espiritual. Acontece, quase sempre, que tanto uns quanto outros rejeitam essa ajuda, preferindo retornar à equivocada situação. Poucos, infelizmente, aceitam a tarefa de modificarem a si mesmos, abandonando vícios e más tendências, único meio de reconstruírem suas vidas.

Élcio lembrou-se do acidente. Na mesma hora a cabeça começou a doer. Uma dor quase insuportável...

— Não se fixe no acidente, meu irmão, do contrário você não poderá ser ajudado.

Mas já era tarde. Élcio, tentando sufocar a dor, lembrou-se de Débora e, sem conseguir dominar-se, uma onda de calor percorreu-lhe todo o organismo. Com a região genital "incendiada", um compulsivo desejo sexual invadiu-lhe o cérebro, que passou a formular ardentes cenas com Débora.

Durou poucos segundos o tormento abrasador: qual um míssil, percorreu o espaço e em um segundo saiu da claridade para a penumbra. Literalmente, aterrissou numa região lodosa. A cabeça doía. Aliás, todo o corpo doía muito. Um pouco antes de perder os sentidos, tentando recompor os fatos, para entender o que estava se passando, teve três pensamentos, nessa ordem:

1º - Débora: sexo

2º - Acidente: fatal?

3º - Inimigos do "colar", Royal, Nabuco e os capangas: onde estariam?

Despertou, sem saber depois de quanto tempo.
Olhou em volta e não entendeu. Estava sozinho.

“Onde será que estou? Acho que estou louco... ou morto”,
pensou.

Teve imediata resposta à terceira questão que formulara,
ainda há pouco. Ouviu:

— Procurando-nos?

Eram os obsessores “dadistas”.

Quis fugir. Mas, para onde? Como eles estavam justamente
ali?

— Vejam só — exclamou Royal —, ele voltou. Está ali, o fujão!
Vamos “dar um trato” nele.

Tentou escapar, tentou correr, tentou reagir. Isso só fez
redobramos os castigos. O “colar” voltou ao pescoço e levou uma
surra como jamais imaginara.

— Batam! batam mais!

E toma pancada.

O chefe olhou para um auxiliar e este logo entendeu. Colocou
Élcio deitado, de bruços, e ficou em pé sobre suas costas. De vez em
quando pisava-lhe na nuca, fazendo com que o rosto mergulhasse no
lodo...

Sim: estava na região dos pântanos...

Depois de ser submetido a essa brutalidade por repetidas
vezes, as resistências de Élcio se esgotaram. Perdeu por completo a
noção de onde estava, de quem era, do que tinha feito, fazia ou viria
a fazer...

Foi arrastado para longe em penoso deslocamento, sendo que
em sua mente, Débora foi arremessada “para fora do sistema solar”.

O Tempo é o guardião da Vida e do Progresso!

Lenda árabe diz que um sultão, sábio, chorava as muitas joias
que estava perdendo, todos dias... Seu tesoureiro, não entendendo o
motivo de tão dolorido pranto, perguntou, respeitoso:

— Luz dos súditos, diga para meu espírito em trevas, que
joias vens perdendo tanto, todo dia?

— Cada minuto sem obras no Bem...

Sem compreender como conseguia viajar, pois sentia-se
deslocando, Élcio imaginou que vivia um pesadelo. Não era possível
aquelas coisas estarem acontecendo. Mas a corda no pescoço,

puxada por carcereiros maldosos, provava o contrário: era prisioneiro, aquilo doía, sufocava.

Sentir-se deslocando a esmo é uma das mais desconfortáveis sensações humanas.

— Aonde vamos? Aonde vamos? — conseguiu gritar, em desespero, sob medo atarrador.

Bofetadas e gargalhadas cruéis, as respostas.

Logo, a aproximação de luzes noticiava chegada, causando grande alívio ao prisioneiro. Sentiu um cheiro que exalava no ponto de parada: jogo! Aquele odor era inconfundível, eis que tabaco e álcool temperam o hálito dos frequentadores desses ambientes e, no conjunto de suas expirações, uma verdadeira nuvem venenosa se forma, envolvendo o local e adjacências.

A cobiça de todos encarrega-se de dar o tom escuro que faz moldura espiritual nos cassinos.

Nisso, ouviu um som inconfundível: roletas, girando... "Será possível?!". Era. Estava diante de um cassino. Energizado em parte pela sintonia do ambiente, verdadeiro "habitat" para seu vício — a compulsão pelo jogo —, criou coragem e agiu como jogador:

— Por que eu? O que vocês, afinal, querem de mim?

— Você é especial, camarada. Você tem a pomada, a gosma... E foi por ela que nós voltamos a nos encontrar. Simples questão de sintonia, amiguinho.

— Esse é o problema de vocês: sempre se dirigem a mim com charadas. O que é isso agora que chamam de "pomada" e "gosma"?

— É... essa coisa que marca as cartas, os dados, as fichas... e que sai das suas mãos...

— De que vocês estão falando?

— E esse é o seu problema: fazer-se de ingênuo. Por que acha que sempre ganha no jogo? Por quê? Hein?

— Imagino que é porque sou bom jogador.

Mais o tom do que as palavras demonstrava vaidade, superioridade — orgulho, enfim.

— Errado, seu idiota! Você não é um bom jogador. Você é como um alicate ou um martelo.

—?!

— Não passa de uma ferramenta em nossas mãos. Aliás, você até já foi emprestado para ser usado por outra equipe, mas desde

que se aproximou daquela “coisinha linda”, estávamos esperando sua volta.

— Equipe? “Coisinha linda”? Quem me usou?

Perguntou por perguntar. Sabia as tristes respostas.

— Ai, ai, ai... como você pergunta! Nós o acompanhávamos quando você só pensava em jogar. Aí eles pediram você emprestado. Fizemos você ganhar e perder no jogo com o pai da gatinha, como favor para o Nabuco e o seu pessoal. Quando você saiu com a moça, de carro, parece que eles perderam a chance de tirar proveito das suas sensações.

Élcio confirmou: Débora era a “coisinha linda” a que se referiam aqueles marginais. Seus sentimentos por ela, que sabia correspondidos, de alguma forma, haviam modificado sua mente. “Oh! então ao mudar meus pensamentos desliguei-me de outros “inimigos”, sendo aprisionado por estes...”.

“Débora”... pensou.

— Se você voltar a insistir na desobediência — ameaçou Royal —, vamos dar uma dose mais forte do remédio.

Élcio tremeu. Lembrou-se do gosto insuportável do lodo entrando em sua boca e narinas, indo aos pulmões e estômago. Sentiu náuseas, na hora.

— “Massagista”, preste atenção: quando entrarmos aí, obedeça bonitinho e daremos uma comissão para você.

“Por que me chamam de massagista? E que comissão vão me dar?” — pensou Élcio.

— Você vai obedecer nossas ordens e talvez não apanhe mais. Bobão, nós estamos te oferecendo prazer e você nos devolve ingratidão!

— Prazer? Pancada é prazer?

— Claro que não. Você só apanha porque é desobediente. Obedeça e será feliz. Muito feliz...

— Feliz? Aqui, com vocês?

— Está vendo só, como você é teimoso e ingrato? Acho que precisa de uma nova dose do remédio...

— Que remédio?

Outra vez perguntou por perguntar, pois sabia a resposta.

As luzes intensas quase o cegaram. Aos poucos foi se acostumando com a luminosidade. Crescente, sentiu arrepios, dos pés à cabeça. A magia daquele ambiente o envolveu, rápido. Mas,

oh! tristeza: não tinha cacife para jogar! Nem seus escravizadores. Contudo, ali não se sentia escravo, e sim, superior aos demais.

— Façam seu jogo, senhores! — convidavam os crupiês.

— Faremos sim! — responderam os Espíritos, menos Élcio, em estado de choque, mas já se envolvendo.

— Preto, trinta e dois...

— Vermelho, doze...

— Preto, vinte e um...

— Preto, quatro...

E a roleta girando, girando...

O cigarro, as bebidas alcoólicas e os tóxicos ilegais — esses inseparáveis e infelizes companheiros —, juntos, não têm metade do potencial escravizador do jogo!

Acima da escravização do jogo, só a do sexo desvairado.

Élcio se esqueceu de tudo. Uma incontida ansiedade o dominou: tinha que jogar, custasse o que custasse. Mas, onde arranjaría dinheiro?

— Como assim? Como jogar sem fichas? Vocês estão loucos? Ninguém nos vê... Ninguém nos vê...

Bofetadas, em alta dose, afastaram o histerismo de Élcio.

— Idiota! Idiota! Você só tem que obedecer. Sabemos o que fazemos. Você tem uma "pomada" no corpo e com ela vai jogar, ou melhor, vai passá-la nos jogadores, para eles ganharem...

— Mas... Como isso é possível?

— Como é possível?! Você é muito ingrato! Há tempos vimos assessorando-o assim e você ainda duvida?

— Há tempos? Não estou entendendo...

— Como você é ingênuo. Por que acha que quase sempre ganha? Hein? Hein? É porque nós passamos sua pomada nas cartas ou nos dados...

A informação era fantástica, incrível mesmo!

Referiam-se os obsessores à mediunidade de efeitos físicos, como a de Élcio, pela qual os médiuns doam uma substância extraordinária, denominada ectoplasma¹². Os obsessores apelidaram essa substância de pomada, e daí, o apelido de massagista.

¹² Ectoplasma: termo usado pela primeira vez por Charles Richet (1850-1935), fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina em 1913, no seu "Traité de Métapsychique" - "Tratado de Metapsíquica" -, investigando faculdades paranormais. No caso, médiuns que têm a condição de emanar essa substância

— Está muito falado. Vamos agir. Aos dados!

A ordem soou como doce melodia aos ouvidos de todos. Até para Élcio, que na mesma hora ousou:

— Mas... E o dinheiro?

— Dinheiro? — gargalharam os "dadistas", dirigindo-se a uma das mesas de dados, toda forrada de acetinado pano verde, com quadrículas em metade da extensão, de cores variadas, com números de 2 a 12, repetidos várias vezes, sem nenhuma ordem sequencial.

Vários jogadores aglomeravam-se numa das pontas da mesa, de onde atiravam os dados, após colocarem suas fichas nas quadrículas que tinham escolhido para a aposta.

Fazia tempo que ninguém ganhava.

Um mesmo jogador às vezes colocava fichas em várias quadrículas, mas mesmo assim os números dos dois dados atirados não coincidiam com suas pretensões.

O jogo era o mais rápido de todo o cassino. E aquela banca, seguramente, a mais lucrativa.

— Jogue! — determinou Royal, dadista-chefe.

Élcio não entendeu a ordem, dirigida a ele.

— Pegue e jogue, seu imbecil: passe a mão no número cinco dos dois dados.

Ainda desta vez Élcio não sabia o que fazer.

Aos trancos, seus perseguidores obrigaram-no a pegar fichas e dados. Acontece que obedeceu à ordem, mas sua mão atravessou aquilo, sem movê-los. Mesmo assim tentou fixar o pensamento no número cinco dos dois dados. Incrédulo, viu as faces com esse número se cobrirem de um vapor esquisito.

— Arrisque no dez, companheiro — soprava um auxiliar de Royal junto ao ouvido do jogador encarnado, repetindo essas palavras à exaustão. O homem, embora nada ouvisse, registrou o "conselho" no subconsciente. Jogou no dez. Ganhou!

Na mesma hora Royal quase encostou a boca na do jogador, de onde exalava uma espécie de fumaça, que era na mesma hora transferida para ele.

fluídica (ectoplasma) para uma variedade de fenômenos mediúnicos, sendo o principal o da "materialização". Nota do Médium.

Várias outras jogadas sucederam e o homem conseguiu mais ganhar do que perder, sempre em números altos: ora o nove, ora o onze, ora o dez, ora o doze... Cada companheiro de Royal teve sua vez de receber aquela fantástica transfusão.

Élcio foi o último.

A seguir, outra ordem:

— Você hoje vai experimentar sua capacidade no pôquer — ordenou-lhe Royal.

À ordem, Élcio foi violentamente puxado para perto de uma mesa de pôquer. Quatro jogadores estavam concentrados, com as cartas na mão. Nenhum captou a aproximação dos sinistros jogadores do invisível.

— Olhe o jogo dos pamonhas — ordenou o chefe a Élcio que, com alguma relutância, mas ao mesmo tempo com gosto, examinou as cartas nas mãos dos homens.

— Qual vai ganhar?

— Como vou saber?

— Olhe as cartas do baralho.

Élcio olhou. Viu-as! Viu as cartas, uma a uma, embora estivessem viradas para baixo! Extasiou-se.

— Então? Agora é só ver quem vai pedir cartas e saber se as cartas serão as da vitória. Quando chegarem as cartas certas no jogo certo, faça uma massagem nas cartas — numa ou nas duas!

E assim se passaram três rodadas.

Na quarta, Élcio exclamou com orgulho:

— Aquele ali! As próximas duas cartas darão um jogo espetacular para ele.

— Então passe a mão nas cartas da mesa e abrace ele.

Abraçá-lo? Para quê?

Um safanão fez com que Élcio caísse em cima do homem.

— Abrace ele!

Temendo nova agressão, passou a mão sobre duas cartas do baralho e abraçou o jogador, por trás.

“Incrível como minhas mãos conseguem atravessar as cartas”, pensou Élcio. Perceberam os Espíritos que as duas cartas sobre as quais Élcio impusera as mãos tinham ficado ligeiramente embebidas numa fumaça, quase vapor. Aproximaram-se do homem e disseram, em coro: “Compre duas!”.

Na mesma hora o homem sentiu uma indefinida sensação de vitória! Pediu duas cartas.

A seguir, os Espíritos rodearam a mesa e insuflaram aos outros três jogadores que subissem as apostas, pois diziam a cada um que seria o vencedor e que os demais estavam blefando.

As apostas subiram extraordinariamente e o desfecho foi o esperado pelos jogadores que na verdade comandavam a rodada: o homem que Élcio ainda abraçava ganhou e deu um pulo, levando-o para o alto, em suas costas, tamanha a aderência que os unia, ou melhor, a sintonia psíquica que imantava um ao outro: jogar, jogar, jogar; para ganhar, ganhar, ganhar.

• • •

Pouquíssimas pessoas manteriam o equilíbrio se pudessem ver o desdobramento da infeliz simbiose, entre os Espíritos obsessores (desencarnados), Élcio (encarnado, mas ali agindo através do perispírito) e o jogador que ganhou. Com efeito, deste último extravasava, a partir do tórax à cabeça, uma espécie de névoa que os obsessores sorviam, em êxtase: o gosto da vitória, do ganho no jogo! Triste e sinistro espetáculo aquele, no qual um encarnado fornecia energias deletérias a Espíritos desencarnados, ávidos de sensações grosseiras; mais triste ainda era o fato de que esse tenebroso intercâmbio se processava por um encarnado, compelido a agir para o mal, como se fora escravo. Mas nisso comprazendo-se.

Essa condição de deslocar-se em perispírito e conscientemente agir era ferramenta sublime que Protetores Espirituais haviam lhe concedido por empréstimo nesta existência terrena, para realizar tarefas socorristas. Com isso, poderia resgatar candentes dívidas, insculpidas em sua consciência e de há muito consignadas em páginas anteriores do livro de suas vidas passadas.

• • •

Assim passaram a noite, Élcio, os obsessores e os homens. Interessante é que os que perdiam eram justamente os que mais queriam prosseguir jogando...

A cada partida, devidamente assessorado por Élcio, o jogador que ganhava exalava aquela mesma "nuvem energética", que era

aspirada pelos *Espíritos vampirizadores*, na adequada expressão do notável Espírito André Luiz, em várias obras psicografadas.

Conforme prometeram, quando estavam fartos, deixavam Élcio sorver uma porção daquela névoa. Ao sorver sua quota, tinha a estranha sensação de que, ao inspirar aquela espécie de hálito, revigorava-se de alguma forma.

Após muitas jogadas, algo extraordinário aconteceu:

— Muito bem! Muito bem! Vocês já se serviram e agora é nossa vez.

Quem assim falava era um Espírito, acompanhado por uma robusta “guarda de segurança”, de mais ou menos outros dez Espíritos.

— Quem são vocês? — perguntou Royal.

— Tito. Dono deste “ponto”. Deixamos vocês usá-lo e deixaremos sempre, mediante um acordo na base do “seis por um”.

— O que é isso?!

— Vocês usam nossa casa por seis vezes e emprestam o massagista uma vez...

— Emprestar o massagista? Para quê?

— Problema nosso.

Royal não entendeu, mas devido às circunstâncias, mais especificamente a truculência estampada nos auxiliares de Tito, concordou. “Aliás” — raciocinou —, “o que tinha a perder?”.

E assim, nos dias seguintes, Royal, sempre comandando sua equipe e Élcio, voltaram ao cassino por mais cinco vezes, após o que o “massagista” foi “transferido, por empréstimo”, para o grupo de Tito.

— Amanhã vocês o recebem de volta.

Élcio sentiu-se objeto. Nada mais que objeto. Levado daqui para ali, usado, trocado, alugado, devolvido.

— Olha aqui! — disse Tito a Élcio, enquanto saíam do cassino — se você cooperar vai se dar bem, do contrário...

À saída, Élcio teve um tremendo choque: do lado de fora do cassino, passando mal e sendo atendido por algumas pessoas, estava o homem que ele ajudara a ganhar nos dados. Em pouco tempo desencarnou.

— Não reconhece, rapaz? Esse aí é aquele dadista que você e sua turma sugaram até não poder mais...

Chegaram. Aonde?

Numa rinha.

— Meu Deus! — lamentou-se Élcio.

— Pare com essas ideias. Se você outra vez tentar fugir, nós o liquidamos.

— Mas eu não tentei fugir...

— Tentou sim. Não tem que ficar pensando nessas coisas. Nem ficar *sensívelzinho*. Para aprender, toma esse aperitivo.

Assim se expressando, Tito fez um sinal para dois auxiliares, que na mesma hora agrediram Élcio.

Mesmo apanhando entendeu, vagamente, que reprovar aquilo (as brigas de galo), mesmo em pensamento, era tido como "tentativa de fuga"; ou, ainda, quando ficava meio arrependido, um tanto quanto emocionado, os agressores — tinha sido assim com Nabuco e Royal — ficavam nervosos, imaginando que ele queria fugir.

— Vamos lá: qual bicho desses aí é o campeão?

— Como vou saber?...

— Olhe bem para cada um e veja qual é o mais forte.

Sem entender absolutamente nada daquilo tudo Élcio olhou os galos: eram todos fortes, sadios e atentos, possuindo potentes esporas. Alguns traziam cicatrizes, denunciando brigas anteriores.

É sabido que uma briga de galos acaba quando morre um dos combatentes, ou os dois, o que acontece amiúde. Se ocorre empate, às pobres aves, de tão estropiadas ficam, só resta a morte. Dependendo dos ferimentos, em raros casos, o animal é tratado e depois de dois ou três meses volta à rinha. Contudo, o que mais acontece é que eles, com grandes ferimentos, são levados para um ambiente, nos fundos, chamado "rebolo", onde são deixados para continuar brigando, até à morte, como castigo, por não terem feito com que a luta tenha sido "interessante". Algo parecido com o castigo dos raríssimos gladiadores que tentavam poupar o inimigo.

Esses torneios são ilegais. Neles, dezenas, e às vezes até centenas de apostadores reúnem-se, geralmente nos fins de semana. Quase sempre, nos torneios há primeira e segunda divisão — naquela, os galos são de pessoas ricas, tendo acompanhamento veterinário e superalimentação (aveia, ovos, leite, cenoura, sementes de girassol e milho); já nesta, estão os mais fracos, de donos pobres. Na primeira divisão, há prêmios até de carros novos, já na segunda, pequenas importâncias em dinheiro, às vezes até cabras ou bicicletas.

Ali era rinha de primeira divisão. Em geral, as brigas de galo duram de 40 a 60 minutos. As várias brigas programadas teriam duração de 55 minutos cada, divididas em três tempos: um de 15 minutos e outros dois de 20.

Os galos traziam justapostos ao bico e às esporas objetos de alumínio, proporcionando-lhes condições de ferir mais os adversários.

• • •

De pasmar!

Mesmo da Espiritualidade, não há como descrever o horror que no futuro se refletirá nos Espíritos daqueles que apreciam as cenas que acontecem em tais ambientes. Os mais baixos degraus da iniquidade são a base das pessoas que promovem esses espetáculos, a elas igualando-se aquelas outras que os assistem, empolgadas. Esses combates existiam na antiga China, na Grécia e em Roma — então “expoentes máximos da civilização, da cultura, do progresso...”

Oh! infeliz Humanidade! Nem os séculos conseguiram tirar do planeta Terra essas nódoas, trazidas dos porões da maldade humana. Ao contrário, consciências empedradas as sofisticaram.

Não se espante criatura humana qualquer quando se defrontar com quadros de grande dor no cenário terrestre. É da lei que o que se plantar se colherá. Daí...

• • •

Élcio teve pena dos galos. Aquilo era o absurdo dos absurdos: como o ser humano pode...

Recebeu fortíssimos golpes, que doeram bastante.

— Pare de tentar fugir! Já avisei! Diga agora qual é o mais forte? A briga já vai começar...

Élcio não sabia o que dizer. Os donos dos galos e mais de duzentos assistentes faziam apostas milionárias.

Olhou para os dois pobres animais.

Fixou bem a atenção.

Jamais poderia explicar porque os animais ficaram inquietos à sua aproximação, já que se sabia invisível. Desconhecem quase todos os seres humanos que os animais, conquanto não disponham de quaisquer atributos mediúnicos, nem por isso deixam de captar

vibrações espirituais adjacentes. Algo como a leve sensação de frio ou calor que o banhista sente quando entra no mar e cruza por pequenas correntes marítimas.

— Não sei qual vai ganhar...

— Tem que saber: passe sua "pomada" neles e veja qual fica com menos. Esse será o mais fraco, logo, o outro irá ganhar.

Obedeceu, receoso de nova agressão. Começou a alisar os dois galos; na mesma hora, o que parecia da raça "Índio" ficou com mais "pomada". No mesmo instante a aura da ave passou a apresentar um tom vermelho escuro fortíssimo. Tito acercou-se do dono do galo e murmurou-lhe insistentemente ao ouvido:

— Aposte alto! Aposte alto! Aposte muito!

Ato contínuo, o homem resolveu arriscar uma fortuna. Oferecendo grande vantagem nas apostas, na base de três por um, ficou em jogo elevada soma. Como as apostas subiram muito além do previsto por ele, teve que "bancar" uma importância que, em caso de derrota, o arruinaria. Mas não conseguia ver mais nada: só pensava em apostar, já que algo lhe dizia que ganharia.

Esse "algo" continuou induzindo: "aproveite! aposte mais! não tenha receio, vamos ganhar".

Élcio estava perplexo com o que via e ouvia e ainda mais com o "vamos", sinalizando que Tito também ganharia. Mas, o quê?

A rinha literalmente ferveu. A expectativa era assombrosa quando o juiz autorizou o início do combate.

Tito colou-se ao dono do galo e seus capangas igualmente acoplaram-se aos apostadores que também arriscaram na vitória daquele galo.

Mais que os encarnados, os Espíritos exultavam.

Élcio não compreendia o que se passava.

Poucas vezes se viu briga igual.

Inútil descrever a que ponto o homem se degrada e agride a moral cristã, como naquele cenário. Consignar detalhes daquilo seria imperdoável desrespeito ao papel, que tantas sublimidades vem registrando desde que substituiu a pedra, a madeira ou o papiro.

Vendo os dois galos digladiando-se em combate mortal, Élcio começou a passar mal. Veio-lhe à memória uma deslembada aula, no primário, onde de forma poética os galos eram mostrados como os "despertadores do mundo", com o seu tradicional bom-dia do "có-có-ró-có-có"...

Lágrimas queimaram-lhe as faces de tão quentes, tão sofridas, tão amarguradas.

Quando o galo “índio” realmente venceu, os obsessores fizeram verdadeira respiração boca a boca com os apostadores que ganharam, dos quais o “hálito da vitória” era expelido e na mesma hora haurido por eles.

— Meu Deus! — exclamou Élcio, compungido, arrependidíssimo de ter feito o que fizera.

Sem que Tito ou seus capangas pudessem impedi-lo, até porque estavam usufruindo das nefastas energias que evoluíam dos ganhadores, Élcio saltou na rinha. Tamanha era sua decisão que o galo vencedor deu um pulo para trás, num movimento inusitado aos ganhadores. Mais uma vez comprovava-se, ali, indícios de percepção espiritual nos animais. Vendo o perdedor estirado, contorcendo-se em convulsões que denunciavam dores atrozes, Élcio teve um gesto de piedade: olhou para o céu e pensou: “Deus, meu Pai e Pai desta pobre ave: não deixe ela sofrer”. Passou carinhosamente as mãos no pobre animal. Na mesma hora, até ele espantou-se diante do que aconteceu: uma substância realmente parecida com pomada começou a sair de suas mãos e envolveu o animal à morte, proporcionando-lhe imediato alívio, pela desencarnação.

Seu espanto deveu-se a que a pomada parecia estar iluminada...

No mesmo instante viu-se em outro lugar, num jardim.

10. SOCORRO À VISTA

— Graças a Deus! — disse-lhe um homem de olhar fraternal, vestido de branco.

— Onde estou? O senhor é médico?

— Não, meu filho. Sou apenas o encarregado de enfermagem deste Posto Espiritual. Por aqui me chamam de Jules. Você está na “Pousada dos Aflitos”.

— Estou ficando louco. Há pouco estava numa rinha. Acho que desmaiei ao ver aquelas cenas horríveis.

— Na verdade não houve desmaio, mas sim transferência, por solicitação de seu Espírito protetor, que tenta orientá-lo e ajudar. Foi por merecimento que você veio para este que é um posto intermediário entre o que poderíamos dizer “a Terra e o Céu”. Aqui estagiam por algum tempo os Espíritos ainda em tarefas terrenas, sob supervisão de outros, já desligados das vestes físicas. Você está no primeiro caso e eu no segundo. Divido meu tempo com atividades neste posto e na “Seara dos Espíritos”¹³, que supervisiona vários outros postos como esse.

— Não sei como ainda não fiquei louco... Ou será que já estou? Você... o senhor... me diz que eu não morri e que é “alma do outro mundo”, não é mesmo?

— Pode me chamar de Jules ou simplesmente tratar-me por você. Tenho responsabilidade sobre sua evolução espiritual e procuro ajudá-lo, o que faço com muita alegria. Estamos vivos, nós dois, apenas em dimensões diferentes. Nada a admirar. O Amor de Deus trouxe-o para aqui, tão logo seu coração fez uma prece sincera. Lá na rinha sua consciência mostrou-lhe o equívoco daquilo e seu coração despertou para a piedade com os humildes e infelizes animais vítimas da ignorância e da maldade humanas. Isso foi bom. Foi uma prece.

— Como Deus deixa aqueles pobres galos sofrerem tanto?

¹³ Cidade espiritual, descrita no livro “O Prisma das Mil Faces”, do mesmo autor espiritual desta obra. Nota do médium.

— A dor, por mais que doa em nossa alma vê-la nos seres vivos, é um dos mais eficientes mecanismos de aprendizado. Toda dor é episódica e só o amor se eterniza. Nos homens funciona como freio ao comportamento errado, pois que têm inteligência e opção de escolher entre o bem e o mal. Se não houvesse a dor, estancando o erro, muitos homens seriam condenados às penas eternas, a que se referem equivocadamente várias religiões, pois aqueles que praticassem o mal ininterruptamente, também sem interrupção teriam que estar resgatando-o.

— Jules, sem querer ser impertinente, não consigo compreender como é que Deus, sendo o Pai de todos os seres vivos, conforme me ensinaram na evangelização, quando era criança, deixa milhões de animais sofrerem. Está certo que o homem tendo responsabilidade dos seus atos, por ser inteligente e livre para escolher como agir, seja igualmente responsabilizado pelo que faça. Mas quanto aos animais, como entender que uns sofram tanto, enquanto outros usufruem o carinho dos seus donos?

— Essa dúvida não é só sua, muitas pessoas pensam como você, encontrando a maior dificuldade para aceitar a Justiça Divina no caso dos animais que sofrem, sendo todos inocentes. Mas não há razão para duvidar. Deus, sendo a Inteligência Suprema e Criador de tudo o que existe, não cometeria tão singular equívoco. Sobre Deus, a propósito, é conveniente que o homem jamais, mas jamais mesmo, duvide da Sua Perfeição.

— Exatamente essa a dificuldade: tanta injustiça neste mundo...

— O sofrimento humano é colheita resultante de plantação equivocada. Já no animal, outro deve ser o entendimento: a dor que o visita tem função pedagógica, isto é, para que registre em sua memória espiritual, individualizada e eterna como a dos homens, que não é agradável sofrer, pelo contrário; com esse conhecimento impresso nele, vivenciará várias experiências no reino animal, através das vidas sucessivas, rumo à evolução, que é inexorável, por ser Lei Divina. Evoluindo, o princípio inteligente existente no animal evoluirá até chegar a Espírito racional, tanto quanto os homens que se aprimoram no Bem alçam à condição de anjos.

— Animais se transformam em homens?!

— Os seres vivos iniciam sua trajetória evolutiva a partir dos reinos inferiores da natureza, sendo essa uma das hipóteses mais

bem elaboradas quanto ao ciclo da evolução. O homem ainda não guarda conhecimentos suficientes para ajuizar como se processa tal progresso. Não obstante, não contraria o bom senso a ideia de que os diferentes animais vão evoluindo dentro de sua espécie, até se tornarem mansos e reunirem condições para se elevarem à posse da inteligência em nível que os habilite à promoção do reino humano¹⁴.

Jules fez pausa e prosseguiu:

— Vou dar um pequeno exemplo: aqueles galos que você viu brigando, são provavelmente uma etapa evolutiva à frente das aves de rapina e uma anterior às aves dóceis, fugidias, assustadiças, tais como o frango-d'água, a galinha-d'angola que, por sua vez, serão as meigas pombinhas que comem milho à mão de estranhos. Outro exemplo: o gatinho dócil que não sai do colo do dono, todo ronronante, terá sido a temível pantera de ontem, tanto quanto o pacífico cão vira-lata, exemplo de fidelidade, terá estagiado como hiena, como lobo, como cachorro-do-mato. E assim por diante.

— E os bois que são abatidos com crueldade nos matadouros?

— Apenas como reflexão, podemos ajuizar que no patamar evolutivo do nosso planeta, o sofrimento dos rebanhos nos matadouros, ao tempo que se converte em alimento que o homem ainda não pode dispensar, pelo seu atraso moral, proporciona-lhes notável lição da dor. E essa lição, é bem provável, não precisa ser repetida num mesmo animal. Havendo muitos mundos no universo, esses sofridos alunos talvez sejam transferidos para um deles, onde serão objeto de respeito e amor. Os animais que são hóspedes compulsórios dos zoológicos valorizam a liberdade, não é mesmo? Já quanto a todos os outros animais que sofrem crueldades, nada nos objeta supor que não havendo necessidade dessa, que podemos chamar de dor-professora, os Guardiães Espirituais que cuidam das espécies proporcionam-lhes anestesia no instante em que são injuriados.

— Deus criou a dor?

— O Pai, Bondade Absoluta, não criaria a dor. Contudo, sendo a Justiça Suprema, engendrou mecanismos para que o equilíbrio universal jamais fosse sequer arranhado. Assim, não podemos dizer que a dor tenha sido uma criação, nem de Deus, nem dos homens.

¹⁴ Em “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, encontrará o leitor maior aprofundamento dessa questão — o progresso dos animais —, às questões 601 a 610. Nota do Médiun.

Até onde podemos erguer suposições, trata-se de um maravilhoso mecanismo de alerta para todo e qualquer procedimento que contrarie a Lei do Amor. Amor esse que até mesmo entre feras se manifesta, seja em rudimentos maternos junto às crias. De qualquer forma, trata-se de um consequente, jamais de um antecedente.

Após três dias de estadia na "Pousada dos Aflitos", Élcio sentia-se parcialmente refeito dos problemas vivenciados nos últimos tempos, desde o acidente. Conseguia ordenar os pensamentos, mas não conseguia entender como tantos fatos se processavam em sua vida. Procurou o atendente e perguntou-lhe:

— Jules, há uma série de coisas que não entendo: lembro-me que sofri um acidente de carro, vi meu corpo ser levado numa ambulância e depois disso fui aprisionado por malfeitores que me obrigaram a obedecer-lhes. Se meu corpo está num hospital, como é que eu estou indo daqui para ali, sem mais nem menos? Por favor, diga-me a verdade: isso... é a morte?

— Não, Élcio, isso não é a morte. É a vida, numa outra dimensão, ofertando pausa a quem transita em caminhos perigosos, às vezes em alta velocidade...

— Mas eu não estava correndo...

— Não me refiro ao acidente com o carro: estou falando da sua conduta. Não sou juiz e nem que quisesse poderia sê-lo, porque errei e ainda erro muito. Mas o que sei sobre as Leis de Deus, dá-me a certeza de que aquilo que é chamado "coma" pela Medicina terrena, em quase todos os casos é uma oportunidade que Jesus oferta a alguém, para reavaliação de compromissos...

— Compromissos?!

— Sim, compromissos assumidos pouco antes de cada reencarnação, visando principalmente progredir espiritualmente, ao tempo que resgata eventuais débitos, quase sempre acumulados nas existências anteriores.

— Acho complicada essa questão de dívidas assumidas em outras existências...

— Tentarei explicar melhor, mostrando alguns conceitos sobre a Vida, todos eles fruto de reflexões, jamais de certezas: cada ser humano é um Espírito, criado por Deus, indo de início para os reinos inferiores da criação. Longo estágios... Inicialmente, no reino mineral, onde o princípio inteligente, que é a criação inicial do ser, adquire a propriedade que irá acompanhá-lo para sempre: a

agregação atômica, isto, na formação corpórea. A seguir, sem nenhuma bagagem espiritual, é equipado de instintos — sobrevivência e procriação. Progredindo, vai do vegetal ao animal e deste ao hominal.

Élcio não resistiu à curiosidade:

— Quem é que cuida de todos esses estágios, como você diz, além das promoções a reinos superiores?

— São os Servos do Senhor, Espíritos elevadíssimos, sábios, que transitam em esferas extremamente mais sutis do que as da psicofera terrestre. São verdadeiros Engenheiros da Vida, cumprindo rigorosamente as prescrições das Leis de Deus, com amor infinito, alto senso de justiça e celestial companhia da caridade de Jesus, que é o nosso governador planetário, por delegação do Supremo Criador — Deus!

Ao pronunciar essa reflexão, Jules não conseguiu impedir que lágrimas escorressem pelas faces, tamanha sua emotividade em se referir a Deus e a Jesus.

Ofertando pausa para Élcio assimilar suas reflexões, Jules logo seguiu:

— Ao ingressar no reino da razão o ser agora está equipado, além do instinto, atenuado, de inteligência, livre-arbítrio e consciência. Está também, esse Espírito, como já estava no reino animal, revestido de um corpo semimaterial, fluídico, denominado perispírito, só que então mais sutil e mais bem elaborado. É através do perispírito que o Espírito transita pelos mundos-escolas onde irá aprender mais e mais. Nascer, viver, crescer, agir, morrer, renascer e repetir esse ciclo, tal é o sublime sistema criado por Deus para que cada um desenvolva potencialidades e dons, rumo à eternidade. Sempre aprendendo, sempre evoluindo. O Espiritismo, com muita clareza e lógica, explana sobre tudo isso, quando trata das leis da reencarnação. Leciona a Doutrina dos Espíritos que nascemos e morremos muitas vezes...

— Por que não nascemos uma só vez e aprendemos tudo?

— Seria impossível, no curto espaço de uma única existência terrena, mesmo que durasse mil anos, aprender e praticar, na íntegra, a Lei do Amor, que é a meta de todos nós. Para entender melhor a dimensão do Tempo, isso sem falarmos da inimaginável dimensão da imortalidade, considere que se alguém quiser fazer uma "visitinha" a um amigo que esteja em outro mundo do nosso sistema

solar demandará algum tempo até que, por mérito evolutivo moral, possa revestir seu perispírito dos fluidos daquele mundo, para poder ali aportar e permanecer.

— Mas, neste mundo não tem tudo o que precisamos saber?

— Só a expressão geográfica do planeta Terra já demonstra que, no conceito astronômico, ele não passa de um simples grão de areia cósmica — sublime grão —, com a idade aproximada de 4,5 bilhões de anos. E seus inquilinos mais evoluídos — nós —, ainda não aprenderam a conviver em paz. O Sublime Professor visitou-nos há dois mil anos e, por meio da incomparável pedagogia do exemplo, iluminou o panorama espiritual terreno com lições de Amor. Pergunto: aprendemos essas lições?

— Eu não faço mal a ninguém...

— Isso é muito relativo. Repito que não sou juiz. Mas reflita: quem não faz mal, mas também não faz o bem, está em inação moral. E a inação, obstando a dinâmica da Vida, já é um mal...

— Jules: a moça que estava comigo... Débora... morreu?

— Não. Não morreu. Mas está arrasada, ante o que aconteceu. Entregou-se a melancolia profunda. Os pais e irmão estão sofrendo, pois, além das dificuldades financeiras, Débora vem se esquivando de tudo, tendo perdido o emprego e abandonado os estudos...

— Santo Deus! Tudo por minha causa?

— Só sua consciência poderá responder-lhe.

— Por minha causa, sim.

— Reconstruir! Essa a lição da natureza, em tudo, sempre e em todos os lugares, onde o desequilíbrio se apresente. Reconstrua seus atos, renove esperanças que tenha roubado.

— Como? Como?

— Ore a Jesus e peça forças, peça entendimento do significado maior da Vida, utilize seus dons...

— Dons?!

— Sim. Por que não? São conquista sua.

— Mas eu só sei jogar.

— Está vendo? Você já é adulto e me diz que só sabe jogar. Percebeu como uma existência é pouco para aprendermos tudo?

— Vi...

— Vamos fazer o seguinte: você ficará aqui mais alguns dias, estudando conosco e refletindo sobre a responsabilidade.

— Estudar... o quê?

— Os ensinamentos morais de Jesus, registrados nos Evangelhos. Um excelente resumo da moral cristã está no “O Evangelho segundo o Espiritismo”, sublime obra elaborada por Allan Kardec, em 1864, como terceira coluna-mestra, das cinco que compõem o inabalável alicerce e primeiros andares do edifício do Espiritismo. Pois é: Kardec codificou o Espiritismo em cinco livros, contando com o amparo de Espíritos Iluminados, prepostos de Jesus.

Assim dizendo, Jules abriu uma pasta e dela retirou um exemplar do “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, que passou às mãos de Élcio.

Extasiado, Élcio notou que o livro irradiava luminosidade. Folheou-o ao acaso e leu uma frase, no Cap. XXVIII, Item I, Preces Gerais - Oração dominical, 3/VI:

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

O entusiasmo religioso durou pouco: dois dias.

Enfastiado de suas conversas com Jules, claudicante mental sobre o fato de que não *estava morto*, tanto quanto que também não *estava vivo*, Élcio deu-se conta de que ficando ali não resolveria, nem uma, nem outra situação.

Ao crepúsculo, estando só e contemplando o reflexo solar num lago tranquilo, cenário que Jules lhe recomendara para reflexões, recordou-se de Débora: “Será amor o que sinto por ela? Será que pensa em mim? Não me arrependo de tê-la convidado para um encontro íntimo”.

Nisso... recordou-se dos malfeitores.

Tão logo pensou neles sentiu uma espécie de eletrização, indefinida, aquecendo-lhe outra vez a região genésica... “Se puder, acabo com eles. Com todos!”.

Aí, um estranho calor invadiu sua cabeça e começou a ficar zozzo. Ainda conseguiu pensar, antes de perder a consciência: “Só de me lembrar daqueles bandidos minha cabeça ferve. Preciso vingar-me. Tenho que encontrá-los e desferrar as humilhações que me impuseram”.

Não conseguiu evitar a falta de ar que súbito o acometeu. Vibrando ódio começou a viajar... daquela forma... sem saber para onde ia nem o que o impulsionava.

Viu-se, logo, de forma inexplicável, no meio de uma floresta. Reunidos numa clareira, ali estavam Royal e os auxiliares. Havia um homem com eles, subjugado por uma coleira... Vários fios de cores esmaecidas saíam do corpo do prisioneiro.

“Será?” — pensou — “que é outro encarnado, em coma, escravizado como eu?”.

— Em boa hora você nos aparece — disse-lhe Royal, aproximando-se e logo socando-o.

Mas dessa vez Élcio estava preparado. Sabia o que acontecia, onde estava e qual sua situação. Desviou-se e, por sua vez, agrediu Royal, que este sim, não teve como defender-se. Os auxiliares viram a briga e nada fizeram. Élcio venceu. Mantendo Royal no chão, pisando-lhe, assumiu:

— Mais alguém?

Era o novo chefe!

Os companheiros de Royal há muito vinham tramando abandoná-lo, mas não tinham coragem. Agora que Élcio o subjugara, com a maior naturalidade bandearam-se para seu lado, aceitando pacificamente sua liderança.

Élcio captou o clima. Gostou, e muito, de ser chefe, de ser respeitado, de ser temido.

— Quem é esse aí? — perguntou, referindo-se ao encarnado subjugado.

— É um boboca, milionário, que desmaiou de tanto trabalhar, sem dormir e sem se alimentar de forma conveniente.

— Por que ele está aqui? É jogador?

— Ainda não. No momento que o trouxemos só pensava em trabalhar, para ganhar mais.

Royal resolveu trazê-lo para obrigá-lo a jogar.

— Obrigá-lo como, se não conhece nada de jogo?

— Como ele tem muito dinheiro e só pensa em ganhar mais, calculamos que, se viciar no jogo, deixará o trabalho e será rica fonte para nós.

— Mas, se ele perder o que tem, o que “ganharemos”?

— Se alguém perde... alguém ganha. Ficaremos ao lado dos que ganharem dele e o êxtase da vitória será quase todo nosso, pois vamos assessorar muito bem esses futuros ganhadores desse trouxa.

Simplesmente incrível, a astúcia do mal!

11. A "LEI DO CHEFE"

Élcio, agora "chefe", continuou no triste exercício do mal, mesmo não entendendo direito o que se passava. No entanto, sentia-se forte, incerto quanto a estar vivo, mas "estagiando" no reino dos mortos. Também não conseguia explicar uma estranha impressão que o seguia: sentia um estranho capacete na cabeça, uma comprida e dura luva no braço direito e cordas amarrando suas pernas, como que o immobilizando. Eram os apetrechos ortopédicos de sua convalescença, aplicados em seu corpo físico, reverberando no corpo perispiritual.

Até com certa vaidade conjeturava: "só eu tenho a capacidade de "ver" através das cartas e fazer os dados me obedecerem; além do mais, saio daqui, de repente, e apareço em outro lugar, é só querer...".

Recordando suas habilidades, que haviam sido exploradas por grupos de bandidos, resolveu que ele próprio teria seu bando. Tendo subjugado Royal, assumiria a chefia. De início, deu a "boa ordem":

— Vamos jogar! Soltem esse bobo...

A ordem era incisiva. O tom imperioso, longe de despertar temores, alegrou sobremaneira seus ex-escravizadores, agora reduzidos a auxiliares-capangas.

Quando libertaram o encarnado rico, com o perispírito momentaneamente prisioneiro no plano espiritual, obrigaram-no a conduzi-los à sua casa.

A mansão era fantástica, em riqueza e luxo.

Tiraram a coleira de Jeferson, o encarnado, e logo ele retornou ao corpo físico. Élcio e seus companheiros, Royal inclusive, agora também submisso, permaneceram na casa, aguardando a noite se aproximar. E, com ela, o jogo.

Horas depois, ali, três mesas, numa sala do subsolo, junto à adega, estavam com quatro jogadores, cada. Homens e mulheres.

Uma inocente mesa de pingue-pongue estava coberta de copos de cristal, bebidas, gelo, salgadinhos.

O pife-pafe corria solto.

Élcio e seu bando não tiveram a menor dificuldade em adentrar, sendo recebidos por um Espírito que se apresentava como Elisa, uma velha senhora:

— Sou a dona aqui. Tudo me pertence. O que querem?

— Viemos jogar.

— Mas não há lugar.

— Nosso jogo é diferente. Eles jogam do lado deles e nós do nosso...

— Eu deixo esse povo jogar aqui porque com isso ajudo meu marido a ganhar...

— Mas sabemos que ele não joga...

— Sim, não joga, ou, se joga, joga pouco e mal. Mas faz amizades importantes... Que depois se associam com ele em grandes negócios... Grandes negócios...

— Hoje faremos ele ganhar já, nas cartas.

Elisa aproximou-se da mesa onde Jeferson, em companhia de três parceiros, idosos como ele, empunhavam nove cartas cada um e assoprou no ouvido do ex-marido:

— Aumente! Aumente!

— Vamos passar a dez mil? — propôs Jeferson, causando certa alegria nos companheiros, pois sabidamente ele era um perdedor.

— Sim, Jeferson. De acordo.

Nova rodada. Cartas foram dadas.

Elisa deu um pulinho, mal conseguindo disfarçar sua alegria. Acercou-se de Jeferson e analisando as cartas dele viu que tinha cinco cartas com naipe de ouro e quatro de outros naipes.

Élcio e auxiliares só observavam.

Elisa olhou o jogo dos outros e mostrou-se preocupada: não eram boas as perspectivas de vitória para Jeferson.

Élcio, estático. Só observando...

Elisa aproximou-se do jogador que deveria descartar, para logo em seguida Jeferson jogar. Colocou as mãos sobre a cabeça do jogador e determinou entre dentes:

— Descarte esse oito de ouro! Descarte esse oito de ouro! Obedeça! Já!

O jogador, "meio desligado", com efeito descartou o oito de ouro. Jeferson comprou-o e fez duas trincas, de ouro. Elisa continuou indo de jogador em jogador, tentando atrapalhar suas jogadas, nas

“compras” ou descartes, para ajudá-lo. Mas não conseguiu. O ex-marido, mesmo com essa ajuda extra, perdeu.

Élcio, só observando...

— Há quanto tempo a senhora faz isso?

— Muito tempo... muito tempo...

— A senhora gostaria que nós ajudássemos o senhor Jeferson a ganhar?

— Oh! isso seria bom! Às vezes sinto-me cansada, durmo um pouco e nessas ocasiões ele só perde, coitadinho... também joga tão mal... inda bem que depois fecha bons contratos com esses que ganham dele...

Nova rodada. Um dos jogadores foi brindado com duas trincas já formadas e um par, só faltando uma carta para formar a terceira trinca e “bater”.

Élcio determinou aos auxiliares que colocassem a mão na frente dos olhos do jogador sortudo, impedindo-o de ver direito. Após alguns lances, a carta premiada estava sobre o jogo e era a vez dele comprar. Só faltando aquela carta, não havia como deixar de ir ao baralho e não à mesa. Contudo, sob a nefasta influência dos jogadores invisíveis, o homem se distraiu e não comprou-a. Foi ao baralho e a carta não era boa. No prosseguimento, o jogador seguinte bateu: Jeferson. O sortudo distraído quase teve um infarto quando viu que na mesa estava a “sua carta vitoriosa”, que por desatenção deixou de comprar.

Élcio incumbiu-se de “orientar” o dono da casa, quando comprar e o que descartar, ao tempo que seus auxiliares se encarregavam de atralhar os demais jogadores.

Assim, o milionário ganhou e ganhou muito, naquela noite.

O homem, de tão contente, respirou fundo e expirou longamente. Um bolsão de ar quente se formou sobre sua cabeça. Os Espíritos aspiraram aquele hálito deletariamente associado a fluidos pesados, nisso comprazendo-se. Élcio lembrou-se da primeira vez que experimentara aquilo, no cassino. Tal repugnava-o. Como pela “lei do chefe” o primeiro a usufruir era ele e havia declinado, os auxiliares mais e mais passaram a apreciá-lo.

— Vocês vão acabar com a saúde do meu marido — protestou Elisa, vendo-os assim agir.

— Se a senhora não ficar quietinha será a sua saúde que vai acabar...

— Vocês têm a petulância de me ameaçar, na minha casa?!

Élcio nem precisou dar qualquer ordem. Elisa foi grosseiramente agarrada por um Espírito brutamontes, que forçou-a a se sentar e com um gesto de grande desrespeito manteve-a colada à cadeira.

— Soltem-me, soltem-me! Socorro, socorro!

Sonoras gargalhadas dos Espíritos foram a única resposta aos apelos da velha senhora.

O viúvo registrou algo ruim, no inconsciente.

Sentiu-se mal, de repente.

Propôs o encerramento do jogo, mas foi energicamente repreendido:

— O que é isso? Só você ganhou até agora e quer parar? Nada disso, meu amigo, vamos continuar...

— É isso mesmo... Dê-nos uma chance de recuperação.

Élcio e auxiliares regozijavam-se.

O jogo prosseguiu, com o grupo de Espíritos dividindo-se entre as outras turmas de jogadores. Alguns poucos Espíritos que perambulavam por ali foram sumariamente expulsos pelo bando de Élcio.

E assim o jogo prosseguiu, por dois dias consecutivos, com os Espíritos dirigindo as jogadas e haurindo o energético espiritual desprendido pelos ganhadores.

— Já estão "sem munição" — disse Élcio, ordenando: "vamos dar uma folga. Temos "pasto bom" pela frente.

Retiraram-se os Espíritos e os jogadores foram para suas casas, mal podendo andar, tão fracos estavam.

Quando se referiu a "bom pasto", Élcio fizera um trocadilho que só foi percebido quando o bando chegou ao hipódromo: a ideia, agora, era uma incursão em jogatinas coletivas, dessa vez junto às corridas de cavalos.

Em meio à turbulência do jôquei, onde centenas, talvez milhares de Espíritos acumulavam-se, uns quase sobre os outros, percebeu que haveria problemas para alojar-se junto aos frequentadores, cada um "assessorado" por dois, três e até mais desencarnados. Os Espíritos, notou, engalfinhavam-se para decidir quem tinha mais direito a imantar-se aos apostadores.

Ouviu comentários deles:

— *Pouco importa se esse aqui ganhar ou perder. Vamos atazaná-lo para apostar e apostar, até perder tudo. Depois, ele irá afogar as mágoas no álcool e aí...*

— *Já nós três estamos agindo em equipe, a mando de um chefe aqui do nosso plano: faremos esse trouxa também perder bastante, pois tem gente do outro lado (encarnados) que está pagando bem, querendo arrasá-lo, fazendo "despachos" bem deliciosos, com charuto, pinga e sangue de bicho preto. Teremos nossa porção, se formos bem-sucedidos.*

— *Da minha parte fico perambulando por aqui porque me divirto bastante, vendo tanto sonhador "dar com os burros n'água", ou melhor, com perdão do trocadilho, "cair do cavalo".*

E muitos outros Espíritos narravam, jocosamente, suas atividades junto a apostadores, ali tão empolgados...

Élcio, lembrando-se da briga de galos, decidiu que ali nas arquibancadas não era seu lugar: poderia lucrar muito mais, se pudesse "massagear" o cavalo que ele escolheria para ganhar, após ver o potencial de cada um dos animais. "Aqui não há crueldade com os animais", pensava, "assim posso ganhar bastante".

Pretendia "diagnosticar" o cavalo vencedor e dar-lhe uma porção extra de energia, através de sua "milagrosa pomada".

Com dificuldades, devido ao grande movimento de Espíritos, todos ávidos pelas corridas, conseguiu aproximar-se das baias. Seus auxiliares o acompanhavam, para "dar segurança".

Então, ocorreu o inesperado: ali se encontravam instalados outros Espíritos, em número muito maior do que o grupo de Élcio.

— *Intrusos! Intrusos!* — ouviu-se um grito de alerta, que ecoou mal aos ouvidos de Élcio.

Para surpresa sua e dos auxiliares, foram rodeados por cerca de vinte ou trinta "guardiões":

— O que fazem aqui? Não sabem que essa área é altamente proibida? Que é "campo minado"?...

— Quem são vocês?

— Somos da patrulha imperial, que vela pela segurança do hipódromo.

— Só queremos visitar...

— Não nos enganam. Prenda-os!

Sem poder esboçar qualquer reação, foram os "intrusos" amarrados, uns aos outros e amordaçados. Com brutalidade foram

jogados na rua, em frente ao clube, sob intenso tráfego de veículos, com risco de serem atropelados. Aliás, foram atropelados pelos carros, que passavam sobre eles, causando-lhes enorme pavor, embora não os ferindo e sem que os respectivos motoristas — estes encarnados — sequer o suspeitassem.

Esse fenômeno, onde elementos do plano espiritual são transpassados pela matéria densa, terrena, justifica-se pela diferença de densidade entre ambos. O mesmo se dá no caso inverso, isto é, a matéria densa não constitui obstáculo à matéria astral. O perispírito, conquanto semimaterial, é constituído de matéria etérea quintessenciada, que escapa aos sentidos humanos. Em situações especiais — sessões mediúnicas de materialização, por exemplo —, pode tornar-se visível e até tangível. Quando se afasta do corpo encarnado, como nesta situação de Élcio, mantém-se ligado pelo cordão fluídico, ou cordão prateado.

Em extremo desconforto, só lhes restou arrastarem-se penosamente para debaixo de uma frondosa figueira, onde alguns adolescentes, encarnados, entregavam-se ao tóxico...

Os Espíritos que acompanhavam os rapazes-meninos toxicômanos ofereceram:

— Querem?

Desamarraram Élcio e seus amigos e levaram-nos para perto dos jovens, onde após cada tragada de cigarro deles, certamente maconha, sorviam avidamente a fumaça aquecida pelo calor dos pulmões que expeliam.

Sentindo dores intensas, Élcio aspirou.

Algo revigorado, quis mais.

Serviu-se, pois os jovens não paravam.

Nem os Espíritos...

— Agora o pagamento!

—?!

— Ora, ora: então pensaram que o “bem bom” era de graça?

— Pagar... como? Com o quê?

— Vão trabalhar para nós e cumprir nossas ordens. OK?

— Nada disso — retrucou Élcio, corajoso, completando: “não obedeco ninguém. Aliás, eu é que tenho que ser obedecido”.

O cenário era impróprio para brigas e as forças eram superiores às suas, mas Élcio equivocou-se na atitude e disso logo se arrependeria.

Foi subjugado e espancado.

Sob uma saraivada de socos e pontapés, rolou pelo chão e entreviu incontáveis fios que saíam de seus poros e logo se uniam, formando uma espécie de cordão grosso.

Na hora, o que até então era impressão, transformou-se em dor aguda nas pernas, o peito comprimido, assim como a dor na cabeça que vinha sentindo desde que puseram nele aquele estranho capacete, que nunca conseguiu tirar.

Os socos, principalmente na cabeça, aumentavam.

Sentindo repuxar o cordão, lembrou-se que *estava vivo* (encarnado) e que os que o agrediam *estavam mortos* (desencarnados).

Mesmo no paradoxo, da morte estar viva, e a vida estar morta, apelou:

— Jules, Jules: pelo amor de Deus, ajude-me!

Ato contínuo sofreu um deslocamento abrupto, saindo daquele tenebroso cenário em que se encontrava, onde o tóxico, próximo ao jogo de apostas, dava o tom.

Sem que conseguisse explicar teve a nítida impressão de que uma granada explodira dentro dele.

Não acreditou no que viu: suas pernas presas por cordões de aço que iam até o teto. O peito doía e ao apalpá-lo sentiu que lá estava mesmo uma verdadeira armadura — um colete de aço; o braço direito, engessado até perto do ombro; ao passar a mão esquerda, única livre, sentiu que estava toda enfaixada.

O cheiro de remédio, característico dos hospitais, feriu suas narinas. A cama era cheia de engrenagens. Estava sim, num hospital. Gritou:

— Socorro! Socorro!

A mulher que limpava o chão também gritou:

— Socorro!

— Socorro! — fazendo coro, Élcio.

Logo, duas enfermeiras acudiram:

— Santo Deus, ele voltou a si!

— Não acredito, é milagre¹⁵! Vamos verificar.

¹⁵ Milagre: designação de fatos naturais, segundo as Leis de Deus, os quais o homem, não podendo explicar, proclama como sendo sobrenaturais. (Se me permitem, uma reflexão bem popular e que me agrada muito define que milagre é como DEUS age...). - Notas do médium.

Acercaram-se de Élcio e com os olhos arregalados tocaram sua frente, muito levemente:

— O senhor... está bem?

— Estou. Onde... quem... há quanto tempo estou aqui?

— O senhor esteve em coma.

— Há quanto tempo?

— É melhor chamar o doutor.

Sáiram. A mulher da limpeza foi com elas, levando ainda expressão de pavor.

“O que será que está acontecendo?”. Recordou-se do acidente: “Débora! Será que ela... morreu?”.

— Ora, ora, até que enfim... Sou o doutor Ribeiro.

— Muito prazer, doutor. Sou o Élcio.

— O que nasceu de novo!

— Como assim?

— Brincadeira minha. Você esteve entre a vida e a morte, com muitos problemas pós-operatórios. Lembra-se do acidente?

— Sim. Estava acompanhado...

— De início, você foi operado por um neurocirurgião, pois houve problemas na cabeça. No braço e em muitos cortes profundos fui eu que o atendi, pois sou ortopedista. Depois de algum tempo você veio para aqui, ficando aos meus cuidados. Houve três crises e por três vezes tivemos que realizar novas cirurgias, tanto na cabeça quanto no braço, pois de tempos em tempos você apresentava convulsões, como se estivesse brigando. Às vezes parecia que estava batendo em alguém, outras vezes, apanhando... Por isso tivemos que imobilizá-lo parcialmente. Agora vemos que está bem. Graças a Deus!

— Há quanto tempo estou aqui?

— Quanto tempo você imagina?

— Não faço a menor ideia, talvez uns três dias...

— Dois meses! Você esteve em coma por dois meses!

— Ela... Débora... está...?

— Bem. Quebrou o pé, mas já foi para casa, recuperada.

Élcio captou, num milésimo de segundo, o brilho que iluminou os olhos do doutor.

Um mês depois Élcio teve alta.

Nesse tempo de internamento hospitalar, só por uma vez foi visitado: por Jordão, seu sócio na agência de turismo, que ficou pouco tempo. Contou, animando-o:

— Nossa agência está indo de vento em popa. Estamos progredindo. Você vai ver.

O primeiro lugar que procurou quando saiu do hospital foi sua agência de turismo. Sim, os negócios iam bem. Dois novos empregados, além dos que já conhecia, desdobravam-se para atender clientes e consultas telefônicas.

— Meu filho! Graças a Deus! Soubemos que você quase morreu — cumprimentou-o fraternal, Luiz, o vendedor de livros.

— É, quase morri...

— Fui visitá-lo várias vezes, quando estava desacordado. Justamente quando você saiu do coma, o senhor Jordão disse que não era para ninguém ir vê-lo, pois os médicos ainda não sabiam se a memória voltaria e não seria prudente outras pessoas o entrevistarem.

— Como assim? O senhor foi proibido de me visitar?

— De uma certa forma, sim. O senhor Jordão disse que talvez eu provocasse um choque em você... Que minha presença poderia ser prejudicial à sua recuperação...

— Não acredito nisso, deve haver outro motivo... será que ele... gostaria que eu não recuperasse a memória para ficar sendo o único dono da agência?

— Deixe de lado essa suspeita. Conte-me como foram esses tempos em que você ficou em coma. Lembra-se de algo?

— Já tentei mil vezes lembrar e não consigo. Parece que o tempo ficou parado e que nada aconteceu.

— É... Mas deve ter acontecido muita coisa.

— Como assim? Por que então não me lembro?

Nesse momento o Espírito Jules voltou a intuir Luiz.

— Quando ocorre o coma é porque alguma coisa, geralmente muito grave, estava para acontecer. Às vezes, a pessoa está muito desequilibrada, fazendo coisas erradas, prejudicando aos outros e a si mesma, e nessa hora a Bondade Divina providencia interrupção.

— O senhor está dizendo que me acidentei "por bondade"?

— E por que não? O acidente, nas circunstâncias, afastou-o de algo perigoso. Foi para seu bem. Não tenha dúvidas disso. Só para

confirmar, me responda: Aonde você ia com a moça que o acompanhava?

— Acho que o senhor está certo...

— E tem mais: no coma, não raro o Espírito, naturalmente revestido do perispírito, que o mantém ligado ao corpo físico pelo cordão fluídico, é conduzido a locais de instrução, para reciclagem e recordação dos esquecidos compromissos assumidos no atual programa reencarnatório.

— Que é isso de reciclagem e de compromissos esquecidos?

— Antes de reencarnar, quase todos prometemos, a nós mesmos e aos Mensageiros Siderais encarregados da nossa reencarnação, realizar várias ações, para resgate de faltas que acumulamos em vidas anteriores. O problema é que, quando o homem reencarna, esquece de tudo e se perde no cipoal dos arrastamentos materiais. Antes que se precipite no abismo, sempre o Pai o adverte, de uma forma ou de outra. O coma é, talvez, o recurso físico mais drástico para esse caridoso alerta.

— Outra vez o senhor me diz que eu ter ficado em coma foi coisa caridosa?

— Claro! Se não fosse o acidente e o coma, talvez concretizasse os planos que tinha... e aí, alguém sofreria. Ou estou enganado?

— Alguém sofreu comigo no acidente...

— O que quer que tenha acontecido com essa pessoa, foi resgate. Coisa pior terá sido evitada, penso eu, pois a Lei Divina da Justiça não permite que uma cruz seja colocada em ombro errado, ou que um fardo ultrapasse o peso daquele que tem que ser carregado por um devedor.

— Meu Deus! Débora...

— Hum... Então o nome dela é esse: Débora, tão bonito?

— O senhor está certo. Eu ia fazê-la sofrer.

Élcio queria procurá-la, mas não sabia como seria recebido. O coração quase saía do peito, ante a dúvida, causando-lhe angústia. Sentia-se envolvido por forte atração, misto de paixão, desejo e algo ainda mais forte.

“Acho que me apaixonei. Débora, Débora, a quem pertence seu coração? Será que... ao doutor Ribeiro? Algum dia você me perdoará?”, martirizava-se, pensando.

Após dias e dias dessa agonia, só pensando em Débora, que sequer o visitara por um minuto, decidiu: iria vê-la! Um milhão de vezes, preferível saber-se definitivamente esquecido por ela do que vivenciar aquela cruel dúvida, crescendo segundo a segundo.

Quando anoiteceu, instalou-se numa sorveteria próxima à casa de Débora, de onde mantinha privilegiado ponto de observação, vendo quem entrava ou saía de lá.

Estava ali já há quase duas horas, com o estômago quase congelado de tanto sorvete, quando o fogo de um vulcão aqueceu-lhe todo o sangue nas veias: o doutor Ribeiro, ele mesmo, todo de branco, tocou a campainha da casa dela. Foi recepcionado por ela, com um prolongado beijo... Depois, entraram.

Deixando uma nota superior à despesa, abandonou intempestivamente o posto e foi para sua casa, completamente arrasado, entregando-se à bebida. Embriagado, logo adormeceu. E sonhou com os auxiliares desencarnados, companheiros de tantas jogatinas, onde ele e os invisíveis jogadores ganhavam sempre. Mas não ganhavam dinheiro! Enojado, viu-os realizar junto a jogadores encarnados algo parecido com respiração boca a boca, feita por socorristas encarnados a pessoas asfixiadas; se esta é providencial e fraterna, aquela feita pelos Espíritos era furtiva e nojenta.

Na manhã seguinte, atordoado e com dores no corpo todo, recordou-se dos sonhos. Teve uma ideia infeliz: "e se eu puder realizar, acordado, aquilo que fazia em sonho?".

É infalível a lei de sintonia vibratória, ou lei de atração fluídica, que regula uniões e desuniões, entre Espíritos, encarnados ou desencarnados.

Na mesma hora atraiu os companheiros desencarnados: Royal era agora subchefe e induziu, com respeito:

"Oba! Vamos agir, chefe! Já passou da hora!".

Foi à Delegacia de Polícia e ficou sabendo que a perda do carro tinha sido total, pois o incêndio o destruíra. Lamentou-se amargamente: "Os cheques do Santos!". Voltou a lamentar a perda deles: "droga". Ainda pensou, ficando mais frustrado: "Perdi também Débora, sem jamais tê-la tido".

Nesse momento pensou em fugir do mundo, para esquecer aquelas irreparáveis perdas, do que jamais tinha sido mesmo seu. Atraiu outros Espíritos: os viciados, que lá no hipódromo o haviam

supliciado. Royal e seus colegas, vendo-os, fugiram. Os recém-chegados sugeriram a Élcio:

“Tóxicos, tóxicos, tóxicos! Não há nada melhor para viajar pelo êxtase, fugir da realidade, esquecer as infelicidades. Vá, maninho, vá procurar tóxicos!”.

Reagiu, em pensamento: “Jamais. Gosto mesmo é de jogo. Vou é procurar um jeito de ganhar dinheiro, fazendo o que sei, pois tenho um dom que poucos têm”.

Os desencarnados toxicômanos se conformaram e sentiram que Élcio era mais forte que eles. Abandonaram-no.

Mas Royal retornou com os demais, pois, tal como se falasse para uma equipe de trabalhadores, Élcio pensou: “Vamos ao jogo, pois já perdemos muito tempo”.

Enorme, o salão. Dezenas de mesas de sinuca, “novinhas”, importadas, eram um tentador convite. Naquela noite seria decidido officiosamente um campeonato interestadual. Altíssimas eram as apostas, sendo que, de todas, a “casa” ficava com dez por cento de comissão. O campeão seria o jogador que primeiro obtivesse cinco pontos: ganharia um carro “zero quilômetro”. Cada partida valia um ponto.

Precisamente às vinte e duas horas todas as mesas interromperam as partidas e os jogadores se posicionaram como espectadores, em torno da mesa central.

Várias pessoas empunhavam filmadoras.

No escritório do salão, o cofre abrigava envelopes com as polpudas apostas.

Élcio trazia o dinheiro recebido da companhia seguradora que indenizara a perda total do carro. Maneiroso, logo descobriu como apostar. Foi ao escritório:

— Tenho aqui dez mil reais...

— Ótimo. Você é que é feliz...

— Quero dobrá-los, se possível.

— Em quem aposta?

— Quero conhecê-los, por um minuto.

— Estão se preparando. A noite vai ser longa...

— Por favor, apresente-os a mim.

— Mas, para quê?

— Quero ver a cara do que vai ganhar...

Falava a verdade que ocultava outra verdade.

— Que é isso? Você é mágico?

— Sou. Só apostarei se vê-los. Faço mágicas invisíveis e saberei quem vai ganhar.

Outra verdade. Só que, como foi dita, parecia mentira. Proposital.

— Acompanhe-me.

Embora lembrando-se do que Luiz dissera sobre faculdades mediúnicas, Élcio apenas registrava no subconsciente as malfadadas experiências a que fora submetido pelos obsessores. Aliás, estes não o deixavam, causando-lhe sensação de vitória. Por isso, não sabia se o que fazia era o certo, isto é, se ganharia mesmo. Mas pressentia estar no caminho certo, embora não soubesse definir de onde provinha tal impressão.

Os dois competidores estavam placidamente instalados numa confortável saleta. O gerente apresentou-os:

— “Capricho”, “Zezinho”, esse rapaz diz que vai apostar bonito, mas antes quer conhecê-los.

— Oi, gente boa, sou Élcio. Queria só cumprimentá-los.

Dizendo isso estendeu a mão e cumprimentou-os. No instante em que cumprimentou Zezinho, sentiu o estranho formigamento elétrico. “Zezinho vai ganhar”, intuiu.

Iniciado o campeonato, Zezinho ganhou a primeira partida. Capricho ganhou a segunda e terceira. Os garçons não tinham folga, atendendo aos clientes, quase todos apostadores abonados. Zezinho ganhou a quarta. Empate em dois a dois, houve pausa de quinze minutos.

O movimento no bar e nas apostas dobrou.

Os jogadores foram para seus aposentos, onde tomaram um banho rápido.

Élcio, com generosa gorjeta, conseguiu que o garçom que servia os jogadores o levasse até o apartamento de Zezinho:

— Senhor Zezinho: esse homem quer falar com o senhor.

— Pode entrar.

Élcio entrou e, quando o garçom retirou-se, fechou a porta.

— Ah! é o senhor. O que deseja?

— Ganhar dinheiro. Para mim e para você.

O tratamento informal trouxe algum desconforto para Zezinho, que se colocou em guarda:

— Estou ouvindo...

— É o seguinte: gostaria que você deixasse eu tocar nas bolas, antes de você jogar...

— Para quê?!

— Quero pegá-las para “dar sorte”. Você verá. Não posso explicar agora, mas experimente deixar que eu coloque as bolas em seus lugares...

— Não estou entendendo: o que tem isso a ver com “nós” ganharmos dinheiro?

— Tudo! Quando eu ponho a mão num objeto e penso em ganhar, sempre ganho!

— Mas o que tem isso a ver com a sinuca?

— O mesmo que com baralhos, dados, fichas na roleta...

— Hum... Então você é jogador profissional.

— Sou. Topa?

— Que tenho a perder?

— Um carro novinho. Se me ouvir, o carro é seu.

— E você?

— Vou apostar pesado no seu taco.

Desceram e a quinta partida iniciou. Quando foi sua vez de jogar, pois Capricho iniciou, mas não conseguiu “fechar” o jogo, Zezinho passando talco no taco, como quem não quer nada, convidou um dos apostadores, Élcio, no caso:

— Faça o favor de ajeitar as bolas na mesa, quando for a vez delas retornarem da caçapa.

— Mas, para que isso? Será que o Capricho concorda? — interferiu o dono do bar.

— Preciso me concentrar, pois o Capricho joga muito. Não quero me distrair pegando bolas... Aliás, na sinuca, não há nenhuma lei contra um arrumador de bolas.

— Por mim, tudo bem — anuiu Capricho, olhando desafiador para Zezinho e completando: pode trazer até alma do outro mundo para ajudar, pois você sabe que vou ganhar mesmo... Aliás, “já está no papo”.

Royal e equipe, ofendidos, cercaram-no.

Élcio, de forma inconsciente, sugeriu que a lição àquele bazofiadador seria na hora certa, que não era aquela.

Reiniciado o jogo, Élcio pegava as bolas e, à guisa de limpá-las, lustrava-as com uma flanela, retirando pequenas marcas de giz

deixadas pelas pontas dos tacos, que os jogadores usavam para as tacadas “não espirrarem”.

Élcio apertava cada bola, mentalizando acerto para Zezinho e erro para Capricho. Royal e companheiros vibravam, pois viam as bolas soltarem estranha fumaça, como se estivessem aquecidas.

Zezinho ganhou a quinta e a sexta partidas.

Capricho, meio desconfiado, mas sem dar o braço a torcer, o que seria uma confissão de fraqueza, propôs:

— Agora, deixe um outro arrumador de bolas agir.

Não houve como recusar.

E Capricho ganhou as duas próximas partidas.

Na contagem geral, quatro a quatro.

A partida decisiva, apelidada de “negra”, em quase todos os jogos onde há necessidade de desempate, colocava em jogo altíssima soma de apostas.

Os nervos estavam à flor da pele, em todos.

Novo intervalo.

— E agora? — perguntou Zezinho, aflito, a Élcio.

— Agora decidiremos. “Deixe” o Capricho ganhar as duas últimas, pois seria muito evidente minha interferência. Despistando assim, agora poderemos ganhar tranquilos, sem ninguém desconfiar de nada.

— Mas, meu camarada, desconfiar de quê? Então você não está vendo que o jogo é duro, que tanto eu quanto o Capricho somos os melhores? Devo confessar a verdade: ele tem mais controle do que eu, quando chega na hora da decisão...

— Sim, já vi isso. Mas desta vez você vai ganhar, pois é hora de definir para qual bolso vai o dinheiro da aposta. E não quero perder o meu. Imagino que você também quer o carro. O Capricho vai abandonar o jogo, antes do fim...

— Como você sabe isso? Ele joga demais...

— Deixe comigo.

Retornando ao salão, Capricho determinou:

— Não quero ninguém arrumando as bolas. Nós mesmos vamos fazer isso.

Zezinho olhou para Élcio, que se manteve imperturbável. Descendo da improvisada arquibancada onde se alojava, Élcio veio até os jogadores e cumprimentou-os em voz alta:

— Que vença o melhor!

Com naturalidade, disfarçando gestos, deu a volta na mesa para retornar ao seu assento. De propósito, passou perto do taco de Capricho, apoiado numa caçapa. Pegou-o e como se fosse um grande entendido, ajuizou:

— Que belo taco! É bem digno do dono...

Apenas Royal e seus amigos viram uma cena espantosa: das mãos de Élcio despreendeu-se uma gosma escura que lambuzou o taco.

Começou a decisão. Capricho deu a saída. Encaçapou, em sequência, a bola ás, vermelha; a bola dois, amarela — duas vezes —, a bola três, verde — duas vezes —, a bola quatro, marrom — duas vezes. Vaidoso, ostentando superioridade, passou giz no taco e encaçapou a bola cinco, azul — uma vez. Seus pontos: vinte e quatro. A bola cinco retornou ao jogo. E a bola branca, que a impulsionaria, estava bem colocada, “na reta”.

Élcio fez sua aposta em Zezinho, que havia perdido as últimas duas partidas e lívido, suando frio, não conseguia disfarçar o nervosismo. Os entendidos perceberam que Zezinho certamente perderia. Élcio propôs:

— Aposto dez mil no Zezinho, se alguém me der vantagem de cinco por um.

Na hora achou quem topasse a aposta.

Precisamente aí, Royal e amigos agiram, eis que Élcio, como se lhes desse uma senha, pensou e eles captaram: “se esse fanfarrão tiver que perder, será agora”.

Ficaram atrás de Capricho que, fazendo visagem, rodeava a mesa, olhando as bolas, de vários ângulos, com insuportáveis trejeitos e vaidosíssimos olhares para os circunstantes, movendo-se em câmara lenta. Por fim, posicionou-se. A tacada era primária, elementar, mas quis arrasar o adversário: de forma provocante, fazia seu taco ir à frente e recuar, quase tocando a bola branca, antes da tacada que praticamente decidiria o encontro. Os Espíritos pegaram na gosma escura que ainda não tinha se desprendido e, em conjunto, na hora que ele deu a tacada empurraram o taco para o lado. O taco “espirrou” (é como se diz em sinuca, quando ocorre essa falha, que acontece mesmo com os melhores jogadores). Só que a penalidade é de sete pontos, pois a bola branca não tocou na azul. Mas ficou ainda bem posicionada.

Capricho perdeu o fôlego. Quase teve uma síncope. Jamais conseguiria entender “como é que tinha dado aquela bobeadinha”...

Zezinho, que já se considerava “a pé”, perdedor de um carro que nem sequer tinha ganho, aproveitou-se, e súbito ganhou extrema confiança. Fechou o jogo, encaçapando a bola azul, a seis, rosa, duas vezes, e a bola sete, preta, também duas vezes. Seus pontos: sete do erro de Capricho, cinco da bola azul, doze das duas vezes da rosa e quatorze, das duas pretas: ele fez 38 pontos. Para Capricho, suprema humilhação.

Placar final do campeonato: cinco a quatro.

Vencedor e ganhador do carro: Zezinho.

Houve mais comemoração invisível do que dos apostadores que ganharam: os Espíritos acercaram-se de Zezinho e literalmente grudaram nele, de cuja aura transbordava estranha névoa, que eles “devoravam”, com indizível gozo.

Zezinho ganhou o carro e uma tremenda dor de cabeça que o prostrou por três dias, só aliviada depois que uma benzedeira o atendeu. Alertou-o:

— Menino, você arrumou uns sócios “do lado de lá”...

—?!

— Espíritos, meu filho, Espíritos ruins. Cuidado! Eles, quando dão alguma coisa, tomam outra...

Zezinho ficou perturbado, pois realmente testemunhara algo incrível. Inevitável não associar Espíritos à sua vitória. E Élcio...

Impossível duvidar da benzedeira, pois como é que ela tinha adivinhado? Decidiu afastar-se de Élcio para sempre, considerando-o estafeta do mal. Benzeu-se, ajoelhando e fazendo o sinal da cruz, “pedindo perdão a Deus”. Aliás, ficou benzendo-se por dois dias, e a dor de cabeça aumentando, quase explodindo de dor.

Retornou à benzedeira, que o aconselhou:

— Você só vai “quebrar” essa dor de cabeça se tirar da sua vida o mal que o mal deu: o carro. Não deve aproveitar-se dele. É preciso que esse carro proporcione o bem para algum necessitado... dar para alguém que possa trocar favores com o “lado de lá”...

E assim, Zezinho vendeu o carro e deu algum dinheiro para a benzedeira, mas também passou a ajudar uma família pobre. Suas dores de cabeça desapareceram.

Élcio, com quarenta e quatro mil reais de lucro fácil, limpinhos, numa única noite, também “ganhou” percalços: buscando

“aventuras na noite” passou do limite na bebida. Pisou em falso e, tentando apoiar-se com a mão, quebrou um osso da mão — fratura exposta.

Outra vez, machucou gravemente a mão direita...

O ferimento impedia-o de continuar as atividades profissionais e também de comparecer nos locais onde pudesse jogar. Qualquer tipo de jogo.¹⁶

Inicialmente, foi atendido no pronto-socorro municipal, tendo a mão imobilizada até ser feita a necessária cirurgia. Decidiu ir tratar-se no hospital que já o atendera, quando se acidentou no carro. Ali foi internado, devendo ser operado no dia seguinte.

Horas após, alta madrugada, como as dores se tornassem insuportáveis, Élcio, às escondidas, ingeriu dose excessiva de analgésicos. Mas a dor não cedia. Solicitou “um remédio forte para acabar com a dor” à enfermeira do período noturno, a qual transmitiu o problema ao médico de plantão.

Sendo medicado, já estando sob efeito da excessiva dose de analgésicos, teve as funções cerebrais alteradas. Passou a ter momentos confusos, em vigílias curtas, seguidas de pesadelos. Após vários desses desequilíbrios, do corpo e da mente, adormeceu profundamente, com pensamento fixo em Débora. Era urgente encontrá-la...

No universo todo a lei de sintonia e atração é de efeito instantâneo.

Assim, quando Élcio-Espírito vagava em busca de Débora, seu pensamento estabeleceu uma ponte de ligação fluídica, lançada na imensidão astral. Essa ponte, com a cabeceira rigidamente alicerçada nele, deixava deslizar pelo tabuleiro a ideia fixa de buscar a margem oposta, para assentar a outra extremidade. E encontrou. Débora, tão logo as primeiras vibrações a alcançaram, deu-lhes guarida.

Não se dando conta de que era um sonho, Élcio viu-se frente a frente com Débora:

— Você... aqui? Está casada com o dr. Ribeiro?

— Não, claro que não.

¹⁶ Não objetiva imaginar e refletir que, quando um determinado procedimento negativo coloca em risco um programa reencarnatório, à guisa de ajuda, protetores espirituais agem impedindo sua continuação. Isso, talvez, aconteça quando um determinado agente dedicado a uma atividade específica, negativa e contínua sofre acidente impeditivo dessa prática. Nota do Médium.

Élcio aproximou-se e, colando o corpo ao dela, quase que só movendo os lábios, acarinhou-a e murmurou, sensual:

— Quero você...

A jovem aceitou. Abraçaram-se com grande emoção. Intensas carícias levaram ambos ao êxtase. Aquela "união física", que ocorria no plano astral, atenuava anseios dos dois, fruto de inapagado e irrealizado desejo que neles imperava, desde que se viram pela primeira vez.

Trêmulo, banhado de suor e excitado, Élcio acordou na madrugada que quase findava. A mão, agora, com dores ainda maiores. Gemendo e quase em delírio, lembrou-se do sonho: "encontrei-me com Débora... ela me quer...".

Logo cedo o doutor Ribeiro não conseguiu disfarçar o mal-estar por vê-lo, mas nele falou mais alto o dever profissional. Examinou o ferimento e anunciou:

— A fratura é grave e será necessária cirurgia corretiva para a soldadura. Além do mais, há grande risco de infecção, pela lesão nos tecidos, causada pela fratura exposta.

Mais tarde, submetido à anestesia, o perispírito de Élcio afastou-se do corpo e assim, parcialmente liberto, foi em busca de Débora. A jovem, com efeito, em afazeres domésticos, viu-se subitamente visitada de ardores por Élcio. Lembrou-se do sonho que tivera naquela noite: "sonhei que fui a um motel com ele... e que fomos felizes...". Vilma, sua mãe, veio conversar com ela, mudando seus pensamentos. Modificando-se a tela mental de Débora, Élcio não conseguiu aproximar-se.

Quando Élcio voltou a si da anestesia, já estava na enfermaria. A mão, toda enfaixada. As dores haviam cessado.

— A cirurgia foi demorada — informou-lhe a enfermeira.

A noite, substituta do Sol até a manhã seguinte, que deve ser sempre motivo de agradecimento a Deus pela função repousante, para Élcio foi motivo de iniquidade:

"Débora, Débora, Débora... paixão minha!".

Espíritos desocupados, em busca de aventuras, atraídos pelos pensamentos dele, com facilidade acoplaram-se à sua mente, elegendo o mesmo projeto de Élcio: Débora.

A jovem, ao deitar-se, começou a orar, como era costume. Mas, mal iniciou a prece, o pensamento deu formidável salto, indo do Evangelho para as imagens do encontro não acontecido com Élcio,

no dia do acidente: "Será que depois ele ficaria comigo? Nos casaríamos? Teríamos filhos?". A seguir, reviveu mentalmente as cenas do "sonho bom" que tivera na noite anterior.

Esses tormentosos pensamentos constituíram a busca da cabeceira onde a outra extremidade da ponte fluídica entre ela e Élcio se alojou, com firmeza.

E, por essa ponte, transitaram infelicidades.

Élcio, adormecido, sem se dar conta das companhias que atraía, deslocando-se num panorama nebuloso, enfumaçado, caminhava sem saber para onde ia. Estranha compulsão impelia-o numa direção... Não tardou e viu-a! Cambaleante como ele, com dificuldade aproximaram-se, um do outro. Sem que palavra fosse dita, iniciaram frenética troca de carícias, submetidos ambos à formidável pressão que o erotismo exacerbado lhes impunha, reciprocamente.

Naquele momento Luiz estava também adormecido, tendo orado antes de dormir, rogando a Jesus por Élcio. Da mesma forma, a mãe de Débora tinha feito prece pelo marido e pelos dois filhos.

— O que estamos fazendo? — perguntou Débora.

— Não sei, não sei... só penso em você...

Débora assustou-se e deu um grito:

— Quem são seus amigos?

— Meus amigos?! Não tenho amigos...

E esse foi o socorro que ambos receberam: viram os obsessores, verdadeiros ladrões de prazeres rasteiros. Pegajosos e sensualizados, aproximaram-se do casal, tentando acariciá-los, de forma revoltante.

Sem dar-se conta de que vê-los era um bem, para que interrompessem o que faziam e cessasse a ligação espúria com eles, Élcio desligou-se de Débora e tentou expulsar dali os inconvenientes "sócios" da sua sensualidade. Mau negócio: foi agredido violentamente por eles.

A proteção do Mais Alto é constante. Eterna! Bênção providencial foi ambos despertarem. Débora, sinceramente arrependida de ter "tido aqueles pensamentos..."; Élcio, porém, com a mão sangrando, pois no atribulado encontro astral, pela agressão que intentou contra os obsessores, por reverberação física, bateu com a mão operada na beirada da cama. Daí, o sangramento e as dores, terríveis. Ainda outra machucadura na destra...

— Não podemos operá-lo novamente — informou o dr. Ribeiro, na manhã seguinte, completando: “seguiremos com os curativos e cuidados redobrados; se voltar a acontecer novo descuido, teremos que imobilizá-lo...”.

O tom, concreto quanto à firmeza do médico, espalhou terror na mente de Élcio: algo ruim se escondia por detrás daquilo tudo...

Quando horas depois recebeu a visita de Luiz, perguntou-lhe:

— Luiz, como é que a gente pode viver quando está sonhando, e não sabe que é um sonho? Tudo é tão real no sonho!

— Diga-me, com sinceridade: exatamente o que você sonhou e com quem?

— Com ela... Débora. É a moça que eu ia levar ao motel, quando tive aquele acidente com o carro. Sonhei que nos encontramos e nos acariciamos bastante. Quando íamos... consumir a relação... apareceram criaturas ruins, agarrando-se a mim e a ela...

— Você deve mesmo ter se encontrado com ela, em Espírito. As companhias não convidadas eram Espíritos infelizes, fixados em sexo desvairado, que buscavam captar o êxtase sexual, oriundo do seu encontro com a moça.

— Como você sabe que eram infelizes e que pretendiam captar o êxtase sexual?

— Em primeiro lugar, Espíritos bons respeitam a intimidade conjugal, além do que, neles, o clamor do sexo inexistente. Usam, sim, o poder energético sexual, mas sempre no sentido construtivo, isto é, na prática da fraternidade, auxiliando com denodo os necessitados. As sublimes energias que emanam do sexo são por eles metabolizadas em Amor, resultando ações fraternais. Porém, nas ligações sexuais com ausência de amor, e principalmente de responsabilidade, o prazer é sempre dividido...

— Não consigo entender isso.

— Espíritos, geralmente desencarnados, que ainda sentem necessidade dos gozos mundanos, são ávidos parceiros dos encontros entre pares que realizam o sexo pelo sexo. No plano invisível das emoções fortes, seus centros vitais, localizados no perispírito, posicionam-se de forma a sugarem parte das energias e do êxtase que evoluem do ato sexual de encarnados afastados do amor.

— Todo ato sexual é assim compartilhado?

— De forma alguma! Sempre que o móvel do ato é o amor, de par com a responsabilidade do que advir, o sexo é sagrado, inviolável na essência, cujos benefícios repartem-se tão somente entre os dois parceiros que a ele se dedicam.

Perturbado e com dores atrozes, Élcio passou os dois dias seguintes quase que em estado vegetativo, sem nada falar, sem se mexer, sem se alimentar...

O ferimento não melhorava nem piorava. Dr. Ribeiro mantinha aquele paciente sob rigorosa observação, pois intuía, mais em Espírito do que como médico, que o quadro poderia evoluir para algo muito grave: gangrena.

Luiz voltou a visitá-lo:

— Então, meu amigo, parece que você anda assustando as enfermeiras... Elas me contaram que você decidiu fazer regime para emagrecer...

— Oi, Luiz, não é isso: não consigo afastar enjoo, desde que tive o sonho com Débora.

— Você quer um passe?

— É bom...

Luiz, impondo as mãos a pequena distância da testa dele, proferiu a oração do Pai Nosso. A seguir, procedeu à dispersão fluídica, ao longo do corpo de Élcio. Quando suas mãos passaram pelo umbigo, Luiz sentiu uma eletrização diferente. Logo intuiu que ali se concentravam fluidos deletérios, os quais dardejavam incessantemente o ferimento, em ligação direta. Tais fluidos provavelmente estavam sendo insuflados por Espíritos obsessores. Concentrou a magnetização na região gástrica do paciente e com alegria, mesmo sem nada ver, teve contudo a nítida certeza, após alguns instantes, que uma espécie de gosma astral se dissolvia ali.

— Obrigado — agradeceu —, muito obrigado, meu Jesus!

Na verdade, Espíritos amigos, Jules à frente, atendendo à prece de Luiz, haviam sido atraídos à enfermaria. Sua presença expulsara Espíritos infelizes que ali faziam sede. Os que estavam com Élcio foram os primeiros a deixar o hospital, sendo sugados por invisíveis forças que os arrastaram para o exterior. Saíram xingando e proferindo palavrões. Élcio, invadido por inesperado bem-estar, raramente experimentado em toda a existência, não conseguiu evitar que aflorassem lágrimas, vindas da alma.

— Eu também agradeço ao Senhor — murmurou, chorando e apontando com a mão ferida para um crucifixo na parede. Sem fugir da comparação, lamentou: “agora sei a dor que Jesus deve ter sentido nas mãos...”.

— Ora, ora, meu jovem amigo: a figura de Jesus na cruz é um equívoco. Compreende-se que os homens quiseram guardar uma imagem do sofrimento do Cristo, como uma condenação à Humanidade, que O crucificou; contudo, a melhor maneira de mostrar arrependimento diante desse, que foi o maior erro humano de todos os tempos, será justamente seguir Seus ensinamentos.

Respirou fundo e prosseguiu Luiz:

— Jesus falava do reino celestial, morada da felicidade, que é nosso endereço no porvir, quando evoluirmos; ensinou-nos como chegar lá: pelo amor a Deus e ao próximo!

— Desculpe-me interrompê-lo, mas se Jesus sabia onde estava a felicidade, por que nunca sorriu? Sempre ouvi dizer que ele nunca sorriu... É verdade?

— Temos aqui outra notícia atrelada à tendência humana pelo folclore: pouco devem nos importar os detalhes físicos do Mestre, ou dos seus gestos, pois d’Ele o que transcende é a moral, consubstanciada no Seu Evangelho. Mas, respondendo à sua pergunta, eu faço outra, para sua reflexão: se Jesus nunca sorriu, quantas pessoas você acha que Ele tornou felizes, certamente fazendo-as sorrir, aliviando-as de soberbos problemas, de inigualáveis angústias, e mesmo de dores insuportáveis — físicas e morais?

— É... Muita gente...

— Então, diga-me também: o que importa se Jesus sorria ou não? Sua caridade é tão grande, que aliviou grandes sofredores daquela época e continua aliviando até hoje...

Élcio captou que Luiz referia-se a ele, cujas dores na mão haviam atenuado.

— Sabe, Élcio, vou dar uma simples sugestão: nunca mais pense em Jesus crucificado, como reproduzem os crucifixos; pense no Mestre todo aureolado de luz e irradiando paz, tal como, por exemplo, no Sermão da Montanha, que humildemente considero como o alicerce moral do planeta Terra para toda a eternidade.

Completo:

— Nós sempre temos a mania de estabelecer comparações em tudo, realmente necessárias ao aprendizado. Mas quando se trata da vida de Jesus será prudente refletir que, como Governador Espiritual da Terra, é Espírito de sublime evolução, cuja luz, se refletida por inteiro, certamente nos cegaria. Por isso, devemos nos fixar no Evangelho e não na figura humana do Cristo. Ainda assim, se não pudermos evitar que nossa alma forme uma ideoplastia d’Ele, que seja formada uma imagem serena, amiga, irradiando amor, constantemente.

Agora eram os olhos de Luiz que borbulhavam de lágrimas, fruto da grande paz que suas palavras, evocando a lembrança de Jesus, infundiam em toda a enfermaria.

Se os encarnados pudessem ver, veriam que os Espíritos bondosos também choravam, invadidos pela doce sensação que sempre emana do Bem.

Outros pacientes, que ouviam Luiz atentamente, pediram que ele lhes ministrasse um passe, “igual àquele que tinha dado em Élcio”.

Após atender quatro doentes, Luiz acercou-se de outro enfermo que ergueu os braços e exclamou:

— Sou evangélico e não aceito passe espírita!

— Está bem, meu irmão, Jesus ampara todos nós, independentemente da nossa religião.

— Mas... — gaguejou o homem — o senhor falou tão bonito sobre Jesus Cristo que eu lhe peço para fazer uma oração para mim, cujos últimos dias se aproximam...

Luiz aproximou-se, com os braços estendidos naturalmente junto ao corpo e pronunciou: “Jesus, o Senhor disse que quando dois ou três se reunissem em seu Santo Nome com eles estaria¹⁷. Pedimos Suas bênçãos sobre esse nosso irmão que sofre. Alivia, Senhor, suas angústias e dores, em nome do Amor de Deus”.

O homem irrompeu em dolorido choro. Pegou as mãos de Luiz e beijou-as, com gratidão.

Luiz retribuiu o gesto, com grande humildade.

Quem chegasse naquela hora à enfermaria teria dificuldade para entender como é: “todo mundo” ali estava com “cara de choro”.

Poucas horas depois de ter recebido auxílio celestial, Élcio voltou a entregar-se a devaneios, lamentando estar

¹⁷ Mateus, 18:20 – Nota do Médium.

momentaneamente impedido de jogar. Do jogo, passou a mentalizar-se em Débora e esta era sinônimo de paixão avassaladora, amor ardente.

O ferimento, que estava em processo de cura, recrudesciu. Foi aí que seu martírio começou: a mão inchou, nova cirurgia foi feita, mas seu estado agravou-se. Quando a infecção alcançou perigoso limite, os médicos, em Junta, passaram a considerar a hipótese de amputação...

Élcio, em delírios contínuos.

12. VOLUNTÁRIO À ESCRAVIDÃO

No panorama espiritual à sua volta, a agitação de Espíritos aproveitadores era desmedida: acorreram, aos bandos, vindos não se sabe de onde. Aqueles que participaram das jogatinas com ele foram simplesmente escorraçados. Com febre altíssima, delirava e via e ouvia os novos hospedeiros, invisíveis aos enfermeiros:

— Agora chegou nossa vez...

— Vamos jogar juntos, novamente, só que agora do lado dos perdedores...

— Esse crápula me deve muito, vai ter que pagar tudo...

— De mim não poderá fugir: vou “entrar” nele...

E muitas outras ameaças eram proferidas.

A mão de Élcio preocupava os médicos, que precisavam decidir se a amputavam ou não.

Mesmo sob potentes sedativos a mão doía sem parar.

Em sucessivos pesadelos, desdobrado em perispírito pelo sono, via-se agarrado por várias criaturas brutas, que machucavam sua já dolorida mão, ameaçando-o:

— Então você é o campeão, hein? Pois agora vai sentir o outro lado da moeda, ou melhor, do jogo, das guerras sujas que você tanto gosta de ganhar.

— É isso aí: vamos obrigá-lo a entrar na guerra, mas do lado dos perdedores...

— Quem são vocês? — gemeu.

— Somos aqueles que você vem fazendo perder... Muitos lugares que eram nossos você roubou...

— Mas... nunca os vi...

— Não viu, mas atrapalhou nosso negócio, ou acha que nos lugares de jogo que anda só você e aqueles pamonhas tinham vez?

— Um pouquinho de veneno de cobra cura mordidas de cobra, sabia? — gargalhou um desencarnado grandalhão, dando um tapa na mão machucada.

A dor foi intensa.

Sabem os espíritas que o perispírito é o receptor-transmissor das sensações físicas¹⁸, motivo pelo qual a anestesia sedara o ferimento no organismo, mas, no Plano Espiritual, Élcio mantinha-o, por fixação mental.

Mesmo sob dor, Élcio pensava em jogo.

Impossível melhor foco de atração para Espíritos sintonizados em jogatinas, como ele. Que não são poucos.

O quadro obsessivo era pungente.

Foi arrastado para... oh!, não! uma arena improvisada, onde pessoas semialcoolizadas apostavam numa briga de cães. Os animais, ferozes, eram ataçados um contra o outro.

— Qual vai ganhar?

— Eu... não sei...

— Sabe sim. Olhe bem, senão...

Ameaçou dar outro tapa na mão ferida.

Élcio achegou-se aos cães, já em cruel duelo. Ao passar a mão sobre os animais, ambos deram um estranho salto e morderam algo, como uma perdida mosca que por ali perambulasse. Élcio “quase sentiu” as mordidas.

— O que tem manchas pretas tem mais vitalidade...

Os Espíritos correram para os apostadores e sugeriram, energicamente, que apostassem no outro cão.

Quando a briga terminou, com o cão de manchas pretas vencedor, os apostadores que perderam armaram uma grande confusão, que acabou em briga generalizada. Facas e revólveres surgiram entre os briguentos, muitos dos quais foram parar no pronto-socorro, alguns com ferimentos mortais. O cão vencedor, já ferido, ainda levou pauladas.

Os obsessores exultavam.

Élcio, pela primeira vez, sentiu o gosto amargo da derrota. Muito amargo. E dolorido... A dor dos feridos, por estranho processo de simbiose espiritual, transferia-se para ele. E não só a dor dos apostadores: durante a suprema irracionalidade forjada pela imaginação doentia de Espíritos que a patrocinavam, os ferimentos

¹⁸ Allan Kardec (1804-1869), o Codificador do Espiritismo, registra: “O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações”. (Vide “Obras Póstumas”, Cap. “Manifestações dos Espíritos”, § 1º, nº 10). Nota do Médium.

nos cães repercutiam em sua mão ferida. Começou a chorar, de dor e de dó dos animais.

— Vamos para os canários — ordenou o grandalhão.

Élcio, malgrado seus gemidos e gritos de dor, não teve escape: foi arrastado.

• • •

Não há circunstância que justifique a transcrição do absurdo que é o ser humano obrigar animais a duelar, até à morte. Quando se trata de graciosas aves canoras, então, a iniquidade ultrapassa o imaginável de crueldade.

Nessas barbáries, Espíritos zoófilos sofrem ante a covardia humana com inocentes animais. Suas preces a Jesus, todas em sofridos prantos, têm sublime atendimento: do mais Alto esses abnegados zeladores do reino animal recebem fluidos anestésicos, que aplicam na mesma hora nos animais em duelo, subtraindo-lhes dores intensas, sendo, normalmente, autorizados a promover-lhes a desencarnação. Foi o que sucedeu com os cães e canários.

• • •

— Vamos ao bingo — sugeriu um dos torturadores de Élcio, após a briga das pequeninas aves.

E lá foi Élcio arrastado novamente...

A frustração dos perdedores era o regozijo daqueles Espíritos. Incrível!

Quem quer que acompanhe as conseqüências de ser um ganhador, em qualquer tipo de jogo ou aposta, verá que o prêmio sai caro. Além da inveja de encarnados, corrosiva da paz, há inevitável interferência de desencarnados, alguns simples aproveitadores, mas, a maioria, desafetos de vidas passadas. A euforia desguarnece as defesas espirituais do ganhador e aí torna-se presa fácil aos predadores da harmonia.

É perigoso ganhar prêmios!

Perder também: no caso, a frustração das centenas dos perdedores do jogo de bingo formou uma espessa nuvem escura junto ao teto do salão. Pois foi justamente nessa nuvem que Élcio foi atirado, pelos vingadores espirituais.

— Aqui não tem futuro para esse tapeador — disse um dos Espíritos sofredores, propondo que fossem a uma rifa. Justificou: “ficamos aqui um tempão e ele mais errou do que acertou, e com isso adversários nossos chegaram na frente... Além disso, são tantos os perdedores que não precisamos dele”.

Quando a infeliz comitiva espiritual chegou ao destino, onde estava sendo rifada uma bicicleta, Élcio leu: “*Centro Espírita Amor Luz*”.

Entraram.

Centros Espíritas bem orientados não são acessíveis a Espíritos infelizes que tentem ali adentrar com propósitos que causem desequilíbrio na paz reinante. Infelizmente, esse não era o caso daquele Centro Espírita. Embora rifas e outros tipos de sorteio gerem finanças, que serão empregadas para pagamento das despesas gerais de manutenção ou em assistência social, aqui, mais do que nunca, invalida-se o aforismo “*o fim justifica os meios*”. É simples tal constatação: basta pesquisar junto aos perdedores, que são sempre 99% dos concorrentes, o que sentem. A resposta será uma só: frustração. Daí, sob tamanho influxo negativo, desestabiliza-se mesmo o ambiente de fraternidade que deve reinar.

Mais ou menos trinta pessoas estavam reunidas, ouvindo um orador que discorria sobre o “desprendimento dos bens terrenos”.

Muito bonita a palestra doutrinária...

Quando encerrou, o palestrante anunciou:

— Vamos sortear o brinde!

Incontidas, algumas pessoas até bateram palmas.

— É a sua vez — determinou o grandalhão a Élcio.

— Como assim? Não posso fazer nada.

— Veja qual é o número do dirigente...

Sem entender, aproximou-se do homem e “viu” no bolso dele um canhoto de rifa com o número 92.

— Noventa e dois...

— Muito bem: pegue o número 92 dentro do saco de pano com as fichas numeradas e “dê uma boa carga nele”.

Élcio tentou pegar a ficha, mas sua mão atravessava o saco... Até que enfim viu o 92 e aproximou a mão dele. Ele próprio assustou-se quando viu uma espécie de fumaça negra envolver aquela ficha.

Feito o sorteio, o 92 foi o ganhador...

Algumas pessoas, frustradas, reclamaram. Um rapaz:

— Não valeu: o senhor é o diretor! Tem alguma coisa errada nesse sorteio...

— Está duvidando da minha honestidade?

— Só estou dizendo que foi estranho...

Metade dos obsessores soprou no ouvido de um o mesmo que a outra metade sugeria ao outro: Briguem! Briguem!

Começaram a discutir mais acirradamente, o palestrante e o rapaz. Os obsessores gargalhavam sem parar, felizes com a balbúrdia irrompida. Galhofavam:

— Os santinhos... os santinhos... vejam só como se parecem com os cães e os canários...

Élcio entendeu por inteiro: aquela equipe era dedicada exclusivamente a armar confusão.

Não conseguiu evitar o pranto: com sua ajuda, dois cães tinham morrido e dois lindos canários também. Suas lágrimas levaram os obsessores ao delírio, a extremo gozo, vendo-o combalido, derrotado...

Num gesto espontâneo, ajoelhou-se e com a cabeça baixa, lágrimas deram vazão ao amargo arrependimento, sentindo muito mais dor na alma do que na mão.

Nesse momento, no auge da discussão dos dois homens, tocaram num livro que caiu da mesa, ficando a página aberta à leitura de relance que Élcio conseguiu fazer:

“Nenhum servo pode servir a dois senhores...”.

Era o Cap. XVI de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, comentando a narração de Lucas, 16-13.

Élcio levou a mão ferida ao coração e murmurou:

— Jesus, Jesus: leve a Deus meu pedido de perdão!

Os obsessores, rolando de rir, extasiados na equivocada atitude de alegrarem-se com a dor alheia, subitamente pararam de gargalhar. Todos. Com espanto, viram o coração de Élcio se iluminar, de intensa cor de rosa, clara de início, para logo se tornar tão brilhante que lhes ofuscou a vista. Mais estupefatos ficaram quando se sentiram como que chumbados ao chão e viram que ele perdera os sentidos. Logo surgiram dois enfermeiros e o levaram. Para onde?

Até mesmo os dois briguentos, ficando livres da pressão dos obsessores, puseram fim à contenda.

— Quer saber? — indagou o palestrante, pacificando o clima e penitenciando-se: “também achei estranho eu ganhar; não quero a bicicleta; proponho que ela seja dada a uma criança pobre e que nunca mais façamos rifas aqui”.

— Apoiado! — ouviu de todos.

Confraternizaram-se os contendores, abraçando-se.

Élcio-Espírito sentiu leve torpor e de forma inexplicável viu-se num panorama familiar. Ouviu:

— Jesus o envolva em paz!

— Jules: como retornei?

— A Bondade do Mestre reconduziu-o mais uma vez até aqui, pois você está cometendo suicídio...

— Eu?! De forma alguma! Estou com a mão infeccionada, mas jamais me mataria.

— Élcio, Élcio: o suicídio nem sempre ocorre só no caso de agressão violenta e deliberada ao próprio corpo: todo excesso é uma forma indireta de suicídio.

— Mas eu não fiz nenhum excesso...

— Na verdade, você vem cometendo o pior dos excessos: o espiritual. E negativo!

—?!

— Você foi contemplado com uma rara faculdade: energizar alimentos, água e plantas, para curar enfermos.

— Eu?! Como assim?

— Seu perispírito recebeu, antes da presente reencarnação, uma sublime carga fluídica, autorrenovável, para algumas vezes, em combinação com o ectoplasma, poder alterar parte da estrutura molecular da matéria, desde quando isso fosse feito por caridade. No entanto, você desvirtuou essa bênção divina, raríssima, e passou a usufruir, no jogo, indevidos recursos materiais.

— Mas eu nunca roubei no jogo...

— Você gostaria de jogar com um parceiro que soubesse qual a próxima carta, ou que imanta determinada face do dado, ou que vigoriza um pobre galo obrigado a duelar, ou ainda que aderisse invisível gosma num taco de sinuca para o parceiro “escorregar” a tacada? E o que é pior: nunca agindo sozinho, mas sim contando com assessoria de bandos de Espíritos desencarnados, sintonizados nos mesmos propósitos ou em outros até piores?

— Meu Deus? Você tem razão Jules... Acho que andei roubando esse povo todo...

— E o que ganhou com isso? A mão em vias de ser amputada não decorreu do seu programa reencarnatório, mas sim do tremendo potencial da matéria astral negativa que nela foi se acumulando, pouco a pouco, a cada lance das suas jogatinas.

— E agora? Vou perder a mão? Não é possível... Não quero!

O pranto foi irrecorrível. Sentido pranto...

Instintivamente, Élcio pegou a mão direita. Levou um grande choque: estava cheia de espinhos, que o machucaram, e, ao contemplá-la, viu que apresentava grandes manchas escuras. Mais grave de tudo: as manchas se moviam, lentamente, como se fossem vivas!

— O que é isso?! Estou ficando louco! Tem bichos na minha mão...

— Por Jesus, acalme-se, Élcio! Vamos orar e pedir ao Pai que o socorra.

— Sim, sim, ajude-me, Deus!

Jules, com gestos delicados, tomou entre as mãos a destra de Élcio e massageou-a, mansamente. Aos poucos a mão clareou, quase desaparecendo as manchas negras, que se imobilizaram, as poucas que restaram. Sem conter o espanto, Élcio viu que das mãos de Jules saíam luzes, que entravam na sua. Sentiu um enorme alívio. Jules olhou para o alto:

— Graças a Deus! Obrigado, Jesus!

Élcio beijou as abençoadas mãos que o aliviaram.

— Agradeça ao Pai! Nada fiz.

Despertou.

Ainda com os olhos fechados, ouviu:

— Vamos conduzi-lo agora mesmo ao Centro Cirúrgico.

Imaginou que fossem enfermeiros. Quis abrir os olhos e dizer que estava melhor. Que a mão não doía mais. Mas nem os olhos obedeceram, menos a voz.

Sentiu-se em deslocamento. Para onde? O forte cheiro hospitalar invadia-lhe as narinas. Chegaram.

— Doutor Ribeiro, o instrumental cirúrgico já está pronto. Quando o senhor quiser, poderá iniciar a cirurgia...

Estavam falando dele. Sabia-o. Mas... O que fariam com ele? Jesus Cristo: será que... a mão?

Sentiu que algo era colocado no rosto, aderindo ao nariz: anestesia!

Queria gritar e dizer que não queria, que não era preciso, que uma certeza íntima lhe dizia que ficaria bom.

Mas a voz não saía...

Lembrou-se de Jules. E de Jesus. Orou: “Meu Jesus, vem aqui me ajudar!”.

O pranto explodiu. E com ele, lágrimas abundantes.

Ribeiro, já com a máscara e luvas antissépticas, fez uma última avaliação no paciente.

Sabia quem era: aquele que se acidentara, quando de forma vil pretendia possuir Débora... a sua Débora! Pesava-lhe ter que fazer o que o dever e conhecimento profissional indicavam: amputar a mão de Élcio.

Surpreso, notou lágrimas candentes escorrendo pelo rosto imóvel do doente. Era a primeira vez que presenciava tal fato! Algo anormal estava ocorrendo. Para confirmá-lo, viu o olhar de espanto da enfermeira que preparava a mão a ser amputada. Perguntou a ela:

— Algo estranho?

— Doutor... a mão dele está com estranhas pulsações...

Ribeiro tirou a luva e apalpou a mão enferma de onde, súbito, vazou grossa matéria putrefata.

— Temperatura e pressão! — ordenou.

— Trinta e cinco, doze por oito.

— Incrível: está sem febre e com a pressão normalizada. Não entendo como isso aconteceu.

A cirurgia, repentinamente, tornou-se dispensável.

— Vamos suspender a cirurgia, para novas avaliações!

Abismado, o médico viu estancarem-se as lágrimas do paciente, em cujo rosto, imóvel ainda, olhos fechados, aflorou um sorriso inconfundível: de felicidade!

13. JOGAR: NUNCA MAIS!

Quando Élcio voltou a si sua reação foi olhar para a mão. Com surpresa e júbilo viu que não tinha manchas escuras se movendo... O curativo e a ausência de dor anunciavam que o processo era de recuperação.

“Jules”, lembrou, “Jules, outra vez...”.

Sentiu o organismo invadido por uma agradável impressão de estar sendo massageado por delicadas e invisíveis mãos.

— É um *milagre* — disse o Dr. Ribeiro ao colega, o Dr. Dantas —, embora você não acredite.

Dirigiram-se os dois na direção do paciente:

— Olá, Élcio, como vai?

— Doutor Ribeiro... doutor Dantas...

— Vim vê-lo — disse o Dr. Dantas —, pois o Ribeiro disse que você, mesmo anestesiado, “falou” com ele, pedindo para não amputar sua mão. Como foi isso?

— Sim, me lembro: fiz uma prece a Jesus e Ele mandou o Jules me ajudar.

—?!

— O Jules é um Espírito amigo, encarregado de atender pacientes na “Pousada dos Aflitos”.

—?!

— Lá é uma instituição espiritual, onde eu já fui mais de uma vez, a primeira quando sofri o acidente de carro. Estava lá, antes da cirurgia que era para ser feita...

Dantas observou a mão de Élcio, depois foi ao exame radioscópico e observou a radiografia tirada poucos minutos antes de ser decidida a amputação. Voltou e reexaminou a mão ferida. Colocou sua mão sobre a testa do paciente, imaginando que estivesse febril, diante das coisas que acabara de ouvir. Mais surpreso ainda ficou ao perceber que a temperatura era normal.

— Custa a acreditar, mas, desta vez, acho que estamos mesmo diante de um *milagre*...

Quando os dois médicos saíram, Élcio tomou uma resolução: jogar, nunca mais! Teve a nítida impressão de ouvir uma voz, muito sua conhecida: "Graças a Deus!".

Era Jules.

A mediunidade de Élcio eclodira, definitivamente! Agora amparada pelo Plano Espiritual, em face do seu arrependimento sincero e da decisão firme de abandonar de vez o jogo.

À noite, Ribeiro contou para Débora o "milagre" acontecido com Élcio, valendo-se do fato para se certificar se ela ainda sentia alguma coisa por ele.

Débora mudou radicalmente seu tratamento para com ele, presa de uma invencível vontade de ver Élcio. Se pudesse, a jovem iria agora mesmo, tamanha a compulsão em aproximar-se do homem que arruinara sua família e quase que a ela própria. Ribeiro arrependeu-se, pois a namorada mostrou-se distante, distraída, pensativa...

O namoro, naquele encontro, acabou mais cedo, dele só restando frustrações: arrependimento em Ribeiro por não se ter calado, e em Débora, porque seu pensamento estava longe dali, em Élcio.

No dia seguinte, um sábado, Élcio recebeu a visita de Luiz. Como sempre, uma aura de calor humano logo se instalou entre ambos. Os olhos de Élcio brilhavam:

— Luiz, você nem sabe como aguardava sua visita. Acho até que fui eu que o atraí para vir me ver...

— Oi, Élcio, de fato, desde ontem você está em meu pensamento.

— Quase perdi a mão. O doutor Ribeiro ia amputá-la, mas no último minuto fiz uma prece a Jesus e Ele me curou, por intermédio do Jules, um Espírito, meu amigo!

— Graças a Deus!

— Vou estudar sobre essa faculdade que tenho e ver se com ela poderei ajudar aos outros.

— Graças a Deus! Parabéns, meu filho, pela decisão!

— Posso entrar?...

Era Débora!

Élcio não conseguiu responder. Luiz percebeu de imediato o envolvimento de ambos. Despediu-se, saindo.

Débora aproximou-se devagar. Estava linda! Radiante! O brilho que trazia no olhar não conseguia ocultar promessas que guardava na alma...

Élcio quis falar alguma coisa, mas só conseguiu movimentar os lábios num murmúrio quase inaudível:

— Débora... Débora...

A jovem deu mais dois passos e encostou-se no colchão. Não piscava e isso potencializava o fulgor que aureolava seus olhos, de um verde coruscante. Num gesto de extremo carinho, quase maternal, curvou-se e delicadamente encostou os lábios na mão machucada, numa das mais suaves carícias de que é capaz o ser humano.

Quando se ergueu, os olhos já haviam cedido à alma: uma lágrima boiava em cada um, prestes a despencar.

Élcio, enlevado, vivenciando instante de celestial felicidade, também não pôde reprimir idênticas lágrimas. Ergueu a mão esquerda e quando Débora tomou-a entre as suas, sentiu que algo superior os unia.

Mas, nesse preciso momento o Dr. Ribeiro entrou. Atônito, desacreditou no que via: sua namorada, sua amada Débora, com quem tinha um projeto de vida, dispensando ternura àquele rapaz complicado, sabidamente mau elemento e que tanto mal fizera à família dela...

Os três assustaram-se. Sabiam que a partir daquele momento suas vidas nunca mais seriam as mesmas.

Ribeiro, profissional, adestrado para lidar com situações-limite, contornou o cenário constrangedor:

— Pelo que vejo, o paciente gosta de anjos... de cá e de lá... por isso é que está quase curado.

Élcio captou a alusão feita pelo médico e percebeu que naquele momento instalava-se um conflito entre o casal de namorados. O conflito era ele!

Ninguém conseguiu dizer mais nada.

Por fim, Débora tomou a melhor atitude, despedindo-se de ambos e retirando-se.

Ribeiro olhou Élcio estranhamente. Pensou: "se ela veio vê-lo, ele não pode ser condenado...".

À noite, quando foi visitar a namorada, não conseguiu disfarçar o descontentamento. Ouviu dela:

— Sabe, Ribeiro, eu só fui visitar o Élcio porque pensei que podia voltar a gangrena na mão dele, conforme você me contou...

— E daí? Você iria curá-lo?

— Não é isso. Ele podia morrer...

— E daí, Débora? Se ele morrer, o que você tem com isso?

— Na verdade, não tenho nada, mas fiquei com dó.

— Com dó do homem que arruinou sua família e que quase a matou?! Já se esqueceu do que aconteceria se não houvesse o acidente de carro?

— Não, não esqueci. Aliás, você não me deixa esquecer...

— Ah! agora sou eu o culpado de você ter ido ver aquele marginal...

— Você está com ciúme!

— Estou! E não é só ciúme: é meu amor-próprio de homem, que está injuriado por você.

— Não acredito. Não lhe dei causas para desconfiar de mim.

— Não? Não? Por que aceitou ir de carro com ele até um motel?

— Oh! lá vem você de novo com essa lembrança.

— Seria uma má lembrança se você não pensasse mais nele, a não ser com desprezo. E o que foi que vi, hoje à tarde?

— Sim: o que você viu?

— Vi vocês dois arrulhando como dois pombinhos...

De mãos dadas, Ribeiro não se dava conta que estava machucando Débora.

— Você está me machucando!

— Bem vi você segurando a mão dele. As minhas já não têm mais graça?

— Não é isso, Ribeiro. Você está apertando muito minha mão e está doendo.

— Pois então vá segurar nas mãos dele. Adeus!

Débora, só, permaneceu sentada. Pensando. Pensando.

Uma semana depois Ribeiro não a tinha procurado mais. Por um desses inexplicáveis caprichos do "destino", os três viram-se novamente frente a frente, só que em situação muito mais constrangedora do que no hospital.

Estando quase bom, Élcio não resistiu ao impulso de ir até Débora, para agradecer-lhe a visita. Visita que, além de fraterna, para ele representou mais que isso. O coração lhe descompassava

ligeiramente só de se lembrar dela. Muito forte, intuía que o mesmo acontecia com ela.

Quando aproximou-se da casa de Débora viu o dr. Ribeiro acabando de estacionar seu carro, bem em frente. Levou um susto. Prudência e ética recomendavam retirada rápida, mas o coração não resistiu ao ímpeto de resolver, de vez, aquele tormento. Foi direto ao médico:

— Doutor Ribeiro, podemos conversar?

— O que você quer? Não considero conveniente sua presença aqui. Arruinou a família dela e quase a matou.

— Eu?! Quando foi que “quase a matei”?

— Quando ia desonrá-la, ou melhor, quando a forçou a um encontro, em troca de cheques do pai dela... Admiro que ainda se atreva a procurá-la, pois seu caso só pode ser resolvido na Polícia.

— Ameaçando-me? Pois fique sabendo que Débora ficou frustrada naquele dia do acidente...

— Canalha! Covarde!

Avançou para Élcio e ia socá-lo quando ambos ouviram:

— Parem! Aqui não é lugar de brigas.

Era Débora que, escondida, estivera ouvindo todo aquele áspero diálogo.

Os dois homens olharam-se, surpresos, captando de imediato que ela, oculta, testemunhara a discussão.

— Desculpe-me — murmurou Ribeiro, educado.

— Vamos pôr tudo em pratos limpos — exaltou-se Élcio. Desafiou: “Débora, você tem que escolher um de nós dois. O outro some...”.

— Não aceito essa imposição — atalhou Ribeiro, enfurecido — , você não é ninguém para dar ordens e muito menos para forçar decisões sentimentais.

— Tudo bem, não sou ninguém mesmo. Quero ouvir Débora repetir isso e vou embora.

Ribeiro encarou Débora, intensamente, aguardando.

A jovem tremia.

Nenhuma palavra. De ninguém. Os três, imóveis, nem piscavam. Ribeiro considerou aquele silêncio a confirmação da escolha de Débora: por Élcio... Sem dizer palavra, entrou no carro e foi embora.

Débora entendeu que daquele homem, que um dia povoara de sonhos o seu futuro, a partir de agora só restariam lembranças. Sim: Ribeiro já era parte do passado.

— Débora...

— Não me toque, Élcio. Quero um tempo para pensar.

Débora cobriu os olhos com as mãos e permaneceu estática por longos instantes. Quando baixou as mãos e abriu os olhos, viu-se só. Élcio também tinha ido embora.

“Voltará?”, pensou com enorme angústia.

No coração dos três as imagens e lembranças recíprocas eram permanentes.

Débora vivia no dilema: “Amo Ribeiro e desejo Élcio, ou será que tenho amor por Élcio e apenas admiração por Ribeiro? Gosto tanto do Ribeiro... ele é tão bom, está tão bem na vida...”

Ribeiro, também ele, se perguntava: “Amo Débora e imaginei que ela me amasse; será que nunca me amou? E aquele crápula do Élcio, será que ela o trocaria por mim? Claro que sim. Já trocou...”

Élcio também refletia: “Agi mal com Débora. Ela apaixonou-se pelo Dr. Ribeiro, justamente por minha causa: se não houvesse o acidente ela não o conheceria, ainda mais nas circunstâncias, para onde estávamos indo no carro. Mas a visita dela, lá no hospital, iluminou meu coração. Não sei se eles se amam nem se ela me ama. Só sei uma coisa: estou perdido de amor por ela!”

Assim, os três sofriam ante as dúvidas do coração.

Então, novamente as tramas da Vida intervieram no “destino” daquelas três angustiadas criaturas:

O pai de Débora aceitou um modesto emprego na filial a ser inaugurada de uma empresa que estava expandindo-se para o Norte; humilde e prometendo “nunca mais fazer aquelas loucuras”, procurou Vilma e reconciliou-se com a família, que o acompanhou.

Ribeiro conseguiu uma bolsa de estudos na Alemanha, devendo lá permanecer por um ano, prorrogável por mais outro.

Só Élcio permaneceu na mesma cidade...

Recuperando-se totalmente, passou a frequentar o mesmo Centro Espírita no qual Luiz era médium ativo, nele encontrando um abnegado orientador.

Quando leu “O Livro dos Espíritos”, admirou-se com o fato de que tantas verdades, tantos ensinamentos, tantas explicações para

todos os acontecimentos do dia a dia não tivessem uma maior divulgação.

— Luiz, já pensou quantos problemas seriam resolvidos, quanta consolação teriam as pessoas angustiadas se conhecessem o Espiritismo?

— Sim, Élcio, vivo pensando isso. É por essa razão que os Espíritos amigos sugerem que a melhor forma de agradecer a Deus pelos conhecimentos espíritas é divulgá-los.

— Já li “O Livro dos Espíritos” e gostei muito. Mas gostaria de saber algo específico sobre aquelas coisas que aconteciam comigo.

— Você se refere à mediunidade. Em maior ou menor grau, todos somos médiuns. No seu caso, não há dúvida de que é uma faculdade a ser aproveitada.

— Como assim?

— Na maioria das pessoas a mediunidade é para ajudá-las a resgatar compromissos, ao tempo que ajudam o próximo. O exercício mediúnico é, via de regra, provacional, raramente missionário. Os vários tipos de mediunidade podem variar de existência para existência. Não há confundir mediunidade com o dom, este, uma conquista meritória do Espírito, aquela, se assim podemos dizer, é uma ferramenta emprestada por Deus, segundo a tarefa de cada ser encarnado. Tanto um quanto a outra poderão ser empregados a benefício do próximo, ou a benefício próprio, nesse caso, grave equívoco, gerador de difíceis resgates futuros. No caso dos grandes benfeitores da Humanidade, com eles, quase sempre, está o dom de uma inteligência brilhante, de uma intuição aguçada — que utilizam em proveito coletivo. Suas descobertas ou invenções, conquanto tenham auxílio inspirativo de Espíritos dedicados ao Bem, têm neles o grau maior de participação.

Fazendo uma pausa, prosseguiu:

— Com você, quando quis usufruir das suas possibilidades anormais, só se deu mal. Isso porque, em termos espirituais, de sintonia psíquica, o bem atrai o bem, e o mal atrai o mal. E os médiuns precisam laborar incessantemente, ajudando primeiro aos outros, com o que estarão automaticamente ajudando a si mesmos.

— Quando você diz que posso ajudar aos outros com minhas “possibilidades anormais” está brincando, não é mesmo?

— Não, não estou. Leia o “O Livro dos Médiuns”, também de Allan Kardec e depois me diga se estou brincando. Preste atenção às recomendações aos médiuns curadores.

Élcio, de fato, leu o livro indicado por Luiz.

Nem precisou terminar a leitura para logo se dar conta de que empregara suas faculdades mediúnicas da pior maneira possível: em benefício próprio. Pensou: “não foi à toa que Allan Kardec não se cansou de advertir aos médiuns, principalmente aos de cura, que só com desapego material e humildade a tarefa recebe apoio de Espíritos elevados”.

Arrependido do terrível equívoco ao comercializar sua mediunidade, voltou a conversar com Luiz:

— Nem sei como consertar tantos erros.

— Fácil: só esse entendimento é alicerce seguro para a reconstrução. O arrependimento só é válido se o erro é reparado, sob impulso sincero da alma. No seu caso, sugiro que frequente nosso Curso de Médiuns, assista palestras doutrinárias, tome passes regularmente e se dedique a alguma tarefa assistencial. Tudo isso poderá ser feito aqui no Centro Espírita ou em outro, já que quase todos ofertam essas benditas oportunidades. Quando conhecer os fundamentos da mediunidade e principalmente estiver sintonizado com o grupo, peça para participar das reuniões mediúnicas.

— Só isso?!

— Você verá que não é tão fácil como pensa. A Doutrina dos Espíritos não proíbe nada, mas para sermos um bom espírita e principalmente um médium correto, temos que mudar muita coisa em nossa vida, abolir muitos hábitos, selecionar palavras, ambientes e atitudes.

— Eliminar quais hábitos?

— O de dizer palavrões, ingerir bebida alcoólica, fumar, frequentar bares, assistir a filmes violentos ou pornográficos e... principalmente não jogar.

— Nem em casa, com a família?

— Volto a dizer que o Espiritismo não proíbe nada. Contudo, no caso do jogo em família, pergunte sempre à razão se no fundo não representa um macio duelo? E ainda nessa categoria não podem ser incluídos todos os esportes onde haja competição? E a competição... não acaba sempre com vitória de uns e derrota de outros?...

— Mas então o espírita não pode dedicar-se nem aos esportes...

— Claro que pode. O que é preciso eliminar, integralmente, é o espírito competitivo da prática esportiva.

— Nunca pensei que para ser espírita fosse necessário tanto...

— Engano seu: não se trata de ser espírita, ou médium, mas sim de ser um homem bom. Aliás, já está na hora de você ler o terceiro livro de Allan Kardec, o "O Evangelho segundo o Espiritismo". Esse livro, Kardec elaborou-o com ajuda de Espíritos diversos e de médiuns de todo o mundo, por meio de mensagens psicografadas que recebeu e selecionou, observando a universalidade dos ensinamentos que continham. Ensinamentos de Jesus! Como sugestão, pode ler aleatoriamente, isto é, abra o livro sem escolher tema e leia o texto, marcando-o para não repeti-lo, antes de ler todo o livro.

Abrindo uma pasta, Luiz de lá retirou um livro e entregou-o a Élcio, após fazer uma dedicatória. "Parece que isso já me aconteceu", pensou Élcio. Descontraído, abriu o livro. Leu: "O homem de bem". Era o Cap. XVII, nº 3.

— Nossa! Abri ao acaso e veja só o que saiu: o homem de bem, o que você acabou de dizer...

— Fica aí uma primeira "dica" sobre o "O Evangelho segundo o Espiritismo": na página que o abrimos, com o pensamento em Jesus, está sempre a lição de que estamos precisando, pois o acaso não existe.

Três meses após, Élcio, pontual e assíduo no Curso de Médiuns, foi convidado a participar das reuniões mediúnicas.

Durante esse tempo seguiu o conselho de Luiz, engajando-se nos estudos espíritas e nas atividades assistenciais do Centro Espírita. Granjeou muitos amigos. Mais que isso: no Curso de Médiuns havia uma jovem, Selma, pela qual atraiu-se, sendo correspondido. Os dois começaram na mesma data o curso. Ao terminá-lo, por insistência da jovem, ficaram noivos.

O namoro experimentou delicado ponto quando ela propôs a Élcio:

— Querido... querido... já que estamos noivos, não vejo mal algum em vivermos nosso amor...

— Mas, Selma, estamos vivendo em amor!

— Não é isso que estou dizendo: não quero viver só em amor, mas com amor...

— Não seria prudente anteciparmos nossa união...

— Só se você não me amar.

— Claro que te amo.

— Então, esperar o quê? Vamos nos casar mesmo...

Ao ouvir essas últimas palavras Élcio sofreu um choque, como se tivessem despejado água gelada sobre a cabeça. E sobre o corpo também... Subitamente, deu-se conta de que Selma não era o "grande amor de sua vida", nem nunca o seria. Imaginou-se casado com ela e isso trouxe-lhe grande desconforto.

Pensou em Débora e no mesmo instante sentiu-se invadido por eletrizante sensação, agradabilíssima. Entendeu, na plenitude, que Débora sim, era a "mulher do seu *destino*". "Com ela me casaria agora mesmo".

— Não posso esconder — confessou — que penso em outra mulher... desculpe-me.

— O que é isso agora? Que história é essa de outra mulher? Por acaso não somos noivos? Obriguei-o a alguma coisa?

— Não tive oportunidade de te contar, mas antes de nos conhecermos, estive envolvido com outra mulher...

— Envolvido, a que ponto?

— Nada aconteceu entre nós... mas quase...

— Quase?! Envolvimento, para mim, entre homem e mulher, é sexo. E o "quase" não existe. Penso que você é um grande atrapalhado, que não sabe nem o que quer. O pior é que me fez acreditar num futuro feliz, mas, graças a Deus, vejo agora que estou é me livrando de uma boa...

— Desculpe-me, Selma, realmente sempre fui meio atrapalhado sim, coisas estranhas me acontecem...

— Meio? Põe um e meio nisso! Não quero vê-lo nunca mais... nunca mais. Adeus.

Selma não retornou ao Centro Espírita e ninguém soube dar notícias dela.

Élcio, ao contrário, passou a dedicar-se com maior assiduidade às tarefas mediúnicas e assistenciais.

Foi nessa singular etapa da sua existência, em que cada vez mais se dedicava ao estudo da mediunidade e às tarefas filantrópicas, que algo aconteceu. Tão surpreendente, que modificaria sua vida dali para sempre.

Numa chuvosa manhã de domingo, estava de plantão no Centro Espírita, auxiliando na distribuição de alimentos, roupas e calçados, às famílias pobres. Terminada a entrega às famílias cadastradas, bem como às inevitáveis “extras” que apareciam na “última hora”, a equipe do almoxarifado reuniu-se no pátio, para ser proferida a prece de agradecimento a Deus. O “Pai Nosso” nem bem tinha terminado quando se ouviu uma voz feminina, aflita:

— Gente, gente, pelo amor de Deus! Acudam, acudam!

Quem a atendeu logo retornou:

— O menino está morrendo...

Sensibilizados, todos acudiram. Quando a mulher entrou com uma criança ao colo, perceberam, com um simples olhar, que a criança estava gravemente enferma. O corpinho apresentava arqueamento anormal, vendo-se luzídias manchas roxas no abdômen, tórax e nuca. A perna esquerda, com intumescimento, provocado por processo inflamatório, noticiava grave infecção. Respirava com dificuldade, não conseguindo abrir os maxilares. Denotavam tais sintomas o quadro clássico da crise tetânica.

— O que ele tem?

— Tétano... na perninha... machucou-se há três dias com um prego enferrujado...

— Mas, e os médicos, o hospital...

— Ficou lá até ontem e quando piorou desse jeito mandaram-me levá-lo para casa, pois não tinha mais cura. Para morrer...

Dizendo isso a mulher perdeu a razão e gritou:

— Deus, Deus, meu filho vai morrer... vai morrer... não quero... não quero... Sagrado Jesus, cura ele!

Élcio, até então, apenas assistia à pungente cena.

Porém, movido por incoercível impulso, pegou a criança. Pousou-a suavemente sobre a mesa e colocou a mão direita sobre a perna inchada, onde o ferimento apresentava grave aspecto. Com a mão esquerda precisava amparar a criança, pois a coluna vertebral dela, em arco para cima, não permitia que as costas tocassem a mesa.

Sem tirar a destra da perna ferida, orou:

— Meu Jesus, em nome do Amor do Pai e do Seu Amor pela humanidade, será que não dá para salvar esse menino?

A prece, rústica, transbordava sinceridade. E amor!

Todos olhavam, silentes, em preces também, mudas.

Aos olhos humanos nada foi dado ver. Contudo, no Plano dos Espíritos, sublime maravilha ocorreu: três Entidades iluminadas se acercaram e duas delas puseram as mãos sobre a destra de Élcio, que se iluminou também. Raios fulgentes de luz cristalina passavam dos Espíritos para Élcio e deste para a perna da criança agonizante.

O terceiro Espírito estava com as mãos impostas sobre a cabeça de Élcio, ativando-lhe intensamente o centro vital coronário.

Tão grande era a carga energética que transitava por Élcio que seu corpo trepidava qual flor agitada à brisa.

Os fluidos ectoplasmáticos de Élcio, acrescidos e metabolizados pelos fluidos dos três Protetores, que haviam trazido essências de vegetais, igualmente invisíveis a olhos humanos, transferiram-se para o ferimento, logo percorrendo todo o organismo.

A grande carga das exotoxinas, venenosas, provocada pela contaminação feita pelos bacilos tetânicos, a partir da inoculação no ferimento na perna, foram aos poucos transformando-se em anatoxinas, isto é, toxinas capazes de criar imunização.

De início, o trismo (contratura impedindo a abertura dos maxilares) atenuou-se, facilitando a respiração da criança; em alguns minutos, a coluna retornou à normalidade; os sintomas das dores atrozes desapareceram, pelo semblante tranquilo da criança, que adormeceu, como que anestesiada; a febre, igualmente, cedeu.

A criança estava salva!

Mais tarde, Élcio comentou:

— Luiz, sempre ouvi dizer que o tétano não tem cura na fase terminal. Como será que aquele menino sarou?

— Devemos nos curvar à vontade de Deus e dos Espíritos Superiores, que têm desígnios que desconhecemos. Podemos, muito respeitosamente, imaginar que talvez duas coisas importantes estavam previstas pelo Plano Maior: a primeira, seria a cura do menino, com ou sem nossa ajuda, pois de uma forma ou de outra, sempre a Espiritualidade Benfeitora encaminharia o problema para a solução.

— Qual a segunda?

— Você! Penso que Jesus, por meio de Seus Mensageiros, decidiu que era chegada a hora de você despertar de uma vez, para seu compromisso mediúnico de auxiliar doentes. Se você iniciar o cumprimento do que prometeu, jamais se esqueça das

recomendações de Allan Kardec, aos médiuns curadores: humildade e jamais aceitar qualquer tipo de pagamento. Ausentes essas condições, o fracasso do médium é certo e o resgate muito doloroso, no porvir.

Correu na cidade a notícia da “cura milagrosa” do incrível caso terminal de tétano — raríssimas, nos anais da Medicina. De uma hora para outra, o Centro Espírita viu redobrar, triplicar, decuplicar o número de frequentadores... Muitos enfermos, desenganados quanto à cura, vinham em busca de solução para seus problemas de saúde; outras pessoas, por simples curiosidade.

Todos os que tinham problema queriam ser atendidos por Élcio. Só por ele.

Devidamente autorizado pela diretoria do Centro, Élcio organizou um plantão noturno de atendimento espiritual, duas vezes por semana, sendo auxiliado por três voluntários. Luiz era um deles.

Duas semanas após estar atendendo os doentes — e só a doentes —, segundo decisão sua, expressa, Élcio teve um grande dissabor: embora várias pessoas viessem realmente sendo aliviadas dos seus males, disse-lhe Luiz:

— Estamos com um problema... Não sei se você concorda, mas da minha parte não consigo conviver com certas práticas...

— Que práticas, Luiz? Diga-me sem rodeios!

— Enquanto estamos na sala de passes, atendendo os doentes, alguns colaboradores daqui do Centro estão vendendo rifas, umas atrás das outras...

— O quê?! Rifas, aqui?

Na noite seguinte, logo ao chegar, e já com muitas pessoas esperando-o, Élcio parou na fila e começou a conversar com elas:

— Oi, pessoal, boa noite! Quero saber quem comprou rifas aqui?

Quase todos na fila responderam afirmativamente.

— Quantas vezes?

— Todo dia tem gente vendendo, por aqui...

“Meu Deus! Não pode ser!”, pensou Élcio.

Entrou na sala de passes. Foi feita a leitura de uma página do “O Evangelho segundo o Espiritismo” e, logo após, a prece de abertura dos trabalhos. Mas, dessa vez, Élcio não atendeu ninguém. Saiu da sala e flagrou três jovens, dali mesmo do Centro, cada um vendendo uma cartela com cem nomes, um dos quais seria

premiado. Constrangidas, as pessoas na fila compravam no mínimo dois nomes, pois cada um custava cinquenta centavos.

Num ato impulsivo, Élcio pegou as três cartelas e picou-as, exclamando:

— Vendilhões!

Os jovens ficaram assustadíssimos.

— Não me refiro a vocês e sim a quem os mandou.

Sem condições de dar sequência à reunião mediúnica, retirou-se, deixando frustradas e revoltadas as pessoas que aguardavam ser atendidas, que reclamavam:

— Então nós pagamos e ainda temos que aguentar o nervosismo desse moço? Queremos nosso dinheiro de volta, pois ele tem obrigação de nos atender, já que há tempos estamos sustentando-o...

Luiz saiu com Élcio. Outros dois médiuns auxiliares ficaram, recriminando-os, com isso aumentando as queixas dos que estavam na fila e não foram atendidos na noite.

Élcio recolheu-se em oração, faltando a três plantões seguidos. A diretoria do Centro convocou-o:

— Élcio, meu irmão, sabemos que você outro dia ficou um pouco nervoso, por causa das rifas que passamos para aqueles que quisessem comprar. O que você talvez desconheça é que com o dinheiro arrecadado estamos prontos a ampliar nossa sede...

— Pois podem vender quantas rifas quiserem, só que não contem mais comigo. Sou sumariamente contra qualquer tipo de jogo, principalmente em ambiente religioso. Concordo que é sempre bom ofertar maior conforto aos que procuram locais de atendimento público, mas daí a aceitar que isso seja feito com dinheiro de rifas, vai uma diferença muito grande.

— Mas, Élcio, meu irmão, está muito difícil conseguir dinheiro para material de construção e para pagar os pedreiros. Ninguém mais faz doações...

— Sempre foi difícil, senhor Délio, sempre será, aliás, acontece que existem muitos outros meios de arrecadar fundos, nenhum deles envolvendo jogo, sorteio ou adivinhações...

— Diga o irmão alguns deles...

— Instalem uma livraria espírita aqui, vendendo livros doutrinários com desconto. As editoras espíritas dão excelentes condições a Centros Espíritas que realizam essa atividade em caráter

permanente. Além disso, ainda se tratando de livros espíritas, por que não instalar no bairro uma banca de livros, revistas e jornais, todos espíritas?

— E se já houver quem esteja fazendo isso na cidade?

— O que pretendo salientar é que o Centro Espírita não pode transformar-se num pedinte contumaz. Os frequentadores de boa vontade e que tenham condições devem dedicar algumas horas e colaborar com várias outras atividades lucrativas, fruto de trabalho sadio. Muitos Centros Espíritas estão se dando bem com as “Festas da Pizza”, “Bazar do Prato Pronto”, “Refeições coletivas”, geralmente almoço nos domingos. Outros grupos espíritas alugam terrenos ociosos, na base de arrendamento e neles cultivam hortaliças, que são vendidas no próprio bairro, com isso criando empregos e lucrando. Tenho notícia de que oficinas profissionalizantes de tipografia, marcenaria ou costura, em alguns casos, estão sendo a garantia da manutenção de várias casas espíritas.

— É fácil falar...

— Por que o senhor não tenta? Imagino que a diretoria deve incentivar participação voluntária dos frequentadores, expondo-lhes as metas.

— Agora quer me ensinar como devo dirigir meu Centro?

Preocupado ante a responsabilidade que, segundo pensava, “Deus colocara em suas costas, ou melhor, nas mãos”, Élcio julgou por bem afastar-se por um tempo das atividades mediúnicas naquele endereço.

Optou por acompanhar algumas excursões de sua agência de turismo.

Foi justamente aí que algo bastante significativo aconteceu, como que se a própria Vida quisesse dar-lhe resposta sólida às suas inquietações mediúnicas: na segunda excursão de que participava, quase todos os turistas passaram mal numa tarde, muitos deles necessitando internação hospitalar. Exames preliminares demonstraram que os pacientes estavam contaminados por bactérias, causando-lhes gastroenterite. Ligeira pesquisa apontou a origem da contaminação: croquetes de carne, servidos ao almoço, numa bela churrascaria de beira da estrada.

Élcio — apenas ele —, por ter almoçado só após todo o grupo estar servido, “não foi contemplado” com os tais croquetes, que

tinham acabado. Alguns pacientes tiveram até que se submeter a lavagem intestinal.

Solícito e responsável, Élcio tomou todas as providências para que todos fossem bem assistidos, na Santa Casa de Misericórdia da pequena cidade.

Fato marcante: estando na recepção, viu um solitário homem, de aspecto rude, sentado, com os olhos cheios de lágrimas, que caíam uma de cada vez, lentamente.

Orou mentalmente um "Pai Nosso" por aquele homem e ia já se afastando quando sentiu na mão direita aquele estranho sintoma, igual ao que se manifestava quando atendeu o menino com tétano. Aliás, muito parecido com aqueles antigos pequenos choques elétricos, quando jogava e ganhava... Pensou: "meu Jesus, meu amigo Jules, será que?".

A resposta foi a intensificação do sintoma.

— O senhor me desculpe — disse, timidamente aproximando-se do homem —, há alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor?

— Obrigado, meu filho, mas só Deus...

— Como assim? Qual é seu problema?

— Minha filhinha, de um ano, está com "coisa ruim".

— O que é essa "coisa ruim"? É doença?

— Não sei e os médicos também não sabem. Deram poucas horas de vida para ela.

— Onde está?

— Aqui, na enfermaria coletiva.

— Vamos vê-la — decidiu Élcio, embora sem saber ao certo porque assim procedia.

Como o homem se surpreendesse, mantendo-se imóvel, ordenou: "Agora!".

No lugar das lágrimas, que se espantaram e fugiram, um esperançoso brilho assomou no olhar daquele pai aflito. Sem dificuldade adentraram a enfermaria.

— Esta é a Mariana... — apresentou a filha, no leito, ao desconhecido.

Élcio, assessorado espiritualmente por Jules, olhou compungido para a criança, que trazia evidentes sinais de anemia profunda.

O pai acrescentou:

— Ela "é o anjo da nossa vida!".

Ao lado da criança, a mãe velava, em sentido pranto.

“Jesus, Jesus: o que faço?”, perguntou Élcio condoído pelo sofrimento dos pais e da criança.

Como resposta, em ato reflexo, impôs a destra na testa da criança e orou mentalmente: “Jesus: nem sei direito o que estou fazendo. Se o Senhor está me ouvindo e considera que é possível, imploro, em nome do Amor de Deus, que esta criancinha fique boa”.

Por pouco não deu um passo atrás: sentiu, com nitidez, que uma espécie de corrente elétrica “dessa vez de alta voltagem, quase” adentrou a sua cabeça e saiu na ponta dos dedos, transferindo-se para o débil corpinho de Mariana. Duas outras descargas semelhantes se processaram.

— Juça, Juça!, ela está com a cor voltando! — gritou a mãe, agarrando-se ao marido, trêmulos, ambos.

Com efeito: a cor cadavérica de instantes atrás foi aos poucos desaparecendo, em seu lugar surgindo um delicado tom rosa. Num impulso, Élcio ergueu a criança, abraçou-a junto ao peito, e sem tirar a mão da cabeça dela, beijou-a na fronte, com grande delicadeza.

A menina abriu os olhos. Lindos olhos negros, talvez brilhando pela primeira vez na vida e, num murmúrio, esse, com certeza o primeiro, gaguejou:

— Mã... mã...

— Sagrado Coração! Sagrado Coração! Amém! Amém! — exclamou a mulher, ajoelhando-se em pia atitude.

— Ela está falando... ela está falando... gaguejou também o pai.

— Deus permitiu que Jesus atendesse à Mariana. Vamos orar para agradecer — sugeriu Élcio.

— E ao Sagrado Coração também — aduziu a mãe, fervorosa, sendo apoiada pelo marido, que anuiu.

Élcio respeitou a fé da família.

O pediatra que cuidava do caso foi convocado:

— Muito bem, parece que não vai morrer...

— Graças a Deus, a Jesus e ao Sagrado coração, voltou a repetir a mãe, acrescentando: “e esse moço”.

— Hum... Foi a única expressão do doutor, afastando-se.

O pai de Mariana aproximou-se de Élcio, segurou-lhe as mãos e num gesto incontido beijou-as:

— Sou um homem pobre, aliás, minha única fortuna o senhor me trouxe de volta: minha filhinha. Sou pedreiro e se um dia o senhor quiser construir uma casa, vou lá trabalhar de graça.

Élcio ia já se sentindo o “tal”, “sublime trabalhador”, “fazedor de *milagres*”, quando sentiu uma ferroadada na mão, que ainda há pouco estava tão boa...

Numa fração de segundo recordou Luiz dizendo-lhe: “Tudo, tudo, tudo, e todos, todos, todos — Deus cria, vê, cuida, provê, decide! Feliz daqueles que são Seus auxiliares na execução da Vontade do Pai, que outra não é do que fazer felizes Seus filhos!”.

Sim, raciocinou: o que havia curado aquela menininha tinha sido a estranha “eletricidade” que entrara em sua cabeça, igual a um manso raio, um doce raio, saindo pela mão e envolvendo o débil corpinho.

— Faz-me um favor, senhor Juca?

—?!

— Jamais diga que fui eu que curei sua filha. Deus cria, vê, cuida, provê e decide sobre tudo e todos! Assim, foi Ele que curou a Mariana. É ao Pai que devemos agradecer. A mim vocês não devem absolutamente nada!

As lágrimas irromperam generosas em Élcio impedindo-o de ver a felicidade que pai e mãe, chorosos também, irradiavam. Com imensa alegria, aconchegaram-se ao corpinho da filha que, algo matreirinha, repetia:

— Mã... mã...

Quando Élcio afastou-se, discreto, ainda ouviu Juca:

— Pá... pá... pá —, fale filhinha...

— Papá...

Já saindo, Élcio entendeu como é que alguém chora de felicidade. Menos de cinco minutos durou todo o lance. Mas, para ele, esse curto tempo representou um dos mais importantes períodos de sua existência: de pronto, entendeu que muito mais abrangente do que a cura de Mariana, aquele fato era um forte indicador em sua vida. Depreendeu, sem hesitar, que Deus lhe mostrara um caminho.

Assim, daquele dia em diante, passou a participar do maior número possível das excursões. À noite, quando todos se recolhiam, fazia uma “visitinha” ao hospital público da localidade. Ali chegando, sem dificuldade mencionava visita a alguém em estado grave, alegando logo ao chegar na portaria:

— Estou de passagem nesta cidade e vou partir amanhã cedo. Preciso visitar um doente muito mal, a pedido de um parente da Capital, mas esqueci o nome do paciente...

— Homem ou mulher?

— Puxa vida! Não é que esqueci? Só sei que deve estar muito mal... É uma criança...

— Temos duas em estado crítico...

— Posso visitá-las?

— Sim. Venha comigo.

Junto ao leito de cada criança, solicitava:

— Posso fazer uma prece?

Pegos de surpresa, os profissionais do hospital sempre concordavam.

E assim, Élcio, de pé, à cabeceira do paciente — quase sempre criança —, começava a orar em silêncio. Quando sentia o "sintoma elétrico" aproximava-se, impunha a destra na fronte da criança doentinha. Sabia, no íntimo, que se curariam com certeza, aquelas junto das quais sentia a tal "alta voltagem".

Orava também pelas crianças em que o sintoma não se fazia sentir. Entendia que essa era uma decisão do Plano Espiritual.

Muitas viagens foram palco dessa mesma dedicação.

Em nenhum atendimento fraternal, junto a desconhecidos pacientes, jamais se glorificou, nem mesmo se identificou. Mas, com o passar do tempo e com retorno a algumas daquelas cidades, quando de surpresa chegava num hospital onde já houvera estado, passou a ser reconhecido, mesmo sendo quase madrugado:

— Boa noite, senhor — cumprimentavam os atendentes noturnos, com muita admiração e respeito.

— Vim visitar...

— Pacientes à morte!

— É... Deus permite que alguns saem, não é mesmo?

— É sim. E o senhor é quem Deus encarrega dessa salvação...

— De forma alguma: Deus cria, vê, cuida, provê e decide sobre tudo e todos...

Buscando não ficar muito conhecido, Élcio passou a variar bastante os roteiros turísticos nos quais participava.

14. ENCONTROS, DESENCONTROS, REENCONTROS...

Élcio e o grupo de turistas chegaram à cidade paraense, algo distante de Belém, a capital, onde dois dias após iriam assistir ao “Círio de Nazaré”¹⁹.

Não muito tarde da noite, Élcio saiu sozinho a passear pela cidade, eleita pelo grupo para estadia de dois dias junto à floresta amazônica e à margem do seu grande rio, o Amazonas.

Após algum tempo, decidiu que já era hora de procurar um hospital, para ver se poderia ajudar algum doente.

Não havia ninguém por perto, mas mesmo assim sentiu alguma coisa anormal: não sabia definir o que era, mas o coração, acelerado, informou-lhe que havia “algo no ar”. E não era coisa boa... No mesmo instante orou.

De repente surgiu um homem à sua frente:

— Fique quietinho, senão atiro...

— O quê... você quer?

— Dinheiro. Entregue-me tudo que tiver. E já! Não faça nenhum gesto rápido, senão atiro!

Ao entregar a carteira, o sangue quase gelou: reconheceu o assaltante! Este reconheceu-o também!

— Você?!

— Você?!

Era Santos, pai de Débora, que exclamou:

— Miserável!

¹⁹ Círio de Nazaré: (Círio = longa vela de cera que é usada nas igrejas). O “Círio de Nazaré” é festa religiosa tradicional, realizada em Belém do Pará, no segundo domingo de outubro e à qual acorrem romeiros de quase todo o país (cerca de dois milhões!). O primeiro Círio solenemente ali realizado data de 1793, constando da tradição mais antiga que um pescador encontrou nos arredores de Belém uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, venerada em Portugal. Levou a imagem para casa, mas no dia seguinte voltou a aparecer no mesmo local e a fazer *milagres*. Tal fato voltou a acontecer várias vezes. Nota do Médium.

O indicador comprimiu ligeiramente o gatilho. Com grande esforço não atirou. Duas expressivas forças contrárias encontravam-se ali, envolvendo-os: Jules, com mais dois Espíritos amigos, juntos a Élcio, em oração, apoiando-o, atraídos pela prece dele; e vários Espíritos obsessores, também atraídos por sintonia com Santos, alguns quase que montados nele, insuflando-lhe ideias de vingança:

— Atire nele, seu bobo! Não vê que o “destino” está sendo generoso com você, trazendo aqui o ladrão da sua felicidade?

— E dos seus bens — acrescentou outro.

— Atire! Atire! O que está esperando? Ninguém vai saber que foi você. Mate-o! Outra oportunidade como esta jamais acontecerá.

O dedo de Santos pressionava cada vez mais o gatilho. Jules inspirou Élcio a um diálogo fraterno:

— Santos, sei que no passado, por causa do jogo, você ficou meu inimigo — começou a falar Élcio, em tom baixo.

— Você foi a desgraça da minha vida, sabia?

— Posso até ter sido, mas eu também tive problemas com jogo... Quase morri e deixei de jogar, definitivamente.

— Depois que roubou bastante dos outros, não é?

— Não, nunca roubei!

— Então, como é que ganhava quase sempre?

— Se eu contar você não vai acreditar.

— Experimente. Talvez seja sua última cartada...

— Não temo a morte, Santos. Hoje sou espírita, graças a Deus e sei que sempre colheremos aquilo que plantarmos. No meu caso, por exemplo, eu tinha uma estranha faculdade, que me arrependo de ter usado mal...

— Faculdade? Que faculdade? Ligeireza na mão é faculdade?

— Não. Quase sempre eu conseguia fazer os dados me obedecerem e, nas cartas, a maioria das vezes eu sabia as dos parceiros.

— Você é bruxo, mágico, ou o quê?

— Médiun, apenas...

— Médiun? Não me venha com essa. Conheço alguma coisa do Espiritismo e nunca ouvi falar disso.

— É, não ouviu falar, mas existem essas faculdades mediúnicas. Allan Kardec classificou de “efeitos físicos” quanto aos dados; com referência às cartas, existem estudiosos do Espiritismo que enquadram essa faculdade nas infinitas possibilidades da

vidência, ou clarividência, onde age uma “dupla vista” do médium em desdobramento, ou ainda por telepatia entre um Espírito desencarnado que vê e retransmite mentalmente ao médium aquilo que seus olhos físicos não veem.

Os obsessores ficaram mais impacientes:

— Baboseiras, baboseiras. Como é? Vai ou não vai acabar logo isso?

Santos captou a mensagem telepática. Endureceu ainda mais o olhar e decretou:

— Já não penso em assalto. Vou matá-lo!

Jules orou fervorosamente: “Jesus, Jesus, amado Irmão. Permita, Senhor, que o Bem reine e reúna os corações de todos nós sob Seu manto. Não permita, Mestre, que maiores infelicidades sejam criadas”.

À prece de Jules, subindo aos Céus, somou-se outra, muito sincera, de Élcio: “Jesus amado: se chegou minha hora, que se cumpra a vontade de Deus. Sei que o que me suceder será exclusivamente fruto da minha invigilância, não só nesta vida, como em outras”.

No mesmo instante os obsessores sentiram-se paralisados, perdendo as forças e a consciência.

Antes de atirar, Santos guardou a carteira de Élcio no bolso da sua camisa, ocasião em que a carteira caiu. Apontou o revólver para a cabeça de Élcio e fê-lo afastar-se, para poder pegar a carteira no chão. Ao abaixar-se, um papel caiu do bolso da camisa.

— Sabe o que é isso? — perguntou raivoso a Élcio, mostrando-lhe o papel dobrado. Respondeu ele mesmo: — É uma receita... Para meu filho, o Aníbal...

Élcio sentiu o estranho sintoma na mão direita.

Implorou:

— Deixe-me ver o que tem seu filho. Talvez eu possa ajudá-lo. Por favor, Santos, pode me matar depois, mas me leve ao seu filho! Se precisar, eu peço: pelo Amor de Deus!

Além do apoio misericordioso de Jules e seus dois companheiros, as palavras de Élcio, recheadas de sinceridade e emolduradas pela caridade, tocaram fundo o coração de Santos, que abaixando a arma e a cabeça, começou a chorar.

Élcio, cauteloso, pediu para ver o papel. Ao pegá-lo, sem desdobrar, o "sintoma elétrico" acentuou-se e, mesmo sem saber por que o dizia, confirmou:

— Oh! por que não me disse antes?

— Não disse o quê?

— Que seu filho está com meningite?

— Você... Como é que adivinhou, se nem leu a receita?!²⁰. Os médicos escreveram a doença e o remédio, recomendando-me que levasse meu filho para um hospital, daqui ou mesmo lá da capital.

— Nem eu mesmo sei muito bem o que acontece quando sinto uma coisa no braço, vinda de Jesus, que tem possibilitado curar doentes...

— Pelo amor de Deus: cure então meu filho! Pensei em assalto porque não tenho nenhum dinheiro, nem mesmo para comer, quanto mais para comprar os remédios. O último salário perdi no jogo...

— Onde está seu filho?

— Está na Santa Casa, mas no momento lá também não têm esses remédios, por causa da grande quantidade de pessoas que estão com essa tal de "meningite meningocócica", como dizem os médicos. Ele precisa sair de lá e ir para o hospital particular, mas é tão caro...

— Vamos buscá-lo.

Santos devolveu a carteira de Élcio. Tomaram um táxi e pouco antes de chegar à Santa Casa, Élcio "quase" deixou escapar a pergunta que o queimava por dentro, sobre o *destino* de Débora. Conseguiu frear a tormentosa dúvida. Ante a memória da linda figura da mulher que um dia quase foi sua, e com a qual só em sonhos

²⁰ Temos aqui a narração de mais um fato mediúnico da psicometria. Apenas para registro, cito que Sigmund Freud, o pai da Psicanálise, ficou altamente impressionado com uma pitonisa que lia cartas sem abrir o envelope em que as mesmas vinham envolvidas. Tratava-se de uma senhora de nome Seidler, que Freud visitou quando em viagem a Berlim (SILVA, Gastão Pereira da, in: "Parapsicologia e Psicanálise", Ed. Itatiaia Ltda., BH/MG, 1968, Vol.6, p. 157, citando Ernest Jones, "Sigmund Freud" - Life and work - Vol. III).

Aqui mesmo no Brasil o saudoso médium Francisco Cândido Xavier tinha tal faculdade, conhecendo o conteúdo das inúmeras cartas que recebia, antes de abrir os envelopes (in: "Chico Xavier - Mandato de Amor", 3ªEd., 1995, p. 68, União Esp. Mineira, BH/MG). Nota do Médium;

tinha sido feliz, pensou: “estava louco, forçando-a a me amar e obsedado, quando procurei-a em sonhos; Deus me perdoe!”.

— Como aconteceu? — perguntou a Santos.

— O Aníbal, agora com oito anos, há dias pegou um sarampo que arruinou. Parecia que tinha sarado, mas de repente começou a ter dores de cabeça muito fortes, febre alta e desmaiar. Corremos para o médico, mas a Santa Casa está lotada de gente assim também.

Os enfermeiros da noite a muito custo permitiram que Santos e Élcio se aproximassem de Aníbal, no isolamento:

— Tomem cuidado! O menino está quase em coma e com grave infecção... Já temos doentes demais aqui.

Sentindo a “sublime eletricidade” na mão direita, Élcio pousou-a na frente de Aníbal, que ardia em febre. Doía-lhe o remorso pelo mal que fizera àquela família no passado, sentindo-se corresponsável pela doença no menino, “se não viesse para esta cidade, talvez não adoecesse...”.

Mentalizou Jules, o Espírito amigo:

— Jules: se Deus me trouxe até aqui é porque há motivo. Prejudiquei a família desta criança e estou arrependido. Tenho até vergonha de pedir alguma coisa, mas só a infinita caridade de Jesus dá-me forças para implorar bênçãos para o Aníbal. Neste momento, sou um infeliz demolidor que tenta reconstruir o que derrubou. Se Jesus me julgar digno de ser instrumento da Vontade do Pai, que o Bem visite este irmãozinho”.

Lágrimas escaldantes escorriam pela face de Élcio, remorso e piedade somados.

De regiões siderais um filete luminoso se projetou sobre ele e saiu pelas mãos, impostas na cabeça do menino, adentrando-lhe pela frente e percorrendo todo o sistema nervoso central, iluminando o sistema hematológico. Olhos humanos quaisquer viram o quadro de invulgar beleza: Aníbal, saindo do pré-coma, tossiu várias vezes e a cada pequena convulsão, expelia pela boca escuras aglomerações purulentas, carregadas de miasmas, estes só visíveis pelos Espíritos protetores que o assistiam. Do material expelido saíam aos ares nuvens desses miasmas, que logo se desfaziam, pulverizadas pelos fluidos que extravasavam das mãos de Élcio, qual se ele usasse um inseticida com “spray”.

— Pai... pai, cadê a mãe?

Santos atirou-se sobre o filho, abraçando-o, beijando-o, chorando...

Élcio lembrou-se da passagem evangélica em que Jesus foi à casa de Jairo, ressuscitando sua filha²¹. Pensou, de forma simplista e pitoresca, mas sincera, numa oração de agradecimento: "O Senhor é demais, meu Jesus!".

— Graças a Deus! — exclamou, pousando a mão em Santos.

— Perdoe-me, Élcio: eu ia matá-lo...

— Eu é que peço perdão, Santos. Nem imagina o quanto me arrependo de ter prejudicado você e sua família.

— Tudo passou. Você salvou meu filho!

— De jeito nenhum: Deus é que o salvou.

— Quero ir pra casa — gemeu Aníbal.

O enfermeiro vinha chegando e levou um susto:

— O que é isso? Não, não me digam: já estou velho para não saber, nos meus trinta anos de enfermagem já vi alguns *milagres* e esse é mais um.

— Quero ir pra casa — insistiu Aníbal.

— Sim, meu filho — animou-o o enfermeiro, concluindo: Assim que o doutor chegar amanhã cedinho, ele vai dar sua alta.

— Vou ficar um pouco com ele — ofertou Élcio.

— Eu também — disse Santos, convidando: Mas antes vamos a casa contar para a Vilma. Ela e a Débora estão desesperadas.

O coração de Élcio bateu mais forte: o "vamos" implicava um convite que o colocaria frente a frente com Débora. "Será que ela ainda mora com os pais?", pensou.

— Não sei se devo ir...

— Exijo! Quero contar para a Vilma que o Aníbal melhorou graças a você, e que fizemos as pazes.

— Não fui eu! Foi Jesus, Santos. Nunca se esqueça disso.

— Tudo bem: foi Deus que autorizou Jesus a autorizar você, o.k.?

— Ainda não: sua fé e seu amor foram a chave que abriu a porta para o que aconteceu, além, principalmente, do merecimento do Aníbal. Se Deus permitiu a melhora, e certamente a cura, é porque seu filho merece tal bênção.

Tomaram um táxi e no caminho nenhum dos dois falou.

²¹ Lucas, 8: 41 a 54. Nota do Médium.

Quando chegaram, Élcio constrangeu-se: a casa era pequena, sem acabamento, em bairro afastado, rua sem asfalto e mal iluminada.

— Só podemos esse aluguel — justificou Santos.

Vilma abriu a porta antes de eles descerem do táxi. Ao identificar Élcio, retraiu-se instintivamente.

— Bem, o Aníbal está bom e volta amanhã cedo!

Vilma irrompeu em convulsivo choro:

— Graças a Deus, graças a Jesus!

Élcio e Santos se entreolharam.

— E graças ao Élcio — aduziu Santos, sem se conter.

Vilma olhou-o sem entender. Santos explicou:

— O Élcio adivinhou tudo e tirou a doença do Aníbal com as mãos!

Vilma entendeu menos ainda. Santos complementou:

— Ele é médium de cura!

— Oh! graças a Deus!

Aproximou-se de Élcio e, num impulso de gratidão, abraçou-o forte. Santos uniu-se ao agora tríplice abraço.

Novamente olhos humanos não testemunharam magnífico espetáculo espiritual: luzes intensas projetaram-se sobre os três, em várias cores, fosforescendo o ambiente. Em volta da casinha, numa distância de mais ou menos vinte metros, dir-se-ia que invisíveis holofotes estavam instalados, nela concentrando seus potentes focos luminosos. Espíritos diversos — Jules com eles —, alguns até não ligados àqueles acontecimentos, aproximaram-se dali e uniram-se em prece. De algum ponto do espaço chegaram até os Espíritos sublimes acordes de uma sinfonia, em que preponderavam vozes de um coral entoando o "Magnificat"²², de J. S. Bach (1685-1750), composto em 1723.

Os encarnados, por seu turno, estavam enternecidos.

— Perdoe-me, dona Vilma, o que fiz no passado...

²² Magnificat = enaltecer. Pelas tradições, é um cântico de alegrias pelo qual a Virgem Maria exprimiu gratidão a Deus, quando da Anunciação. O Magnificat tem sido tema de numerosos compositores, desde o séc. XVI. Na Igreja Católica vem sendo repetido como expressão de júbilo. Nota do Médium.

— Tire o “dona” e esqueça o passado infeliz. Jesus foi autorizado por Deus a autorizar você para ser instrumento da Bondade Divina junto ao meu filho.

“Incrível”, pensou Élcio, “as mesmas palavras do marido...”.
Aí, o Amor inspirou-lhe coragem:

— Desculpem-me a indiscrição, mas... e Débora?

— Está bem...

Marido e mulher entreolharam-se. Vilma agarrou-se a Santos e disse ao marido, em novo pranto:

— Ela saiu de casa logo depois de você... Arrumou-se dum jeito que não gostei e disse que só voltaria quando tivesse arranjado dinheiro para salvar o Aníbal.

— Arranjar dinheiro a essas horas?! Onde? — espantou-se Santos.

— Na rua...

Santos proferiu um palavrão e preparou-se para sair:

— Desde quando ela sai à noite, desse “tal jeito”?

— Desde que você... sai para jogar. Ela espera você sair e logo sai também. Geralmente, volta antes.

— Quero ajudá-los — ofereceu Élcio, decidido.

Santos olhou-o por um segundo, que mais pareceu um século. Os três voltaram ao passado e lembraram, no ato, a infâmia dele com Débora.

— É a minha oportunidade de pedir perdão também a ela...

A sinceridade demoliu quaisquer obstáculos:

— Está bem. Vamos buscá-la.

Saíram, e mais uma vez mudos, no táxi que não havia sido dispensado.

O constrangimento era grande. Observando o movimento noturno, onde pessoas desajustadas, de um lado, vendem o próprio corpo, e do outro, encontram compradores, Santos desabafou:

— Não sabia que ela fazia isso! Logo hoje vai me aprontar uma dessas!

Compenetrando-se, assumiu:

— Não posso condená-la, pois também sou errado. Mas a lição, ou melhor, as lições desta noite estão sendo muito duras. Vou contar só para você: fiz uma jura que se o Aníbal sarasse eu abandonaria o jogo para sempre. Maldito jogo! Nunca mais vou jogar! Nunca!

— Vamos ter fé em Jesus que tudo se resolverá da melhor maneira para todos.

— Como é que Jesus nos levará até Débora?

— Espere, ore e verá.

— Sim, tenho fé em Deus que, agora que o filho se salvou, este pai aflito não vai ter outro desgosto “perdendo” a filha...

Pensando firmemente em Jesus, Élcio mentalizou a figura amiga de Jules. Rodaram vários quarteirões, até que, passando diante de uma casa noturna, sentiu o inconfundível “sintoma elétrico”.

— A “consumação” é vinte reais — cobrou o porteiro.

Entraram. O ambiente era o de sempre, nesses lugares: homens e mulheres, sussurrando, bebendo, fumando, dançando sem ritmo, bem colados um ao outro.

A despeito da penumbra, Élcio viu-a, na companhia de um homem aparentando uns cinquenta anos. Santos também viu-a. Não se conteve: foi até a mesa e ralhou:

— Débora, vamos embora para casa!

A jovem deu um pulo de susto, ficando de pé. Aí, viu-o:

— Élcio! Você?! Aqui?!

O parceiro logo deixou Débora e de soslaio foi para outra mesa, algo distante.

— Não fuja de mim! Não fuja! — gritou Débora, seguindo seu acompanhante.

De pé, diante do homem que tudo fazia para não ser notado, Débora, semiembriagada, acabou chamando a atenção de todos.

Élcio e Santos acercaram-se dela:

— Vamos para casa, minha filha...

— O que o senhor está fazendo na companhia desse bandido?

— Com licença — murmurou o acompanhante, novamente levantando-se e tentando distanciar-se.

— Quero meu dinheiro. Você me prometeu! — exclamou Débora.

Um funcionário da segurança aproximou-se:

— Vamos lá fora e conversaremos melhor...

— Só sairei daqui — desafiou Débora — depois que ele me pagar.

O homem, até então esquivando-se, ao sentir o “apoio” do segurança, mudou radicalmente:

— Olhe aqui, sua desmiolada: eu não tenho que te dar nada, até porque nem encostei um dedo em ti. Cai fora, senão mando te prender.

Ao mesmo tempo puderam identificá-lo:

— Senhor Prefeito, excelência — ofertou o segurança —, desculpe o transtorno, mas já resolvo isso para o senhor.

— Não me interessa se ele é prefeito. Prometeu-me dinheiro se eu lhe fizesse companhia...

— Pagar o quê, sua tonta? Se nós nem...

— Uma palavra mais e eu o mato — ameaçou Santos, encrespado, cara a cara com o homem.

— Prendam este maluco! Prendam-no!

O segurança, de forma truculenta, agarrou Santos e ia arrastá-lo para fora. Nesse momento, Élcio, até então mero assistente, interveio:

— Deixe-o! Agora! Ele é o pai da moça.

O "segurança" titubeou. O prefeito exasperou-se:

— Levem o idiota para longe de mim. Estou mandando. Ele quer me matar...

Débora agarrou violentamente o braço do funcionário e gritou:

— Deixe meu pai!

O segurança ia agredi-la, mas Élcio protegeu-a, interpondo-se entre ambos:

— Se você não largá-lo agora mesmo, será considerado agressor da vítima e do pai: serão dois crimes, na queixa que faremos na Polícia.

Talvez porque não quisesse envolver-se em algum processo policial, talvez porque percebesse que Santos não estava errado, o fato é que o segurança soltou-o.

— Pai! Pai! O senhor está bem?

— Sim, minha filha. Vamos embora, o Aníbal melhorou e amanhã volta para casa.

— Pai, o senhor está dizendo que o Aníbal melhorou?

— Sim. Graças a... Deus! — ia dizer "graças ao Élcio", mas lembrou-se do pedido dele a respeito.

— E o que esse "bandido" veio fazer aqui com o senhor?

— Em casa eu explico.

Iam já se retirando quando o prefeito, numa atitude covarde, deu um inesperado safanão em Débora.

Ligeiro qual um felino, Élcio voou para cima dele, derrubando-o. Ia esmurrá-lo, estando com o punho direito já contraído. Também numa fração centesimal de segundo, ocorreu algo espantoso: sentiu aquela estranha eletricidade na destra. Interrompeu o revide.

O inusitado da "reação à reação da agressão" deixou todos paralisados. Não houve o golpe, mas sim o surgimento de um "suspense", quando perceberam que o prefeito, caído, mesmo sem ter sido atingido, começou a passar mal: dor localizada no peito, com princípio de sufocação, levando-o a uma vertigem.

Santos conduziu a filha para casa e Élcio acompanhou o prefeito ao hospital, no carro dele, dirigido pelo próprio segurança, um policial militar fazendo ali trabalho extra, para reforçar o orçamento doméstico.

Chamado o médico às pressas, o diagnóstico já era conhecido, há tempos: angina.

Após ser medicado, o prefeito recobrou totalmente a consciência, ouvindo o médico dizer-lhe:

— Fique calmo, Pedro. Você teve um acesso de angina e eu já o mediquei. Não devia ter se esforçado...

— Ele... ele ia me bater... — apontou para Élcio, ao lado do doutor.

— Não senhor, nada disso — atalhou o policial militar, aduzindo: o senhor agrediu a moça pelas costas e esse moço defendeu-a; aliás, é bom o senhor ficar sabendo que, se não fosse ele, poderia ter morrido lá, pois ele agiu rápido trazendo-o para o hospital.

— Foi ele que me trouxe?!

— Sim. Eu apenas dirigi o seu carro.

— Fizeram muito bem em tirá-lo de lá — interferiu o médico, explicando: diversas vezes já o adverti para não beber, para alimentar-se moderadamente e não se envolver em aventuras com mulheres...

Nesse momento o paciente cristalizou o olhar em Élcio e, sem conseguir, tentou disfarçar angústia.

Élcio captou aquela tristeza. Aproximou-se:

— Senhor Pedro: peço desculpas pelo meu procedimento, mas eu "quase" perdi a razão quando...

— Eu fui covarde agredindo aquela pobre moça. Se eu fosse você teria feito o mesmo. Errei e me penitencio por isso. Faça-me um grande favor: diga à jovem que eu me arrependo muito do gesto infeliz. Peço que me perdoe.

Élcio tomou-lhe a mão e apertou-a, fraternal.

Nesse momento sentiu novamente o “sintoma elétrico”. Alguma coisa estava errada com a saúde daquele homem. Intuído, sugeriu, sem ele mesmo saber por que o fazia:

— A Medicina é uma bênção e o senhor deve se beneficiar dela.

— Por que ele está dizendo isso? — perguntou Pedro ao médico.

— Talvez porque ele saiba aquilo que eu venho sugerindo há tempos e você recusando...

— A cirurgia é a melhor opção — atalhou Élcio, quase que sem querer, pois jamais se atreveria a aconselhar alguém a ser operado, nem ao menos sabendo de quê.

— Está vendo? Até ele já sabe que você precisa mudar de ideia. Sua angina já ultrapassou o estágio de tratamento.

— Tenho medo, doutor. Tenho quase certeza de que fico na mesa de operação...

— Ah, é? E quem lhe deu essa certeza?

— Não sei. Tenho muito medo!

— Pois não tenha — voltou Élcio a interferir, acrescentando: sei que tudo vai correr bem e o senhor poderá trabalhar muito mais, pela cidade e pelos seus munícipes ...

— Como você pode saber que tudo vai dar certo?

— Fé em Deus! Fé, senhor prefeito! Fé!

— Se ao menos ela estivesse comigo... — balbuciou Pedro, irrompendo em abrupto pranto.

Antes que Élcio perguntasse ao médico quem era “ela”, de forma inexplicável, chegou à sua mente o motivo do tormento de Pedro: viúvo há algum tempo, não se conformava com a perda da mulher.

Aconselhou:

— Muito ajudariam preces por ela.

Conhecendo a grave responsabilidade que pesa sobre os médiuns intuitivos que recebem tão graves informações, vindas do Plano Espiritual, Élcio filtrou-as:

— Senhor Pedro, um amigo espiritual nos diz que sua esposa Teresa está sendo atendida na Espiritualidade por Protetores, mas ainda necessita de preces. Principalmente das suas preces!

— Você... Conheceu Teresa? Como é que eu nunca o vi nesta cidade...?

— Não, não a conheci. Estou vindo aqui pela primeira vez. Estou acompanhando um grupo de turistas que quer assistir ao Círio de Nazaré, na capital.

— Mas, então, quem lhe contou o nome da minha falecida mulher? Aliás, como é que sabe que sou viúvo? Quem lhe contou?

— Sou médium, senhor Pedro. Quando Deus permite, acontecem essas coisas.

— Então? Vamos marcar a cirurgia? — insistiu o médico.

— Deixe eu pensar mais um pouco, doutor...

— Posso dar-lhe um passe? E o senhor autoriza? — perguntou Élcio, cauteloso, ao médico e ao prefeito, respectivamente.

Tendo ambos concordado, concentrou-se. Impôs as mãos sobre a cabeça de Pedro e iniciou longos movimentos dispersivos de fluidos. Ao repetir o movimento pela terceira vez, a mão tocou o bolso da camisa de Pedro. Quase perdendo a concentração "viu", com os olhos do Espírito, um bilhete e o que estava escrito. Concluiu o passe.

O médico despediu-se, prometendo voltar logo pela manhã, devendo o paciente ali pernoitar, em observação. Ofereceu carona a Élcio.

— Posso ficar mais um pouco com ele? Só um pouco.

— Não se demore mais de meia hora. Ele precisa repousar.

Estando a sós com Pedro, usou de extrema cautela:

— Sabe, senhor Pedro: quando as coisas não vão bem, só há um caminho a seguir...

— É... eu sei...

— Deus!

Os olhos de Élcio brilhavam intensamente. Pedro assustou-se, mais ainda quando ele prosseguiu:

— Já estive em situações delicadíssimas e, de forma equivocada, cheguei a pensar numa solução extrema...

Pedro arregalou os olhos. Não acreditava no que ouvia.

— O suicídio, senhor Pedro, é a falta mais grave que alguém comete contra a Vida, que é Plano de Deus para Seus filhos, nós! Para todos os seres vivos!

Pedro sentia faltar o ar em seus pulmões. Num gesto que o desespero comandou, agarrou Élcio e quase gritou:

— Quem lhe disse que eu...

Antes que Pedro completasse a pergunta, Élcio delicadamente retirou o bilhete do bolso da camisa dele. Sem abri-lo, disse calmo:

— Deus está presente em toda parte, até mesmo dentro do seu bolso. E como o senhor mandou-Lhe um recado, fui incumbido pelo seu Espírito guardião de responder: a Vida é o supremo bem! É o sublime livro da existência. Esse livro jamais se encerra, eis que é infinito! Nele, a morte é apenas o fim de um passageiro capítulo, dos incontáveis que, tendo como início o nascimento, ofertam sempre novos roteiros. Os personagens que transitam pelo nosso livro podem estar ausentes em determinado capítulo, mas à frente sempre retornam. Tal e qual o dia e a noite se entendem muito bem, administrados ambos pelo Tempo, nascer e morrer são fases que estão unidas e sucessivamente se alternam.

— Minha Mãe Sagrada! Ninguém viu meu bilhete! Estava disposto a suicidar-me ainda nesta noite...

Em suprema angústia, pediu a Élcio que lesse o bilhete. Abrindo-o, Élcio leu:

"No livro da minha vida existem apenas páginas em branco, desde que Teresa foi para longe, deixando-me dias de desespero e noites de solidão. Encerro hoje esse livro — o meu livro —, pois para mim o tempo está parado na dor. Pedro A. J."

No dia seguinte, após ficar algum tempo com o grupo de turistas, Élcio retornou ao hospital.

— Então, senhor prefeito, como passou?

— Muito bem, graças a Deus e a você! Faça-me um favor: chame-me de Pedro, pois somos amigos.

— Farei isso, com uma condição: o senhor também jamais voltará a dizer que "graças a mim" algo de bom lhe aconteceu. Só a Deus devemos dar graças.

— Tudo bem... tudo bem. A operação está marcada para daqui a três dias! Graças a Deus!

— Sim, graças a Deus o senhor, isto é, você decidiu. Amanhã iremos para a capital, mas voltarei outras vezes a esta cidade tão

bonita, casada com esse imenso rio, abraçados ambos pela maior floresta do mundo!

— Será sempre bem-vindo. E por falar em abraço, quero abraçá-lo já com o coração “remendado”, da próxima vez.

— Pedro — iniciou Élcio, cauteloso: é verdade que está sendo cogitada a instalação de cassinos aqui?.

— Puxa vida! Como os boatos voam, ora como mísseis, ora navegam submersos, quais torpedos, mas ambos fazendo estragos...

— É verdade?

— Há pessoas com posses que gostam de jogar e que citam o exemplo de algumas reservas indígenas nos Estados Unidos, sendo invadidas por cassinos, a troco de fabulosa comissão para os índios. Fantástico, Élcio! Fantástico! Essas pessoas gostariam de jogar por aqui mesmo...

— Pedro: vou embora, mas antes peço sua permissão para comentar o que sei sobre o jogo.

— Você?! Mas você é um homem a serviço de Deus!

— Tento ser. Mas já fui jogador...

Élcio narrou sua vida de jogador, deixando Pedro confuso. Ao término de sua autoconfissão, propôs:

— Vamos fazer o seguinte: se os Espíritos amigos permitirem, você terá mais uma confirmação de que o Plano Espiritual está de olho em você.

— Em mim?!

— Sim. É grande sua responsabilidade em impedir jogo aqui, pois com ele sempre vem dor, miséria e muita tristeza...

— O que devo fazer?

— Tenha fé em Deus e em Jesus e o amparo celestial não falhará. Na hora certa, você saberá exatamente como desestimular os interessados em implantar esse tormento.

Élcio fez pausa e logo completou o conselho:

— Se me permite, peça para esses seus conhecidos fazerem investimentos em escolas, jamais em cassinos. Cassinos incendeiam almas, escolas ajudam-nas a progredir. O problema do jogo é que junto a ele circula a corrupção, pois como os perdedores são esmagadora maioria dos seus clientes, no desespero de cobrir as perdas, não é raro que alguns percam a razão e apelem para as últimas consequências: o crime.

Olhando um livro no criado-mudo, Élcio ficou feliz: era o “O Evangelho segundo o Espiritismo”, ganho naquele dia do seu neto, Pedrinho.

— Ganhei hoje, de presente. Adivinhe de quem?

Élcio pegou-o. Antes de abri-lo, sentiu percorrer-lhe o sinal espiritual que o possibilitava “ver com os olhos do Espírito”, fatos relacionados às pessoas ligadas a objetos, mediunidade a que o Espiritismo, como já foi dito, denomina psicometria.

Comentou, com o livro ainda fechado: “Para o vovô, com o amor do seu neto. Pedrinho”.

Pedro quase perdeu o fôlego. Élcio acalmou-o, rápido: não se emocione demais, nem se surpreenda, pois não é sempre que isso acontece. Só quando Deus permite.

— O que Deus quer de mim?

— Alguma dúvida?

— Entendi... entendi. O jogo não é mesmo solução, embora algumas pessoas, infelizmente, tirem dividendos dele. Farei o que estiver ao meu alcance para que isso não aconteça aqui.

— Graças a Deus!

15. SONHO, APENAS SONHO...

Saindo do hospital, sabendo que poucas horas mais teria para ficar naquela cidade, invadiu-lhe irresistível impulso de falar com a jovem que um dia ele injuriara ou tentara injuriar. Hoje, decorrido um considerável tempo de distanciamento entre ambos, agradecia a Deus o acidente que impediu a consumação daquela torpeza. Ali mesmo, na calçada do hospital, decidiu que iria despedir-se dela, de qualquer jeito.

Nisso, o “destino” deu uma ajuda: viu-a, caminhando só, na calçada oposta. Alcançou-a:

— Débora...

— Você, outra vez? O que quer de mim?

— Vou embora e quero despedir-me...

— Adeus...

O tom, mais o gesto de desprezo, magoaram-no. Cabisbaixo, deixou-a. Reconhecia-se indigno de tentar uma aproximação.

Os meses se passaram.

Nesse ínterim, só uma vez recebeu um telefonema, de Pedro, informando-o o sucesso da cirurgia.

Tempos depois, não resistindo à pressão da saudade de Débora, ligou para Pedro:

— Pedro, e aquela família, do Santos? Você tem visto?

— Sim, inclusive foi até bom você ligar. Procurei aquela moça e pedi desculpas pelo meu comportamento daquela noite...

— E ela? Como está?

— Não sei dizer. Um amigo meu precisou de uma recepcionista na sua empresa e lembrei-me dela. Empregou-se, mas há uns vinte dias esse meu amigo informou que ela demitiu-se e mudou-se para outra cidade, com a família.

— De mudança?! Para qual cidade?

— Não sei...

— Por favor, Pedro, veja se consegue descobrir... É muito importante, para mim...

— Ora, viva! Percebo ansiedade misturada com amor.

— Já nem sei. Ela não me sai do pensamento.

— Então é amor, sim! Parabéns! Vou descobrir para onde foram, nem que tenha que revirar este Estado pelo avesso.

— Deus lhe pague!

— Já pagou...

Dias angustiosos viveu Élcio, à espera de notícias de Débora. Que afinal vieram, dois meses após:

— Élcio, meu amigo — disse-lhe Pedro, ao telefone —, você ainda quer saber sobre aquela moça?

— Pelo amor de Deus, Pedro, mesmo que não sejam boas notícias, quero saber o que você descobriu sobre ela.

— São caseiros de uma fazenda, a uns duzentos quilômetros daqui. A moça... a Débora... está meio doente e o fazendeiro não quer que a família permaneça lá, pois não existem recursos para tratar da doença dela... Mandeí um recado convidando o senhor Santos para retornar, mas a família decidiu jamais pisar nesta cidade, pois foi aqui que a filha contraiu a doença...

Élcio não fez mais perguntas. Como um raio e um trovão, uma tempestade de dor moral abateu-se sobre ele. Sem que fosse necessário Pedro informar, estava certo de que o estado de Débora era grave. Orou a Jesus, com fervor jamais alcançado anteriormente: "Jesus, o senhor que conhece nossas almas e é paciente com nossos limites, deixe-me ajudar a Débora. Como o Senhor sabe tão bem, o amor que trago no coração por ela haverá de amenizar-lhe a dor, quando confessar-lhe esse amor, que me abrasa o peito".

Lágrimas espontâneas e ardentes foram as únicas testemunhas — vigorosas testemunhas — da sinceridade de Élcio. De alguma forma reconfortado, estava decidido: iria vê-la!

E foi.

Licenciou-se dos encargos profissionais e viajou para encontrar-se com Débora. Hospedou-se no único hotel da cidadezinha e não teve dificuldade para logo deslocar-se para a "Fazenda Cortina do Sol", onde Santos estava com a família.

Quando a charrete alugada ia chegando, a cerca de uns duzentos metros Élcio apeou e pediu ao charreteiro que o esperasse ali.

A fazenda era um "mar de cana", quase na hora de ser colhida. Por isso, só quando aproximou-se é que foi percebido, primeiro por um cãozinho festivo, cujos latidos inocentes sempre "noticiavam" quando alguém chegava.

Oito casas rústicas, em fila, demonstravam ser ali a residência dos colonos. Numa delas, Vilma assomou à porta. Estava com péssima aparência, espelhando acumulados sofrimentos. Balbuciou, quase sem reação:

— Élcio...

— Dona Vilma, perdoe-me vir sem avisar.

A mulher praticamente perdera a voz. Quando Élcio estendeu a mão para cumprimentá-la, o pranto explodiu, qual represa que se rompe. Num gesto que a fraternidade comandou, o jovem abraçou a sofrida mulher, mantendo-a protegida junto ao peito, por longos e silenciosos instantes.

— Onde ela está?

Vilma pegou a mão de Élcio e levou-o para o interior da casinha.

Lá estava ela! Pálida, mas linda! Adormecida.

Acercou-se dela e murmurou, suave:

— Débora!

— Não acredito... você veio outra vez — respondeu a moça, despertando.

— Sim, Débora, vim só para te ver.

— Para quê?

Aproximando-se mais tomou-lhe as mãos, quase geladas. Com o peito arfando olhou-a no fundo dos olhos e disse as palavras mais sinceras de toda a sua vida:

— Eu te amo!

O impacto foi fortíssimo em Débora, resultado do alto magnetismo positivo que aureolava o rapaz, de cuja silhueta vibrantes luzes espirituais, iridescentes, jorravam de praticamente todos os poros, dirigindo-se à região cardíaca da jovem.

Sob tão sublime choque, os olhos da moça flutuaram sobre lágrimas que, silenciosas, mas contínuas, molharam-lhe as faces.

— É tarde... — Murmurou.

Num segundo a realidade desabou sobre Élcio. Sua desenvolvida percepção mediúnica confirmou que Débora tinha razão. Num misto de dor, agonia — mas sobretudo de amor —, curvou-se delicado sobre a jovem, dando-lhe mil suaves beijos, na fronte, nos olhos, nas faces, nas lágrimas...

— Sempre te amei! — explodiu, chorando.

— Eu também! Todos os dias da minha vida tiveram luz depois que te vi.

— Por quê? Por que, meu Deus? — gemeu Élcio, olhando para o teto rústico.

Como que em resposta, lembrou-se no mesmo instante das palavras de Jules, quando o socorreu pela primeira vez: **“Toda dor é episódica e só o amor se eterniza”**.

Apertou Débora contra o peito.

Novamente a percepção mediúnica, naquele instante altamente ativada, intuiu-lhe: ela estava gravemente enferma. Talvez, a breve tempo realizaria a grande viagem — retorno ao Plano Espiritual —, viagem que tantas e tantas vezes repetimos, pelas inúmeras reencarnações, mas ainda tão incompreendida.

Prático e objetivo, sob impulso caridoso, providenciou para que toda a família, de retorno, se mudasse para a cidade onde os conhecera. Como não tinham muitos móveis, uma camioneta levou-lhes os pertences.

Élcio e Débora foram na frente, via aérea, para iniciar o tratamento médico necessário e também para ele conseguir residência para a família, que chegou uma semana após. Santos, com a esposa e Aníbal, foram instalados numa pequena casa, alugada por Élcio, que assumiu o aluguel. Convidado, Santos aceitou, extremamente sensibilizado, a função de gerente financeiro da agência de turismo de Élcio. Com esse passo, o devedor quitava, em parte, seu infeliz débito.

Na semana que antecedeu à chegada da família, Débora passou-a internada no hospital, sendo submetida a vários exames, todos custeados por Élcio. Em cinco dias os médicos deram o diagnóstico: Débora sofria de leucemia aguda, agravada por tuberculose — quadro de saúde extremamente grave.

Aflito e sofrido, Élcio se dispôs a ampará-la integralmente. Deixou de participar das excursões, passando a administrador, podendo assim dedicar todas as horas vagas à companhia de Débora. Diariamente, ficava mais ou menos duas horas na casa dela, à noite, reunindo-se com a família. Numa dessas noites, respondeu várias perguntas, ora de um, ora de outro:

— Depois que estudei o Espiritismo estendi quanta coisa errada vinha fazendo com a mediunidade que Deus me emprestou...

— Conte-me outra vez — atalhou Aníbal — sobre aquelas mágicas...

— Não era mágica, era uma espécie de despertar que os Espíritos amigos vinham fazendo para que eu pudesse empregar tais possibilidades na ajuda aos necessitados. Ajudando aos outros, eu seria o mais ajudado.

— Como é que você sabia que eram Espíritos amigos?

— Porque quando fatos anormais se repetem, isso constitui indícios de mediunidade. Apenas indícios. Nessas circunstâncias, o melhor que se tem a fazer é orar muito e buscar orientação num Centro Espírita, onde a mediunidade seja estudada. Se for mediunidade, o caminho será educá-la, através de cursos específicos, precedentes ao exercício mediúnico, propriamente dito. Se não for mediunidade, poderá ser uma passageira influência espiritual, ou algum desarranjo emocional, que desaparecerão, com orações, estudos do Espiritismo, ações caridosas junto a necessitados. Havendo reflexos no corpo, a Medicina deve também ser buscada, pois ela é bênção divina.

— E se a pessoa não for ao Centro Espírita?

— É livre a decisão de como conduzir a vida. Mas é bom que se diga que as mediunidades, todas, embora sejam ferramentas sublimes da caridade do Pai, cedidas por empréstimo aos médiuns, estes ao exercitá-las são sempre os primeiros beneficiários. O Espiritismo é incomparavelmente mais pródigo ao explicar o processo mediúnico e por isso é que o Centro Espírita é o ideal, em tais casos.

— E se o médium não exercitar tal faculdade?

— Enferruja: como o corpo físico reflete o espiritual, essa "ferrugem astral" irá danificando-o, pouco a pouco, até que... entra a dor nesse contexto. E a dor é providência eficaz, inexorável, levando o médium improdutivo ou desestabilizado à única solução possível para estancar seus sofrimentos: autorreformular-se.

— Então, eu... — perguntou Débora —, sou médium? Minha doença é porque não exerci a mediunidade?

— De forma alguma eu diria isso — respondeu Élcio carinhoso, afagando-a —, quando problemas nos alcançam, sejam espirituais ou materiais, jamais se poderá dizer que são de origem mediúnica. Embora a mediunidade possa mesmo, em alguns casos, acarretar problemas para o médium, há muitos outros

acontecimentos causadores de perturbações e sofrimentos, que nada têm a ver com ela.

— Por que existem doenças graves?

— É notável a concepção espírita da causa de todos os problemas irrecuráveis, tais como os desastres inevitáveis ou as doenças incuráveis, algumas até já de nascença: é sempre dolorida colheita de equivocada plantação.

— Mas... — ponderou Santos, que a tudo ouvia, atento e até então calado — como pode um bebê ter culpa, se já nasce doente? Ou como explicar que uma criança fique paralisada para o resto da vida? Ou... — soluçou — por que... minha filha...

Não conseguiu concluir.

— Há sempre a presença de Deus em todos esses fatos. Partindo da certeza de que Deus é justo, não há outra explicação possível para esses dolorosos quadros humanos: quem sofre está resgatando um débito, da mesma forma como pagamos os objetos que compramos. Nesses casos, a lógica, aliada à fé na Justiça Divina, responde que, se um bebê, uma criança ou um jovem são atingidos por deficiências graves ou doenças fatais, não tendo havido tempo nesta vida para contrair tal dívida, somente numa vida anterior isso terá ocorrido.

— Mas por que o pecador não paga logo sua culpa?

— A Bondade de Deus é tanta que permite a esses tais devedores tempos de reflexão, de arrependimento, seguidos do firme propósito de reconstruir o que tenham destruído: quase sempre a paz alheia.

— Como alguém pode se livrar das dívidas, sem sofrer?

— O sofrimento é um componente terreno que pode ser visto de duas maneiras: com ou sem resignação. Todos aqueles que têm problemas e admitem-nos como sendo oportunidade de refazimento, de recuperação, de ressarcimento enfim, suportam melhor a dor, sendo essa atitude balsâmica anestesia para o desespero, resultando paz de espírito; já aqueles que se revoltam diante de dificuldades, que eles mesmos plantaram, sofrem duplamente, primeiro porque de uma forma ou de outra terão mesmo que pagar suas dívidas e, segundo, porque a inconformação, revolta ou pior de tudo, a blasfêmia, agem como brasas em feridas.

— Onde você aprendeu tudo isso?

— No Espiritismo. Muito temos ainda a aprender com essa Doutrina sagrada, que vem consolando aflições daqueles que se dispõem a estudá-la e praticar os ensinamentos de Jesus, que são sua base.

Logo Élcio sugeriu que todos fizessem uma leitura do Evangelho de Jesus:

— É a isso que o Espiritismo denomina “Culto do Evangelho no Lar”, quando a família reúne-se numa hora determinada, lê uma página evangélica, podendo todos comentarem-na; a seguir, é feita uma prece em voz alta, rogando bênçãos de Deus para todos do lar, os vizinhos, a cidade, Estado, país e pelo mundo todo, enunciando-se os hospitais, as creches, as cadeias e outros locais onde a inspiração indicar.

— Mas como pedir pelo “mundo todo”?

— Sim, embora de forma indireta, pelo mundo todo: sabemos que uma única prece não tem força para resolver os problemas mundiais, mas sabemos também que várias preces unidas, formam um poderoso dispensário de bênçãos que é recolhido pelos Espíritos Protetores e é levado a algum lugar do mundo — considerando-se aí então o mundo todo —, onde pelo menos uma pessoa necessitada será beneficiada.

— Esse “Culto do Evangelho no Lar” deve ser diário?

— Para aqueles que puderem, sim. Embora originalmente tenha sido recomendado pela Espiritualidade que fosse semanal, hoje em dia tantas são as tragédias e sofrimentos que a prece tornou-se o único meio de podermos cooperar com o Bem, a benefício dos que sofrem. E de nos mantermos relativamente equilibrados, pois o mundo é uma grande canoa, navegando em águas nem sempre calmas e nós, os pobres pescadores que buscam a sublime pesca do próprio adiantamento.

Após essas abençoadas reuniões, Élcio aplicava um passe em Débora, que, em um mês, livrou-se da tuberculose. Para tanto cooperaram os medicamentos e as energias psicofísicas transmitidas pelos passes.

Assim, tal alívio veio da união da Medicina terrena à Medicina espiritual.

Nas manhãs ensolaradas Élcio e Débora realizavam pequena caminhada, de mãos dadas, bem juntinhos, reflexo das suas almas, entrelaçadas de amor e carinho.

Bonita como sempre, embora com marcas da doença, a jovem não conseguia nem ajudar a mãe nos afazeres domésticos. Passava os dias lendo livros que Élcio lhe presenteava: livros espíritas! Havia dias em que a prostração era total e nem ler conseguia.

Leu três romances espíritas e, tantas eram suas dúvidas e acontecimentos inéditos com os personagens, que Élcio sugeriu a leitura de "O Livro dos Espíritos". Débora, lendo-o, verdadeiro clarão espiritual envolveu-lhe a alma, compreendendo, no seu próprio caso, a perfeição dos desígnios e da Justiça Divina. Conscientizou-se de que suas dificuldades eram sublime quitação de erros do passado.

Tal postura tranquilizou-a.

Três meses após, hemorragias anormais e anemia sinalizavam o inexorável progresso da doença em Débora.

Élcio conduzia-a a exames médicos seguidos e tratamento. Agravando-se a saúde dela, até leigos já previam que o desenlace talvez não tardasse. Os médicos, sob pressão de Élcio, confirmaram-no.

— Quem pode ajuizar a dor de alguém ao ver o ser amado ir, aos poucos, despedindo-se da vida física?

Com dores na alma, a se traduzirem por aperto no coração e uma angústia infinda, Élcio entrou em férias, para poder passar mais tempo ao lado de sua amada.

Sempre que possível, Luiz os apoiava. Tanto ele quanto Élcio não haviam interrompido as atividades mediúnicas no Centro Espírita que vinham frequentando. Ali, Élcio realizava reuniões semanais de fluidoterapia. Sua conduta moral vigilante e seu sentimento de caridade traziam bons Espíritos para sua companhia e muitos benefícios para doentes.

Após uma reunião de fluidoterapia (passes), Luiz confortou Élcio, tentando animá-lo, pois demonstrava tristeza:

— Deus é justo... Não fique assim, não faz bem.

— Ela, em breve... vai...

Élcio não conseguiu completar a frase, sufocado por dolorido pranto.

Luiz também começou a chorar, estreitando o amigo num abraço fraterno.

Uma criança percebeu os homens chorando. Estava no colo da mãe, esta, de costas para eles. Abriu os bracinhos, querendo ir para Élcio. A mãe virou-se e quando viu vermelhos os olhos daquele

homem que a tantos ajudava, não conseguiu, ela também, segurar as lágrimas. A criança insistia em ir para Élcio. Outras pessoas que ainda aguardavam uma oportunidade de trocar algumas palavras com ele, percebendo que chorava, assim como Luiz e a mulher, sensibilizaram-se. Resultado: em menos de um minuto, todos ali choravam.

Só a criança sorria, em murmúrios carinhosos, sempre e ainda com os bracinhos abertos na direção de Élcio, que finalmente pegou-a.

A criança passou-lhe as mãozinhas nos olhos, como que para enxugar-lhe as lágrimas. A seguir, num gesto de profundo carinho, encostou a testa na dele.

Naquele momento, Élcio compreendeu a beleza da sinfonia que a Vida executa sem cessar: a mulher que amava perdidamente estava com o tempo terreno se esvaindo, ao passo que, na criança em seus braços, pulsava forte o início de uma nova jornada existencial.

O aniversário de Débora seria dali a dois dias.

O “destino” ofertou a Élcio uma feliz oportunidade de ressarcir, na presente existência, grave débito contraído nela mesmo: estando ainda não vendida, devolveu ao ex-proprietário a casa que um dia fora de Santos e que ele ganhara num jogo.

— Deus o abençoe — cumprimentou-o Luiz, ao saber do fato, comentando: nem queira saber como esse gesto o beneficiará, liberando-o de difícil resgate no futuro.

— Ora, não fiz mais do que meu dever cristão...

— Fez sim. Reconstruiu e redimiu um erro, implantando sólida base espiritual para evitar sua repetição. Esse é o esplendor da Vida, que leciona sabedoria no arrependimento, quando seguido de reparação, física e moral. Parabéns! Não duvide de que seu Espírito protetor deve estar jubiloso, pois terá sido dele toda a exaustiva mão-de-obra para convencê-lo a assim proceder.

— Realmente... pensei muito, antes de fazer isso.

Élcio decidiu ofertar outro inesquecível e romântico presente a Débora: um almoço, a dois, num agradável recanto. Pediu ao pianista do restaurante, onde ele estaria esperando-a, que à sua chegada executasse “Rêve d’Amour” (Sonho de Amor), de Franz Liszt.

Assim, ao meio-dia, hora marcada, Élcio aguardava-a, pleno de carinho. O pianista, engajado na simples, mas bonita tarefa sentimental, olhava-o, minuto a minuto. Sentado à mesa que possibilitava visão de quem chegasse, viu quando alguém, que não identificou, colocou uma bolsa na maçaneta da porta de entrada e saiu correndo. O coração quase parou ao reconhecer a bolsa: presente dele para Débora!

Assustado foi até à porta e pegou a bolsa, em cuja alça havia um bilhete: "PARA O SENHOR ÉLCIO".

Ao pegá-lo, antes mesmo de ler, sentiu o já tradicional sintoma de leve corrente elétrica que o alcançava, sempre que algo inusitado estava acontecendo.

Captou a mensagem: era sobre Débora... Ela não viria.

Abriu e leu: "DEUS CHAMOU MINHA FILHA HOJE DE MANHÃ".

(a) Santos.

Estático, teve um pensamento reflexo: Jesus, com os braços abertos, recepcionando sua doce Débora!

O pianista tocou de leve seu ombro, sem nada dizer. Élcio mostrou-lhe o bilhete e deixou o restaurante. Estava a alguma distância quando ouviu as primeiras notas da imortal melodia "Sonho de Amor", que encomendara. Entendeu: o pianista estava dizendo-lhe que às vezes o Amor é um Sonho... Que nem mesmo a morte consegue apagar.

No velório, alguns parentes, transpirando revolta diante da morte de alguém tão jovem, entregavam-se a grandes demonstrações de dor, com choros lancinantes, irrompidos mais ou menos de hora em hora. Logo porém se acalmaram ante a resignação dos pais de Débora que, em preces, impuseram um clima de paz ao ambiente. Um funcionário do velório comentou:

— É sempre assim, quando se trata de espírita; os familiares comportam-se com muita educação, passam as horas em oração, falando baixo, só conversando sobre assuntos do Evangelho de Jesus.

— E não sentem a morte do parente, não choram? — perguntou alguém.

— Claro que sentem, mas parece que choram para dentro, ou que choram com a alma, pois vertem silenciosas lágrimas e é comovente como buscam equilíbrio nas preces, repetindo a todo instante que Deus é Pai, Justo e Bom. Pedem a Jesus e aos bons

Espíritos para recepcionarem aquele que “retorna à verdadeira vida”, como dizem.

Élcio sentia a ausência física de Débora.

Desdobrava-se nas atividades no Centro Espírita, dedicando-se ali agora quase todos os dias. Nos fins de semana, justamente, trabalhava mais. Lágrimas furtivas eram-lhe companheiras constantes.

— Élcio, meu filho — alertou-o Luiz —, nosso corpo é uma ferramenta que precisa sempre de manutenção. Deus nos colocou neste mundo que tem dia e noite, para trabalhar e descansar. A folga semanal é de sagrada inspiração e não é prudente suprimi-la, mesmo com trabalhos no Bem, como no seu caso.

— Eu sei, Luiz, mas não consigo esquecer-lá!

O amigo silenciou quando lágrimas, em vão represadas, rebelaram-se e molharam as faces dele, expondo a dor que lhe ia na alma.

Quando faltou três dias ao Centro Espírita, Luiz foi procurá-lo na agência de turismo, para saber o que estava acontecendo. Ficou sabendo que também ali não comparecia, há três dias. Foi à casa dele e encontrou-o febril, banhado em suor, com profundas olheiras.

— Que é isso, meu filho? Por que não me chamou?

— Isso passa, vou me cuidando como posso. Não quis incomodar ninguém.

— Mas não é coisa que se faça. Estou muito triste em ver que você não me considera seu amigo, pois amigo sempre ajuda o outro.

— Não, Luiz, não! Sou seu amigo, sim. Mas meu problema não tem solução...

— Como assim? Tudo se resolve na vida. Tudo, tudo! É só dar tempo ao tempo.

— No meu caso, o tempo anda para trás: Débora quase foi minha e agora o Espiritismo mostrou-me que, mais para trás ainda, deve ter sido minha mesmo. Mas tanto nesta vida como talvez em outras nunca lhe dei o amor que ela merecia.

— Ora, ora, Élcio: todos temos momentos de fraqueza. O importante é que você recuperou-se a tempo nesta vida, assistindo-a até o último instante.

— Às vezes penso que teria sido melhor eu morrer naquele acidente, assim sofreria logo minha culpa no Plano Espiritual...

— E quem cuidaria dela quando adoecesse, como estava previsto no programa reencarnatório para acontecer e realmente aconteceu? E da família, que cedo se desestruturou? Acha mesmo que seria boa ideia ter morrido, antes de protegê-la? Já se esqueceu das crianças e adultos que Deus permitiu que se beneficiassem da sua mediunidade curadora?

A pergunta causou impacto no cérebro de Élcio, fazendo-o retornar à razão:

— Meu Deus! De jeito nenhum! Não tinha pensado nisso! Não sei como me entreguei ao derrotismo, ainda mais conhecendo os ensinamentos do Espiritismo...

— Sabe o que representa seu procedimento, não se cuidando? Suicídio indireto!

— Incrível: mesmo sabendo essas coisas e me entreguei.

— Os Mensageiros Celestiais sempre repetem que para a alma o melhor remédio é o Evangelho, através de preces e da prática da caridade, mas para o corpo devemos nos valer da medicina terrena, cujos permanentes avanços são presente de Deus à humanidade.

Levado ao hospital por Luiz, Élcio foi atendido, não havendo gravidade no seu estado físico.

Ia deixando o hospital quando encontrou-se com o dr. Ribeiro, de frente.

O médico havia voltado da Europa naqueles dias e “por coincidência” (o acaso não existe...), encontraram-se.

Impossível, a um ou ao outro, fingir que não se viam.

Ribeiro, surpreso embora, nem sequer fez menção de cumprimentá-lo.

Élcio, contudo, lembrou-se das palavras do Espírito André Luiz, constantes em uma dessas pequenas mensagens que os Centros Espíritas distribuem aos frequentadores: “GUARDE SEMPRE UMA FRASE ALEGRE PARA OS MOMENTOS DIFÍCEIS”, e disse, humilde:

— Estou feliz em vê-lo, doutor Ribeiro. Graças a Deus que o senhor voltou e eu o encontrei, pois precisava pedir desculpas pela minha insensatez no passado.

Quem pudesse ver auras veria a de Élcio refulgindo raios luminosos de cores claras, intensas, que envolveram Ribeiro. O primeiro impulso do médico foi o de evitar o antigo paciente e também rival junto de Débora, no irrealizado romance que um dia

sonhara com ela. Mas as palavras de Élcio, carregadas de sinceridade, tiveram o efeito do fogo no gelo: o pequenino e sagrado fogo da humildade, que derrete situações semelhantes ao gelo eterno do orgulho, nas colossais geleiras humanas da vaidade.

O amor tem poder inimaginável pelos homens e nunca será demais lembrar que é a essência de Deus. Aliás, para conferir imortalidade a Seus filhos, em cada um deles o Pai depositou uma humilde gotinha dessa essência, mas com potencial para abrasar o Universo, quando se manifeste na sua pureza original, divina.

Ribeiro, invadido por súbita e avassaladora emoção, abraçou Élcio com grande energia:

— Eu... é que tenho que me desculpar. Débora sempre o amou... Comigo foi só a reação de uma paciente grata ao médico que a atendeu num momento difícil...

Vendo os olhos de Élcio nadando em lágrimas, que percebeu serem de grande dor íntima, gaguejou:

— Ela, como está? Vocês se casaram, não é mesmo?

Luiz pôs a mão sobre o ombro de Ribeiro:

— Ela morreu, há três semanas.

— Oh!, por Jesus! Perdoe-me!

Por sua vez, com os olhos marejados, colocou as mãos na face de Élcio e consolou-o:

— O Espiritismo ensinou-me que a morte é uma transição, tanto quanto o nascimento, fatos que se repetem incontáveis vezes, na rota evolutiva espiritual de todos nós. Saber isso é o grande consolo, quando alguém que amamos nos antecipa nessa viagem...

— Quando o senhor voltou?

— Élcio, não sou "senhor" e quero que você me chame apenas de Ribeiro, pois o coração me diz que já nos encontramos em várias esquinas dos quarteirões do tempo e que, daqui em diante, caminharemos juntos...

Sim: ali, dois Espíritos se reconciliavam, após ardentes entreveros do passado. Essa reconciliação, como tantas outras, havia sido proporcionada graças aos conhecimentos espíritas de ambos, esclarecendo-lhes que afetos e desafetos não circulam por acaso em nosso roteiro existencial. O próprio encontro deles aconteceu por irresistível atração fluídica, já que sintonizavam em faixa espiritual similar.

Dois meses após a desencarnação de Débora, Élcio, já mais comedido nas atividades, estava na praia, andando descuidado, olhando a amplidão da linha do horizonte, separando o mar do céu. Admirava o voo tranquilo das pombas, urubus e gaivotas. Naquele ambiente de paz, toda a natureza era um hino de louvor a Deus: aves nos ares e águas no mar, com seu murmúrio eterno, fazendo a alegria das ondas espumantes junto à praia.

Como que em êxtase, deixou o coração divagar, divagar... as lembranças indo e vindo, como as ondas. Voltou algumas páginas do livro do tempo e sentiu o peito pulsar inebriante de amor ao recordar a imagem de Débora.

Sequer um beijo dela tinha para recordar...

O mar, solidário com seus pensamentos e a saudade que o invadia, como que compreendendo suas mágoas, mandou algumas espumas o acariciarem, proporcionando a doçura física e espiritual de outros beijos...

À noite, ao deitar, como de costume, leu uma página do "O Evangelho segundo o Espiritismo". Adormeceu.

Seguindo o exemplo de pontualidade do Sol, um incansável galo despertou-o com seu tradicional canto da alvorada.

Um segundo após acordar, Élcio lembrou-se de que sonhara com ela!

Sonhara, não: estiveram juntos, por instantes!

Certeza absoluta!

Quando o galo repetiu seu convite para "o mundo" reiniciar nova jornada, teve a nítida impressão de ter ouvido com os ouvidos da alma:

"Os galos, como os demais seres vivos, são filhos de Deus. Como você, um dia, ajudou um deles, os Espíritos que protegem as espécies animais passaram a ajudá-lo, quando podem. Esse galo que cantou agora acordou-o para que ficasse viva em sua alma a lembrança do sonho".

Sobre sonhos, lembrou-se de haver lido que na mitologia grega, quando a noite se casou com o sono, nasceu Morfeu — o deus dos sonhos. Nesse simbolismo humano, entendeu que sonhar é outra dádiva divina que recebemos todos os dias, ou melhor, todas as noites.

E aquele sonho tinha sido um presente sublime.

Recordou-o: sonhou que, saindo de espessas brumas, entrou num local desconhecido, mas ao mesmo tempo familiar. Sabia-se, ou melhor, sentia-se acompanhado por invisíveis e desconhecidas companhias, amigas, porém. Ainda no sonho, pensou: “o que será que está acontecendo comigo? Saio do escuro para a luz, não sei onde estou, mas conheço este lugar, e tem alguém comigo, mas não vejo; além disso, como é que sei que são amigos?”.

Esses aparentes contrassensos quase sempre acontecem com todas as pessoas, quando estão dormindo e sonhando. A alma, em parte liberta do corpo físico pelo desdobramento do sono, busca seus pontos de interesse. Por vezes, são encontros com Espíritos e lugares afins, os quais fazem parte de situações já vividas em vidas antecedentes.

As pessoas que tenham desenvolvido o utilíssimo hábito de orar quando em situações contraditórias, quaisquer que sejam, ao fazerem isso, nessas circunstâncias, mesmo que de forma inconsciente, quase que na mesma hora percebem que estão vivenciando um sonho.

Nesse caso, fica fácil administrar os procedimentos.

Com Élcio foi o que aconteceu.

Continuando a recordar o sonho, lembrou-se de que de repente, sem explicações de ninguém, se viu sonhando. Pensou em Jules, o Espírito protetor que sempre o amparava. Na mesma hora viu-o! O abraço que trocaram promoveu um intercâmbio de bons fluidos, sem que palavra fosse pronunciada, por nenhum dos dois.

Com um simples olhar Élcio captou o que dizia Jules:

— Jesus seja louvado! A Caridade do Mestre permitiu-nos ajudar nossa irmã Débora.

Débora... Débora... Débora... Ecoou-lhe na alma.

Dulcíssima lembrança visitou seu coração.

Trêmulo como a criança no primeiro dia de aula, porta de entrada para um dos mais sublimes objetivos do ser humano — aprender —, Élcio teve a impressão de que se tinha transformado num homem-pilha, eis que agradável eletricidade percorria-lhe por inteiro.

Jules e outro Espírito colocaram-lhe a mão nos ombros e conduziram-no a um grande pátio, brindado pelo Sol que inaugurava mais um dia.

Várias pessoas estavam acomodadas em cadeiras rústicas, mas confortáveis, aquecendo-se prazerosamente.

— São irmãos nossos, recuperando-se da desencarnação provocada por moléstias graves, que por meses a fio lhes tiraram as energias. Também há necessidade de meses para o reequilíbrio parcial, desde que tenham trazido a bagagem do merecimento.

— Bagagem?!

— É evidente. Todos os Espíritos, quando se desfazem da carne deixam tudo que é material no plano correspondente. E trazem para o plano espiritual só aquilo que pertence ao Espírito.

— Sim, sim, recordo-me da lição constante de "O Evangelho segundo o Espiritismo"²³, que leciona sermos responsáveis pelo bem e pelo mal que tenhamos feito, e mais ainda: *pelo bem que deixamos de fazer...*

Impaciente, mesmo com esse diálogo telepático que demorou menos de dez segundos, Élcio percorreu o olhar entre os convalescentes. Não encontrou-a. Ia já se acabrunhando quando Jules recomendou:

— Confie em Deus! O Pai jamais falha!

Élcio elevou sua vibração ao pensar em Deus e ao plasmar, na mente, uma cena de Jesus junto àqueles Espíritos. Então aconteceu: viu-a! Quis correr e abraçá-la, mas Jules advertiu:

— Ela ainda não reúne condições para um encontro com você. Inclusive, ainda não nos vê, pois, para esta visita, Jesus permitiu que estejamos numa outra faixa de densidade espiritual. Vocês poderão se abraçar, mas não agora...

Débora não os viu, mas registrou-lhes a presença, pois voltou ansioso olhar em sua direção. Os olhos, aqueles maravilhosos olhos, agora estavam embaçados...

— Será que não posso ajudá-la em algo? — perguntou Élcio, tristonho.

— Mas, meu amigo: por que imagina que foi trazido aqui?

A resposta era óbvia. Élcio dirigiu-se até onde ela estava. Jules e Jean, o outro Espírito, deixaram-no ir, pois conseguira, por méritos próprios, elevar seu padrão espiritual, tornando-o invisível para todos aqueles Espíritos convalescentes. Ao aproximar-se daquela que era o grande bem da sua vida, o tesouro maior do seu

²³ Cap. XVII, "Sede perfeitos", nº 3. Nota do Médium.

coração, sua mão direita anunciou a tarefa: um passe! Impôs a destra sobre a cabeça dela e orou: “Jesus, nem sei como agradecer essa oportunidade, só peço que eu seja, junto à Débora, o instrumento da Sua Caridosa Vontade”.

Nesse instante Débora olhou para o céu e para o Sol. O verde, o antigo verde dos seus olhos, voltava redobrado, refulgente, testemunhando que novas energias a revigoravam.

Nisso, Élcio acordou.

Ou melhor, o galo acordou-o.

Ainda sentia a doçura daqueles momentos mágicos.

Nas noites seguintes, querendo sempre que voltasse a reencontrar Débora, nem sequer conseguia dormir direito.

Comentando com Luiz o feliz reencontro e as frustradas tentativas de repeti-lo, o compreensivo amigo repreendeu-o com bondade:

— Talvez você não goste do que vou dizer, mas é preciso: quando alguém muito querido desencarna, não podemos fixar o pensamento nesse alguém.

— Mas, Luiz, não se trata de fixar o pensamento: é a saudade que não me deixa...

— Saudade é, talvez, a palavra mais bonita da Língua Portuguesa, depois da palavra Deus. Mas não é só na sublimidade desta e na poesia daquela que as duas se entrelaçam. Há muito mais profundidade: Deus, o Pai, Justiça e Bondade incomparáveis, não engendraria os mecanismos da Vida se revezarem em nascimento e morte, separando-os no todo. Interligando essas duas fases, sempre acontecendo, situou a saudade, como traço de união, jamais como algema.

— Mas, e o amor, que a morte bruscamente interrompe?

— Isso não existe: amor interrompido. Interrupção aí significa que não era amor. O amor, no ser humano, ainda se subdivide, entre parentes, afins e cônjuges. No futuro, todas essas formas de amar se somarão e constituirão o todo que é o amor universal, aquele que envolve o Espírito na paz de se integrar com Deus e tudo o que Ele criou: natureza e todos os seres vivos, de todos os reinos, onde pulse a Vida, sempre sagrada.

Luiz fez pausa, meditou e logo acrescentou:

— Foi justamente por conhecer a fraqueza humana que Deus nomeou a saudade como liga e mensageira do amor, nas suas

diversas expressões: amor materno, paterno, filial, consanguíneo, fraternal e conjugal. Em havendo amor, em qualquer desses relacionamentos, a morte não o interrompe e menos o extingue: apenas transfere o retorno da convivência para o futuro.

— Futuro... quando?

— Isso depende de vários fatores, mas no primado da Justiça, o merecimento pontua como o principal deles. Veja você como Deus é Bom: plantou, desde nossa criação, a semente do Amor, no chão eternamente fértil do nosso Espírito, para que a adubássemos com boas ações, o que a transformará em frondosa e frutífera árvore, no cenário majestoso da floresta universal do Bem. Cada boa ação representa um ramo, uma flor, um fruto; mas, cada má ação, um espinho...

— Sim. Entendo.

— Pois é: quando o amor universal dirigir o homem, nenhuma dor o alcançará, e a felicidade, para a qual fomos todos criados, será nossa companheira, em todos os segundos, rumo ao Infinito e à Eternidade!

16. UM SONHO REAL

Mesmo acordado, Élcio continuava no encanto daquele sonho, no qual estivera com Débora, no Plano Espiritual.

Por semanas, através de preces, continuou repetindo a tentativa de voltar a sonhar com ela. Mas em vão. Compenetrando-se de que deveria respeitar a decisão do Plano Maior, passou apenas a orar em benefício dela.

Contudo, certa noite sonhou com Jules, aconselhando:

— Fez bem em não mais forçar um reencontro com ela; quando houver benefício real, evolutivo e principalmente merecimento, de ambas as partes, por certo Espíritos amigos, servos do Senhor, promoverão um reencontro. Aí, você voltará a se encontrar e conversar com Débora.

— Sou mil vezes grato a Jesus. Amo Jesus!

— E Ele nos ama também! De nós só quer o nosso bem. E o nosso bem... é o bem que pudermos ofertar ao próximo, principalmente se com ele estivermos em conflito, pois qualquer conflito faz mal às duas partes.

Élcio não voltou a sonhar nem com Jules, nem com Débora.

Contudo, as últimas palavras de Jules ficaram martelando-lhe os ouvidos por dias e dias: "qualquer conflito faz mal às duas partes...". Onde ia, ouvia-as.

Pensava: faria o bem do próximo, não para seu benefício, mas porque compreendeu que a nossa vida é o retrato do que fazemos, bom ou ruim.

Decidiu o que fazer, mas não sabia por onde começar, refletindo: "Sozinho não conseguirei. Quem poderá me ajudar?".

De repente teve uma intuição: o Evangelho de Jesus. Pegou o "O Evangelho segundo o Espiritismo", já surrado de tanto ser manuseado, mas tão grato ao coração. Abriu "em qualquer página" e leu, no Cap. X, nº 5: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho".

— Jesus, Amigo sublime: entendi —, exclamou em voz alta, tanto quanto se o Mestre estivesse ali.

Será que não estava?...

Pegou uma folha de papel e relacionou: JONAS (dono da agência de turismo que ele comprou a preço vil); SOFIA, JOACHIN e JUANITO (Cassino); JOSÉ, JERÔNIMO e JÚNIOR (Empresas); JORDÃO (sócio); SELMA (médiun).

Procurou Luiz e explicou seu plano: devolver a agência de turismo, instalar uma pequena metalúrgica, com a qual proporcionaria emprego a muitas pessoas. No contrato social haveria uma cláusula estipulando que o Centro Espírita "Bem-Aventurados os Aflitos" teria uma participação nos lucros, permanente.

— Onde fica esse Centro Espírita?

— Nasceu hoje. Por enquanto, está na minha cabeça. Vamos fundá-lo e colocar no respectivo estatuto que suas obras assistenciais serão custeadas por trabalho, jamais por rifas, bingos, cartelas, raspadinhas, loterias ou qualquer outra maneira de sorteio. Só com trabalho. A comissão que a metalúrgica destinar e as promoções dos voluntários, determinarão o volume do atendimento aos carentes.

— Mas, será que fica bem o nome referindo-se aos "aflitos"?

— Claro: na parte espiritual é que o maior trabalho se desenvolverá, atendendo com o Evangelho a encarnados pobres e ricos, mas principalmente aos desencarnados que o Plano Maior encaminhar. Aliás, já estou convidando, por minha conta, três grupos de desencarnados para nos ajudar.

— Três grupos? Todos Benfeitores Celestiais?

— Não: três equipes que me ensinaram muito, aos quais sou muito grato. Lembro-me deles chamando-os de "equipe do Royal", "equipe do Nabuco" e "equipe do Tito". São muito fortes, jogam, ou jogavam, barbaridade. Alguns deles admiravam animais briguentos. Outros ainda não haviam se libertado das injunções do sexo pelo sexo. Tenho fé em Deus que vão atender meu convite. Gosto deles e espero que aceitem voltarmos a trabalhar juntos, agora com lucro muito maior: a felicidade!

— Mas, como pode ter certeza que aceitarão seu convite?

— Pela simples razão de que a Lei de Evolução é inexorável, e onde estavam viviam atribulados. Se ainda estiverem por lá e aceitarem meu pacífico "desafio" de fazer o Bem, ao menos uma vez, tenho convicção de que, ao experimentarem o que é ter paz e ser feliz, nos irmanaremos. Aliás, o convite de Jesus, que dá nome ao Centro Espírita, é muito forte e, uma vez ouvido, difícil recusá-lo, não é mesmo?

Luiz estava emocionado, mas, prudente, perguntou:

— Muito bem, você quase já “contratou” os trabalhadores do lado de lá, mas, quem trabalhará, no lado de cá?

— Algum profissional que, além de tocar o trabalho dará cursos profissionalizantes de metalurgia, a jovens que queiram se engajar nesse projeto.

A seguir Élcio procurou Jordão e explicou-lhe sua ideia: devolver a agência de turismo para Jonas, pois os dois estavam cansados daquelas viagens turísticas:

— A agência progrediu bastante e o Jonas vai ficar feliz, pois vamos vender pelo preço que pagamos.

Depois falou da instalação de uma metalúrgica, e contou sobre o plano de fundar um Centro Espírita.

— Graças a Deus — aprovou Jordão, no ato, completando: há muito tempo venho observando sua conduta e admirando-o. Como nunca mais nos encontramos fora do serviço na nossa agência de turismo, penso que você não sabe que deixei de jogar.

— Que maravilha! Quando foi isso?

— Não sei o que me deu, mas numa noite tive um sonho com bandidos, chefiados por um jovem, querendo colocar-me uma corda de couro cru no pescoço, dizendo: “ele é o sócio do fujão e é tão viciado ou mais. Já que um nos deixou, vamos pegar este outro”. A sorte é que acordei e contei o sonho para o Luiz. Aí, ele deu-me várias explicações sobre a interferência dos desencarnados sobre nós. Ajudou-me a estudar o Espiritismo e estou gostando muito. De início, larguei o jogo.

— Ótimo: o segundo aflito a ser atendido no Centro Espírita será você. Eu já sou o primeiro...

Procuraram Santos. Narraram os planos e convidaram-no para ser o gerente. Quase não acreditando no que ouvia, Santos começou a chorar.

— É o mínimo que posso fazer, já que por minha causa...

— Eu também não fui honesto com você — atalhou Jordão.

— Não continuem, pelo amor de Deus! Fui imprudente e mereci a lição. Devo-lhes a...

— Se concluir a frase será despedido, antes de assumir — brincou Élcio, abraçando-o com afeto.

— Ele é o terceiro — brincou também Jordão, deixando Santos sem entender, mas feliz.

Os três foram procurar Jerônimo e Júnior, sócios-proprietários de uma pequena metalúrgica.

Anunciados pela recepcionista, os dois sócios pensaram que era uma pilhéria, perguntando um ao outro: “o que viriam fazer aqui aqueles três vigaristas?”. Com o sangue fervendo autorizaram a secretária a conduzi-los à sua sala.

Extravasando ódio no olhar, Júnior não disse palavra. Estava sentado e nem sequer levantou-se, menos ainda foi gentil, não convidando “as visitas” a ocuparem assento nas cadeiras ao redor da mesa. Élcio exclamou:

— Viemos em paz, em nome de Jesus! De minha parte venho pedir perdão pelo que fiz no passado.

Jerônimo não acreditou no que ouvia.

— Eu... também peço perdão, doutor Júnior e doutor Jerônimo — gaguejou Santos, enrubescendo.

— O mesmo digo eu — falou Jordão, com a voz embargada.

O semblante dos sócios desanuviou-se. Quem pudesse ver o cenário espiritual, veria a sala feericamente iluminada, por luzes que entrecortavam o ambiente, como se milhões de gotículas de cristal borbulhassem no ar.

Élcio deu a volta na mesa e humilde pegou a mão de Júnior, beijando-a respeitosamente, deixando-o boquiaberto. Depois, repetiu o gesto com Jerônimo. Foi demais: Jerônimo levantou-se e abraçou-o, entre lágrimas que assomaram inesperadas. Santos e Jordão também deram a volta à mesa e, colocando a mão no ombro de Júnior e Jerônimo, transmitiram-lhes amizade, nesse silencioso, mas expressivo gesto.

— O que acabo de ver é a última coisa que poderia imaginar — confessou Júnior, agora sorrindo.

— Então escute só nossa proposta: sociedade!

—?!

— Estamos com capital suficiente para instalar uma empresa, com a qual proporcionaremos emprego a muita gente, além de ajudar algumas famílias pobres.

— Não me digam que são espíritas!

— Somos...

— Não é possível: é coincidência demais! Queremos mesmo ampliar nossa metalúrgica, mas, para variar, estamos sem capital... Quanto a ajudar aos pobres, estamos pesarosos de ter que

suspender o fornecimento da cesta básica que mensalmente entregamos a algumas famílias...

— Se aceitarem, injetaremos capital aqui, triplicando a capacidade operacional. Teremos partes iguais, ficando o Santos como diretor financeiro, o Jordão como diretor contábil e eu, como diretor administrativo. Vocês dois — um sendo engenheiro eletrônico e o outro engenheiro de metalurgia —, poderão dedicar-se em tempo integral aos assuntos técnicos e industriais.

Os abraços recebidos pelos três visitantes foram a resposta positiva à sua proposta.

— Agora já somos cinco ex-aflitos — comentou Élcio, elucidando que eram eles os primeiros “clientes” do futuro Centro Espírita.

— Alô, Sofia?

— Sim, quem é... Élcio?!

— Isso mesmo. Estou ligando para saber como vão as coisas com você e Joachin.

— Estamos casados... um filhinho!

— Parabéns... Deus os proteja! O Joachin está aí?

— Saiu, procurando emprego. Tivemos sérios problemas com o cassino, até indo parar na cadeia. Estamos querendo começar vida nova. Eu e o Joachin juramos que nunca mais poremos os pés num cassino nem as mãos em qualquer jogo. Se Deus permitir, vamos voltar para o Brasil.

— Louvado seja Deus! Se quiserem, venham trabalhar numa firma que eu e amigos estamos instalando. Você poderá ser a recepcionista e o Joachin decide o que fazer, aprender alguma especialidade, ser motorista, vendedor praticista ou viajante, enfim, sempre haverá vaga para ele.

— Élcio, Élcio: não acredito! Deus te pague! Se estivesse aí te dava um beijo... na testa.

— Claro, Sofia. O que passou, passou. Todos crescemos. O que aconteceu foi fruto de invigilância de todos nós, mas o tempo é de reconstrução, com Jesus.

— Que bom que pensa assim! Iremos sim, pois estou certa que o Joachin aceitará. Ele está muito arrependido do que fez com você.

— Peça a ele esquecer o passado e fazer-me um favor: descobrir o telefone do Juanito ou então pedir a ele que ligue para mim.

— O Juanito... morreu, numa briga. Tinha se tornado nosso amigo e também vivia dizendo que precisava pedir desculpas pela traição feita a você.

— Deus o proteja! Quero-o como amigo.

Desligando, Élcio comentou com Jordão e Santos:

— Agora já somos oito, sete daqui e um de lá...

José, quando foi visitado, emocionou-se e no ato já fez encomendas à "Metalúrgica dos Cinco".

De Selma ninguém soube dar notícias. Élcio incluiu-a em suas orações, rogando que Jesus a protegesse.

Élcio caminhava tranquilo quando "por acaso" viu uma tabuleta:

FÁBRICA DE BILHARES.

No mesmo instante lembrou-se de Zezinho e Capricho, este último prejudicado por ele num campeonato de sinuca.

Tocou a campainha, disposto a perguntar se alguém dali sabia do paradeiro daquela dupla de campeões.

Teve um momento de espanto quando Zezinho o atendeu.

Reconheceram-se, no ato.

Élcio ia dizer alguma coisa, buscando reconciliação, quando Zezinho adiantou-se a ele:

— Quanto tempo! Como vai?

— Bem, graças a Deus. E você?

— Vou tocando a vida. Quer fazer uma encomenda de mesa de sinuca?

— Não, não... Estava passando e por acaso vi a tabuleta e me lembrei de que não fui honesto, nem com você, nem com o Capricho... e quero pedir a você e a ele que me perdoem.

A sinceridade de Élcio foi fundamental para a receptividade de Zezinho:

— Já passou, já passou. Aliás, nem precisa se desculpar, pois eu vendi aquele carro que você me ajudou a ganhar e dei metade do dinheiro para o Capricho. Eu e ele, embora competidores naquele tempo, sempre fomos amigos. Com o dinheiro que dei a ele, comprou um pequeno sítio e nunca mais nós competimos, ou

apostamos. De vez em quando, apenas brincamos, esportivamente, quando ele vem me visitar.

— Fico feliz ouvindo isso. Mas como é que vocês desistiram de campeonatos e de apostas?

— Nem queira saber... Aquele carro não poderia trazer nenhum bem para mim, nem para ele. Tornei-me espírita e o Capricho me seguiu nisso. Entendemos que jogo atrai Espíritos infelizes, viciados, como nós dois mesmo éramos e por isso eu montei essa *fabriquinha*, que garante minha vida e da minha família.

— Como eu poderei encontrar o Capricho?

— Ele foi para outro Estado. Mas pode telefonar para ele.

De posse do número, Élcio ligou para ele, manteve diálogo humilde e fraternal, de arrependimento sincero e, com muita alegria no coração, ouviu Capricho, tão distante, mas ao mesmo tempo tão próximo de sua alma, naquele momento, declarar que na verdade Élcio lhe fizera um bem...

Seis meses após, era integral a reconciliação daquele grupo de pessoas tão endividadas entre si, por ações desta e de vidas passadas.

A empresa estava em próspero funcionamento e o “Centro Espírita Bem-Aventurados os Aflitos” também.

Élcio exercia a mediunidade curadora com grande responsabilidade. Conforme previra, os grupos de obsessores que outrora se ligaram a ele foram trazidos às reuniões mediúnicas, recebendo respeito e carinho, com o que prometeram mudança de atitude. Com o passar dos meses, os Espíritos amigos responsáveis pelo atendimento espiritual informaram, felizes:

— Aqueles ex-aflitos aceitaram o convite deste grupo de médiuns. Ante a bondade de vocês, muitos deles choraram envergonhados e arrependidos, lembrando-se de como judiaram de vocês. Atualmente estão em processo de refazimento, numa Colônia de recuperação, recebendo com proveito orientações evangélicas. Pediram para trabalhar aqui, ajudando vocês, assim que puderem. Graças a Deus!

— Graças a Deus! Perdemos a conta dos ex-aflitos daqui e de lá — brincou Santos, após a reunião.

Élcio orou e dormiu.

Mentalizou Jesus atendendo necessitados, encarnados e desencarnados. Agradeceu a Deus a bênção da Vida e as luzes

espíritas que iluminavam sua alma. Pensou em Débora, imaginando-a feliz e saudável.

Compreendia que não deveria pedir a Jesus que promovesse um encontro com ela, refletindo que tal pensamento poderia alcançá-la e talvez causar alguma perturbação.

Adormeceu.

Estava em cima de uma árvore, alisando carinhosamente um galinho garnisé, branco como leite e manso como um dócil gatinho.

Débora passou a mão em seus cabelos, com o mesmo carinho que ele dispensava à graciosa ave.

— Meu amor!

— Amor de minha vida!

Beijaram-se com ternura. Afagaram-se com placidez.

— Que bom ver você completamente restabelecida! Como Deus é bom!

— Estou indo com um grupo para outra morada, onde seremos alunas de um curso de atendimento de urgência, pois está havendo grande recrutamento de voluntários e voluntárias.

— Ótimo! É sempre bom ajudar aos aflitos!

— Isso mesmo! Eu e meu grupo não temos detalhes, mas consta que cada vez mais Espíritos deixarão a matéria, em desencarnações coletivas, sendo necessários muitos recepcionistas-atendentes treinados para orientá-los. A condição principal para ser aceito no voluntariado foi a de possuir o sentimento da solidariedade. Muitas amigas se inscreveram e graças a Deus eu fui uma das selecionadas.

— Então... será que não vamos nos ver mais?

— Ao contrário: Jules, seu Espírito guardião, é também amigo meu. Esclareceu que algumas vezes acompanharemos os necessitados que serão encaminhados, para triagem inicial, ao "Centro Espírita... Bem-Aventurados os Aflitos".

Voltaram a se beijar, com serenidade.

Élcio acordou.

Feliz.

O futuro abria-lhe as cortinas da paz e da felicidade, acenando-lhe ter Jesus permitido que, por vezes, teria a companhia do "amor da sua vida".

Bem... Agora, dela, já tinha o que recordar: dois beijos, ternos e suaves, mas tão expressivos que, para ele, "*tinham unido o Céu à Terra!*".

Fim